



# John Fowles

# O Coleccionador



Grandes Sucesos



**John Fowles**

# O Colecionador

Título original: The Collector

Tradução de Fernando de Castro Ferro

Digitalização: Argonauta, o “besta fubenta”

## PRIMEIRA PARTE

Sempre que ela estava em casa, de férias do colégio interno, costumava vê-la quase todos os dias, visto que morava bem em frente do Anexo da Câmara Municipal, onde eu trabalhava. Via-a sair e entrar em casa, freqüentemente, com sua irmã e, por vezes, com rapazes seus amigos, os quais, claro, não eram muito do meu agrado. Habituar-me, quando me libertava por um momento dos arquivos e das estatísticas, a colocar-me à janela, e, através dos vidros embaciados pela geada, observava a rua.

vendo-a então passar. À noite, já em casa, eu registrava a ocorrência no meu diário de observações, fazendo-o, de início, com um X e, mais tarde, ao descobrir qual era o seu nome. com um M. - Encontrei-a também, várias vezes, na rua. Uma das vezes foi à porta da Biblioteca Pública. em Crossfield Street, quando fiquei atrás dela numa fila. Não olhou para mim, mas eu vi bem a sua cabeça e o seu cabelo muito longo. Era de um tom bem claro, parecendo quase de seda. Tinha-o penteado numa trança muito comprida que lhe chegava à cintura, caindo-lhe por vezes pela frente e, outras, por detrás das costas. Lembro-me também de que, vez por outra, a enrolava no alto da cabeça. Só uma vez, uma única vez, antes de a ter como hóspede aqui, é que tive o privilégio de lhe ver o cabelo completamente solto; era tão belo como o de uma sereia, que até fiquei sem respiração.

De outra feita, num sábado em que não tive de trabalhar e em que fui ao Museu de História Natural, regresssei no mesmo trem. Vi-a logo sentada três bancos à minha frente, de lado para mim, tendo um livro, e, assim, foi-me permitido observá-la durante trinta e cinco minutos. Vê-la fazia-me sempre sentir como se estivesse capturando uma verdadeira raridade, como se me aproximasse com todos os cuidados, silenciosamente, de uma borboleta de cores difusas e muito belas. Sempre pensei nela como algo indefinível e raro, bem como refinado — não com outras palavras, mesmo as mais bonitas. Palavras de um autêntico conhecedor.

Eu nada sabia a seu respeito, quando ela ainda se encontrava no colégio interno, além de que seu pai era o Dr. Grey e que, segundo ouvi contar, sua mãe bebia muito. Vi a mãe uma vez numa loja: tinha uma voz estridente e era evidente que, de fato, possuía o tipo de quem bebe, e, além disso, maquilava-se muito, etc.

Enfim, li depois no jornal local que ela ganhara uma bolsa de estudo, que era muito inteligente e brilhante, e que possuía um nome tão lindo como ela própria: Miranda. Soube, então, que estava em Londres estudando arte. Esse artigo no jornal foi imensamente importante para mim. Era como se tivéssemos travado conhecimento, como se, subitamente, nos tornássemos íntimos, apesar de, naturalmente, ainda nem sequer nos conhecermos na forma usual.

Não sei por que, mas da primeira vez que a vi. fiquei logo sabendo que ela era a única. Não estou louco, claro, visto que sabia ser apenas um sonho, que o teria sido sempre, se não fosse o dinheiro. Costumava sonhar acordado a seu respeito, inventando histórias nas quais eu a encontrava, em que fazia coisas que ela admirava, em que me casava com ela, e tudo o mais. Nunca senti quaisquer desejos inconfessáveis; isso só aconteceu mais tarde, conforme explicarei.

Ela pintava quadros, e eu cuidava da minha coleção (nos meus sonhos). Ela gostava tanto de mim como da minha coleção, cujas peças desenhava e pintava; trabalhávamos juntos numa grande e bela casa moderna, numa sala imensa, com uma enorme parede de vidro. Tínhamos reuniões do grupo local, onde,

em vez de nada dizermos, com medo de cometermos um erro. éramos os muito populares anfitrião e anfitrião.

Miranda era sempre a mais bonita de todas, com o seu cabelo louro muito claro e os olhos cinzentos, e os outros homens nunca se cansavam de admirá-la.

As únicas vezes em que eu não tinha sonhos agradáveis a seu respeito era quando a via com um certo jovem, pretensioso e barulhento. que tinha um automóvel conversível. Encontrei-o, certa vez, na sucursal do Banco Barctays, enquanto esperava para depositar um dinheiro, e ouvi o dizer:

“Dê-me tudo em notas de cinco libras. O cheque era só de dez libras, e o cara pensara que tivera muita graça. São todos iguais! Pois bem, eu vi-a entrar, várias vezes, no carro dele e, nesses dias, era sempre muito desagradável para com os meus colegas na repartição. Recusava-me então a marcar um X no meu diário de observações entomológicas (isto tudo foi antes de ela ir para Londres; desinteressou-se dele, depois). Era nesses dias que eu me permitia ter pesadelos. Ela chorava, então, ou ajoelhava-se diante de mim. Uma vez, deixei-me até sonhar que lhe dera uma bofetada, tal como vira um homem fazer numa peça de televisão. Talvez fosse nessa altura que tudo começou ...

O meu pai morreu num desastre de automóvel. Eu tinha dois anos.

Isso foi em 1937. Ele estava bêbado, mas a Tia Annie disse sempre que foi minha mãe quem o levou a beber. Nunca me disseram o que aconteceu, na realidade, mas mamãe foi-se embora pouco tempo depois e deixou-me com Tia Annie. Só queria divertir-se. A minha prima Mabel contou-me, certa vez (quando éramos garotos, durante uma zanga) que ela era uma mulher das ruas e que se fora com um estrangeiro. Fui estúpido e perguntei logo a Tia Annie se era verdade, e, claro, esta inventou uma mentira e nunca me disse o que quer que fosse sobre mamãe. Não me importo, agora, se ela ainda estiver viva; não a desejo conhecer. Não tenho o menor interesse nisso. A Tia Annie sempre pareceu julgar que eu tivera sorte em verme livre de mamãe e eu concordo inteiramente com ela.

Assim, fui educado por Tia Annie e pelo Tio Dick, juntamente com sua filha Mabel. A Tia Annie era a irmã mais velha de meu pai.

O Tio Dick morreu quando eu tinha quinze anos, em 1950. Fôramos pescar na Represa de Tring e, como de costume, encaminhei-me para o outro lado com a minha rede. Quando senti fome, voltei para junto dele e vi uma multidão em volta do lugar onde eu o deixara. Pensei que ele pescara um peixe enorme, mas não. Sofrerá um ataque cardíaco. Levamo-lo para casa, mas nunca voltou a falar ou a reconhecer-nos.

Os dias que passamos juntos, não exatamente juntos, visto que eu ia sempre à caça de peças para a minha coleção, e ele ficava cuidando das suas canas e iscas, embora comêssemos freqüentemente juntos e fizéssemos a viagem de ida e volta em grande conversa; esses dias (sem contar com aqueles que vou descrever) foram definitivamente os melhores da minha vida. Tia Annie e Mabel costumavam desprezar as minhas borboletas, quando eu era rapaz ainda, mas o Tio Dick defendia-me sempre. Admirava as minhas armações e sentia o mesmo que eu, ao ver as borboletas já secas e esticadas nos seus quadros. Nunca me negava espaço na estufa do jardim para os meus frascos de lagartas e centopéias. Quando ganhei um prêmio com uma caixa de Fritilárias, o Tio Dick deu-me uma libra, com a condição de eu nada contar a Tia Annie. Enfim, não vale a pena dizer mais, o Tio Dick era como um pai para mim. Ao receber aquele choque, foi nele, atem de Miranda, claro está, em quem mais pensei. Eu ter-lhe-ia oferecido as

melhores canas de pesca e equipamento que um pescador poderia ambicionar. Mas não foi possível fazê-lo.

Joguei sempre nas apostas mútuas do futebol desde a semana em que atingi os vinte e um anos. Concorri todas as semanas com a mesma aposta de cinco xelins. O velho Tom e Crutchley, que trabalhavam no meu departamento, e algumas das moças da Câmara Municipal, juntaram-se para fazer uma aposta maior, um bolo respeitável, insistindo sempre para que eu me juntasse a eles. Mas eu continuei jogando sozinho, um verdadeiro lobo solitário. O velho Tom é um ser desprezível, queixando-se sempre do governo municipal e, ao mesmo tempo, passando a vida a lisonjear o Sr. Williams, tesoureiro da Câmara. Crutchley é um cara sujo e mesmo obsceno, sádico também, troçando constantemente dos meus interesses, sobretudo quando havia moças perto. “Fred está com mau aspecto. Passou o fim de semana com uma lagarta de couve...” — dizia ele, ou então perguntava: “Quem era aquela Mariposa Sarapintada com quem o vi ontem à noite?” O velho Tom ria muito, e Jane, a namorada de Crutchley, do Departamento de Higiene, que passava a vida no nosso escritório, também troçava de mim. Essa moça era tudo o que Miranda não era. Sempre detestei as mulheres grosseiras especialmente as mais moças.

Foi por isso que continuei jogando sozinho nas apostas do futebol.

O cheque que ganhei foi de 73 091,00 libras, mais alguns xelins e pence. Telefonei ao Sr. Williams na terça-feira, logo que a empresa das apostas me confirmou a quantia. Percebi que ele ficara aborrecido por eu me despedir assim de repente, embora me dissesse que tanto ele como todos os meus colegas do departamento haviam ficado muito contentes com a minha boa sorte, o que, eu bem o sabia, era falso. Sugeriu até que eu investisse alguma coisa em letras municipais a cinco por cento! Alguns daqueles tipos na Câmara Municipal não têm o senso das proporções.

Fiz o que sugeri o pessoal da empresa das apostas, fui passar alguns dias em Londres com a Tia Annie e Mabel, até que terminasse todo aquele sensacionalismo, visto que ninguém nos deixava em paz. Enviei um cheque de quinhentas libras ao velho Tom e pedi-lhe que o dividisse com os outros do departamento. Não respondi às suas cartas de agradecimento.

Vi logo que me achavam muito mesquinho.

A minha única dificuldade era Miranda. Ela estava em casa, quando ganhei aquela fortuna, creio que em férias da escola de arte, e só a vi no sábado, na manhã do grande dia. Todo o tempo em que estivemos em Londres, gastando e gastando, eu só pensava em que talvez nunca mais a veria; pensei depois que me tornara muito rico, que era, por conseguinte, um bom partido como marido; mas logo vi que era ridículo, pois atualmente as mulheres só se casam por amor, especialmente moças como Miranda. Havia momentos em que eu pensava poder esquecê-la. Contudo, esquecer não é uma coisa que possa nos fazer, é algo que nos acontece ou não. A mim, não aconteceu.

Quem for algo imoral e quiser divertir-se, como sucede com quase toda a gente, hoje em dia, poderá fazer mil e uma coisas com uma fortuna igual à que ganhei. Mas devo dizer que nunca fui assim, e a prova é que nunca fui castigado, quando estive na escola. Tia Annie é não conformista, nunca me forçou a ir à igreja, porém eu fui educado numa atmosfera religiosa, embora o Tio Dick freqüentasse, por vezes, um ou outro bar. Tia Annie deixou-me fumar cigarro, quando acabei o serviço militar, mas só depois de muitas discussões, e jamais gostou que eu o fizesse. Mesmo com tanto dinheiro nas mãos, Tia Annie continuava dizendo que gastar muito era contra os seus princípios. No entanto, Mabel tentou convencê-la a comprar tudo o que era preciso. Ouvi-a, uma vez, insistir com a mãe. De todas as formas, eu dissera-lhe que se

tratava do meu dinheiro e da minha consciência, que poderia gastar ou não, conforme desejasse, e que no não-conformismo nada havia contra aceitar presentes.

O que desejo dizer com tudo isto é que me embriaguei uma ou duas vezes, quando estava no Exército, especialmente na Alemanha, mas nunca tive quaisquer relações com mulheres. Devo confessar que nunca pensara muito nelas até ver Miranda. Bem sei que nada tenho para lhes agradar: conheço rapazes como Crutchley, que me parecem grosseiros, e que têm grande êxito no que respeita às moças. Algumas delas, que trabalhavam no Anexo da Câmara Municipal, olhavam para Crutchley de maneira verdadeiramente indecente. Deve ser qualquer coisa de animal que me faltou ao nascer. (E alegro-me por isso ter sucedido: se houvesse mais gente como eu, o mundo, na minha opinião, seria muito melhor.) Quando uma pessoa não tem dinheiro, pensa sempre que tudo seria muito melhor se o tivesse. Eu não queria que me considerasse mais do que o devido, mas notamos logo, no hotel, que, embora nos tratassem com todo o respeito, nos desdenhavam, na realidade, por termos todo aquele dinheiro e não sabermos o que fazer com ele. Continuaram tratando-me, atrás de mim, como o que eu era: um funcionário. O fato de gastar uma fortuna todos os dias em nada ajudava. Sempre que dizíamos ou fazíamos qualquer coisa, desmascarava-nos logo. Quase que os ouvíamos dizer: “Vocês não nos enganam, sabemos muito bem que não são da cidade! Por que não voltam para casa?”

Recordo bem uma noite eu que fomos jantar num restaurante muito elegante. Encontramos o seu nome e endereço na lista que a gente da empresa das apostas nos deu. A comida era boa, comemos tudo, todavia era como se eu tivesse perdido o gosto, de tal maneira me sentia deslocado, com os garçons estrangeiros e todo o mundo olhando para nós, com desdém, só por não termos sido educados como eles. Li no outro dia um artigo sobre a questão das classes sociais — mas eu já sei o suficiente sobre tudo isso. Se querem saber o que penso, Londres foi feita para quem teve uma boa educação e freqüentou um colégio de luxo, e ninguém poderá triunfar na capital se não for de boa família e não tiver um tom de voz adequado — refiro-me, claro está, a Londres dos ricos, ao West End.

Certa noite — depois de jantarmos nesse restaurante, quando estava me sentindo deprimido — disse à Tia Annie que gostaria de ir passear um pouco, o que fiz. Andei pelas ruas de Londres e, de súbito, senti a necessidade de uma mulher, quero dizer, de ter uma mulher, de poder saber que tivera uma mulher, e, assim, telefonei para um número que me haviam dado na cerimônia do cheque. — “Se você quiser um pedaço daquilo que sabe...” — dissera o homem que me deu o cheque.

Disquei o número, e uma voz de mulher disse-me que estava ocupada.

Perguntei-lhe se sabia outro número, e ela deu-me dois. Bem, peguei um táxi para o endereço da segunda. Não contarei o que se passou, exceto que não prestei para nada. Estava demasiado nervoso. Tentei fingir que sabia tudo e, claro, ela percebeu que era a primeira vez. Tratava-se de uma mulher velha e horrorosa, verdadeiramente horrorosa. Quero dizer que o era tanto nas maneiras imundas com que me tratou como no aspecto. Era uma mulher gasta, grosseira. Como um espécime para o qual nem sequer olhamos, quando procuramos enriquecer a nossa coleção. Pensei em Miranda, vendo-me ali daquela forma. Conforme já disse, tentei, mas isso não serviu para nada e, enfim, para ser franco, não tentei com grande vontade.

Não pertencço àquele gênero de homens que se aproveitam de toda e qualquer oportunidade para conseguirem os seus objetivos. Nunca fui assim e sempre tive aspirações mais altas, como se costuma dizer.

Crutchley afirmava freqüentemente que era necessário ser-se oportunista para se chegar onde quer que

fosse e dizia que bastava olhar para o velho Tom para se saber que não era suficiente ser adulator. Crutchley era demasiado familiar, embora também soubesse ser adulator, quando era preciso, para com o Sr. Williams, por exemplo. “Você tem de se mostrar mais vivo”, recomendou-me uma vez o Sr. Williams, quando eu estava na seção de informações. “O público gosta de um sorriso ou de um gracejo de vez em quando”, disse ele. “Bem sei que nem todos nascemos com esse dom, como Crutchley mas podemos tentar, sabe? Essas palavras irritaram-me profundamente. Devo dizer que já estava absolutamente farto da Câmara Municipal e que, de qualquer forma, já pensara em demitir-me.

Não sou diferente dos outros homens, posso prová-lo; uma das razões que me levou a aborrecer-me com Tia Annie foi que comecei a interessar-me por certos livros que se vendem nas lojas do Soho, livros de mulheres nuas e tudo o mais. Eu podia esconder as revistas, mas queria comprar outros livros maiores e não podia, sempre com medo de que Tia Annie me descobrisse lendo-os. Como sempre desejasse dedicar-me à fotografia, comprei logo uma câmara, a melhor, naturalmente, uma Leica, com lentes especiais e toda uma série de acessórios: a minha idéia era fazer fotos de borboletas vivas como o fizera o famoso Sr. S. Beaufoy; muitas vezes, porém, antes de fotografar as peças que capturava para a minha coleção, surpreendi, freqüentemente, casais a fazer toda a espécie de coisas em lugares não muito discretos. Enfim, eu também tinha isso.

Claro, esse negócio com a prostituta perturbou-me muito, além de todo o resto. Por exemplo. Tia Annie desejava ardentemente ir num cruzeiro à Austrália, para ver o seu filho Bob e o Tio Steve, o seu outro irmão, e queria que eu fosse, com ela, mas confesso que já não me agradava continuar sempre ao lado dela e de Mabel. Não é porque eu não gostasse delas, no entanto, quando saíamos juntos, disfarçavam ainda pior do que eu o que, na realidade, éramos. E o que éramos, tomava-se logo óbvio: gente pequena que nunca saía de casa. Por exemplo, queriam que eu andasse sempre com elas e que lhes contasse exatamente o que fizera, se as deixava sem mim durante uma ou duas horas. No dia seguinte ao daquele incidente que mencionei acima, disse-lhes categoricamente que não contassem comigo para a viagem à Austrália. Aceitaram a minha decisão sem grandes discussões ou ressentimentos, tendo pensado, com certeza, que, afinal de contas, se tratava do meu dinheiro e não do delas!

A primeira vez que fui procurar Miranda, alguns dias depois de ter ido a Southampton para despedir-me da Tia Annie, foi, para ser exato, no dia 10 de maio. Encontrava-me de novo em Londres. Não tinha qualquer plano definido e dissera à Tia Annie e a Mabel que talvez me decidisse a fazer uma viagem ao estrangeiro, mas a verdade é que ainda não fazia a menor idéia sobre o que poderia fazer. Tia Annie estava muito preocupada, receosa mesmo, e, na noite anterior à partida, teve uma conversa muito formal comigo, na qual me disse que eu não devia, de modo algum, casar-me sem que ela conhecesse a noiva... Disse-me uma porção de coisas sobre o fato de o dinheiro ser meu, de se tratar da minha vida, de eu ser muito generoso, e outras coisas no gênero; a verdade, porém, é que estava com medo de que eu me casasse com uma vagabunda qualquer e de que perdesse todo o dinheiro, o mesmo dinheiro de que ela, como antes dissera, se envergonhava tanto. Não a culpo por pensar assim, especialmente com uma filha aleijada e deficiente. Penso que as pessoas como Mabel deviam, de qualquer maneira, ser eliminadas sem dor logo ao nascer, mas isso é uma opinião minha que não interessa ao caso.

O que eu pensara fazer, na realidade (já tinha, nessa expectativa, trazido o melhor equipamento para Londres), era viajar para um desses lugares onde existem espécimes raros e aberrações, com o fim de preparar uma série de coleções fora do normal. Quero dizer, ficar num lugar tanto tempo quanto me apetecesse e recolher espécimes, fotografando-os ainda vivos. Já aprendera a dirigir, antes que elas partissem, e comprara um carro especial para essas expedições. Havia uma quantidade de borboletas que



eu desejava possuir — do gênero Rabo de Andorinha, por exemplo, Tectas Negras ou as Mariposas Azuis, Frititárias raras como as do tipo Heath e Glanville. Espécimes que os colecionadores só encontram uma vez na vida.

Pensava também em dedicar-me às traças e outros gêneros de mariposas.

O que pretendo dizer é que tê-la como hóspede sucedeu muito subitamente e que não foi uma manobra planejada, quando recebi o dinheiro.

Bem, com Tia Annie e Mabel a caminho da Austrália, comprei todos os livros que quis, alguns deles mostraram-me coisas que eu nem sabia que existiam e, na verdade, fiquei bastante enojado. Pensei que, afinal, estava ali instalado naquele quarto de hotel, com todos aqueles livros, e que tudo era muito diferente dos sonhos que eu costumava ter sobre Miranda e eu mesmo. Súbito, compreendi que já quase me convencera de que ela saía para sempre da minha vida, como se não vivêssemos a poucas milhas um do outro (eu já me encontrava então num hotel em Paddington, num bairro menos central de Londres) e como se não tivesse eu todo o tempo do mundo para descobrir onde ela estava vivendo. Isso foi fácil. Procurei no catálogo telefônico o endereço da Escola de Artes de Slade, e fui esperar lá à porta, no meu carro. Este foi o único verdadeiro luxo que me ofereci.

Tratava-se, na realidade, de uma espécie de camioneta, como as que são usadas pelas expedições ou safáris na África, com um pequeno compartimento na retaguarda que continha uma cama de campanha que se podia armar e desarmar muito facilmente; comprara-o para transportar todo o meu equipamento, se me decidisse a partir numa expedição em busca de espécimes raros. Não o comprara para o uso que, afinal, lhe dei. A idéia que me assaltou foi espontânea, repentina, quase genial.

Não a vi logo no primeiro dia, e sim no dia seguinte. Vi-a sair da escola de arte com um grupo de outros estudantes, rapazes, na sua maioria.

Senti palpitações no coração e fiquei muito perturbado, quase doente.

Tinha a minha câmara fotográfica em posição, mas não me atrevi a usá-la.

Miranda não mudara; andava com movimentos graciosos e leves, calçando, como sempre o fazia, sapatos de salto baixo, o que a diferenciava das outras moças. Não olhava sequer para os homens, quando se movia. Era mais como um pássaro. De início, conversara animadamente com seis rapazes, mas depois atravessou a rua com um deles, e separou-se dos outros. Este que ficara com ela tinha o cabelo muito escuro, cortado bem curto, com uma franja muito artística. Saí do carro e fui atrás deles. Não foram muito longe, entrando num café.

Entrei também nesse café-bar, subitamente sem saber por que, como se fosse atraído por qualquer coisa, mesmo contra a minha vontade. Estava cheio de gente, estudantes e artistas, pessoas estranhas, quase todos do tipo *beatnik*. Lembro-me de ver máscaras exóticas e outras coisas nas paredes.

Creio que se tratava de uma casa africana.

O lugar estava tão cheio, tão ruidoso, e eu sentia-me tão nervoso, que não a vi logo de início. Encontrei-a, por fim, sentada ao fundo de uma segunda sala. Sentei-me ao bar, de onde a podia ver com facilidade. De resto, não me atrevi a olhar muitas vezes, e a luz na outra sala não era muito boa.

De repente, vi-a a meu lado. Eu fingia ter um jornal e, por isso, não me dera conta de que ela se levantara e se dirigira ao bar. Senti-me ruborizar e não consegui ler nem mais uma palavra, embora continuasse olhando para a página do jornal. Não ousei encará-la, estava tão perto de mim! Notei, claro, que tinha um vestido azul escuro e branco, quadriculado, que tinha os braços nus e muito bronzeados, que soltara os cabelos e que estes lhe caíam pelas costas.

Miranda disse: “Jenny, estamos sem um centavo, seja um anjo e dê-

me dois cigarros”. A moça que estava de serviço no bar respondeu: “Outra vez...?!” — e mais qualquer coisa, ao que Miranda redarguiu: “Amanhã, juro...” — e depois: “Muito obrigada... — quando a moça lhe deu os dois cigarros. A cena só durara uns cinco segundos, e Miranda voltou logo para junto do rapaz, mas ouvir a sua voz transformou-a logo de uma personagem de sonho numa pessoa real. Não sei dizer o que havia de especial na sua voz. Era muito educada, claro, mas não tinha aquele sotaque pretensioso e esnobe, não pechinchara os cigarros, nem os exigira de maus modos, pedira-os simplesmente de forma muito natural e sem o menor sentimento de classe. Pode mesmo dizer-se que falava como andava.

Paguei a despesa e saí do café imediatamente, voltando para o carro, para o hotel, para o meu quarto. Senti-me verdadeiramente perturbado, em parte porque ela tivera de pedir cigarros emprestados, porque estava sem dinheiro, porque eu tinha sessenta mil libras (dera dez mil à Tia Annie), que teria posto de boa vontade aos pés de Miranda. Era assim que eu me sentia: estava disposto a fazer o que quer que fosse para a conhecer, para lhe agradecer, para ser seu amigo, para poder olhá-la de frente, e não espiá-la.

Para terem uma idéia de como eu estava, digo-lhes que meti cinco notas de cinco libras num envelope no qual escrevi Miss Miranda Grey, Escola de Arte de Slade... mas, afinal, não o enviei. Só o teria feito se tivesse podido ver a sua cara ao abrir o envelope.

Foi nesse dia que me entreguei pela primeira vez ao sonho que se tornou realidade. O sonho começou com Miranda sendo atacada por um homem e comigo correndo em sua direção para salvá-la. Depois, de repente, transformei-me no atacante, mas não lhe fiz mal algum; limitei-me a capturá-la e a levá-la no meu carro para uma casa longínqua, onde a conservei cativa de uma forma imensamente agradável. Pouco a pouco, Miranda principiou a gostar de mim, e o sonho foi-se transformando noutro sonho, no qual vivíamos numa casa moderna, casados, com filhos e tudo.

Essa idéia perseguiu-me dias sem fim, não me permitindo dormir à noite e fazendo-me esquecer tudo o que devia fazer durante o dia. Fechei-me no meu quarto do Hotel Cremorne. A coisa deixou de ser um sonho, começou a ser o que eu fingia ser o meu maior desejo (claro, eu pensava que apenas estava fingindo) e, assim, pensei maduramente na melhor forma de o conseguir realizar — tudo o que eu teria de fazer e como planejar toda a operação. Eu pensava que nunca me seria possível conhecê-

la pessoalmente de maneira normal, mas que, se ela estivesse comigo, acabaria por conhecer as minhas qualidades e, sem dúvida, compreenderia o que eu fizera. Tive sempre essa idéia de que ela me compreenderia.

Outra coisa que comecei a fazer foi a ter os jornais e as revistas intelectuais, pela mesma razão por que visitei freqüentemente a Galeria Nacional e a Galeria Tate. As obras expostas não me agradaram muito, tal como sempre me sucedera com as salas de espécimes estrangeiros da seção entomológica do Museu de História Natural; evidentemente eram muito belos, mas não os conhecia, quero dizer, não os conhecia tão bem como os espécimes ingleses. Contudo, apesar disso, continuei visitando as galerias de arte para

poder falar com Miranda, para que ela não me considerasse ignorante.

Num dos jornais de domingo, vi um grande anúncio de uma casa na página de propriedades à venda. Eu não procurara essa seção, mas o anúncio chamara-me a atenção ao virar a página. O título era: LONGE DA MULTIDÃO ENLOUQUECIDA?” Só isso. Li, pois, o que dizia o anúncio:

Casa de campo, antiga, situação privilegiada, encantadora, grande jardim, a uma hora de Londres, de automóvel, a duas milhas da aldeia mais próxima.

e assim por diante. Na manhã seguinte, meti-me no carro e fui vê-la.

Telefonei ao agente, em Lewes, e combinei encontrar-me com o seu representante. Comprei um mapa do condado de Sussex. É isso o que o dinheiro nos dá. Facilita-nos tudo... nunca há obstáculos.

Eu esperara encontrar uma velha casa arruinada e em péssimo estado de conservação. Não havia dúvida de que era antiga. O exterior era de vigas pretas e brancas e de lajes de pedra. O vendedor já lá estava, quando cheguei. Pensei que fosse um homem mais idoso, mas afinal era da minha idade, porém do tipo bem educado, fazendo toda a espécie de gracejos pouco espirituosos, como se não fosse digno vender qualquer coisa e houvesse alguma diferença entre vender artigos numa loja e vender casas.

Desagradou-me logo por ser muito curioso. Todavia, como viera de tão longe, achei melhor visitar a casa. Os quartos não eram grande coisa, entretanto a casa tinha todo o conforto moderno, eletricidade, telefone e tudo o mais. Fora de um almirante reformado que morrera, e o homem que a comprara logo a seguir também morrera inesperadamente, sendo por isso que ela estava agora à venda.

Creio que ainda posso dizer que não fui lá só para ver se a casa estava num local propício para eu ter uma hóspede sem que ninguém soubesse.

Não creio que, na realidade, tenha tido qualquer intenção especial ao visitá-la.

Não sei. O que fazemos depois faz-nos sempre esquecer o que fizemos antes.

O cara queria saber se a casa era só para mim. Eu respondi-lhe que era para uma tia. Falei verdade. Disse que era uma surpresa, para quando ela chegasse da Austrália.

— E o preço? — perguntou ele.

Informei-o de que acabara de receber uma fortuna, dizendo isto principalmente para o diminuir. Já vínhamos descendo as escadas, pensando eu que tínhamos visto tudo. Preparava-me para lhe dizer que a casa não era bem o que eu queria, que era demasiado pequena, para o amesquinhar ainda mais quando ele me disse que já víamos tudo, exceto a adega e o porão.

Tivemos de ir pelos fundos, onde havia uma porta ao lado da porta da cozinha. Descemos por umas escadas muito escuras. As luzes estavam desligadas, claro, mas ele tinha uma lanterna. O porão era muito frio e úmido, estando como estava tão longe do sol. O rapaz iluminou o interior do porão com a lanterna. As paredes haviam sido caiadas, fazia muito tempo, e a cal começara a cair, dando lugar ao bolor que se acumulava nos lugares mais úmidos.

O porão continuava ao longo de toda a casa, segundo ele me disse, havendo ainda um outro porão, alguns degraus mais abaixo deste, ao qual fui conduzido por uma pequena porta. Era ainda maior do que o anterior, tendo um teto mais baixo, arqueado, como os porões que por vezes existem debaixo das igrejas.

— O lugar ideal para orgias — disse ele.

— Para que serve este porão? — perguntei-lhe, ignorando o seu estúpido comentário.

Respondeu-me que se pensava ser porque a casa estava tão longe de tudo e porque antigamente era necessário armazenar grande quantidade de alimentos e outras reservas. Era até possível que tivesse sido uma capela secreta da Igreja Católica. Um dos eletricitistas disse-me, mais tarde, que era um refúgio onde os contrabandistas se detinham nas suas viagens entre Londres e Newhaven.

Bem, voltamos à superfície e saímos para o jardim. Quando ele fechou a porta, era como se aquele porão tivesse deixado de existir. Era como se houvesse dois mundos. E é isso que tem sido. Há certos dias em que acordo de manhã pensando que foi tudo um sonho, até regressar ao porão.

O vendedor olhou para o relógio.

— Estou interessado — disse-lhe eu —, muito interessado.

Estava tão nervoso, que ele me fitou com uma expressão surpreendida.

Disse-lhe então que a comprava, sendo a minha vez de ficar pasmado pelo que eu próprio dissera. Antes disso, o que eu desejara verdadeiramente fora uma casa moderna, no estilo do que se conhece por contemporâneo. Não tivera a menor intenção de comprar uma casa antiga, tão afastada de tudo.

O homem da agência ficou olhando para mim, admirado e perplexo por eu ter dito que a comprava; admirado, suponho, por eu ter tanto dinheiro — admirado como todos os outros a quem eu comprara coisas.

O homem regressou a Lewes, então dizendo que tinha de ir buscar outro cliente que também estava interessado pela casa, e eu respondi-lhe que ficaria ali no jardim a pensar bem no caso, para poder tomar uma decisão final.

Era um jardim muito agradável, com a parte dos fundos coberta de luzernas, planta ideal para atrair borboletas. O campo que fica atrás da casa estende-se até uma colina (a norte). A leste, de ambos os lados da estrada, os bosques vão quase até a cidade de Lewes. A oeste, mais campos. A casa mais próxima fica a uma milha de distância, para lá da colina. A paisagem do lado sul é muito bela, apesar de estar algo escondida pelas árvores do jardim e pela cerca que o rodeia. A garagem é excelente.

O vendedor deixara-me as chaves, e resolvi voltar a visitar o porão. O

primeiro devia estar a uma profundidade de um metro e meio, ou um pouco mais. Não havia dúvida de que era bastante úmido, mas eu não consegui ver muito bem, porque levava apenas um isqueiro. O interior do porão tinha um aspecto assustador, porém eu não sou supersticioso.

Haverá quem diga que tive muita sorte em encontrar aquela casa logo no primeiro dia; todavia, teria encontrado outra, mais tarde ou mais cedo.

Tinha dinheiro. Tinha força de vontade. Tem graça. Lembro-me de Crutchley, quando dizia ser preciso aproveitar todas as oportunidades. Eu nunca fui oportunista enquanto estive na Câmara Municipal, talvez por não me interessar o suficiente. Contudo, gostaria de ter visto Crutchley organizar o que eu organizei no verão passado e triunfar em todos os seus planos. Não vou soar a minha própria trombeta para me gabar, mas a proeza não foi pequena.

Li há dias no jornal (A Frase da Semana): “O que a água é para o corpo, o propósito é para o espírito”. Isso é bem verdade, na minha humilde opinião. Quando Miranda se converteu no propósito da minha vida, tornei-me pelo menos tão capaz como qualquer outro homem e melhor do que muitos, o que mais tarde provei, sem sombra de dúvida.

Tive de oferecer quinhentas libras mais do que o preço anunciado, visto que havia uma grande procura por aquele tipo de casa. Fui roubado por todos. Pelo agrimensor que marcou os limites da propriedade, pelo construtor que fez as obras, pelos decoradores, pela loja de móveis de Lewes que se encarregou de mobiliar toda a casa. Não me preocupei, para quê?, dinheiro não me faltava. Recebi longas cartas da Tia Annie, às quais respondi sempre, dizendo-lhe que gastara metade do que realmente gastara.

Encarreguei os eletricitistas de instalarem a luz no segundo porão e os bombeiros de fazerem as canalizações para um pequeno banheiro. Disselhes que ia dedicar-me à carpintaria e à fotografia e que tencionava trabalhar no porão. De resto, eu já fizera algumas fotografias, que não podia enviar para a loja, nada de muito imoral, apenas alguns casais que eu surpreendera.

No fim de agosto, os homens deram por concluídos todos os trabalhos, e eu instalei-me na casa. De início, sentia-me ainda como se fosse tudo um sonho, mas isso depressa passou. Não me deixaram tão em paz e sossego como eu imaginara. Um homem veio oferecer-se para cuidar do jardim, dizendo que fora sempre o jardineiro da casa. Pareceu ficar muito zangado quando recusei os seus serviços. Depois, coube a vez do vigário da aldeia, e tive de ser bastante grosseiro com ele. Manifestei-lhe que queria estar só, que eu era não-conformista, que não queria relações com a aldeia, e ele lá se foi embora, pouco satisfeito comigo. Vieram depois vários fornecedores, com as suas camionetas e carroças, e, para os afastar, tive de lhes dizer que comprava tudo em Lewes.

Dei ordens para que desligassem o telefone.

Depressa criei o hábito de fechar o portão do jardim. Não passava, na realidade, de uma portinhola, mas tinha um fecho. Apesar de ter visto ainda algumas pessoas espreitarem por entre a grade, a gente do sítio não tardou a compreender que era melhor deixar-me em paz. Fiquei sozinho, enfim, e só então consegui dedicar-me ao trabalho.

Trabalhei durante um mês ou mais para terminar todos os meus planos. Estive sozinho durante todo esse tempo: foi uma sorte eu não ter amigos. (Os meus antigos companheiros do Anexo da Câmara não podiam ser considerados amigos, pois não senti a sua falta, e eles, por seu lado, também não sentiram a minha, com certeza.)

Eu costumava fazer um certo número de trabalhos caseiros, que o Tio Dick me ensinara. Assim, era bom carpinteiro e foi-me possível decorar muito agradavelmente o quarto do porão, embora dizê-lo pareça vaidade da minha parte. Depois de o secar bem e de colocar várias camadas de feltro, cobri o chão com um bonito e colorido tapete côr de laranja, que ia muito bem com as paredes (que haviam sido caiadas de novo). Mobiliei-o com uma cama e uma cômoda, uma mesa, cadeiras, etc. O pequeno banheiro que já

fora instalado pelos bombeiros ficara separado do quarto por uma divisória, cuja entrada era tapada por um belo biombo. Fiz também prateleiras, eu mesmo, e enchi-as com muitos livros de arte e romances, para tentar dar um aspecto doméstico àquele quarto subterrâneo, o que finalmente consegui. Não me arrisquei a colocar quadros nas paredes, pois pensei que o seu gosto devia ser muito avançado.

Um dos maiores problemas era, claro, a questão das portas e do isolamento dos ruídos. Tive de fazer, pois, uma pesada porta de carvalho para separar as duas seções do porão. Devo dizer que esse foi o meu trabalho mais duro. A primeira que fiz não serviu, e tive de fazer outra, esta muito melhor. Nenhum homem a poderia ter arrombado, quanto mais uma mocinha frágil como ela. Tinha duas polegadas de espessura, toda forrada a metal no interior, para que ela não pudesse tentar furar a madeira, e não foi brincadeira colocá-la nos gonzos. Da parte exterior, adaptei-lhe um armário aberto com prateleiras, onde coloquei algumas ferramentas, de forma a que, se alguém entrasse no primeiro porão, a porta ficasse disfarçada, e ninguém percebesse sequer que havia outra sala mais baixo. Ficou tudo bastante perfeito e, para maior tranqüilidade minha, instalei um pequeno sistema de alarma elétrico, para o caso de alguém querer entrar no primeiro porão durante a noite.

No primeiro porão, além de o apetrechar como meu laboratório, instalei um pequeno fogão e tudo o necessário para cozinhar, pois pareceria estranho se alguém me visse transportar bandejas de comida para dentro e para fora de casa, se bem que, dando os fundos da casa para os campos e os bosques, eu não tinha muito a recear por esse lado. De resto, a cerca do jardim é bastante alta, e ninguém, poderia espreitar pelos lados. Enfim, o lugar era quase ideal. Cheguei a pensar em mandar construir uma escada que conduzisse do interior da casa ao porão, mas isso custaria muito caro e, além do mais, eu não queria levantar suspeitas entre os operários. Nunca pode os confiar neles, hoje em dia, são tão curiosos!

E, apesar daqueles preparativos, eu nunca pensara durante todo esse tempo que a coisa fosse a sério. Já sei que isso poderá parecer muito estranho, mas é verdade. Eu costumava dizer, falando comigo mesmo, que nunca realizaria aquele projeto: que era tudo simulação. E eu nunca teria tido aquela idéia, se não fosse todo o tempo e o dinheiro de que dispunha.

Na minha opinião, muitas pessoas que poderão parecer felizes agora, teriam feito o mesmo que eu fiz, ou coisas semelhantes, se lhes fossem dados o tempo e o dinheiro para o fazerem. Quero dizer, fazer as coisas que desejam, embora sabendo que não as deviam fazer. Um antigo professor meu dizia sempre que o poder corrompe. E o dinheiro é poder.

Outra coisa que fiz: comprei muitas roupas para ela, numa loja em Londres. Vi uma vendedora do seu tamanho e disse-lhe que me empacotasse tudo o que fosse necessário a uma moça, indicando-lhe as cores que eu sempre vira Miranda usar. Contei uma história sobre uma amiga do Norte a quem haviam roubado toda a bagagem, que lhe desejava fazer uma surpresa, etc. Não creio que a vendedora me acreditou, mas foi uma boa venda — gastei quase noventa libras, essa manhã.

Tomei todas as precauções possíveis e imaginárias. Habituei-me a ir sentar-me no quarto de Miranda, tentando adivinhar como é que ela poderia fugir dali. Pensei que ela talvez soubesse alguma coisa de eletricidade e decidi usar sempre solas de borracha nos sapatos. Instalei também um incinerador para queimar todos os seus restos. Eu sabia que não poderia permitir que algo de Miranda saísse jamais daquela casa. Não deveria sequer pensar em mandar as suas roupas para a lavanderia. Sabia lá o que poderia acontecer, de outra forma!

Pois bem, voltei, por fim, para o Hotet Cremorne, em Londres.

Espreitei a escola de arte durante vários dias, mas nunca a vi. Passei um mau bocado, todavia continuei aguardando. Não levei a câmara comigo, sabendo que era muito arriscado servir-me dela. Eu tinha de pensar em coisas mais importantes do que uma simples fotografia. Fui duas vezes àquele café-bar onde a vira. Certo dia, passei quase duas horas fingindo que lia um livro, sentado ao bar, mas Miranda não apareceu. Comecei a ter idéias fantásticas e aterrorizadoras. Talvez tivesse morrido, talvez já tivesse abandonado a escola de arte. Depois, um dia (eu não queria que o meu carro se tomasse demasiado conhecido naquela rua), quando eu saía da estação de metrô de Warren Street, vi-a inesperadamente. Descia de um trem que parara na outra plataforma. Foi tudo muito fácil. Fui atrás dela e segui-a até a escola. Nos dias seguintes, com todo o cuidado para que ela não me visse, rondei a estação de metrô. Não a vi durante dois dias, mas no terceiro, via entrar na estação. Foi assim que descobri de onde ela vinha.

De Hampstead. Segui-a e não tardei a saber onde morava. Depois de sairmos da estação de Hampstead, fui atrás dela durante uns bons dez minutos, atravessando várias ruas até chegar à sua. Continuei andando, quando ela entrou em casa e, assim, fiquei sabendo qual era o número da porta e o nome da rua.

Foi um bom dia de trabalho.

Saí do Hotel Cremorne três dias antes e mudei de hotel todas as noites para que não me pudessem seguir a pista. Tinha já, no compartimento traseiro do meu carro, a cama preparada com tudo o que era preciso, correias, mordaca, etc. Decidi usar clorofórmio e, para ter a certeza de que o seu efeito seria instantâneo, resolvi misturar-lhe um pouco de tetracloreto carbono, aquilo a que chamam CTC e que pode ser comprado em qualquer lugar.

Dei várias voltas pelo bairro de Hampstead para ficar conhecendo bem as ruas e estudei o caminho para seguir rapidamente para Fosters. Dei todos os preparativos por concluídos. Assim, agora, poderia limitar-me a vigiar e, quando visse uma oportunidade, estaria pronto para agir. Eu sentia-me verdadeiramente estranho, nesses dias, fazendo aquilo tudo como se nunca tivesse feito outra coisa em toda a minha vida. Dir-se-ia até que eu fora agente do serviço secreto ou detetive.

Aconteceu afinal dez dias mais tarde, como freqüentemente sucede com as borboletas. O que quero dizer é que vamos, por vezes, a um local onde pensamos encontrar um espécime raro, e nada, mas de uma outra vez qualquer, quando não andamos procurando, vemos um espécime maravilhoso sobre uma flor, bem em frente do nosso nariz, oferecido de colher, como se costuma dizer.

Essa noite, eu estava à porta da estação de metrô, como de hábito, com o carro escondido numa rua lateral. O dia fora bastante agradável e quente, mas, quase de repente, começara a chover e a trovejar. Vi-a então subir os degraus da estação, sem capa ou qualquer outra proteção. Vestia apenas saia e blusão. Atravessou a rua correndo e entrou numa cabina telefônica.

Saiu lá de dentro pouco depois e, em vez de subir a colina, como sempre fazia, seguiu por uma outra rua. Fui atrás dela, sabendo que de nada serviria, visto não ter a menor idéia do que ela estava fazendo. Depois, subitamente, enveredou por uma rua maior e encaminhou-se para um cinema. Entrou. Compreendi logo o que acontecera. Miranda telefonara para casa dizendo que estava chovendo muito e que iria a um cinema para dar tempo a que a chuva passasse. Soube então que chegara o meu momento, a não ser que alguém viesse ao encontro dela. Logo que ela entrou, perguntei ao porteiro a que hora terminava o filme. Dentro de duas horas. Assumi um sério risco, talvez para dar ao destino uma possibilidade de me deter. Entrei num restaurante e jantei copiosamente. Fui depois buscar o carro e coloquei-o num lugar de onde

poderia ver o cinema. Eu não sabia o que esperar, era possível que algum amigo a viesse buscar.

Sentia-me como se descesse um rio cheio de saltos e corredeiras: talvez fosse de encontro a algum rochedo ou, por outro lado, talvez escapasse são e salvo.

Miranda saiu sozinha do cinema, exatamente duas horas mais tarde. A chuva parara e já escurecia. O céu estava carregado de nuvens. Via-a tomar o caminho de casa. Pus o carro em movimento e ultrapassei-a, indo deter-me num local por onde ela teria de passar. Tratava-se do lugar onde a rua dela descrevia uma curva e se juntava a outra. De um lado, só havia árvores e arbustos e, do outro, uma enorme casa num terreno vastíssimo.

Creio que a casa se achava abandonada. O resto do caminho estava todo iluminado. Só esta porção da rua é que se conservava no escuro.

Era o único lugar que me convinha.

Tinha o clorofórmio e tudo o mais no bolso da capa pronto a ser usado num ápice.

Duas velhas senhoras surgiram na extremidade da rua, vindo na minha direção. Era justamente o que eu mais receara. Sabia que Miranda estava prestes a chegar e quase desisti do meu plano. Mas curvei-me para a frente, e as velhas passaram. Não creio que tenham notado o carro. Havia tantos parados naquela rua! Passou um minuto. Ela devia estar aparecendo, caminhando rapidamente, como era seu costume. Se a noite tivesse sido clara, não sei o que teria feito. Mas este vento que soprava por entre as árvores ajudava-me. Vi Miranda e vi também que não havia outra pessoa em toda a rua. Passou por mim. Como é curioso... cantarolava.

— Desculpe-me — disse-lhe eu —. sabe alguma coisa sobre cachorros?

Miranda parou, muito surpreendida.

— Por quê? — perguntou ela.

— Sucedeu uma coisa horrível — respondi-lhe. — Atropelei um cachorro e não sei o que hei de fazer. Não está morto.

Olhei para as traseiras do automóvel, com uma expressão preocupada.

— Oh! Pobre animal — comentou Miranda.

Aproximou-se de mim, para ver o cachorro, tal como eu esperara.

— Não há sangue — disse-lhe eu —, mas o cachorro não se pode mover.

Miranda encontrava-se agora junto da porta traseira do carro, e eu dei um passo atrás como se para a deixar ver. Curvou-se para espreitar a parte inferior do carro. Olhei rapidamente para o outro lado da rua. Não vi uma única pessoa e decidi entrar em ação. Segurei-a com um braço e, com a outra mão, tirei do bolso o algodão embebido em clorofórmio e apertei-o com força de encontro à sua boca e ao nariz. Miranda ficara tão surpreendida que nem sequer gritou, embora lutasse com energia, contorcendo-se para tentar libertar-se. Começou a tossir e a perder forças.



Olhei à minha volta: ninguém. Preparei-me para fugir, se alguém aparecesse de súbito. De repente, Miranda ficou imóvel — inanimada —

tive de ampará-la para que não caísse. Não sem dificuldade, arrastei-a para dentro do compartimento traseiro do carro. Fechei as portas e deitei-a sobre a cana. Miranda era minha, e senti-me muito excitado, sabendo que conseguira realizar os meus planos sem, afinal, ter encontrado grandes problemas. Depois, já mais calmo, com gestos metódicos e bem estudados, coloquei-lhe a mordaça na boca e, conforme o planejado, prendi-a à cama com as correias que comprara para esse fim. Quando dei o trabalho por concluído, fui-me sentar ao volante. Tudo aquilo não levava mais de um minuto. Pus o carro em marcha e dirigi-me lentamente para um local que conhecia no Parque de Hampstead Heath. Uma vez aí, voltei a deter-me, indo examinar com mais atenção o corpo inerte de Miranda. Amarrei-a melhor, de forma a que não pudesse gritar ou bater com as mãos e os pés, tendo também o cuidado de verificar se não havia possibilidade de que se machucasse. Continuava inconsciente, mas estava respirando, embora um tanto roucamente, como se estivesse resfriada, e isso tranqüilizou-me.

Perto de Redhill, saí da estrada principal, conforme planejava, e, numa pequena e solitária estrada lateral, parei o carro para examiná-la. Coloquei a lanterna num ponto onde iluminava todo o interior do carro. Miranda estava acordada. Tinha os olhos muito abertos, mas não pareciam assustados. Tinham mesmo a expressão orgulhosa, como se ela tivesse decidido não se mostrar assustada, acontecesse o que acontecesse.

— Não tenha medo — disse-lhe eu. — Não vou fazer-lhe mal.

Miranda continuava olhando fixamente para min.

Senti-me verdadeiramente embaraçado, não sabendo o que havia de dizer.

— Sente-se bem? Quer alguma coisa? — perguntei-lhe, embora, claro, fossem perguntas estúpidas. O que eu queria perguntar era, na realidade, se ela desejava sair por um momento.

Miranda começou a sacudir a cabeça, e percebi logo que me estava dizendo que a mordaça a magoava.

— Vou lhe tirar a mordaça — respondi lhe. — Estamos muito longe da cidade e, se gritar, ninguém a ouvirá. Mas, se não se portar bem, torno a pôr-lhe a mordaça, entende?

Miranda assentiu, e retirei a mordaça, conforme lhe prometera. No mesmo momento, voltou-se para o lado tanto quanto as correias lhe permitiam e vomitou. Foi horrível. O cheiro a clorofórmio e o vômito misturaram-se e provocaram-me uma imensa náusea. Miranda nada dissera, limitando-se a tossir. Perdi a cabeça; não sabia o que havia de fazer. Senti subitamente que era preciso chegar depressa a casa e voltei a colocar-lhe a mordaça sobre a boca. Miranda lutou. Ouvi-a dizer num tom rouco e angustiado: “Não. não!” Foi terrível, mas obriguei-me a prosseguir, pois sabia que, no fundo, o melhor seria chegar a casa o mais rapidamente possível. Tornei a pôr o carro em movimento e partimos.

Chegamos aqui em casa pouco depois das dez e meia. Guardei o carro na garagem e olhei ao redor para me certificar de que nada acontecera durante a minha ausência, apesar de saber bem que nada poderia ter acontecido. Mas todas as precauções eram poucas. Desci ao porão, examinando atentamente o quarto de Miranda: não estava muito abafado, visto que eu deixara a porta aberta para o arejar. Dormira nele uma noite para saber se tinha ar suficiente, e tinha. Deixara tudo preparado para fazer chá e torradas. O

pequeno apartamento tinha um aspecto muito confortável e até elegante.

Enfim, o grande momento chegara. Voltei à garagem e abri a porta traseira do carro. Tudo correu segundo os meus planos. Desamarrei-a e obriguei-a a sentar-se. Esperneou durante algum tempo, e eu tive de avisá-

la de que, se não ficasse quieta, seria forçado a usar de novo o clorofórmio (que lhe mostrei), mas que não lhe faria o menor mal se ela permanecesse imóvel. Isso acalmou-a. Levantei-a nos braços e, felizmente, não era tão pesada como eu pensara: transportei-a para o porão sem grande dificuldade. Lutou um pouco à entrada do quarto, contudo, já nada podia fazer para escapar. Deitei-a sobre a cama. O trabalho estava feito.

Miranda tinha o rosto muito pálido, estando um pouco suja de vômito.

Estava com um aspecto nada agradável, mas não havia qualquer espécie de medo nos seus olhos. Estranho. Miranda limitava-se a olhar-me, aguardando que eu lhe explicasse tudo.

— Este será o seu quarto — informei-a. — Faça o que eu lhe disser, e não sofrerá mal algum. Não vale a pena gritar. A sua voz não seria ouvida lá fora e, de todas as maneiras, não haveria quem quer que fosse para ouvi-la. Vou deixá-la sozinha, agora; tem aqui biscoitos e sanduíches (que eu trouxera de Hampstead) e, se quiser, pode fazer chá ou chocolate. Virei visitá-la amanhã de manhã.

Desatei-lhe os braços, mas não lhe retirei a mordação, embora o seu olhar parecesse implorar-me que o fizesse. Saí do quarto e tranquei a porta.

Ouvi-a gritar: “Não me deixe só”! Chamou-me de novo e, depois, percebi que estava tentando abrir a porta. Começou a bater na porta com algo de duro, talvez a escova de cabelo. Não se ouvia grande coisa, mas para maior prudência resolvi pôr o armário em frente da porta como planejara. Os ruídos foram logo abafados. Fiquei durante uma hora no porão exterior, para o caso de que sucedesse alguma coisa de inesperado. Não havia necessidade disso, na realidade, pois eu não deixara no quarto coisa alguma com que ela pudesse arrombar a porta, mesmo que tivesse força para o fazer. Todos os utensílios que eu comprara para o seu quarto eram de plástico ou de porcelana, à exceção da chaleira e dos talheres, que eram de alumínio. Enfim, fui-me deitar. Miranda era minha hóspede, e era tudo o que interessava. Fiquei deitado muito tempo sem adormecer, pensando bem em tudo. Estava algo preocupado por causa do carro, mas há dezenas e centenas iguais, ninguém lhe poderia descobrir a pista. Só aquelas duas velhas é que me tinham visto parado ali, à espera de Miranda.

Pensei muito nela, deitada lá embaixo, pensando também, com certeza, sem conseguir dormir. Tive um sonho muito agradável, um sonho em que a fui visitar e reconfortar; e estava muito excitado e talvez tenha ido um pouco longe no meu sonho, mas isso não me preocupou grandemente; sabia que o meu amor era digno dela. Dormi toda a noite, sem acordar uma só vez.

Mais tarde, Miranda passava o tempo a dizer-me que eu procedera mal e que deveria pensar mais seriamente no que fizera. Só posso assegurar que naquela primeira noite me senti muito feliz, como já disse acima, e era mais como se tivesse realizado uma proeza muito ousada, como subir ao Everest, ou fazer uma incursão em território inimigo. Os meus sentimentos eram de uma felicidade completa, porque as minhas intenções também eram das melhores. Foi isso que ela nunca compreendeu.

Para resumir, a minha proeza dessa noite foi o melhor que fiz em toda a minha vida (exceto ganhar aquele dinheiro nas apostas do futebol). Foi como capturar uma Mazarina Azul ou uma Fritilária Rainha da Espanha.

Enfim, quero dizer que é uma daquelas coisas que só se faz uma vez na vida e, às vezes, nem isso; na realidade, algo com que se sonha e que nunca se espera poder realizar.

Não precisei do despertador, acordei e levantei-me antes que ele tocasse. Desci logo ao porão, fechando bem a porta atrás de mim. Bati à porta de Miranda e pedi-lhe que se levantasse. Esperei dez minutos e entrei no seu quarto. Levei-lhe a bolsa que ela trouxera consigo na véspera e que eu, naturalmente, já revistara. Não continha nada de perigoso, além de uma lâmina e de uma lima de metal para as unhas, que eu guardei.

Miranda tinha a luz acesa e estava encostada à poltrona. Vestira-se completamente e ficou olhando para mim, sem o menor indício de receio, tão firme e dura como um pedaço de bronze. É curioso! Miranda não tinha o mesmo aspecto que eu guardava na memória. Claro, eu nunca a vira tão perto de mim.

— Espero que tenha dormido bem — disse-lhe eu.

— Onde é que estamos, quem é você, para que me trouxe aqui? —

perguntou ela friamente, sem qualquer indício de violência.

— Não lhe posso responder.

— Exijo que me liberte imediatamente. Isto é monstruoso!

Ficamos olhando um para o outro, imóveis, e muito tensos.

— Saia do meu caminho. Vou-me embora.

Miranda disse estas palavras e avançou para mim, para a porta. Mas eu não me movi. Pensei por um minuto que ela me ia atacar, porém deve ter compreendido que seria inútil e estúpido. Eu estava absolutamente determinado a conservá-la e não me teria deixado vencer. Miranda aproximou-se mais de mim e disse de novo:

— Saia do meu caminho.

— Não a posso deixar ir-se embora; ainda não — disse-lhe eu.

acrescentando: — Não me obrigue a ter de recorrer à força de novo.

Miranda olhou-me com uma expressão feroz e irada, voltando para junto da poltrona:

— Não sei quem o senhor julga que eu sou. Se pensa que sou filha de algum milionário e espera obter um resgate fabuloso, está muito enganado.

— Eu sei muito bem quem é — respondi-lhe. — Não se trata de dinheiro.

Não sabia que mais havia de lhe dizer; estava tão excitado por tê-la aqui perto de mim, em carne e osso. Sentia-me tão nervoso. Queria olhá-la bem de frente, examinar à vontade a sua bela cabeleira e as suas feições perfeitas, mas não podia fazê-lo. Miranda olhava-me com uma expressão tão zangada! Houve uma estranha pausa. De súbito, apontou para mim e falou-me num tom acusador:

— Já sei quem você é!

Senti-me ruborizar. Não o consegui evitar, nunca pensara que ela me reconhecesse.

Miranda disse lentamente:

— Anexo da Câmara Municipal.

Eu disse-lhe que não sabia a que se referia ela.

— Você agora tem bigode e antes não o tinha.

Ainda não compreendi bem como é que ela me conheceu. Suponho que me viu algumas vezes na rua, ou talvez da janela de sua casa. Eu não pensara nessa eventualidade e fiquei muito embaraçado.

— Vi o seu retrato no jornal — disse ela.

Sempre detestei ser descoberto fazendo uma coisa que não devia, não sei bem por que, mas habituei-me desde muito novo a inventar desculpas e pretextos. De repente, encontrei uma saída.

— Estou apenas obedecendo a ordens — respondi-lhe.

— Ordens? De quem?

— Não lhe posso dizer.

Miranda continuava olhando para mim. Mantinha-se bem à distância, pensando talvez que eu resolvesse atacá-la.

— Ordens de quem? — perguntou ela outra vez.

Tentei pensar num nome. Não sei por que, mas o único que me veio à cabeça de uma pessoa que ela pudesse conhecer foi o do Sr. Singleton, que era o gerente do Banco Barclays. Eu sabia que o pai dela tinha uma conta nesse banco. Vi-o falar com o Sr. Singleton por mais de uma vez.

— Ordens do Sr. Singleton — disse-lhe eu.

Miranda ficou tão surpreendida que continuei falando muito rapidamente:

— Eu não devia dizer-lhe: o Sr. Singleton matar-me-ia se soubesse que falei.

— O Sr. Singleton? — perguntou Miranda, como se não tivesse ouvido bem.

— Ele não é o inocente que parece — comentei, embaraçado.

Miranda deixou-se cair pesadamente sobre a poltrona, como se aquilo fosse demasiado para ela:

— O senhor quer então dizer me que o Sr. Singleton lhe deu ordens para me raptar?

Assenti com um gesto de cabeça.

— Mas eu conheço a filha dele. Ele deve estar... louco! — comentou Miranda.

— Lembra-se daquela moça em Penhurst Road?

— Que moça em Penhurst Road?

— A que desapareceu há três anos.

Eu acabara de inventar aquela história. Devo dizer que me sentia muito inteligente e rápido, aquela manhã. Ou, peio menos, assim o pensava.

— Deve ter sido quando eu estava na escola. Que sucedeu a essa moça?

— Não sei bem, mas foi ele.

— Foi ele que fez o quê?

— Não sei. Não lhe posso dizer o que aconteceu à moça. Mas foi ele, fosse o que fosse. Nunca mais se ouviu falar dela.

— Tem um cigarro? — perguntou ela, inesperadamente.

Muito atrapalhado, ofereci-me o meu maço de cigarros e o isqueiro, não sabendo bem se devia ter-lhe acendido o cigarro — seria um pouco ridículo, nestas circunstâncias.

— Você ainda não comeu — disse-lhe eu, tentando sorrir.

Miranda deu uma tragada, segurando o cigarro entre os dedos de maneira muito elegante. Limpou as suas roupas do vômito da noite anterior. A atmosfera estava muito abafada.

Não respondera às minhas palavras. Tinha uma expressão estranha no rosto. Eu sabia que ela sabia que eu mentira.

— Você está então dizendo-me que o Sr. Singleton é um maníaco sexual, que costuma raptar moças, e que você o ajuda?

— Não tenho outro remédio — respondi-lhe. — Roubei uma quantia de dinheiro ao banco e iria para a prisão se fosse descoberto. O Sr.

Singleton descobriu e, agora, serve-se de mim.

Miranda continuava olhando-me fixamente. Tinha uns olhos claros, muito grandes, sempre curiosos, querendo sempre averiguar tudo.

— Mas você ganhou uma fortuna nas apostas, não é verdade?

Eu sabia muito bem que aquilo que lhe dissera fora muito confuso, e senti-me algo incomodado.

— Por que não pagou o dinheiro então? Quanto foi... setenta mil libras? Não roubou isso tudo, não é? Ou talvez goste de o ajudar, talvez se divirta tanto como ele?

— Há outras coisas que não lhe posso dizer. Estou nas mãos do Sr.

Singleton.

Miranda levantou-se, conservando as mãos dentro dos bolsos da saia.

Foi-se olhar no espelho (de metal claro, não de vidro) e isso aliviou-me um pouco.

— Que me vai ele fazer?

— Não sei.

— Onde está ele, agora?

— Deve estar aparecendo por aqui, creio.

Miranda ficou calada durante alguns segundos. Depois, olhou-me subitamente, como se tivesse pensado em alguma coisa desagradável, como se pudesse haver algo de verdade no que eu dissera.

— Claro. Devemos estar na casa dele em Suffolk.

— Isso mesmo — disse eu, pensando ser muito inteligente.

— O Sr. Singleton não tem casa alguma em Suffolk — respondeu Miranda friamente.

— Como é que você sabe? — perguntei eu, de forma pouco convincente.

Miranda ia falar de novo, mas tive de a interromper. Não sabia que ela era tão inteligente e incisiva. Não era como as pessoas normais, não.

— Vim perguntar-lhe o que deseja para o desjejum; tenho cereais, ovos, etc.

— Não quero comer — disse ela, bruscamente. — Que quarto horroroso! E aquele clorofórmio! Quase me ia matando.

— Eu não sabia que era tão desagradável. Garanto-lhe, não sabia.

— O Sr. Singleton devia ter-lhe dito.

Era evidente que ela já não acreditava na minha história e que estava sendo sarcástica.

Eu perguntei-lhe muito depressa se queria chá ou café, e ela respondeu-me que beberia um pouco de café, se eu bebesse primeiro. Saí do quarto e fui ao porão exterior para prepará-lo. No momento em que eu

fechava a porta, Miranda disse-me:

— Você esqueceu-se do seu isqueiro.

— Tenho outro. (Não tinha.)

— Muito obrigada — disse ela.

É curioso! Miranda quase sorrira ao falar-me.

Preparei o nescafé e levei-o. Miranda obrigou-me a provar antes de ela própria o beber. Fez perguntas todo o tempo, não, eu pensei todo o tempo que ela ia formular uma pergunta qualquer que me voltasse a embaraçar.

Receei que talvez me perguntasse quanto tempo teria de ali ficar, por que razão eu era tão gentil com ela, etc. Inventei respostas, sabendo contudo que eram muito fracas, que não me era possível inventar respostas que a enganassem com facilidade. Por fim disse-lhe que ia à cidade comprar várias coisas e pedi-lhe que me dissesse o que desejava. Disse-lhe, então, que compraria tudo o que desejasse.

— Tudo? — perguntou ela.

— Tudo o que seja razoável.

— O Sr. Singleton autorizou-o a comprar-me coisas?

— Não. Serei eu quem lhe oferecerá.

— Tudo o que quero é ver-me em liberdade — disse ela.

Não consegui que me voltasse a falar. Foi horrível. De súbito, recusou-se a falar comigo. Deixei-a só.

Não tornou a falar, à hora do almoço. Preparei a comida no porão exterior e levei-a. Miranda quase não comeu. Tentou convencer-me a deixá-la partir, mas eu não lhe permiti.

Nessa noite, depois do jantar, que ela também quase não provou, fui-me sentar no quarto dela. Miranda ficou fumando durante algum tempo, com os olhos fechados, como se ver-me a cansasse.

— Tenho estado a pensar — disse-me ela, a certa altura. — Tudo o que você me disse a respeito do Sr. Singleton é uma invenção. Não acredito numa só palavra dessa história. O Sr. Singleton é um homem respeitável. E mesmo que não o fosse, não se serviria da sua ajuda. Não teria feito estes preparativos fantásticos.

Não lhe respondi; não consegui sequer olhar para ela.

— Você teve muito trabalho para arranjar tudo isto. Basta olhar para aquelas roupas e livros de arte. Estive a calcular o seu custo, esta tarde, e penso que gastou cerca de quarenta e três libras.

Era como se Miranda falasse consigo própria:

— Sou sua prisioneira, mas você quer que eu seja uma prisioneira feliz. Só posso pensar em duas possibilidades: ou pensava obter um resgate, ou então faz parte de um bando ou qualquer coisa desse gênero.

— Já lhe disse que não era isso.

— Você sabe muito bem quem eu sou. Deve saber que o meu pai não é rico. Não creio, pois, que se trate de resgate.

Senti um arrepio ao ouvi-la pensar em voz alta.

— Só resta a possibilidade de se tratar de um caso sexual. É muito provável que me queira fazer alguma coisa.

Miranda observava-me. O comentário chocara-me.

— Não é nada disso. Vai ver que lhe mostrarei todo o respeito. Não sou desses — redargüi, bastante friamente.

— Então, você deve ser um louco — disse ela. — Um louco gentil e amável, claro. Confessa, pois, que a história do Sr. Singleton foi uma invenção?

— Quis dizer-lhe tudo aos poucos — respondi.

— Aos poucos? Tudo? O quê? — perguntou ela. — Pretende assassinar-me, violar-me?

— Eu nunca disse uma coisa dessas — retruquei, vendo que ela continuava na defensiva. Nos meus sonhos, devo dizer, fora sempre ao contrário.

— Por que razão estou aqui, então?

— Queria que você fosse minha convidada.

— Convidada?

Miranda levantou-se e deu uma volta pelo quarto, indo encostar-se à poltrona. Despira o blusão azul e ficara com o vestido de tecido escocês, como a túnica de uma colegial, com a blusa branca aberta no pescoço.

Tinha o cabelo penteado numa comprida trança. Estava muito bela. Parecia corajosa, também. Não sei por que, mas imaginei-a sentada nos meus joelhos, muito quieta, comigo a acariciar-lhe os cabelos, inteiramente soltos, como daquela vez que a vi assim.

De súbito, quase sem pensar, disse-lhe:

— Estou apaixonado por você. Estou quase louco de amor.

— Já compreendo tudo — disse ela, num tom de voz muito baixo e sério.



Depois disso, não me voltou a olhar.

Já sei que é antiquado fazer uma declaração dessas a uma mulher, e nunca tencionara fazê-lo. Nos meus sonhos, olhávamo-nos sempre ternamente e beijávamo-nos sem ser preciso falar. Um conhecido meu chamado Nobby disse-me, uma vez, que nunca se devia dizer a uma mulher que estamos apaixonados por ela, mesmo que o estivéssemos. E se fosse preciso dizê-lo, explicara-me ele, a melhor coisa seria fazê-lo de brincadeira, gracejando. O mais estúpido é que eu disse mil vezes a mim mesmo que nunca o faria e que deixaria a coisa acontecer normalmente.

Mas sempre que estava na sua presença, eu ficava muito confuso e dizia coisas que não tencionava dizer.

Enfim, não lhe disse tudo. Conte-lhe apenas que a vira muitas vezes, quando trabalhava no Anexo, que ficara encantado com a sua maneira de andar e com o seu comportamento tão distinto, disse-lhe quanto ela significava para mim e como, apesar de ter recebido todo aquele dinheiro, sabia que ela nunca olharia para mim. Disse-lhe também que me sentia muito só e que precisava dela. Quando parei de falar. Miranda estava sentada sobre a cama e olhava para o tapete. Não voltamos a falar durante o que me pareceu ser muito tempo. O ruído do ventilador no porão exterior era o único som que interrompia o silêncio.

Senti-me envergonhado e tornei-me muito vermelho.

— E julga que o fato de me ter aqui prisioneira me fará gostar de você?

— Quero que me conheça bem.

— Enquanto aqui estiver neste quarto, só pensarei em você como sendo a pessoa que me raptou. Já devia saber isso.

Levantei-me. Não podia estar mais tempo ao lado dela.

— Espere — disse Miranda, avançando para mim. — Vou-lhe fazer uma promessa. Acredite que o compreendo. Deixe-me partir, e eu não contarei o que se passou a quem quer que seja. Nada lhe acontecerá.

Prometo.

Foi a primeira vez que ela me olhou com certa simpatia. Estava me pedindo que confiasse nela, disso não havia dúvida. Sorriu-me um pouco, olhou-me. Parecia muito ansiosa.

— Pode confiar em mim. Seríamos amigos. Eu tentaria ajudá-lo.

Miranda olhava-me com um sorriso:

— Ainda não é demasiado tarde.

Não sei explicar o que senti, mas tive de sair de perto dela; era como se Miranda me estivesse magoando. Fechei a porta e deixei-a. Nem sequer lhe disse boa noite.

Ninguém poderá compreender; todo o mundo pensará que eu só estava interessado pelo óbvio. Por vezes,

quando eu via aqueles livros antes de ela vir para aqui, era também o que eu pensava, embora não soubesse bem.

Mas, quando ela chegou, tudo se tornou diferente; nunca mais pensei nos livros, ou em ela fazer poses; essas coisas, no fundo, enojavam-me, talvez por saber que também enojavam a Miranda. Ela tinha qualquer coisa de tão agradável, que eu precisava ser também muito agradável. Era como se eu soubesse que ela não podia sequer pensar em qualquer coisa que fosse menos decente. Obrigá-la a fazer coisas impróprias teria sido horrível.

Miranda não era como aquelas mulheres que não se fazem respeitar e com quem não nos preocupamos, ao contrário, com ela eu tinha de ter muito cuidado, de lhe mostrar o maior respeito.

Não dormi muito nessa noite, preocupado com o rumo que as coisas haviam tomado. Eu dissera-lhe demasiado, logo no primeiro dia, e fizera uma triste figura. Houve momentos em que cheguei a pensar em libertá-la e em levá-la para Londres, como ela desejava. Mas depois pensava na sua beleza e naquela trança caída até a cintura, na sua maneira de andar e nos seus olhos tão claros. Depressa compreendi que não a podia deixar partir.

Depois do desjejum — nessa manhã, Miranda comeu alguns cereais e tomou uma xícara de café, embora não disséssemos uma única palavra —

ela já estava de pé e vestida, mas a cama fora preparada de outra forma, sendo evidente que dormira nela. Enfim, de todas as formas, Miranda chamou-me, quando eu já ia sair.

— Gostaria de falar com você — disse-me ela. — Sente-se. Eu sentei-me na cadeira, perto da porta.

— Escute, isto é uma loucura. Se você me tem algum amor, no verdadeiro sentido da palavra amor, não poderá permitir que eu fique aqui fechada e que sofra tanto. Deve ter visto que estou muito infeliz. Este quarto não tem ar. De noite é verdadeiramente asfíxiante. Acordei com uma dor de cabeça terrível. Morrerei, com certeza, se você me conservar aqui muito tempo.

— Não será por muito tempo, prometo-lhe.

Miranda levantou-se e encostou-se à cômoda, olhando-me com firmeza.

— Como se chama você?

— Clegg — respondi-lhe.

— E o primeiro nome?

— Ferdinand.

Miranda olhou-me incisivamente.

— Isso não é verdade — disse ela.

Lembrei-me de que tinha no bolso a minha carteira com as iniciais e mostrei-lhe. Miranda não poderia adivinhar que o F era de Frederico.

Sempre gostei do nome Ferdinand, mesmo antes de a conhecer. É um nome que tem qualquer coisa de estrangeiro e distinto. O Tio Dick costumava brincar comigo, chamando-me Lord Ferdinand Clegg, Marquês dos Insetos.

— Suponho que os seus amigos o tratam por Ferdie, ou Ferd.

— Não. Sempre me chamam Ferdinand.

— Escute, Ferdinand, não sei o que você vê em mim. Não sei por que está apaixonado por mim. É muito possível que eu me pudesse apaixonar por você, num outro lugar qualquer. Eu...

Miranda hesitou, parecendo não saber como continuar:

— Eu sempre gostei de homens amáveis e generosos. Mas não posso, de modo algum, apaixonar-me por você, fechada assim neste quarto. Aqui.

prisioneira, nunca me poderia apaixonar por quem quer que fosse. Nunca.

Respondi-lhe que só queria conhecê-la bem.

Miranda olhara-me fixamente enquanto falara, procurando estudar as minhas reações às suas palavras. Fiquei desconfiado. Sabia que era uma espécie de teste.

— Mas você não pode raptar pessoas só para as conhecer bem!

— Preciso de conhecê-la a fundo, o que não seria possível em Londres. Não sou inteligente e artista, como os seus amigos. Não sou da sua classe. Você nem pensaria em sair comigo, se me conhecesse em Londres.

— Isso não é justo. Não sou esnobe. Detesto-os. Não tenho qualquer espécie de preconceitos.

— Não a acusei de coisa alguma.

— Odeio o esnobismo.

Miranda tornara-se quase violenta. Tinha uma maneira curiosa de dizer certas palavras muito forte, muito enfática:

— Alguns dos meus melhores amigos em Londres são... bem, pertencem àquilo a que na sua origem se chamava a classe trabalhadora. Eu não tenho o menor preconceito de classes.

— Como Peter Catesby — disse eu (O rapaz com quem eu a vira sair e que tem um automóvel MG).

— Esse! Há já muitos meses que não o vejo. Um idiota suburbano da classe média...

Ainda a via, na minha memória, subir para o MG e não sabia se podia confiar nela.

— Suponho que o meu desaparecimento já foi publicado nos jornais...

— Não olhei.

— Você ainda poderá ser preso por causa disto.

— Terá valido a pena. Terá valido a pena, nem que fosse para a prisão pelo resto dos meus dias.

— Prometo, juro... se me deixar ir embora, nunca direi o que se passou a pessoa alguma. Inventarei uma história. Prometo sair com você sempre que o desejar, quando eu não estiver trabalhando. Ninguém saberá disto, exceto nós dois.

— Não posso libertá-la — redargüi. — Ainda não.

Senti-me igual a um rei cruel, com Miranda a suplicar-me que a deixasse partir.

— Se me deixar voltar para Londres, já começarei a admirá-lo pelo esforço e boa vontade que isso representa para você. Pensarei que você me teve à sua mercê e que, como um verdadeiro cavalheiro, se comportou nobremente.

— Não posso, não posso — falei eu. — Não me peça. Por favor, não me peça.

— Talvez valha a pena tentar conhecer e compreender uma pessoa como você — comentou Miranda, olhando-me de novo.

— Tenho de me ir embora, agora — disse-lhe eu. Saí tão depressa do seu quarto, que quase tropecei no degrau. Miranda observava-me com uma estranha expressão.

— Por favor — disse ela, muito gentil e suavemente.

Foi-me tão difícil resistir-lhe! Era como se não tivesse a rede comigo e capturasse um espécime com os dedos (sempre fui muito habilidoso nisso); ficava com ele em meu poder e tinha de o matar, sentindo-o estremecer entre os meus dedos. E era muito mais difícil com Miranda, porque eu não a queria matar, nem sequer podia pensar nisso.

Miranda estava sempre dizendo que odiava a diferença de classes, porém nunca me aceitou. Não é o que as pessoas dizem que as desmascara, e sim a maneira como se portam. Bastava olhar para os modos e o comportamento de Miranda para se ver que recebera uma esplêndida educação. Não falava de forma pretensiosa como os outros, mas tinha o mesmo ar. Era fácil de ver, sempre que ela se tornava impaciente ou irônica porque eu não me sabia explicar bem, ou porque fazia qualquer coisa que não lhe agradava. “Não pense mais na diferença de classes”, dizia-me ela. Era como se fosse um rico a dizer a um pobre que não pensasse mais em dinheiro.

Não a culpo do que quer que se seja, é muito possível que Miranda dissesse e fizesse algumas das horríveis coisas que fez só para me mostrar que, na realidade, não era tão refinada como eu a julgava, contudo, eu sabia que ela o era. Quando se zangava, excitava-se tanto que se conseguia portar como a pior das mulheres.

A questão da classe social nunca deixou de se intrometer na nossa vida.

Fui a Lewes, essa manhã. Em parte, desejava ver os jornais. Comprei-os todos. A maioria trazia artigos

sobre o caso. Os mais sensacionalistas até publicaram fotografias. Achei certa graça ao ter as reportagens. Havia coisas nos artigos que eu não sabia.

“Miranda Grey, de vinte anos de idade, loura e de cabelos muito longos, estudante de arte, que o ano passado ganhou uma bolsa de estudo para a Escola de Arte de Slade, desapareceu. Vivia, durante a sua estadia em Londres, em Hamnett Road, N. W. 3., com sua tia. Miss C. -

Vanbrugh-Jones, que ontem à noite avisou a polícia.

Depois das aulas, na terça-feira, Miranda telefonou para dizer que ia ao cinema e que estaria em casa às oito horas.

Não tornou a ser vista.”

Ao lado da notícia, havia uma foto de Miranda com a seguinte legenda: *Alguém viu esta moça?*

Um outro jornal quase me fez rir:

“Os moradores de Hampstead têm-se tomado crescentemente preocupados, nestes últimos meses, pela presença de maníacos sexuais no seu bairro. Piers Broughton, um colega e bom amigo de Miranda, disse-me, no café-bar onde costumava ir com ela, que tinha a certeza de que ela estava muito bem disposta no dia em que desapareceu, tendo ambos combinado ir hoje a uma exposição. O Sr. Broughton disse ainda que Miranda conhecia perfeitamente Londres e que seria a última pessoa a aceitar carona de um desconhecido. Este amigo da moça desaparecida parecia profundamente preocupado.

Um representante da Escola de Arte de Slade disse que Miranda era uma das mais promissoras alunas da sua escola, acrescentando que devia haver uma explicação para o seu desaparecimento e que as jovens artistas são, por vezes, muito caprichosas.

O mistério ainda está, pois, por solucionar.

A polícia prossegue nas suas investigações, tentando encontrar alguém que a tenha visto na noite de terça-feira, ou que tenha notado algo de suspeito na área de Hampstead.”

O jornal descrevia também as roupas que ela vestia e outros pormenores; outro afirmava que a polícia ia dragar os lagos do Parque de Hampstead Heath, dizendo também que Piers Broughton era o noivo de Miranda. Seria o *beatnik* que vi com ela no café-bar? Ainda outro jornal:

“Miranda é uma das estudantes mais populares, sempre disposta a ajudar os colegas”. Todos eles diziam que ela era muito bonita. Quase todos publicaram o seu retrato. Se fosse feia, ter-se-iam limitado a duas linhas na última página.

Fiquei sentado à beira da estrada, na viagem de regresso, lendo tudo o que os jornais diziam. Não sei bem por que, mas senti uma impressão de poder. Toda aquela gente à procura de Miranda, e só eu é que sabia onde ela estava! Decidi nada lhe dizer.

Mas na verdade, a primeira coisa que ela me perguntou quando voltei a vê-la foi se eu comprara os jornais. Queria saber se haviam publicado alguma coisa a seu respeito. Eu disse-lhe que não os lera e que não estava disposto a comprar os jornais só para isso, que não me interessava por jornais, porque só

publicavam porcarias e mentiras. Miranda não insistiu.

Nunca a deixei ver jornais, nem ter televisão ou rádio. Certa vez, bem antes de a conhecer, li um livro chamado *Os Segredos da Gestapo* — sobre as torturas e tudo que tiveram de praticar durante a guerra; uma das primeiras coisas que faziam a um prisioneiro era não permitirem que ele soubesse o que se passava fora da prisão. O que quero dizer é que não deixavam o prisioneiro saber coisa alguma, nem sequer que falasse com outro prisioneiro, para que ficasse completamente isolado do mundo.

Claro, eu não queria torturar Miranda, como a Gestapo fazia. Mas achei melhor que ela não soubesse o que se passava lá fora. Assim, teria mais tempo para pensar em mim. Apesar de todos os seus pedidos para que eu comprasse os jornais e um rádio, devo dizer que nunca cedi. De resto, não queria que ela se preocupasse com o que a polícia estava fazendo para a encontrar. Posso mesmo dizer que era para o seu próprio bem.

Essa noite, cozinhei-lhe um jantar de galinha com ervilhas em molho branco, e Miranda comeu tudo, parecendo ter gostado. Perguntei-lhe depois se podia ficar um pouco com ela, para conversar e a olhar bem.

— Como queira — respondeu-me Miranda, que estava sentada na cama, encostada à parede, com as pernas dobradas. Durante algum tempo, limitou-se a fumar e a folhear um dos livros de arte que eu lhe comprara.

— Você sabe alguma coisa de arte? — perguntou-me ela.

— Não muito.

— Já calculava que não sabia. Se soubesse, nunca teria pensado em me fazer isto.

— Não vejo que relação possa haver — disse-lhe eu.

Miranda fechou o livro:

— Fale-me de você. Diga-me o que costuma fazer nas suas horas livres.

— Sou entomólogo. Coleciono borboletas.

— É verdade. Tinha-me esquecido que o disseram naquele artigo a seu respeito. E, agora, então, acrescentou-me à sua coleção.

Ela parecia achar divertida aquela idéia, e eu disse-lhe que era verdade, mas apenas relativamente.

— Relativamente, não — redarguiu Miranda. — Literalmente.

Fechou-me neste quarto e vem-me observar e estudar sempre que tem vontade de o fazer.

— Não é assim que eu vejo a situação.

— Sabe que sou budista? Detesto toda a gente que destrói a vida, seja ela qual for. Até mesmo a vida dos insetos.

— Mas você comeu a gatinha — respondi, pensando que, desta vez, fora mais astuto do que ela.

— Desprezo-me por tê-lo feito. Se eu fosse uma pessoa melhor, como tento por vezes, seria vegetariana.

Afirmei-me então que, se ela me pedisse para deixar de colecionar borboletas, o deixaria de fazer de bom grado e faria qualquer coisa que ela pedisse.

— Mas não me deixará voar para a liberdade.

— Prefiro não falar disso. Seria tempo perdido.

— De todas as formas — disse Miranda — eu nunca poderia respeitar quem quer que fosse, e especialmente um homem, que fizesse coisas só para me agradar. O que eu desejaria é que ele as fizesse por pensar que seria justo proceder assim.

De cada vez que ela me falava, iniciava sempre a conversa com algo de muito inocente e, de súbito, principiava a fazer-me perguntas. Eu não lhe respondia.

— Quanto tempo terei de ficar aqui?

— Não sei. Depende.

— De quê?

Não lhe respondi; não sabia o que dizer.

— Dependerá de eu me apaixonar por você?

Fiquei calado.

— Se for isso, ficarei aqui até morrer.

Não lhe respondi.

— Vá-se embora — disse ela. — Saia daqui e pense bem em tudo isto.

Na manhã seguinte, Miranda fez a sua primeira tentativa de fuga. Não me encontrou desprevenido, para dizer a verdade, mas ensinou-me uma lição. Tomou o desjejum e depois me disse que um dos pés da cama estava partido, o do canto, na outra extremidade do quarto. Disse-me que a cama iria cair e que era preciso consertá-la depressa. Como um perfeito idiota, fui ver o que sucedera e, quando me curvei, deu-me um empurrão e perdi o equilíbrio. Tentou fugir, então. Correu para a porta e saiu para o porão exterior, gritando e subindo precipitadamente as escadas que conduziam ao jardim, mas, claro, eu fechara bem essa segunda porta e, quando a alcancei, ela estava a dar pontapés e murros na porta. Detestei fazê-lo, porém tive de agir com certa violência. Segurei-a pela cintura e, com a outra mão, tapei-lhe a boca, arrastando-a para o quarto. Miranda lutou com todas as suas forças e esperneou como uma louca, entretanto, apesar de eu não ser um Atlas, também não sou nenhum frango, e não tive grande dificuldade em dominá-la. Por fim, já esgotada, desistiu, e eu soltei-a. Ficou imóvel durante um momento e, subitamente, saltou para min e esbofeteou-me. Não me magoou muito, mas o choque foi bastante desagradável, depois de eu ter sido tão razoável, de modo que fiquei absolutamente espantado. Depois,

furiosa, fechou a porta do quarto, não me deixando entrar. Quase pensei em entrar e discutir tudo aquilo com ela. mas sabia que estava muito zangada e que não era conveniente irritá-la ainda mais. O seu olhar estava verdadeiramente carregado de ódio. Resolvi, pois. trancar a porta pelo exterior e tapá-la bem com o falso armário.

Depois disso. Miranda recusou-se a falar. À hora do almoço, não proferiu uma única palavra, quando eu me dirigi a ela e lhe disse que era melhor esquecermos o incidente. Limitou-se a olhar-me com desprezo.

Voltou a portar-se da mesma forma à hora do jantar. Quando fui buscar os restos da refeição, entregou-me a bandeja sem dizer palavra, fazendo-me ver que não queria que eu ficasse com ela. Pensei que aquilo passaria depressa, mas no dia seguinte foi ainda pior. Não me falou, nem comeu.

Pedi-lhe que comesse alguma coisa, pois não queria vê-la doente.

Miranda não me falou, não olhou sequer para mim.

No terceiro dia. a situação não mudou. Miranda não quis comer e continuava silenciosa. Eu gostaria que vestisse algumas das roupas que eu lhe comprara, porém ela insistia em vestir sempre o vestido e a blusa que trouxera consigo. Comecei a ficar seriamente preocupado. Não sabia quanto tempo as pessoas podem estar sem comer, e ela já me parecia muito fraca e pálida. Passava os dias sentada em cima da cama, imóvel e tão infeliz que eu não sabia o que fazer.

No dia seguinte, levei-lhe um bom desjejum com uma xícara de café.

Esperei um pouco para ver se o cheiro lhe abria o apetite.

Disse-lhe depois que não esperava que ela me compreendesse, que não esperava que ela me amasse como a qualquer outro homem, que só queria que tentasse me conhecer e gostar um pouco de mim.

Miranda continuou imóvel.

— Vou lhe fazer uma proposta — disse-lhe eu. então. — Dir-lhe-ei quando pode ir-se embora, mas só com certas condições.

Ainda não sei por que lhe disse essas palavras. Eu sabia muito bem que nunca poderia deixá-la ir embora. Contudo, de todas as formas, não foi bem uma mentira. Pensei mesmo muitas vezes que a deveria deixar partir na época em que combinamos, que uma promessa era uma promessa, etc.

De outras vezes, contudo, estava bem certo de que não a deixaria partir.

Ela voltou-se e encarou-me fixamente. Era o primeiro sinal de vida que ela dava nos três últimos dias.

Disse-lhe quais eram as minhas condições: que voltasse a comer, que falasse comigo como anteriormente e que não tentasse fugir como o fizera desta vez.

— Nunca poderei aceitar essa última condição.

— E as outras duas? — perguntei-lhe. (Pensei que, mesmo se ela promettesse não tentar fugir, eu teria de continuar a tomar as minhas precauções e, assim, seria uma condição inútil.)



— Ainda não me disse quando é que me deixará partir.

— Dentro de seis semanas — respondi-lhe.

Miranda voltou-me de novo as costas.

— Cinco semanas, então — disse eu, passado um momento.

— Ficarei mais uma semana e nem mais um dia.

Disse-lhe que não poderia concordar com isso, e Miranda encostou-se à parede e começou a chorar. Vi-a soluçar e aproximei-me um pouco, mas, com o rosto cheio de lágrimas e os olhos muito vermelhos, julgando talvez que eu ia atacá-la, ela empertigou-se toda. Devo dizer que fiquei imensamente perturbado e comovido por vê-la assim.

— Seja razoável. Já sabe quanto a amo — disse-lhe eu — não devia esperar que a deixasse partir dentro de uma semana, depois de ter feito tantos preparativos e de ter passado meses a planejar tudo isto, não acha?

— Odeio-o! Odeio o!

— Dou-lhe a minha palavra. Permitirei que se vá embora logo que chegar o momento.

Miranda não me deu ouvidos. Era tão estranho: estar ali olhando para ela, para o seu rosto todo molhado pelas lágrimas. Pensei que ia atacar-me de novo, tudo na sua expressão parecia indicar que estava disposta a fazê-

lo. Depois, inesperadamente, começou a limpar a cara. Acendeu um cigarro. Logo a seguir, disse:

— Duas semanas.

— Você disse duas, e eu tinha dito cinco. Concordo com um mês. o que terminará a 14 de novembro.

Houve uma pausa, e depois Miranda respondeu:

— Quatro semanas, ou seja, no dia 11 de novembro.

Eu estava muito preocupado e queria que ela aceitasse. Concordei, portanto, com os vinte e oito dias, em vez de um mês inteiro.

— Muito obrigada — respondeu ela, sarcasticamente, é claro.

Ofereci-lhe uma xícara de café, que ela aceitou.

— Eu também tenho certas condições — disse Miranda, depois de o beber. — Não posso viver todo o tempo aqui embaixo. Preciso de ar fresco e de luz. Quero tomar um banho de vez em quando. Quero materiais para desenhar. Gostaria de ter um rádio ou uma vitrola. Preciso de algumas coisas da farmácia, bem como de frutas e saladas. Não poderei viver muito tempo sem fazer qualquer espécie de exercício.

— Se eu a deixar sair, você tentará logo fugir.

Miranda levantou-se. Devia ter estado a representar um pouco, visto que mudou tão depressa:

— Sabe o que é estar em liberdade condicional sob palavra?

Respondi-lhe que sabia.

— Você poderia deixar-me sair um pouco, sob palavra. Juro que não gritaria ou tentaria fugir.

Disse-lhe que comesse o desjejum e que, entretanto, eu pensaria no caso.

— Não! Não lhe pedi grande coisa. Se esta casa está verdadeiramente isolada, você não correria o menor risco.

— Não há dúvida de que está isolada — tornei eu —, mas não posso decidir tão rapidamente.

— Votarei a fazer a greve da fome.

Miranda virou-se de novo para a parede, exercendo uma terrível pressão sobre o meu espírito.

— Dar-lhe-ei todos os materiais de desenho que desejar, uma vitrola e os discos que mais lhe agradarem. Poderá pedir o que quiser: livros, quaisquer comidas que lhe apeteçam. Já lhe disse uma vez que lhe comprarei tudo o que me pedir.

— E ar fresco?

— É demasiado perigoso.

Houve um novo silêncio e, depois, Miranda continuou insistindo, a tal ponto que não tive outra solução senão ceder.

— Talvez à noite. Já veremos.

— Quando?

— Vou pensar nisso, mas terei de lhe amarrar as mãos.

— Mas eu dou-lhe a minha palavra.

— De outra forma, não a poderei deixar sair. Decida-se.

— E os banhos?

— Tentarei arranjar qualquer coisa.

— Quero um banho verdadeiro numa banheira verdadeira. Deve ter uma lá em cima.

Uma das coisas em que eu pensava mais era mostrar-lhe a minha casa e o mobiliário que comprara, em parte porque a queria ver lá dentro, pois naturalmente sempre que sonhara com ela, vira-a comigo no

interior de casa, não no porão. Eu, de resto, sou assim: muito impulsivo, assumindo riscos que outros, no meu lugar, não assumiriam.

— Vou pensar bem; terei de fazer certos preparativos.

— Se eu lhe desse a minha palavra, você poderia ficar descansado.

— Tenho a certeza disso — respondi-lhe.

E ficou, pois, combinado que assim seria.

Essa conversa pareceu desanuviar a atmosfera. Eu respeitei-a, e ela pareceu respeitar-me um pouco mais. A primeira coisa que ela fez foi dar-me uma lista das coisas de que precisava. Tive de encontrar em Lewes uma loja de materiais artísticos e comprar papel apropriado e toda a espécie de lápis e outras coisas: tinta da China e sépia, pincéis de pêlo especial. Fiz também compras na farmácia: artigos de *toilette*, etc. Corri certo risco ao comprar objetos femininos, mas não tive outro remédio. Comprei também café autêntico, uma grande quantidade de frutas e legumes, o que ela considerava ser muito importante para a sua saúde. Enfim, quando se habituou a preparar-me diariamente uma lista das compras e a ensinar-me como cozinhar as coisas de que mais gostava, Miranda até parecia ser minha esposa, uma esposa inválida que não podia ir às compras. Tomei grandes precauções em Lewes, nunca indo à mesma loja duas vezes, para que não pensassem que eu comprava demasiado para uma só pessoa. Não sei por que, mas sempre me pareceu que as pessoas com quem cruzava na rua supunham que eu vivia sozinho.

Nesse primeiro dia, comprei também uma vitrola. Era um modelo pequeno, porém Miranda ficou muito satisfeita. Eu não queria que ela soubesse que eu nada sabia de música, contudo, vi um disco com música de Mozart e decidi comprá-lo. Tive razão em fazê-lo, pois ela gostou do disco e, por conseguinte, gostou um pouco mais de mim. Certo dia, muito mais tarde, quando o ouvíamos, Miranda até chorou. Ou, pelo menos, tinha os olhos molhados. Disse-me que Mozart estava à morte quando compôs essa música e que sabia perfeitamente que ia morrer. Devo dizer que, para mim, a composição era igual a todas as outras que tenho ouvido, mas Miranda, claro, era muito musical.

Bem, no dia seguinte, Miranda voltou a falar da questão do banho e dos exercícios ao ar livre. Eu ainda não sabia o que havia de fazer: fui até o meu banheiro para examinar bem antes de prometer o que quer que fosse.

A janela do banheiro abria-se para os fundos, ficando justamente por cima da porta do porão. Não havia, pois, grande perigo de que alguém a pudesse ver por esse lado. Entretanto, para maior precaução, a fim de que ela não pudesse fazer quaisquer sinais luminosos, preguei duas grandes tábuas em frente da janela, embora soubesse que, de noite, ninguém apareceria pelas redondezas.

Isso resolveu-me o caso do banheiro.

Em seguida, fiz por várias vezes o trajeto do porão para dentro de casa como se ela estivesse a meu lado, a fim de ver quais seriam os momentos mais perigosos do percurso. Coloquei cadeados em todas as janelas e portas da casa, escondendo, além disso, as facas e outros objetos perigosos que tinha na cozinha. Pensei em tudo o que ela poderia fazer para tentar escapar e, por fim, fiquei certo de que não havia grande perigo em fazer-lhe a vontade.

Pois bem, depois do jantar, Miranda começou de novo a falar-me sobre o banho, e eu deixei-a zangar se uma vez mais, dizendo então que estava bem, que estava disposto a assumir o risco, mas que, se ela quebrasse a promessa, eu nunca mais a deixaria sair.

— Eu nunca deixo de cumprir uma promessa.

— Dá-me, então, a sua palavra de honra?

— Dou-lhe a minha palavra de honra de que não tentarei fugir.

— Ou fazer sinais?

— Ou fazer sinais.

— Agora, vou atar-lhe as mãos.

— Mas isso é um insulto!

— Eu não a culparia se tentasse fugir — disse-lhe eu.

— Mas eu...

Miranda não terminou a frase, encolhendo os ombros e pondo as mãos atrás das costas. Amarrei-as então, com firmeza, tendo porém o cuidado de não a magoar. Preparava-me para a amordaçar, contudo ela antes me disse que coisas queria levar para o banheiro e (fiquei muito contente por verificá-lo) escolheu algumas das roupas que eu lhe comprara.

Levei as suas coisas comigo e fui à frente, subindo os degraus do porão exterior, com Miranda à minha espera, enquanto abri a porta para o jardim; só saiu quando eu lhe permiti, depois de ter verificado que não havia qualquer ruído no exterior.

Estava muito escuro, naturalmente, mas o céu estava límpido, e podíamos ver milhares de estrelas a brilhar ao longe. Dei-lhe o braço e deixei-a ficar a respirar o ar fresco durante uns bons cinco minutos. Ouvi-a respirar fundo. Era tudo muito romântico; a sua cabeça dava-me pelos ombros.

— Pelo silêncio, já pode ver que estamos longe de tudo — disse-lhe eu.

Quando achei que ela já respirara o suficiente (tive de puxá-la com força) entramos em casa pela cozinha, passando pela sala de jantar e subindo depois as escadas para chegar ao banheiro.

— A porta não tem chave e nem sequer se pode fechar bem —

informei-a — mas pode ficar tranqüila que não a incomodarei, desde que cumpra a sua palavra. Ficarei aqui no corredor, à sua espera.

Colocara, para esse fim, uma cadeira no alto da escada.

— Vou desatar-lhe as mãos, se me prometer que não retirará a mordança. Se concorda, sacuda a cabeça.

Miranda assim fez, e eu desamarrei-lhe as mãos. Esfregou-as um pouco, talvez para me mostrar que eu a magoara, e depois entrou no banheiro.

Passou-se tudo sem a menor complicação. Ouvi-a tomar o banho, o ruído da água, etc, tudo normal, mas recebi um grande choque quando ela saiu do banheiro. Miranda retirara a mordação da boca. Esse foi um dos choques. O outro foi a maneira como ela mudara com as novas roupas e o cabelo lavado, todo molhado e caído, solto, sobre os ombros. Parecia ainda mais bonita, ainda mais jovem; não que ela jamais tivesse sido feia ou desinteressante. Eu devo ter ficado com uma cara de estúpido, zangado por causa da mordação, mas incapaz de a repreender, ao vê-la assim tão bela.

Miranda falou muito depressa.

— Escute, a mordação estava-me magoando muito. Dei-lhe a minha palavra. Dou-lhe de novo. Se desejar, poderá amordaçar-me outra vez.

Mas, se quisesse, eu já teria gritado por socorro.

Miranda entregou-me a mordação, porém, qualquer coisa no seu olhar impediu-me de tornar a pô-la na boca. Disse-lhe que bastaria amarrar-lhe as mãos. Miranda vestira de novo a túnica verde, mas com uma das blusas que eu lhe comprara, e adivinhei que também pusera algumas das novas roupas interiores.

Amarrei-lhe as mãos atrás das costas.

— Peço-lhe desculpa por ser tão desconfiado — comentei. — É só porque você agora é toda a razão da minha vida.

Eu sabia que não fora o momento indicado para dizer uma coisa dessas, mas tendo-a ali à minha frente, tão bela, não me foi possível resistir.

— Se você fosse embora — acrescentei — creio que me mataria.

— Você precisa consultar um médico.

Soltei uma exclamação um pouco grosseira.

— Gostaria muito de o poder ajudar.

— Já sei que pensa que estou louco, pelo que fiz. Entretanto, não estou louco. Tudo isto sucedeu porque, bem, porque... estou tão só na vida.

Nunca me interessei por pessoa alguma, exceto você.

— Você sofre de uma das piores doenças — disse ela, voltando-se para o outro lado.

Tudo isto se passava enquanto eu lhe amarrava as mãos. Miranda baixou o olhar:

— Tenho muita pena de você.

Depois, bruscamente, como sempre, mudou de atitude e expressão:

— Que hei de fazer com a roupa que lavei? Posso pendurá-la lá fora?

— Pode deixar — disse-lhe eu. — Encarregar-me-ei de as secar na cozinha. Já deve calcular que não posso mandar as suas roupas para a lavanderia.

— E agora? Que fazemos?

Olhou à sua volta. Tinha, por vezes, um brilho estranho nos olhos, como se quisesse fazer alguma coisa menos própria, mas de uma maneira agradável e simpática. Era um pouco como se me provocasse.

— Não me vai mostrar a sua casa?

Miranda sorria: o primeiro verdadeiro sorriso que eu lhe vi: não tive outro remédio senão sorrir-lhe também.

— Já é muito tarde — respondi-lhe.

— De que ano é a casa? — perguntou ela, como se não me tivesse ouvido.

— Há uma pedra por cima da porta principal com a data de 1621.

— Este tapete não fica bem aqui. Devia ter escolhido uma cor neutra.

E aqueles quadros... são horríveis!

— Custaram muito caro.

— Não é só o dinheiro que conta.

Não sei explicar quão estranho era, acharmo-nos ali conversando.

Miranda estava criticando, como qualquer outra mulher.

— Posso ver os quartos?

Eu estava bastante perturbado e, não sabendo bem como proceder, fui abrindo as portas dos quartos, para que ela os visse: os dois que tinha preparado para a Tia Annie e para Mabel, quando elas regressassem, e o meu. Miranda examinou-os com toda a atenção. As cortinas estavam fechadas, claro, e eu observei-a bem, para que não tentasse qualquer manobra suspeita.

— Incumbi uma loja de decorar toda a casa — disse eu, quando estávamos à porta do meu quarto.

— Você é muito organizado.

Miranda admirou duas velhas pinturas de borboletas que eu comprara num antiquário.

— Fui eu que as escolhi — informei-a.

— São as únicas coisas decentes que existem aqui.

Enfim, estávamos ali em minha casa, e Miranda fizera-me um cumprimento. Confesso que me senti bastante lisonjeado.

— Como isto é calmo — disse ela, depois. Ainda não ouvi passar um único carro. Devemos estar no norte de Essex.

Eu sabia que aquela pergunta não passava de um teste e, fingindo-me surpreendido, disse-lhe que acertara.

De súbito, sem qualquer razão, Miranda exclamou:

— É estranho! Eu deveria estar cheia de medo. Mas, não sei por que, sinto-me segura a seu lado.

— Eu nunca lhe faria mal, a não ser que você me forçasse a isso, claro.

Era tudo, inesperadamente, como sempre o desejara. Já estávamos mais amigos, e Miranda começava a conhecer-me um pouco.

— O ar é maravilhoso. Você nem pode imaginar o alívio que é —

comentou ela — mesmo este ar dentro de casa. É livre... é tudo o que eu não sou.

Desceu então as escadas, e eu fui atrás dela. Na sala de entrada, perguntou-me se podia ver o salão. Pensei que não havia perigo, visto que as janelas e as cortinas estavam fechadas, e deixei-a entrar. Confesso que era um pouco cômico ver Miranda examinar tudo atentamente, com as mãos amarradas atrás das costas.

— É uma sala verdadeiramente encantadora. Você não a devia ter enchido com todas estas porcarias de mau gosto. Que pinóia!

Miranda chegou a dar um pontapé numa das cadeiras. Suponho que fiquei com uma expressão um tanto ofendida, porque ela disse logo:

— Mas você próprio deve perceber que isto tudo é uma porcaria!

Aquelas lâmpadas... e os lustres! E... até vejo os inevitáveis patos de porcelana!

Voltou-se para mim, muito zangada, e olhou de novo para os patos.

— Tenho os braços doridos. Importa-se de me atar as mãos à frente, para mudar um pouco?

Não quis estragar aquele momento e, como não vi mal algum em fazê-

lo, desatei-lhe as mãos, e Miranda estendeu-as logo para eu amarrá-las à frente. Fez depois uma coisa que me chocou profundamente. Aproximou-se da chaminé, sobre a qual, na parede, estavam pregados os patos, que haviam custado trinta xelins cada, e, com um gesto inesperado, lançou-os todos por terra. Ficaram em pedaços.

— Muito obrigado — disse eu, irônico.

— Uma casa tão velha como esta tem, sem dúvida, uma alma. Você não devia ter posto todas estas porcarias feitas em série numa sala assim tão velha, em que tantas pessoas já viveram, com certeza. Não sente o que lhe estou dizendo?

— Não tenho a menor experiência em questões de mobiliário e decoração — respondi-lhe.

Miranda olhou-me com uma estranha expressão no olhar e entrou na sala de jantar, que, além disso, também fora equipada para o meu trabalho.

Uma sala com duas finalidades, como me haviam dito os decoradores. Viu imediatamente os três armários onde eu guardava as minhas coleções.

— Então, não me vai mostrar as minhas colegas de infortúnio?

Claro, isso era exatamente o que eu queria. Retirei do armário uma ou duas armações com alguns dos meus melhores exemplares e mostrei-os a Miranda.

— Comprou-os?

— Claro que não — respondi-lhe. — Capturei-os eu próprio e preparei-os nas armações... todos eles.

— Devo dizer que estão maravilhosamente arranjados e preservados.

Mostrei-lhe uma gaveta de borboletas Chalkhill e de Adônis Azuis e expliquei-lhe que diferenças havia entre elas. Disse-lhe, o que era verdade, que uma das Adônis era uma aberração e que no Museu de História Natural não havia outra melhor. Orgulhava-me de lhe poder falar de coisas que ela ignorava. Miranda nunca ouvira falar de aberrações.

— As suas borboletas são muito belas, mas tristes.

— Tudo é triste, quando o fazemos triste — respondi-lhe.

— Mas foi você quem as tornou tristes!

Miranda olhou-me com uma expressão algo irritada:

— Quantas borboletas já matou?

— Pode ver...

— Não, não posso. Estou pensando em todas as borboletas que poderiam ter nascido destas, se você as tivesse deixado viver. Estou pensando em toda a beleza viva que você eliminou.

— Pouca falta faz.

— Nem sequer exhibe as suas coleções. Quem é que vê estes exemplares? Você é um verdadeiro avaro, fechando toda esta beleza nas gavetas desse armário.

Senti-me bastante desiludido e pensei que Miranda era um pouco ridícula, falando assim. Que diferença



poderiam fazer algumas dúzias de exemplares a toda a espécie?

— Odeio os cientistas — disse ela. — Odeio as pessoas que colecionam coisas, que as classificam e depois se esquecem da sua existência. É isso mesmo que hoje as pessoas estão fazendo com a arte.

Classificam um pintor de impressionista, cubista ou qualquer outra coisa e depois deixam de o ver como um pintor vivo, individual... Mas, repito-lhe, a sua coleção é muito bela e está muito bem arranjada.

Miranda tentava de novo ser-me agradável.

Disse-lhe então que também me dedicava à fotografia.

Mostrei-lhe algumas fotos que fizera dos bosques da região e do mar galgando a esplanada, em Seaford, que eram as melhores que eu tinha. Fui eu mesmo quem as ampliou. Coloquei-as sobre a mesa para que as visse melhor.

Miranda olhou-as e não fez qualquer comentário.

— Não são grande coisa — disse-lhe eu. — Ainda não sei o suficiente de fotografia.

— Não têm vida.

Miranda olhou-me de lado:

— Refiro-me a todas as fotografias. A diferença entre os desenhos e as fotografias é que os primeiros têm vida, mas as fotos são quase sempre coisas mortas e desinteressantes. Como fotografias, estas são bastante boas.

Os ângulos foram bem escolhidos.

Deixei passar mais alguns minutos e depois disse-lhe que gostaria muito de a fotografar.

— Por quê?

— Porque você é aquilo a que se chama fotogênico.

Miranda baixou o olhar e, logo a seguir, voltou a encarar-me:

— Está bem. Se quiser... Amanhã.

Fiquei entusiasmado. A nossa vida já começava a melhorar.

Decidi então que já eram horas de ela descer para o seu quarto.

Miranda não protestou, limitando-se a encolher os ombros. Coloquei-lhe a mordaça na boca, e tudo se passou bem como antes.

Quando já estávamos lá embaixo, no porão exterior, pediu-me que lhe fizesse uma xícara de chá (um chá especial da China que me mandara comprar). Tirei-lhe a mordaça e ficamos ali mesmo enquanto eu fazia

o chá. Claro, não deixei nem por um segundo de a vigiar atentamente.

Quando o chá ficou pronto, eu disse-lhe que ia fazer as honras da casa.

— Que expressão horrível!

— Que mal tem dizer isso?

— É como aqueles patos. Trata-se de uma expressão suburbana, antiquada, morta. É... sei lá?... de mau gosto! Entende?

— Talvez seja melhor então que você mesma sirva o chá.

Que estranho! Miranda sorriu como se fosse soltar uma gargalhada, porém conteve-se e, dando meia volta, encaminhou-se para o seu quarto.

Seguia-a, levando a bandeja com o bule e as xícaras. Ela serviu o chá, mas era evidente que algo a irritara. Não queria olhar para mim.

— Não quis ofendê-la — disse-lhe eu.

— Pensei na minha família — respondeu Miranda. — Não devem estar bebendo chá tão despreocupados como nós...

— Quatro semanas — redargüi.

— Não me recorde isso!

Miranda era como todas as mulheres. Imprevisível. Estava muito sorridente num minuto e, no seguinte, tornava-se desdenhosa.

— Você é odioso — exclamou — e também me faz detestável!

— Não será por muito tempo.

Depois, Miranda disse algo que eu nunca ouvira uma mulher dizer.

Fiquei verdadeiramente chocado.

— Não gosto de ouvir palavras como essa — adverti-a. — É uma palavra nojenta.

Miranda voltou a dizê-la, desta vez quase gritando. Não compreendo essas súbitas mudanças de disposição.

Miranda estava bem disposta na manhã seguinte, embora não quisesse pedir-me desculpa. Logo que entrei no seu quarto, vi que ela partira em pedaços os dois jarros de flores que eu lá pusera. Como de costume, já estava de pé, quando lhe levei o desjejum.

A primeira coisa que me perguntou foi se eu lhe ia deixar ver a luz do dia. Informei-a de que estava

chovendo.

— Deixe me ir para o outro porão para me mover mais à vontade; preciso de fazer exercício.

Tive nos mais uma discussão a esse respeito. Por fim, tive de lhe dizer que, se quisesse ir para o porão exterior durante o dia, teria de ficar com a mordança metida na boca. Eu não me podia arriscar a que alguém viesse à porta dos fundos e lhe descobrisse a presença — não que isso fosse provável, mas todos os cuidados eram poucos. Disse-lhe, contudo, que à noite bastaria ter as mãos amarradas, e também, que não lhe poderia prometer mais que um banho por semana. Nada lhe disse sobre a questão de ver a luz do dia. Pensei, por um momento, que ela ia amuar-se de novo, porém Miranda já sabia que as más disposições não lhe davam a menor vantagem, sendo forçada a aceitar os meus regulamentos.

Talvez eu fosse demasiado severo, mas isso era uma característica da minha natureza que não podia evitar. Não havia dúvida de que eu tinha de tomar grandes precauções. Nos fins de semana, por exemplo, havia muito mais tráfego do que habitualmente. Nos domingos de sol, os automóveis passavam de cinco em cinco minutos em frente a minha casa. Alguns chegavam a parar, e os curiosos, ao ver aquela casa tão antiga, até faziam, por vezes, fotografias da porta principal e do telhado. Assim, nos fins de semana, eu nunca permitia que Miranda saísse do quarto.

Certo dia, quando eu estava prestes a sair para ir a Lewes, um homem parou em frente da casa e perguntou-me se eu era o proprietário. Era um daqueles caras muito intelectuais que falam como se tivessem uma ameixa na garganta. Um daqueles do tipo sou amigo do patrão. Falou muito da casa, dizendo que estava a escrever um artigo para uma revista e pedindo-me que o autorizasse a fazer algumas fotografias, especialmente da capela.

— A casa não tem capela — disse lhe eu.

— Mas, meu caro senhor, isso é fantástico! — respondeu ele. — A capela está mencionada na História do Condado. Tem sido citada em dezenas de livros.

— Talvez se refira àquele velho compartimento no porão — disse eu, como se só então compreendesse. — O porão foi bloqueado, foi fechado com tijolos.

— Mas esta casa é de interesse nacional. O senhor não pode fazer uma selvageria dessas!

— Que quer que eu faça? Já estava assim quando comprei a casa...

O intruso pediu-me então para ver o interior da casa, e eu respondi-lhe que estava com muita pressa. Queria que eu lhe marcasse um dia para ele poder percorrê-la à vontade. Eu disse-lhe que isso era impossível, visto que tinha muitos pedidos para a ver e, como estava muito ocupado, recusara todos eles. Até me ameaçou com uma ordem oficial para que eu a deixasse visitar, dizendo que o Departamento dos Monumentos Antigos (fosse isso o que fosse) o apoiaria. O cara foi bastante ofensivo e mesquinho, mas, por fim, resolveu ir se embora. Eu tinha a certeza de que ele nada faria, mas sabia também que tinha de proteger-me dessa espécie de perigos.

Nessa noite, fiz-lhe várias fotografias. Nada de especial, apenas com Miranda lendo, sentada. Ficaram bastante boas.

Poucos dias depois, como se me retribuísse um cumprimento, desenhou o meu retrato. Tive de me sentar na poltrona e olhar para um dos cantos do quarto. Meia hora depois, sem que eu tivesse tempo para a impedir, Miranda rasgou o que desenhara. (Tinha a mania de rasgar coisas.

Temperamento artístico, suponho.)

Manifestei-lhe o meu desagrado por ela rasgar o desenho, dizendo-lhe que eu teria gostado dele, de qualquer forma, mas Miranda nem sequer me respondeu — limitando-se a ordenar-me, bruscamente, que me calasse e não me movesse.

Recomeçou a desenhar, falando de tempos a tempos. Comentários pessoais, nada mais.

— Você é muito difícil de retratar... Tem as feições tão pouco marcadas. Não lhe vejo quaisquer características especiais. Estou pensando em você como um objeto, não como um ser humano.

Mais tarde, Miranda acrescentou:

— Você não é feio, mas o seu rosto tem toda a espécie de hábitos feios. O seu lábio inferior é o pior. Atraiçoa-o.

Já no meu quarto, fui me ver ao espelho, porém não entendi o que ela dissera.

Por vezes, Miranda fazia as perguntas mais inesperadas e estranhas.

— Acredita em Deus? — foi uma delas.

— Não muito — respondi-lhe.

— Tem de ser sim ou não.

— Não penso muito nisso. Não acho que tenha importância...

— Você é que está encerrado numa cela.

— E você? Acredita em Deus? — perguntei-lhe, por minha vez.

— Naturalmente. Sou um ser humano.

Disse-me que me calasse, ao ver que eu tencionava continuar a conversa.

Depois queixou se da luz.

— Não gosto desta luz artificial. Custa-me muito desenhar assim. É uma luz que mente...

Eu sabia perfeitamente o que ela queria e, por isso, fiquei muito catado.

Certa vez, já não lembro bem quando foi, Miranda disse-me subitamente:

— Você tem muita sorte por não ter pais. Os meus só continuam vivendo juntos por causa da minha irmã e de mim.

— Como sabe isso?

— Porque minha mãe me disse — respondeu ela. — E o meu pai também. Minha mãe é uma mulher terrível. É uma burguesa desagradável e ambiciosa. Bebe muito.

— Já me tinham dito — informei a.

— Nunca me foi possível convidar amigos para minha casa.

— Lamento muito — disse eu.

Miranda olhou-me incisivamente, mas eu não fora sarcástico. Contei-lhe que meu pai também costumava beber muito e, depois, falei-lhe de minha mãe.

— Papai é um homem fraco, mas eu gosto muito dele. Sabe o que me disse uma vez? Disse-me: “Não sei como dois pais tão maus produziram duas filhas tão gentis”. Devia estar pensando mais na minha irmã. Ela é a melhor de toda a família.

— Você é que o é. Ganhou uma bolsa de estudo.

— Desenho bem, só isso — respondeu Miranda. — Poderei vir a ser uma artista de certo mérito, mas nunca serei genial. Ou, pelo menos, é isso que penso.

— Nunca se pode saber — comentei, sorrindo-lhe.

— Não sou suficientemente egocentrista. Sou muito mulher. Preciso de me apoiar em alguém.

Não sei por que, mas Miranda mudou subitamente de assunto, perguntando-me:

— Você é pederasta?

— Certamente que não — respondi-lhe, ruborizando-me, claro.

— Não teria de que se envergonhar. Conheço muitos homens inteligentes e sérios que o são.

Miranda pensou um pouco e acrescentou:

— Você quer apoiar-se em mim. Sinto que é isso. Deve ser por causa de sua mãe. Está procurando sua mãe.

— Não acredito nessas fantasias da psicologia — redargüi, algo magado.

— Nunca nos daríamos bem, juntos — disse Miranda. — Ambos nos queremos apoiar em alguém.

— Financeiramente, você poderia apoiar-se em mim.

— E você em mim para tudo o mais? Que Deus me proteja disso!

Depois, após uma breve pausa, Miranda deu-me o desenho que fizera.

Era verdadeiramente extraordinário. Surpreendeu-me. Parecia-se tanto comigo, porém mais digno e esbelto do que o sou na realidade.

— Estaria disposta a vender-me este desenho? — perguntei-lhe.

— Não pensara em vendê-lo, mas aceito. Duzentas libras?

— Está bem — concordei.

Miranda

olhou-me

de

soslaio.

í

— Você seria capaz de me dar duzentas libras por isto?

— Com certeza. Foi você quem o desenhou.

— Dê-mo imediatamente.

Entreguei-o e, antes de eu poder fazer um gesto, Miranda começou a rasgá-lo.

— Não faça isso — pedi-lhe.

Miranda deteve-se, entretanto o desenho já estava meio rasgado em dois pedaços.

— Mas é tão mau... uma verdadeira porcaria.

Depois, inesperadamente, tornou a dar-me:

— Tome lá, guarde-o na gaveta com as borboletas!

Quando fui a Lewes, no dia seguinte, comprei todos os discos de Mozart que vi na loja. Miranda parecia gostar muito de tudo o que era desse compositor.

Certo dia, Miranda fez nove ou dez desenhos de uma taça cheia de frutas. Depois, com um sorriso algo malicioso, alfinetou-os todos no biombo e disse-me para escolher o melhor. Eu disse que eram todos muito bons, contudo ela insistiu, e eu indiquei um ao acaso.

— Esse é o pior de todos — comentou Miranda. — Não passa de uma tentativa habilidosa de uma colegial. Um desses desenhos é muito bom. Sei que é realmente bom. Vale cem vezes todos os outros juntos. Se conseguir descobri-lo em três tentativas, dar-lhe-ei quando me for embora. Se não o encontrar entre os outros, então terá de comprá-lo por dez libras.

Pois bem, fiz três tentativas, conforme ela me pediu, e enganei-me das três vezes. O desenho que ela dizia ser tão bom parecia meio inacabado, estava todo de lado e nem sequer se podia ver bem que frutas eram.

— Aí, nesse estudo — explicou-me ela — estou prestes a dizer algo sobre aquelas frutas. Não o faço exatamente, mas o desenho em si dá a impressão de que vou dizer alguma coisa. Sente o que quero dizer?

Confessei-lhe que não.

Miranda foi buscar um livro de reproduções de pinturas de Cézanne.

— Olhe — disse ela, apontando para um prato de maçãs. — Cézanne, nesta pintura, não se limita a dizer tudo o que há a saber sobre as maçãs, mas diz também tudo sobre todas as maçãs, sobre todas as formas e cores.

— Estou pronto a acreditar no que você me diz. Para mim, todas as pinturas são bonitas.

Miranda olhou para mim, desiludida.

— Ferdinand — disse ela — deviam ter-lhe dado o nome de Calibã **1**.

Uma vez, três ou quatro dias depois do primeiro banho, Miranda tornou-se muito nervosa. Andou para cá e para lá no porão, sentou-se na cama, voltou a levantar-se. Eu examinava os desenhos que ela fizera essa tarde, cópias dos livros de arte, muito bem feitas, muito artísticas.

De súbito, disse-me:

— Não poderíamos ir dar um passeio? Dou-lhe a minha palavra que não fugirei.

**1** Calibã — personagem de Shakespeare, um escravo que aparece na peça *The Tempest* (A Tempestade). O autor da presente obra, além de usar o nome de Calibã para identificar o seu personagem principal, criou também a palavra calibanismo, significando tudo o que é mesquinho, maléfico e de mau gosto. (N. do T.)

— Mas está tudo molhado; tem chovido muito. Faz frio.

Isto passou-se na segunda semana de outubro.

— Estou enlouquecendo. aqui fechada. Não podemos dar uma volta pelo jardim?

Miranda aproximou-se muito de mim, o que raramente fazia, e estendeu-me os pulsos. Acostumara-se a usar o cabelo caído, atado com uma fita azul, que fora uma das coisas que eu lhe comprara na cidade. O seu cabelo era muito belo; nunca vi um cabelo tão belo! Certa vez, tive um grande desejo de o tocar. Só queria acariciá-lo, senti-lo. Tinha uma oportunidade para o fazer sempre que lhe punha a mordança na boca.

E, assim, saímos para o jardim. Era uma estranha noite. A lua estava escondida por uma nuvem, e esta movia-se, mas, cá embaixo, quase não havia vento. Miranda, de início, limitou-se a respirar fundo repetidas vezes.

Depois, dei-lhe o braço, com todo o respeito, e conduzi-a para o caminho que ia desembocar no relvado. Passamos pela horta e pelas árvores frutíferas. Conforme disse, nunca tive qualquer desejo menos próprio, não tentando aproveitar-me da situação. Sempre a tratei com toda a consideração (até ela fazer o que fez), mas talvez fosse a escuridão, com nós dois andando assim de braço dado; a verdade é que eu, naquela altura, teria adorado tomá-la nos braços e beijá-la. Na realidade, eu até tremia.

Tive de dizer alguma coisa, ou senão teria perdido a cabeça.

— Você nunca acreditaria se eu lhe dissesse que me sinto muito feliz, não é? — perguntei-lhe.

Miranda, claro, não podia responder.

— Como julga que eu não sinto as coisas como você, pensa que não tenho sentimentos. O que sucede é que não sei exprimi-los adequadamente.

Tudo o que lhe peço é que compreenda quanto a amo, quanto preciso de você e quão profundos são os meus sentimentos.

— O fato de não saber exprimir os meus sentimentos — continuei —

não quer dizer que não os tenha. É um grande esforço, por vezes...

Eu não queria vangloriar-me, mas queria que ela compreendesse o que outros homens lhe teriam feito, se a tivessem em seu poder.

Demos a volta ao relvado e voltamos para casa. Ouvimos um automóvel que passava em frente da propriedade. Apertei com mais força o braço de Miranda.

Paramos em frente à porta do porão. Perguntei-lhe se queria dar mais uma volta pelo jardim.

Com grande surpresa minha, Miranda sacudiu a cabeça negativamente.

Ao retirar-lhe a mordação, já de volta ao quarto, pediu-me que lhe fizesse um pouco de chá.

Quando fui levá-lo e o servi, ela falou:

— Quero dizer lhe uma coisa, uma coisa que tem de ser dita.

Preparei-me para a ouvir.

— Lá fora você quis beijar-me, não é verdade?

— Desculpe — disse eu, começando a ruborizar-me, o que sempre sucedia nessas ocasiões.

— Quero, antes de mais nada, agradecer-lhe por não o ter feito, visto não querer que você me beije. Sei muito bem que estou à sua mercê e sei também que tenho muita sorte por você ser tão decente no que respeita a este problema.

— Não voltará a acontecer — prometi-lhe.



— Era isso mesmo que eu lhe queria pedir. Mas se acontecer, ou coisa ainda pior... e se você não puder resistir, quero que me prometa uma coisa.

— Não voltará a acontecer.

— Peço-lhe que não o faça de maneira horrível ou mesquinha. Não me maltrate, nem use o clorofórmio para me tornar inconsciente. Faça o que fizer, eu não lutarei. Deixarei que me faça o que quiser.

— Não voltará a acontecer — repeti. — Não sei explicar o que me sucedeu.

— Mas fique sabendo que, se alguma vez me fizer uma coisa assim, nunca mais o respeitarei, nunca mais lhe falarei. Entende?

— Eu não esperaria outra coisa de você — respondi eu, vermelho como um pimentão.

Miranda estendeu-me a mão. Eu dei-lhe a minha. Já nem sei como é que saí do quarto. Essa noite, encontrei-me verdadeiramente confuso, embaraçado como jamais me sentira.

A rotina diária era sempre igual: eu descia para o porão entre as oito e as nove horas, preparava-lhe o desjejum, lavava a louça, falava com ela um pouco, Miranda dava-me a lista de coisas de que precisava (às vezes ficava em casa, mas na maioria dos dias tinha de sair, devido aos legumes frescos e ao leite que ela queria); geralmente limpava e arrumava a casa quando voltava de Lewes, cozinhando depois o almoço. Durante a tarde, ficava sempre com ela, tocando os discos que lhe comprara, ou, então, vendo-a desenhar; era ela quem fazia o chá, ficando então sozinha, não sei por que, mas era uma espécie de acordo que tínhamos, nunca ficarmos juntos àquela hora. Jantávamos, mais tarde, e, depois, ficávamos sempre conversando durante uma ou duas horas. Havia dias em que ela me pedia muito para a deixar sair para o porão exterior e, noutros, pedia-me para a deixar só logo após o jantar.

Fotografava-a sempre que ela me permitia. Miranda também me fotografou. Para me fazer a vontade, posava em atitudes diferentes, todas muito respeitáveis, naturalmente. Eu teria gostado que ela usasse roupas especiais para as fotos, mas não tinha coragem para lhe pedir. Miranda costumava dizer que não compreendia que eu quisesse tantas fotografias dela já que a podia ver todos os dias.

Assim, nada acontecia de especial. Ficávamos conversando todos os dias, e até parece impossível que isso não possa voltar a ocorrer. Era como se fôssemos as duas únicas pessoas no mundo. Ninguém poderá compreender como éramos felizes — só eu, na realidade, mas havia dias em que estava certo de que ela se sentia bem, apesar das coisas que me dizia. Eu podia ficar horas inteiras a contemplá-la... a olhar para o seu cabelo e para a graciosa curva que descrevia ao cair-lhe pelas costas. Era como um véu ou uma nuvem, como um emaranhado de fios de seda.

Miranda tinha uma maneira de, com um gesto de cabeça, o lançar para trás, quando, por vezes, lhe caía para a testa, o que me encantava — era um movimento tão natural e delicioso! Por vezes, tinha vontade de pedir-lhe que fizesse esse movimento com a cabeça, só para eu o apreciar de novo.

Mas, claro, teria sido um pedido ridículo. Tudo o que ela fazia era delicado e gentil. Até mesmo virar a página de um livro. Levantar-se ou sentar-se, beber ou fumar, tudo isso era uma delícia. Devo dizer que, mesmo quando fazia coisas consideradas feias, como bocejar ou espreguiçar-se, as fazia com uma beleza que eu não saberia como descrever. A verdade é que Miranda não podia fazer coisa alguma que fosse

feia. Era demasiado bela para isso.

E era tão asseada! Cheirava sempre bem, muito doce e pura, ao contrário de certas mulheres que conheço. Detestava a falta de higiene tanto como eu, embora, de vez em quando, troçasse de mim devido à minha mania de limpeza. Disse-me uma vez que querer ver tudo limpo era um indício de loucura. Se isso é verdade, então estávamos ambos loucos.

Claro, nem tudo era paz e sossego. Miranda tentou fugir mais de uma vez, contudo, felizmente, eu estava sempre de atalaia.

Certo dia, quase conseguiu fugir. Foi muito inteligente. Quando entrei no quarto, de manhã, estava vomitando e parecia verdadeiramente doente.

Perguntei-lhe várias vezes o que ela tinha, mas não me respondeu, ficando imóvel como se estivesse muito mal e cheia de dores.

— É apêndice — disse ela, por fim.

— Como é que sabe?

— Pensei que ia morrer, esta noite — acrescentou, falando muito baixo, como se mal o pudesse fazer.

Eu disse-lhe que podia ser outra coisa, e não apêndice.

Mas Miranda não me respondeu, voltando-se para a parede e soltando exclamações de dor.

Bem, quando me recuperei do choque que sofrera ao vê-la assim, pensei que talvez fosse um truque.

Contorcendo-se com espasmos, olhou para mim e disse que prometeria tudo o que eu desejasse, desde que eu chamasse um médico ou a levasse para um hospital.

— Isso seria o fim. Você contar-lhes-ia logo tudo.

— Prometo, prometo! — exclamou ela, quase me convencendo. Não há dúvida de que era uma boa atriz.

— Vou-lhe fazer uma xícara de chá — disse eu, desejando ganhar algum tempo para pensar bem no caso.

Entretanto, Miranda teve nova convulsão.

Vi que ela vomitava no chão. Lembrei-me de que a Tia Annie me dissera uma vez que a apêndice pode matar uma pessoa, quando não se tomam precauções imediatas. Eu tinha de fazer alguma coisa.

— Há uma casa com telefone, do outro lado da estrada. Vou já telefonar a um médico.

— Leve-me para um hospital — disse ela. — É mais seguro para você.

— Que importância tem isso?! — exclamei, como se estivesse verdadeiramente desesperado. — Isto é o fim. É o último adeus. Só nos tomaremos a ver no tribunal.

Eu também sabia representar.

Depois, precipitadamente, corri para fora do quarto como se estivesse muito aflito. Deixei a porta aberta e fiquei à espera do outro lado.

Miranda não tardou a surgir à porta do porão, já completamente curada. Não tive qualquer dificuldade. Ela olhou para mim e voltou para dentro do quarto. Fiz uma cara muito feia só para lhe pregar um susto.

Miranda mudava tão freqüentemente de disposição que eu não lhe podia acompanhar o ritmo. Por vezes chamava-me Calibã e, outras, Ferdinand. Às vezes era muito desagradável e incisiva. Troçava de mim, imitava os meus gestos e a minha fala. Irritava-me muito e fazia-me perguntas às quais eu não podia responder. Mas outras vezes, de súbito e sem a menor razão, era imensamente simpática, e eu chegava a pensar que me compreendia tão bem como o Tio Dick me compreendera e, então, eu suportava tudo o que ela dizia ou fazia.

Recordo uma infinidade de pequenas coisas.

Uma ocasião, Miranda estava sentada revelando-me os segredos de algumas pinturas — os segredos eram as coisas em que tínhamos de pensar para compreender, os segredos da proporção e da harmonia, como ela lhes chamava. Sentávamo-nos com um álbum entre nós, e ela falava das pinturas. Eu procurava sempre não lhe tocar, pois me lembrava ainda daquele incidente no jardim e não queria que se repetisse. Mas, certa noite, Miranda me pediu que não fosse tão formal, que não me mataria se a manga do meu paletó tocasse a manga da sua blusa.

— Está bem — disse-lhe eu, porém continuei onde estava; a uma distância respeitável.

Foi ela quem se moveu, tocando-me com o braço, com o ombro. Falou e falou a respeito das pinturas, continuando a folhear as páginas mas, subitamente, olhou para mim.

— Você não está ouvindo o que estou dizendo.

— Estou sim — redargüi.

— Não, não está. Está a pensar em que nos estamos tocando com os ombros. Está todo empertigado. Acalme-se.

Era verdade, eu estava todo tenso. Miranda levantou-se. Tinha vestido uma saia azul que eu lhe comprara, um blusão preto e uma blusa branca.

As cores iam-lhe verdadeiramente bem. Ficou de pé diante de mim durante alguns segundos e, depois, exclamou:

— Meu Deus!

Em seguida, aproximou-se da parede e deu-lhe um grande murro, coisa que fazia ocasionalmente.

— Tenho um amigo que me beija de cada vez que me vê e isso nada significa... são beijos sem significado. Beija todo o mundo. Esse amigo é o inverso de você, que não tem qualquer contato com quem quer que seja, ao passo que ele o tem com todos. Vocês dois estão ambos igualmente doentes.

Eu limitei-me a sorrir. Era meu hábito sorrir sempre que ela me atacava, como uma espécie de defesa.

— Não ria dessa maneira tão horrível.

— Que mais posso eu fazer? Você tem sempre razão.

— Mas não quero ter sempre razão. Diga-me que estou enganada!

— Não... você tem toda a razão — respondi. — Sabe muito bem que tem razão.

— Oh, Ferdinand! — exclamou Miranda, dizendo duas vezes mais o meu nome. Falara como se estivesse implorando qualquer coisa aos céus, ou como se sofresse muito, e eu não consegui conter o riso, mas Miranda tomou-se inesperadamente muito séria, ou então fingiu que o estava!

— Não é motivo para riso. É terrível que você não me possa tratar como se fosse um amigo. Esqueça-se do meu sexo. Acalme-se.

— Prometo tentar — assegurei-lhe, todavia Miranda não voltou a sentar-se junto de mim. Encostou-se à parede, e pôs-se a ler outro livro.

De outra vez, quando eu estava pregando na parede um desenho que ela fizera e eu emoldurara, Miranda soltou um grito estridente e, logo que me voltei para ela, deixando cair o quadro, começou a rir como uma touca.

— Que aconteceu? — perguntei-lhe eu.

— Tive ganas de gritar — disse Miranda.

Era uma moça absolutamente imprevisível.

Estava sempre criticando a minha maneira de falar. Lembro-me de que me disse uma vez: “Você sabe o que faz? Já notou alguma vez que a chuva rouba a cor a tudo? Pois é isso o que você faz à linguagem inglesa.

Ensombrece-a de cada vez que abre a boca”.

Esse é apenas um exemplo, entre muitos, da maneira como ela me tratava.

De outra vez, ainda, falou-me dos seus pais, dizendo-me que deviam estar muito preocupados, provavelmente doentes de pânico, e que eu era uma pessoa muito mesquinha, se não os informasse de que ela ainda estava viva. Disse-lhe que não podia correr esse risco. Entretanto Miranda, depois do jantar, garantiu-me que não correria risco, se fizesse o que ela me indicasse. Disse-me para calçar as minhas luvas e para ir comprar papel e envelope a uma loja qualquer. Disse também que lhe ditasse uma carta e que ela a escreveria de seu próprio punho, sugerindo que fosse depois a uma cidade qualquer e a pusesse numa caixa de correio. Assim, ninguém poderia seguir a pista. Uma carta metida numa caixa do correio e sem quaisquer impressões digitais não poderia, de modo algum, desmascarar-me.

Pois bem, Miranda insistiu tanto que eu acabei por fazer o que me pediu. Comprei papel e envelope e ditei-lhe a carta.

— Estou bem e não corro perigo — disse-lhe eu.

Miranda escreveu essas palavras, comentando:

— Que estilo tão ridículo, mas não tem importância...

— Escreva o que eu lhe disser — redargüi, prosseguindo: — Não tentem encontrar-me. Seria impossível.

— Nada é impossível — disse Miranda, impertinente como sempre.

— Estou sendo bem cuidada por um amigo — concluí, acrescentando:

— Assine o seu nome e nada mais.

— Não poderia escrever: “O Sr. Clegg envia os seus melhores cumprimentos”?

— Muito divertido, não haja dúvida — retorqui, um pouco agastado.

Miranda escreveu algo mais e entregou-me a carta. As palavras que acrescentara eram as seguintes: “Até breve, um beijo da Nanda.”

— Que nome é esse? — perguntei-lhe

— É o nome que me chamam em casa desde pequenina. Assim, saberão que sou eu.

— Prefiro Miranda.

E era verdade. Para mim, não havia outro nome mais lindo do que esse. Miranda sobrescreveu o envelope, e eu abri-o para meter lá dentro a folha de papel, no entanto, felizmente, olhei para o seu interior e descobri um pedaço de papel do tamanho da metade de um invólucro de cigarro.

Não sei como o fez, porém, já devia ter aquela mensagem escrita e metera-a no envelope ao endereçá-lo. Desdobrei o papel e olhei para ela.

Continuava imperturbável. Encostou-se para trás e ficou a encarar-me.

Escrevera em letra muito miudinha, com um lápis bem afiado, mas as letras liam-se perfeitamente. Era muito diferente do texto da carta que eu lhe ditara, como se poderá ver:

“Querida mãe. Raptada por louco. F. Clegg. Funcionário Anexo Câmara Municipal que ganhou apostas mútuas futebol. Prisioneira porão casa antiga isolada data sobre a porta 1621. Colinas. A duas horas de Londres. Sã e Salva, por enquanto. Assustada. M.” Fiquei verdadeiramente zangado e chocado, não sabendo bem o que havia de fazer. Por fim, perguntei-lhe se estava mesmo assustada. Miranda não respondeu, limitando-se a assentir com a cabeça.

— Mas que mal lhe fiz eu?

— Nenhum. É por isso que estou assustada.

— Não entendo. Miranda baixou o olhar.

— Estou esperando que você faça alguma coisa.

— Já lhe prometi e volto a prometer — disse eu. — Você fica toda ofendida quando eu não acredito na sua palavra. Não sei por que será diferente para mim.

— Peço-lhe desculpa.

— Eu confiei em você — prossegui. — Pensei que tivesse compreendido que estava disposto a ser generoso, a fazer algo que tranquilizasse a sua família. Pois bem, não gosto que me enganem.

Guardei a carta no bolso.

Houve um longo silêncio. Eu sabia que Miranda estava olhando para mim. mas eu não queria olhar para ela! Depois, subitamente, levantou-se e aproximou-se de mim. Colocou as mãos sobre os meus ombros e obrigou-me a olhar para ela. bem nos olhos. Não sei explicar o que senti, mas sempre que Miranda era sincera, podia fazer o que quisesse de mim. podia-me dominar por completo a alma. Desta vez. disse ela:

— Você está portando-se como uma criança. Esqueceu-se de que me conserva aqui à força. Confesso que é uma força bastante gentil, contudo, é assustador.

— Enquanto você cumprir o que prometeu, eu também manterei a minha palavra — respondi-lhe, tornando-me muito vermelho, claro.

— Mas eu não lhe dei a minha palavra de que não tentaria fugir, não é?

— Você só vive para o dia em que não terá de voltar a ver-me.

Continuo a ser um zero. não é verdade?

Miranda afastou-se um pouco de mim:

— Só quero sair desta casa para sempre. Não lhe disse que não o queria ver mais.

— E chamou-me louco — murmurei, um pouco embaraçado. — Julga que um louco a trataria como eu a tenho tratado? Eu vou lhe dizer o que teria feito um louco. Já a teria assassinado há muito tempo... como esse maníaco Christie. Suponho que receia que eu a ataque com uma faca. ou qualquer outra coisa. (Devo dizer que nesse dia eu estava verdadeiramente aborrecido com ela.) Isso seria ridículo, e você também é ridícula ao pensá-

lo. Está bem, o fato de eu a conservar aqui talvez não seja muito normal. É

possível que eu não seja normal. Mas garanto lhe que se dariam muitos mais casos destes, se as pessoas dispusessem de tanto tempo e de tanto dinheiro como eu. De qualquer forma, há muito mais casos do que se pensa. A polícia nem se atreve a dizer quantos tem havido, para não assustar a população.

Miranda olhava para mim como se fôssemos dois desconhecidos. Eu nunca falara tanto de uma só vez, e ela ficara surpreendida.

— Não me olhe assim — pediu ela. — o que receio mais é qualquer coisa que existe dentro de você sem que sequer o saiba.

— Que coisa? — perguntei, ainda zangado.

— Não sei. Algo que está à espreita, nesta casa, neste quarto... algo que está prestes a explodir. De certo modo, estamos ambos do mesmo lado, contra essa coisa.

— Isso não passa de conversa.

— Todos nós queremos coisas que não podemos ter. Para que nos consideremos seres humanos decentes, precisamos de aceitar isso.

— Temos de procurar obter tudo o que queremos e, quando a nossa vida foi um fracasso, temos de nos aproveitar, sempre que há uma oportunidade — expliquei-lhe eu. — Claro, você não pode entender isso...

Miranda sorriu-me como se fosse muito mais velha do que eu:

— Você precisa de ser tratado por um psiquiatra.

— O único tratamento de que preciso é que você me trate como um amigo.

— Mas eu sou sua amiga, garanto-lhe — disse ela. — Ainda não o compreendeu?

Seguiu-se novo silêncio, que foi interrompido por Miranda.

— Não acha que isto já foi demasiado longe?

— Não.

— Não me deixará ir já embora?

— Não.

— Poderia amarrar-me e amordaçar-me, levando me para Londres sem que ninguém o visse. Eu não o denunciaria.

— Não.

— Mas há, por certo, qualquer coisa que você quer fazer comigo.

— Só quero estar com você, a seu lado. Todo o tempo.

— Na cama?

— Já lhe disse que não.

— Mas é isso que quer, não é?

— Prefiro não falar nesse assunto.

Miranda calou-se.

— Não me permito pensar no que sei ser uma coisa feia — disse eu, então. — Não creio que isso seja uma coisa bonita.

— Você é um ser extraordinário.

— Muito obrigado.

— Se me deixasse partir, eu desejaria vê-lo muitas vezes, porque a sua personalidade me interessa imenso.



— Como se fosse ao jardim zoológico?

— Não... para tentar entendê-lo.

— Nunca o conseguirá. (Confesso que gostei do aspecto homem misterioso da nossa conversa. Senti que provava que ela não sabia tudo.)

— Creio que talvez o viesse a compreender... acredite-me.

Depois, inesperadamente, Miranda ajoelhou-se diante de mim, com as mãos sobre a cabeça, à moda oriental. Repetiu três vezes a manobra.

— Aceitará, o misterioso grande senhor, as desculpas de uma humilde escrava?

— Vou pensar nisso — respondi-lhe.

— Escrava humilde muito arrependida por carta ruim.

Não consegui evitar rir; Miranda era uma excelente atriz.

Ficou de joelhos, com as mãos estendidas, muito séria, olhando-me fixamente.

— Promete enviar a carta à minha mãe?

Obriguei-a a pedir-me uma vez mais e depois cedi. Foi quase o maior erro da minha vida.

Decidi ir a Londres, no dia seguinte. Como um perfeito idiota, informei-a desse propósito e Miranda deu-me uma longa lista de coisas para comprar. Uma imensidade de coisas. (Mais tarde vim a saber que era para me manter ocupado.) Tive de comprar queijos estrangeiros e ir a um lugar no Soho onde havia umas salsichas alemãs de que ela gostava muito.

Comprei também discos e mais roupas. Pediu-me um quadro de um tal artista, tinha de ser esse mesmo, os outros não lhe serviam... Sentia-me verdadeiramente feliz, como se não houvesse uma única nuvem no céu.

Pensava que ela se esquecera do prazo das quatro semanas, bem, não esquecido, mas que tivesse aceito o fato de eu querer mais tempo. Que fantasia!

Só cheguei a casa à hora do chá e fui logo visitá-la, porém percebi imediatamente que havia qualquer coisa de errado. Miranda não ficou satisfeita por me ver e nem sequer olhou para as coisas que eu lhe trouxera.

Depressa compreendi por que, ao ver as quatro pedras que ela soltara da parede, para fazer um túnel, suponho. Notei muita poeira nos degraus e, olhando bem, vi que as pedras estavam no seu lugar, mas soltas. Retirei-as com facilidade e olhei para Miranda. Ela estava sentada na cama, não me encarando de frente. Não havia grande perigo. A parede era toda de pedra e as que ela soltara não faziam grande diferença. Mas logo compreendi a razão das salsichas e dos livros. Fora tudo para eu demorar mais tempo.

— Você tentou fugir.

— Não me aborreça! Cale-se! — gritou ela.

Comecei a procurar o instrumento com que ela fizera aquele trabalhinho. Subitamente, algo voou por cima da minha cabeça e foi cair ruidosamente a pouca distância. Tratava-se de um velho prego de quase dez centímetros. Não sei onde ela o poderia ter encontrado.

— Nunca mais a deixarei só durante tanto tempo — disse-lhe eu — Já não posso confiar mais em você.

Miranda voltou-me as costas, não falando, e eu assustei-me ao pensar que ela talvez fizesse de novo a greve da fome. Não insisti mais sobre o caso. Deixei-a só. Mais tarde, trouxe-lhe o jantar. Ela não falou. Saí do quarto.

No dia seguinte, verifiquei que já estava melhor, embora ainda se recusasse a falar; nunca mais voltou a mencionar aquela tentativa de fuga.

Mas eu vi um grande arranhão no seu pulso direito e vi-a fazer uma careta de dor, quando tentou servir-se do lápis para desenhar.

Não pus a carta no correio. A polícia é muito astuta com esse gênero de coisas. Um rapaz que conheci na Câmara Municipal tinha um irmão que trabalhava na Scotland Yard. Disse-me que lhes bastava um pouco de poeira para saberem de que lugar viera.

Claro, quando Miranda me perguntou, fiquei muito vermelho; disselhe que era apenas porque ela não confiava em mim, etc. Pareceu acreditar-me. Talvez não fosse muito bonito para com os pais dela, mas pelo que Miranda me dissera eles não eram muito boas pessoas, e, de resto, não posso estar sempre a pensar nos outros. As coisas mais importantes, primeiro, como se costuma dizer.

Procedi da mesma forma no tocante ao dinheiro que ela desejava que eu enviasse para o movimento contra a bomba de hidrogênio. Assinei um cheque e mostrei-lhe, mas não enviei. Miranda queria uma prova (o recibo), porém eu disse que o remetera anonimamente. Só fiz isso para lhe agradecer (assinar o cheque) mas não via qualquer razão para desperdiçar dinheiro numa coisa em que eu não acreditava. Conheço muita gente rica que oferece quantias importantes, contudo, na minha opinião, isso só se faz para se ver o nome no jornal, ou então para diminuir os impostos sobre a renda.

De cada vez que Miranda tomava banho, eu tinha de pregar aquelas tábuas em frente da janela. Nunca houve novidade. Certa vez, quando já era muito tarde (onze horas da noite), tirei-lhe a mordaca antes de ela entrar no banheiro. Era uma noite de muito vento, quase tempestuosa.

Quando voltamos para o andar de baixo, pediu-me que a deixasse ficar um pouco na sala de estar (ela já me repreendera por eu dizer salão); concordei, embora insistisse em conservar-lhe as mãos amarradas, pois não vi que pudesse haver algum mal nisso. Liguei o radiador na chaminé (Miranda disse-me que os radiadores elétricos nas chaminés a imitar lenha eram de um mau gosto horrível e que eu devia ter tenha em abundância, o que mais tarde fiz). Ficamos sentados durante algum tempo, eu numa cadeira e ela sobre o tapete a secar o cabelo, que acabara de lavar. Claro, eu não fazia outra coisa senão observá-la. Pusera umas calças que eu lhe comprara, estando muito atraente, toda de negro, exceto por um pequeno lenço vermelho em volta do pescoço. Um dos meus maiores prazeres era vê-la fazer as tranças, mas

agora era bem melhor, pois tinha o cabelo todo solto sobre as costas.

Passado algum tempo, quando achou que já secara suficientemente o cabelo, Miranda levantou-se e deu alguns passos pela sala, parecendo algo inquieta. Disse várias vezes que estava “aborrecida”. Continuou repetindo as mesmas palavras durante bastante tempo. Era curioso ouvi-la dizer aquilo, com o vento soprando tão forte lá fora.

De súbito, parou diante de mim.

— Divirta-me. Faça alguma coisa.

— Que posso eu fazer? — perguntei-lhe eu. — Fotografias?

Miranda, entretanto, não queria fotos.

— Não sei. Cante, dance, qualquer coisa...

— Não sei cantar, ou dançar...

— Conte-me todas as anedotas que sabe.

— Não sei anedotas — respondi-lhe, sem mentir. Não me lembrava de uma única.

— Mas deve saber, com certeza. Eu pensava que todos os homens sabiam anedotas obscenas.

— Não lhe contaria, mesmo que soubesse alguma.

— Por que não?

— São só para os homens.

— De que pensa você que falam as mulheres quando estão sós? Tenho a certeza de que sei mais anedotas obscenas do que você.

— Não me surpreenderia. — respondi-lhe.

— Ah, você é como o mercúrio! Não se pode manejar.

Miranda afastou-se, mas, inesperadamente, agarrou num almofadão e lançou-o para cima de mim. Fiquei, claro, muito admirado; levantei-me e Miranda lançou-me outro com todas as suas forças; baixei-me, quando vi chegar o terceiro, que foi atingir uma chaleira de cobre que estava em cima da mesa.

— Cuidado! — recomendei-lhe.

— Venha, tartaruga! — exclamou Miranda (creio que se tratava de uma citação literária). De todos os modos, quase em seguida, Miranda atirou-me com um jarro que estava em cima da chaminé. Creio que me gritou para o agarrar, mas não consegui fazê-lo, e ele caiu no chão, partindo se em mil pedaços.

— Calma, tenha cuidado! — repeti.

Seguiu-se nova jarra. Miranda ria alegremente, não viciosa ou histericamente, mas como se se divertisse muito, como uma criança. Coube depois a vez a um pequeno prato de cerâmica que estava pendurado na parede, que também acabou em pedaços. Não sei por que, porém eu sempre admirara esse prato e não gostei de o ver partido. Gritei, pois, muito asperamente:

— Acabe com isso! Já!

A sua única resposta foi levar o dedo polegar ao nariz e pôr a língua de fora, tal e qual como um garoto das ruas.

— Você já tem idade para ter juízo — disse-lhe eu.

— Já tem idade para ter juízo — repetiu Miranda, troçando de mim e acrescentando: — Venha para este lado, para eu poder ir tratar da saúde desses pratos que estão aí atrás de você! A não ser que os queira partir você mesmo...

— Basta! — exclamei, agastado.

Mas, de súbito, Miranda avançou por trás do sofá, aproximando-se dos pratos. Consegui interceptá-la e segurei-a por um braço. Miranda mudou no mesmo instante.

— Largue-me! — disse ela, muito fria. Não a soltei, claro, pensando que ainda estava a brincar.

— Largue-me já!

Desta vez, Miranda falava com tal tom na voz que a larguei logo.

Depois, mais calma, foi-se sentar em frente da chaminé. Passados uns bons dez minutos, voltou a falar:

— Vá buscar uma vassoura para eu limpar todos estes cacos.

— Eu encarrego-me disso amanhã.

— Fui eu quem fez os estragos, sou quem deve limpar tudo isto —

respondeu ela, muito autoritária.

— Eu o farei...

— A culpa foi toda sua.

— Naturalmente.

— Você é o mais perfeito exemplo de pequeno burguês cacete que tenho conhecido.

— Sou mesmo?

— É, sim. Você despreza as verdadeiras classes burguesas por causa do seu esnobismo e maneiras afetadas de falar. Isso é verdade, não é?

Todavia, tudo o que você tem em si para substituir essas características é uma recusa mesquinha de ter pensamentos feios, ou de fazer qualquer coisa de menos próprio. Saberá, porventura, que todas as grandes coisas da história da arte e tudo o que é belo na vida são, na realidade, aquilo a que você chama impróprio, ou então resultaram de sentimentos que você considera talvez indecentes? Sentimentos como a paixão, o amor. o ódio ou a verdade. Sabia disso?

— Não sei de que está você falando...

— Sabe, sim! Para que emprega essas palavras tão ridículas...

agradável, desagradável, próprio, impróprio? Está sempre a empregá-las!

Para quê? Por que se preocupa tanto com o que é próprio? Tenho a impressão de que você é como uma velha solteirona que acha que o casamento é uma coisa suja e que tudo o que não seja uma xícara de chá numa sala abafada e antiquada é verdadeiramente impróprio! Para que rouba você toda a vida à sua vida? Para que mata toda a beleza?

— Nunca tive as vantagens que você teve. Deve ser por isso.

— Pode mudar... ainda é novo, tem muito dinheiro. Nada o impede de aprender. Teve um sonho, um daqueles sonhos que os adolescentes têm quando se masturbam, e resolveu ser muito agradável para comigo para que não tenha de se confessar a si próprio que todo o caso de me ter aqui fechada é horrível, horrível, horrível...

Miranda calou-se, acrescentando depois:

— Isto não serve para nada. É como se eu estivesse falando grego.

— Entendo muito bem o que me disse — respondi-lhe — nas não tive a sua educação.

Miranda quase gritou, então:

— Você é estúpido. Perverso mesmo! Não, a verdade é que não o considero estúpido, estou até convencida de que poderia conseguir tudo o que quisesse. Você tem dinheiro... tem agora uma oportunidade para se desligar do seu passado. Tem de matar a sua tia, a casa em que viveu e a gente com quem tem convivido. Tem de se tornar num novo ser humano.

Miranda fez-me uma careta como se aquilo fosse uma coisa fácil que eu poderia fazer, mas que não queria.

— Que esperança! — exclamei eu, tristemente.

— Você podia fazer tanta coisa! Poderia colecionar bons quadros. Eu dir-lhe-ia o que comprar e apresentá-lo-ia a pessoas que lhe diriam tudo sobre a forma de colecionar obras de arte. Pense em todos os artistas pobres a quem poderia ajudar, em vez de massacrar borboletas como um rapaz de escola.

— Há grandes eruditos que colecionam borboletas — redargüi.

— Eruditos?! O que é isso? Para que serve ser erudito? O que interessa é saber se são seres humanos.

— Que quer dizer com isso?

— Se tem de perguntar, não lhe posso responder...

Miranda pensou durante um momento e depois voltou a falar:

— Parece que acabo sempre por amesquinhá-lo. Asseguro-lhe que não gosto de o fazer. O culpado é você, que se diminui ainda mais a si próprio.

.Era seu hábito tratar-me assim, de vez em quando, mas eu perdoava-a, naturalmente, embora me doesse bastante ouvi-la dizer essas coisas. O

que ela queria era uma pessoa diferente de mim, uma pessoa que eu nunca poderia ser. Por exemplo, pensei toda a noite nessa questão de colecionar obras de arte, de ter uma casa com pinturas famosas nas paredes e uma quantidade de pessoas que as viessem admirar. Miranda estaria comigo, claro... Mas eu sabia, bem no fundo, que isso tudo era um disparate; eu nunca colecionara outra coisa senão borboletas. As pinturas nada significam para mim. Não o faria por gostar de o fazer, e, assim, não valeria verdadeiramente a pena fazê-lo. Ela nunca poderia compreender isso.

Miranda fez outros desenhos de mim que ficaram bastante bons, mas havia qualquer coisa neles de que eu não gostava; não se preocupava tanto com as minhas feições quanto com aquilo a que ela chamava o meu carácter interior. Por vezes, fazia o meu nariz muito bicudo e a minha boca muito magra e desagradável, ainda bem mais do que já é, pois sei que não sou nenhuma beleza. Eu nem sequer me atrevia a pensar no fim das quatro semanas, que já se aproximava, e não sabia o que se iria passar, apesar de calcular que teríamos grandes discussões, quando eu lhe dissesse que teria de ficar mais quatro semanas. Ela aceitaria, com certeza — tendo eu imaginado já ter alguma ascendência sobre ela e poder forçá-la a querer o que eu quisesse. Na realidade, eu vivia de um dia para o outro. Não me era possível fazer planos. Limitava-me a aguardar. Devo dizer que até encarava a perspectiva de a polícia chegar de repente. Certa vez, tive um sonho terrível: a polícia surgira inesperadamente, e eu tivera de matar Miranda antes de os agentes entrarem no quarto. Parecera-me ser meu dever fazê-lo, e o único instrumento que encontrara para a matar fora um almofadão. Bati-lhe e bati-lhe com o almofadão, e Miranda ria e ria, sem se poder dominar. Tive então de saltar para cima dela e asfixiá-la. Quando me levantei, julgando-a morta, ela começara a rir de novo. Acordei a transpirar, pois nunca antes sonhara assassinando alguém.

Miranda começou a falar na sua partida muitos dias antes do fim das quatro semanas. Dizia-me constantemente que nunca contaria o ocorrido a quem quer que fosse, mas eu sabia que, mesmo que ela estivesse sendo sincera, a família ou a polícia acabariam por obrigá-la a denunciar-me.

Dizia também que ficaríamos amigos e que me ajudaria a escolher as obras de arte, prometendo fazer-me companhia sempre que eu precisasse dela. Era muito simpática, nessa altura, apesar de, claro, ter as suas razões para o fazer.

O dia fatal chegou, por fim (10 de novembro, devendo ela ser posta em liberdade no dia 11). e a primeira coisa que fez quando lhe fui levar o desjejum foi propor que tivéssemos um jantar de despedida nessa noite.

— E quem convidaremos? — perguntei-lhe, de brincadeira, sem me sentir, como é de imaginar, muito

bem disposto.

— Só nos dois. Porque... bem... porque ambos conseguimos chegar ao fim disto sem que acontecesse uma grande calamidade.

Miranda acrescentou logo em seguida:

— Jantaremos lá em cima, na sua sala de jantar...

Tive de concordar. Que outra coisa poderia eu fazer?

Miranda deu-me uma lista de coisas especialíssimas para eu comprar na melhor mercearia de Lewes e depois pediu-me que trouxesse também uma garrafa de xerez e outra de champanha. Concordei. Eu nunca a vira tão excitada. Suponho que eu me encontrava no mesmo estado. Já sentia, nessa altura, o mesmo que ela sentia.

Para a fazer rir, disse-lhe que o jantar era de *black-tie* e Miranda lamentou-se logo por não ter um vestido próprio para a ocasião. Informou-me também de que precisava de água quente para lavar o cabelo.

Prometi-lhe que lhe compraria um vestido em Lewes, se ela me dissesse de que cor o desejava.

É curioso, eu fora tão prudente até aí e cometera um erro daqueles.

Senti-me ruborizar, mas Miranda sorriu-me.

— Eu já sabia que era Lewes. Vi uma etiqueta num dos almofadões...

e gostaria de um vestido preto, ou então cinzento pedra. Espere um momento...

Miranda começou a misturar cores na sua paleta, como já o fizera uma vez quando quisera um lenço de uma cor especial numa ocasião em que fora a Londres:

— Pronto, o vestido tem de ser desta cor e deverá ser muito simples, não muito comprido, até aos joelhos, com mangas assim (Miranda desenhou então o estilo que queria), ou então sem mangas, algo assim... ou assim.

Eu gostava sempre de a ver desenhar. Fazia-o muito rapidamente, com gestos enérgicos e decisivos, como se tivesse grande pressa de terminar o que iniciara.

Naturalmente, os meus pensamentos, nesse dia, estavam longe de ser felizes. Ainda não tinha um plano. Não sabia sequer o que iria acontecer.

Não sei, ainda hoje, se pensava ou não em manter o acordo, embora este me tivesse sido forçado e, como se costuma dizer, promessas forçadas não são promessas.

Em vez de ir a Lewes, fui a Brighton — onde as lojas são melhores —

e, depois de muito procurar, encontrei o vestido que ela queria numa *boutique*; via-se logo que era um

vestido de classe. Não o queriam vender sem uma prova, embora eu soubesse quais eram as medidas de Miranda.

Bem, ao voltar para junto do carro, passei por uma joalheria e, de súbito, pensei que seria boa idéia comprar-lhe um presente fino, o que, por certo, me ajudaria, quando a coisa explodisse. Vi um colar de safiras e diamantes sobre um pedaço de veludo preto, que me agradou muito. Tinha a forma de um coração — quero dizer, claro está, que haviam exposto o colar na forma de um coração. Entrei na loja; o colar custava trezentas libras e quase tornei a sair no mesmo instante, porém a minha natureza generosa levou a melhor. Afinal de contas, eu tinha dinheiro para isso e para muito mais. A vendedora da loja pô-lo ao pescoço, e fiquei certo de que o colar era muito bonito e bem acabado. A vendedora disse-me que as pedras eram pequenas, mas que eram de primeira água e que o desenho era vitoriano.

Lembrei-me de que Miranda dissera uma vez que gostava muito de tudo o que era vitoriano, e isso acabou por me convencer. Houve certa dificuldade a propósito do cheque, como já era de esperar. A vendedora não o queria aceitar, de início, mas eu disse-lhe para telefonar para o meu banco e, depois de o fazer, mudou logo de expressão. Se eu tivesse falado num tom aristocrata e dissesse que era o lorde isto ou aquilo, ela teria... contudo, não tenho tempo para falar dessas coisas.

É curioso como uma idéia conduz a outra. Quando estava comprando o colar, vi uns anéis, e isso levou-me a pensar que a poderia pedir em casamento e que, se ela me recusasse, teria então um bom pretexto para a conservar por mais algum tempo. Seria essa a minha desculpa. Eu sabia que ela nunca aceitaria casar comigo. Não hesitei. Comprei o anel. Não era feio, mas custou-me pouco. Era mais para me ajudar no meu plano do que para agradar a Miranda.

Quando cheguei a casa, já tarde, fui logo lavar o colar (não gostava da idéia de ele ter estado no pescoço de outra mulher) e escondi-o de maneira a poder mostrar-lhe, quando chegasse o momento propício.

Depois, sempre preocupado, fiz todos os preparativos que ela me indicara: flores nos jarros, as garrafas de vinho sobre a mesa. etc.

Tínhamos combinado que eu iria buscá-la às sete horas. Depois de lhe levar os embrulhos, não a deveria ver até ir buscá-la para o jantar, tudo como se fosse antes de um casamento.

Decidi que, por esta vez, a deixaria vir sem a amordaçar ou lhe amarrar as mãos, embora a vigiasse atentamente e tivesse o clorofórmio pronto para qualquer emergência. Se alguém batesse à porta, por exemplo, eu teria de a anestésiar e de a amarrar, escondendo-a na cozinha — tudo isso num ápice.

Enfim, às sete horas, vestido como o meu melhor terno, descí ao porão para apanhá-la. Chovia, o que me era muito conveniente. Miranda fez-me esperar dez minutos e depois apareceu. Fiquei absolutamente boquiaberto.

Cheguei a pensar, por um momento, que não era ela. Estava tão diferente!

Muito perfumada com uma água de colônia que eu lhe dera e, pela primeira vez desde que chegara, maquilara-se completamente. O vestido ia-lhe às mil maravilhas. Era muito simples, mas imensamente elegante, deixando-lhe os braços e o pescoço a descoberto. Não se tratava de um vestido juvenil. Miranda parecia uma verdadeira mulher. Tinha o cabelo penteado de maneira diferente, ao alto da cabeça, muito elegante. Estilo império, como ela lhe chamava. Era tal e qual uma daquelas moças que se



vêm nas revistas de modas; surpreendia-me de fato a sua capacidade de ser elegante quando lhe apetecia. Os olhos também estavam diferentes.

Miranda desenhara traços negros em sua volta e ficara com um olhar muito sofisticado. Sofisticado, sim, essa é a palavra exata. Claro, fez-me sentir muito embaraçado e deselegante. Sofri a mesma sensação que sempre me assalta, quando tenho de matar um espécime muito belo. O que quero dizer é que a beleza me torna algo confuso. Fico sem saber o que quero, o que devo fazer.

— Então?

Miranda deu uma volta sobre si mesma para se mostrar.

— Maravilhosa! — disse-lhe eu.

— Acha que sim?

Miranda estava uma autêntica sensação.

— Está muito bela — observei, não sabendo o que mais podia dizer.

Queria olhar para ela todo o tempo e não o podia fazer. Sentia-me algo assustado, confesso.

Quero dizer que era um pouco como se fôssemos ainda mais diferentes um do outro do que o éramos habitualmente. E sabia cada vez mais que nunca a poderia deixar partir.

— Então? Subimos? — perguntei-lhe.

— E a mordança? Não me amarra as mãos?

— Já não vale a pena — respondi-lhe. — Isso tudo já acabou.

— Penso que a decisão que tomou é uma das melhores coisas que tem feito na sua vida. Vai ver que assim é.

— Uma das mais tristes... — não consegui evitar de o dizer.

— Não, triste não. É o começo de uma nova vida. E também de um novo Ferdinand.

Miranda deu-me a mão e conduziu-me pelas escadas acima. Chovia muito, e ela respirou fundo, uma vez só antes de entrar na cozinha e de se dirigir à sala de estar.

— isto é muito agradável — disse ela.

— Eu pensava que você dissera que essa palavra nada significava — retorqui.

— Há algumas coisas que são agradáveis. Oferece-me um cálice de xerez?

Servi um para ela e outro para mim. Enfim, Miranda fez-me rir, fingindo que a sala estava cheia de

pessoas, cumprimentando-as e dizendo-me quem eram elas. Falou-me depois da minha nova vida e pôs um disco na vitrola. A música que escolhera era muito suave. Ela estava verdadeiramente bela! Estava também muito mudada. Os seus olhos haviam adquirido nova vida, e com o xerez, o perfume francês e o calor da chaminé — lenha verdadeira desta vez — eu quase esqueci o que teria de fazer mais tarde. Cheguei mesmo a contar algumas anedotas muito estúpidas. De qualquer forma, ela riu muito.

Enfim, tomou outro cálice de xerez e depois entramos na sala de jantar, onde eu colocara o meu presente no seu lugar à mesa — que ela viu imediatamente.

— Para mim?

— Veja o que é — respondi-lhe.

Miranda desembalou o estojo, que era azul, de couro, e, quando o abriu, ficou olhando para as pedras do colar sem dizer uma palavra.

— São verdadeiras?

Miranda estava admirada, verdadeiramente admirada.

— Claro... As pedras são pequenas, mas de primeira qualidade.

— São fantásticas! — exclamou, estendendo-me o estojo. — Não posso aceitar o colar. Eu sei, ou ju,go que sei, por que razão me ofereceu e estou-lhe muito agradecida, porém... não posso aceitá-lo.

— Eu quero que o aceite.

— Mas... Ferdinand, se um homem oferece um presente destes a uma moça... só pode querer dizer uma coisa.

— O que?

— As outras pessoas têm um espírito muito mesquinho.

— Mas eu quero que você fique com ele... por favor.

— Farei de conta que é meu... vou pô-lo ao pescoço como se o fosse.

— Mas é mesmo seu.

Miranda deu a volta à mesa e aproximou-se de mim.

— Ponha-me o colar — disse ela. — Quando um rapaz dá jóias a uma moça, deve também colocá-las.

Miranda voltou-se de costas para mim. e eu pus-lhe o colar ao pescoço. Tive certa dificuldade com o fecho, as minhas mãos tremiam.

pois era a primeira vez que lhe tocava a pele, a não ser a sua mão. Miranda cheirava tão bem, que eu poderia ter ficado ali junto a ela toda a noite. Por fim, voltou-se para mim e olhou-me longamente.

— Fica-me bem? — perguntou.

Eu assenti com um gesto de cabeça, não podendo falar. Queria dizer-lhe algo de muito agradável, um cumprimento mas não encontrava palavras.

— Gostaria de me dar um beijo no rosto?

Não lhe respondi, entretanto, Miranda colocou a mão sobre o meu ombro, pôs-se na ponta dos pés e deu-me um beijo muito ao de leve na face. Eu tornei-me mais vermelho que um pimentão, e fiquei imensamente embaraçado.

Tínhamos frango frio e outras coisas para o jantar; abri a garrafa de champanha e fiquei muito surpreendido por gostar tanto, quando o provei.

Arrependi-me de não ter comprado outra garrafa. Parecia muito fácil de beber e não intoxicava. Rimos muito, e Miranda, maliciosa e espirituosa, continuava fingindo que havia mais pessoas à mesa, falando-lhes e fazendo comentários sobre as suas vidas.

Após o jantar, sempre muito bem dispostos, fomos fazer café na cozinha (eu continuava vigiando-a com toda a atenção, claro) e, em seguida, sentamo-nos na sala de estar a ouvir uns discos de jazz que eu lhe comprara.

Resolvemos, depois, brincar de charadas; Miranda representava coisas, sílabas de palavras, e eu tinha de adivinhar o que eram. Eu era muito fraco, tanto para adivinhar como para representar. Lembro-me de que uma das palavras que ela representou foi “borboleta”. Repetiu várias vezes os gestos, todavia não consegui adivinhar. Disse-lhe que era um avião e depois vários gêneros de pássaros e, por fim, ela deixou se cair sobre uma cadeira, dizendo que eu era impossível. Quis dançar e tentou ensinar-me o samba e o *twist*, mas eu fiquei muito confuso e não consegui acertar com o ritmo. Deve ter pensado que eu era verdadeiramente estúpido e desajeitado.

Miranda disse me então que tinha de ir ao banheiro por um momento.

Não gostei muito da idéia, mas, claro, não podia esperar que ela fosse ao porão só para isso e tive de a deixar ir. Fiquei junto às escadas, espiando para ver se ela fazia algum movimento suspeito ou quaisquer sinais com a luz (eu não pusera as tábuas em frente da janela, descuido imperdoável). A janela era muito alta, e eu sabia que ela não poderia descer por aí sem que eu o notasse. De todas as formas, só demorou alguns minutos e, logo que saiu do banheiro, viu-me nas escadas.

— Não confia em mim? — perguntou ela, algo zangada.

— Confio, sim — respondi eu. — Não é isso.

Voltamos para a sala de estar.

— O que é, então?

— Se você fugisse agora, ainda poderia dizer que eu não a libertara, mas se for eu mesmo levá-la a casa, poderei dizer que lhe permiti partir por minha própria vontade. Já sei que isso é um pouco ridículo — acrescentei.

A situação era muito difícil e tive de fazer um grande esforço para que ela não visse que eu estava mentindo.

Bem, ao ouvir a minha explicação, Miranda sorriu e disse-me:

— Venha sentar-se aqui a meu lado, quero conversar com você.

Obedeci-lhe.

— Que vai fazer quando eu me for embora?

— Não quero pensar nisso — respondi.

— Desejará continuar a ver-me?

— Claro que sim.

— Está disposto a ir viver em Londres? Deixar-me-á transformá-lo numa pessoa verdadeiramente moderna? Num homem de fato interessante?

— Você teria vergonha de me mostrar aos seus amigos.

Aquilo tudo era irreal. Eu sabia que ela estava fingindo, da mesma maneira que eu. Senti uma terrível dor de cabeça. Corria tudo mal.

— Tenho muitos amigos. E sabe por quê? Porque nunca tenho vergonha deles. Conheço toda a espécie de pessoas. Garanto-lhe que você não é o mais estranho deles todos. Tenho um amigo que é imensamente imoral, mas é um excelente artista e, por isso, perdoamos-lhe. Esse amigo não tem vergonha. Você tem de o imitar. Não deverá ter vergonha do que quer que seja. Prometo ajudá-lo. Vai ver que é fácil.

O momento parecia propício. De todas as formas, eu não podia esperar mais tempo.

— Case comigo, por favor — disse eu.

Tinha o anel no bolso, pronto a oferecer-lhe.

Houve um silêncio.

— Tudo o que tenho é seu.

— O casamento significa amor — disse Miranda.

— Eu não esperarei o que quer que seja — redargüi. — Não quererei coisa alguma que você não queira. Poderá fazer o que quiser, estudar arte, etc. Nada lhe pedirei, absolutamente nada, exceto ser minha mulher e viver comigo na mesma casa.

Miranda continuava sentada, olhando para o tapete.

— Poderá ter o seu próprio quarto e fechar-se a chave todas as noites.

— Mas isso é horrível! É desumano! Nunca nos compreenderemos.

Não temos a mesma espécie de coração.

— Acredite que tenho um coração, apesar de tudo isto.

— Eu só penso nas coisas como sendo belas ou não. Não compreende? Não penso em coisas boas ou más. Só em coisas belas ou feias. Penso que muitas das coisas supostamente agradáveis são feias e que outras coisas, que são consideradas feias e desagradáveis, são, na realidade e na sua essência, verdadeiramente belas.

— Você está jogando com palavras — disse eu, mas Miranda limitou-se a olhar-me, sorrindo depois e levantando-se. Foi encostar-se à chaminé.

Estava muito bela, disso não restavam dúvidas. Contudo, infelizmente, estava também muito retraída, com certo ar de superioridade.

— Suponho que você está apaixonada por esse tal Piers Broughton —

disse-lhe eu, querendo surpreendê-la.

Miranda ficou muito admirada, na realidade.

— Como é que você sabe da existência dele?

Expliquei-lhe então que lera o nome nos jornais, que uma das notícias dissera que estavam noivos.

— Vi logo que isso não era verdade.

Miranda riu gostosamente:

— Ele é a última pessoa com quem me casaria. Casaria antes com você.

— Então por que não o faz?

— Porque não me posso casar com um homem a quem sinto não pertencer integralmente. O meu espírito teria de ser do meu marido, o meu coração teria de ser dele, o meu corpo teria de ser dele... Da mesma forma que todo ele teria de pertencer-me.

— Eu pertenço-lhe.

— Isso não é verdade! Pertencer significa duas coisas. Uma que dá e a outra que aceita o que se lhe dá. Você não me pertence porque eu não o aceito. Nada tenho para lhe dar em troca.

— Não quero muito.

— Já sei que não quer. Só deseja as coisas que tenho de dar, de todas as formas. O que pareço, o que sou, como fato, como ando. Mas eu também sou outras coisas. Tenho muito mais para dar. E não lhe posso dar, porque não o amo.

— Isso muda tudo, então, não é verdade? — perguntei-lhe, levantando-me com a cabeça a doer-me cada vez mais. Miranda entendeu logo o que eu quisera dizer. Percebi-o pela expressão, embora ela fingisse não ter compreendido.

— Que quis dizer com isso?

— Sabe muito bem.

— Estou disposta a casar com você... casar-me-ei logo que desejar.

— Ha, ha! — trocei eu.

— Não é isso que queria ouvir?

— Julga que eu não sei que há necessidade de testemunhas e tudo mais?

— E então?

— Não posso ter confiança em você.

Miranda olhou-me de uma forma que me causou arrepios. Como se eu não fosse um ser humano. Não foi um olhar de desdém, mas sim como se eu fosse um habitante de outro planeta. Fiquei como que fascinado.

— Você julga que me engana, mas eu não sou assim tão estúpido!

Ela disse apenas:

— Ferdinand! — como se fizesse um apelo. Mais um dos seus truques.

— Não me fale assim — disse eu .

— Você prometeu. Tem de cumprir o que prometeu.

— Eu faço o que quero.

— Mas que quer você de mim? Como posso eu provar que sou sua amiga, se nunca me deixa tentar?

— Cale-se!

Depois, subitamente, Miranda agiu como eu sabia que ia acontecer.

Estava pronto para lhe fazer frente, mas devo dizer que não contara com o ruído de um automóvel que se ouviu inesperadamente lá fora. Ela estendeu a perna e, com um chute, atirou um dos cepos que ardiam na chaminé para cima do tapete, ao mesmo tempo que, gritando que nem uma louca, corria para as janelas, contudo, ao ver que estavam bem fechadas, dirigiu-se para a porta. Alcancei-a a tempo e segurei-a com força. Não houve tempo de ir buscar o clorofórmio, que estava numa gaveta, pois tive de agir com grande velocidade. Continuando a gritar, esbofeteou-me e arranhou-me, porém eu não estava com disposição para ser gentil e, brutalmente, tapei-lhe a boca com a mão. Ela esperneou e tentou libertar-se. Eu estava quase em pânico e, reunindo todas as minhas forças, arrastei-a para junto da gaveta onde guardara o

clorofórmio. Ao ver o que era, ficou ainda mais enraivecida. Sacudiu a cabeça freneticamente e mordeu-me a mão, mas isso de nada lhe serviu. Consegui, enfim, aplicar-lhe o clorofórmio. Eu não deixara, durante toda a luta, de escutar atentamente o ruído do automóvel que passava e de olhar para o pedaço de lenha que ardia sobre o tapete. A sala estava cheia de fumo. Bem, quando Miranda perdeu a consciência, deitei-a sobre o sofá e fui apagar o incêndio com um jarro de água. Tive de agir com grande rapidez, isso era o mais importante, e decidi levá-la para o porão antes de ela voltar a si. Levei-a nos braços e deitei-a na cama. Fui de novo à sala para ver se apagara mesmo o incêndio e se havia alguém nas proximidades.

Abri a porta principal, como se nada tivesse acontecido, no entanto a estrada estava deserta. Corria tudo bem.

Voltei para junto de Miranda.

Continuava inconsciente. Estava numa desordem completa, com o vestido todo caído de um lado. Não sei o que aconteceu, mas senti-me muito excitado e algo estranho, ao vê-la ali deitada, assim como estava. Era como se eu lhe tivesse mostrado quem é que mandava. Tinha um dos ombros completamente nu e, numa das pernas, podia até ver-lhe a parte superior da meia. Não sei o que isso me recordou, porém lembrei-me de um filme americano que vi (ou teria sido uma revista?), em que um homem levou para casa uma moça embriagada, despindo-a e deitando-a, nada praticando de impróprio; só fez isso e nada mais. A moça acordou de manhã com o pijama desse homem.

Resolvi fazer o mesmo. Tirei-lhe o vestido e as meias, deixando-lhe certas peças, o sutiã e o resto, para não ir demasiado longe. Miranda estava verdadeiramente bela, assim, quase nua, como se estivesse com um biquíni.

Era a oportunidade que eu tanto esperava. Fui buscar a câmara e fiz algumas fotografias. Teria feito mais, porém Miranda moveu-se um pouco e, algo assustado, deixei-a só e fechei ambas as portas do porão.

Fui logo revelar e imprimir as fotografias. Ficaram bastante boas.

Nada de muito artístico, mas muito interessantes.

Essa noite, não dormi de todo, tal era o estado em que me encontrava.

Sentia-me tão fora de mim, que houve momentos em que cheguei a pensar em voltar lá embaixo para lhe aplicar mais clorofórmio e tirar outras fotografias. Não sou verdadeiramente assim e só me sentia tão excitado por causa de tudo o que acontecera e do esforço que tivera de fazer. Devo dizer que o champanha também me causou algum efeito. E tudo o que ela me disse. Foi aquilo a que se chama uma culminação de circunstâncias.

As coisas nunca voltaram a ser como antes, apesar de tudo o que depois aconteceu. O incidente provou-me, não sei bem como, que nunca poderíamos viver juntos, em paz e sossego, que ela nunca me compreenderia. Suponho, de resto, que ela também pensava que eu nunca a poderia compreender.

Sobre aquilo que fiz — despi-la e fazer as fotografias — decidi que não fora muito grave; a maioria dos homens não teria conseguido dominar-se como eu o conseguira, o que era um ponto a meu favor.

Pensei no que devia fazer e resolvi que o melhor seria uma carta. Eis, pois, o que escrevi:

Peço-lhe desculpa pelo que se passou ontem à noite. Creio que deve estar pensando que nunca mais me poderá perdoar.

Eu disse-lhe uma vez que nunca empregaria a força, a não ser que me obrigasse a isso. Creio que confessará que me obrigou a proceder como procedi.

Acredite que só fiz o necessário. Tirei-lhe o vestido porque pensei que talvez vomitasse quando voltasse a si.

Portei-me como todo respeito que me foi possível nas circunstâncias.

Reconheça, por favor, que me portei melhor do que qualquer outro teria feito.

Não direi mais, exceto que terei de a conservar aqui por mais algum tempo.

Sinceramente seu, etc.

Não pus começo algum na carta; não sabia como tratá-la: “Querida Miranda”, parecia-me demasiado familiar.

Enfim, fui-lhe levar o desjejum. Miranda estava tal e qual eu a imaginara, sentada numa cadeira, olhando-me fixamente. Dei-lhe bom-dia, e ela não me respondeu. Perguntei-lhe se queria cereais, mas permaneceu calada. Deixei a bandeja com a refeição e a carta e fui esperar no porão exterior. Quando voltei, vi que não tocara na comida e deixara a carta por abrir. Continuava imóvel, olhando-me. Eu sabia que não valia a pena falar-lhe: Miranda estava verdadeiramente zangada.

Ficou assim durante vários dias. Não comeu absolutamente nada e, que eu soubesse, bebera apenas um pouco de água. Recusava tudo o que eu lhe levava, entretanto, uma das vezes, encontrei a carta rasgada. Não sabia se ela a lera, mas pelo menos, tocara-lhe. Tentei tudo: falei-lhe gentilmente, fingi-me zangado, implorei-lhe, porém foi em vão. Na maioria das vezes, voltava-me as costas, parecendo não ouvir o que eu dizia. Levei-lhe coisas especiais como chocolate suíço, caviar, os melhores alimentos que o dinheiro podia comprar (em Lewes), mas Miranda nunca lhes tocava.

Comecei a ficar realmente preocupado. Todavia, certa manhã, quando entrei no quarto, Miranda estava de costas para a porta, porém, ao ouvir-me entrar, voltou-se logo para mim e deu-me bom-dia. Falara num tom muito estranho, cheio de desdém.

— Bom-dia — disse-lhe eu. — Estou encantado por ouvir de novo a sua voz.

— Sim? Mas vai mudar... você ainda vai arrepender-se de ter ouvido a minha voz.

— Isso é o que veremos — respondi.

— Vou matá-lo. Compreendi que estava disposto a deixar-me morrer de fome. É o gênero de coisa que você seria capaz de fazer.

— Tenho-lhe trazido comida todos os dias.

Miranda não me soube responder a isso, olhando-me com o mesmo desdém de antes.



— Já não *me* tem prisioneira. Agora tem uma prisioneira morta.

— Em todo caso, coma um pouco — disse-lhe eu.

Miranda recomeçou a comer normalmente, mas nunca voltou a ser a mesma. Quase nunca falava e, quando o fazia, era sempre muito incisiva e sarcástica. Estava tão irritante, que nem sequer gostava de ficar a seu lado.

Se eu permanecesse no quarto mais tempo do que era necessário, ela cuspiam, dizendo-me que a deixasse só. Certo dia, pouco tempo depois, levei-lhe um prato de feijão, e ela lançou-o à minha cara. Devo dizer que tive ímpetos de castigá-la severamente. Eu já estava farto daquilo e não via nenhuma razão para continuar. Tentei tudo, porém Miranda não parecia esquecer-se daquela noite, daquele desagradável incidente. Era como-se tivéssemos chegado a um beco sem saída.

Depois, um dia, Miranda pediu-me uma coisa. Eu habituara-me a sair logo do quarto, após levar-lhe a refeição, contudo, desta vez, disse-me para esperar...

— Quero um banho.

— Não é conveniente, esta noite — respondi, porque não estava preparado para aquele pedido.

— Amanhã?

— Não vejo por que não. Se me der a sua palavra.

— Está bem, sob palavra.

Miranda proferira aquelas palavras num tom duro e desagradável. Eu já adivinhava o que valiam, agora, as suas promessas.

— E quero dar uma volta pelo outro porão.

Estendeu as mãos, e eu amarrei-as. Era a primeira vez, em muitos dias, que eu lhe tocava. Pois bem, como de costume fui-me sentar nos degraus das escadas que conduziam ao jardim, enquanto ela dava voltas e voltas pelo porão naquela sua maneira de andar tão característica. A noite estava muito tempestuosa, e o silêncio era apenas quebrado pelos seus passos e pelo fustigar do vento nas árvores do jardim. Não me falou durante algum tempo, mas, sem saber bem como, eu adivinhava que ela queria dizer alguma coisa.

— Estará você satisfeito com esta vida? — perguntou-me inesperadamente.

— Nem por isso — respondi, com certa reserva.

Miranda deu mais quatro ou cinco voltas pelo porão. Começou a assobiar uma música.

— Gosto dessa música — disse-lhe eu.

— Gosta mesmo?

— Gosto.

— Então, não a assobio mais.

Deu mais duas voltas, para lá e para cá.

— Fale-me...

— De que?

— De borboletas.

— Que quer que lhe diga sobre as borboletas?

— Para que as coleciona você? Onde é que as encontra? Vamos!

Fale...

Enfim, parece muito estranho, mas falei e falei. De cada vez que parava, Miranda insistia para que eu falasse mais. Devo ter falado durante uma boa meia hora até que ela me disse para me calar, que já bastava.

Voltou para o quarto e eu desamarrei-lhe as mãos. Sentou-se na cama e voltou-me as costas. Perguntei-lhe se queria uma xícara de chá, porém não me respondeu. De súbito, notei que ela chorava. Sentia-me sempre muito perturbado quando a via chorar. Não podia suportar vê-la assim infeliz.

Aproximei-me dela e pedi-lhe que me dissesse o que queria, o que desejava que eu lhe comprasse. Miranda voltou se para mim com os olhos cheios de lágrimas, com uma expressão terrível no olhar. Levantou-se e avançou para mim, gritando:

— Saia daqui! Saia daqui! Vá-se embora!

Foi verdadeiramente horrível. Era como se ela tivesse enlouquecido.

No dia seguinte, encontrei-a muito calma. Não me falou. Eu pusera as tábuas na janela do banheiro e, depois de ela dar o seu passeio habitual pelo porão (desta vez, em silêncio), deu-me a entender que estava pronta para ir ao banheiro tomar banho. Pus-lhe a mordaca na boca, amarrei-lhe as mãos e levei-a para dentro de casa. Quando saiu do banheiro, sempre sem dizer uma única palavra, estendeu-me as mãos para que eu a voltasse a amarrar.

Eu costumava sair pela porta da cozinha, à sua frente, segurando-a pelo braço, por via das dúvidas, pois havia um degrau em que eu tropeçara uma vez e caíra, e, por isso, quando ela escorregou desta vez e caiu, espalhando escovas e outras coisas que levava para o banheiro, pareceu-me que a queda fora muito natural. Miranda levantou-se logo, com uma expressão inocente, esfregando o joelho como se o tivesse magoado de verdade. Eu, como um perfeito idiota, curvei-me para apanhar as coisas que haviam caído. Continuei segurando-a, mas desviei o olhar, o que foi fatal.

Recebi quase imediatamente um fortíssimo golpe na cabeça.

Felizmente, não foi em cheio e resvalou de forma a que o meu ombro amparasse a força toda com que ela o desfechou. Caí de lado, em parte por ter perdido o equilíbrio e em parte para escapar ao segundo golpe. Todavia, não sei bem por que instinto, continuava segurando-a por um dos braços.

Vi que ela tinha um objeto na outra mão e verifiquei que se tratava de um pequeno machado que eu deixara na cozinha depois de ter estado a cortar lenha no jardim, essa mesma manhã. Percebi imediatamente que fora muito imprudente e que corria um grande risco. Ao atravessar a cozinha, Miranda vira o machado encostado à parede e não perdera tempo. Um pequeno erro, e eu estava prestes a perder tudo.

Por um breve momento. Miranda teve-me à sua mercê. Foi um milagre ela não me ter matado. Desfechou novo golpe. Levantei o braço para me proteger, mas senti um tremendo impacto na testa. Fiquei tonto e senti o sangue a correr-me pelo rosto. Não sei bem o que fiz, reagi por instinto, com certeza, porém dei um pontapé e devo ter acertado, pois ela caiu a meu lado e ouvi o machado bater na pedra do degrau.

Consegui alcançá-lo e lançá-lo para longe. Ela tentava arrancar a mordaza, mas evitei-o a tempo. Lutamos durante alguns segundos e, depois, Miranda deve ter compreendido que era inútil, que perdera a oportunidade e que já nada podia fazer. Ficou imóvel, e eu levei-a para o porão, cambaleando sob o seu peso. Tratei-a muito duramente. Estava ainda estonteado e sentia o sangue escorrer-me pelo rosto. Fechei-a no quarto e, antes de bater violentamente com a porta, notei que ela me olhava muito estranhamente. Deixei-a ficar amordaçada e amarrada, pensando que isso lhe serviria de lição.

Bem, lá em cima, no banheiro, ao verme ao espelho, pensei que ia desmaiar. Tinha o rosto coberto de sangue. Lavei-me e vi logo que tivera muita sorte. O machado, que nunca estivera muito afiado, deslizara, e a brecha, apesar de grande, não era profunda. Fiquei quase uma hora sentado com uma compressa bem apertada contra a ferida, mas esta continuava sangrando. Nunca pensei que pudesse suportar a vista de tanto sangue.

Devo dizer que, essa noite, fiquei bastante surpreendido com a minha resistência e comportamento.

Claro, sofri muito por causa de tudo isto. Se não me tivesse sentido tão fraco, não sei o que teria feito! Aquele fora o último elo que se quebrara, como é costume dizer-se, e cheguei a ter certas idéias menos próprias. Não sei o que teria acontecido se ela tivesse continuado como antes. De todas as formas, isso, agora, já não interessa.

Na manhã seguinte, ainda cheio de dores de cabeça, fui levar-lhe o desjejum, pronto a reagir energicamente se ela fizesse alguma coisa.

Entretanto, com grande surpresa minha, a primeira coisa que fez ao ver-me foi levantar-se e perguntar-me gentilmente se me sentia melhor.

Compreendi pela maneira como ela falou que estava tentando ser diferente.

Carinhosa...

— Tenho sorte de não estar morto — respondi-lhe.

Miranda estava muito pálida e séria. Estendeu as mãos. Deve ter dormido com elas amarradas. Estava

ainda de roupão. Desamarrei-as.

— Deixe-me ver como está a ferida.

Recuei dois passos. Sentia-me muito nervoso.

— Não vê que, desta vez, estou desarmada?! Lavou a ferida?

— Lavei.

— Desinfetou-a?

— Não se preocupe.

Miranda foi buscar um frasco de Dettol que tinha e molhou um pedaço de algodão, voltando para junto de mim.

— Que quer você fazer, agora? — perguntei-lhe eu.

— Quero desinfetar-lhe a ferida. Sente-se. Vá, sente-se.

Pela maneira como ela falou, percebi que tinha boas intenções. É

curioso, mas por vezes eu estava certo de que ela não mentia.

Retirou o adesivo e a compressa que eu pusera sobre a ferida, muito gentilmente, com todo o cuidado, e notei que estremeceu ao ver a brecha, pois não era muito agradável de ver. porém limpou-a muito suavemente com o algodão embebido em Dettol e, depois, tornou a colocar a compressa.

— Muito obrigado — disse-lhe eu, com toda a sinceridade.

— Estou arrependida por ter feito... o que fiz. E agradeço-lhe por não ter exercido represálias. Tinha todo o direito de me castigar.

— Sei muito bem que a sua vida aqui não tem sido fácil.

— Não quero falar disso, apenas queria pedir-lhe desculpas.

— Aceito as suas desculpas.

— Muito obrigada.

Fora tudo muito formai; Miranda voltou-se para o outro lado para comer o desjejum, e eu saí do quarto. Quando abri a porta para ir buscar a bandeja, ela já se havia vestido e feito a cama. Perguntei-lhe se queria alguma coisa: disse que só desejava que eu comprasse um desinfetante mais poderoso e uma pomada especial para a minha ferida. Sorriu-me um pouco ao entregar-me a bandeja. Não parece uma coisa muito importante, mas marcou uma grande mudança. Quase me fez pensar que valera a pena ser ferido. Sentia-me verdadeiramente feliz. Como se o sol tivesse surgido de novo.

Depois disso, durante uns dois ou três dias, as nossas relações não foram nem boas nem más. Miranda falou pouco, contudo, não parecia muito zangada ou amarga. Mais tarde, um dia, depois do desjejum, pediu que me sentasse, como antigamente, a fim de que me pudesse desenhar.

Creio que foi apenas para ter um pretexto para conversar comigo.

— Preciso da sua ajuda — disse ela.

— Diga lá...

— Tenho uma amiga por quem um rapaz se apaixonou.

— Continue — pedi-lhe.

Miranda calara-se, de certo para ver a minha reação.

— Esse rapaz está tão apaixonado por, ela que a raptou. Fê-la sua prisioneira.

— Que coincidência!

— Não é? Pois bem, essa minha amiga quer ver-se de novo em liberdade e não sabe como o poderá conseguir sem o magoar. Não sabe de todo o que fazer. Que lhe aconselharia você?

— Paciência — respondi-lhe.

— Que terá de acontecer antes de o rapaz a libertar?

— Tudo é possível.

— Está bem, acabemos com esta brincadeira. Diga-me o que tenho de fazer para você me libertar.

Eu não sabia o que havia de responder. Pensei que se lhe dissesse que só queria que ela vivesse comigo para sempre, voltaríamos ao começo da discussão.

— O casamento está fora de questão. Você já não confia em mim.

— Não confio, não, por enquanto.

— E se eu fosse para a cama com você?

Miranda parara de desenhar. Não lhe respondi.

— Então?

— Não pensava que você fosse assim — disse eu, por fim.

— Estou apenas tentando encontrar o seu preço.

Falara como se estivesse comprando uma máquina de lavar e tentasse descobrir quais eram as suas vantagens e desvantagens.

— Você sabe muito bem o que quero.

— Mas garanto-lhe que não faço a menor idéia!

— Sabe, sim.

— Oh, meu Deus! Responda sim ou não: quer ou não ir para a cama comigo?

— Não como as nossas relações estão agora.

— E como estão as nossas relações?

— Eu pensava que você fosse a mais inteligente de nós dois.

Miranda respirou fundo. Eu gostava de a provocar um pouco.

— Julga que só penso numa maneira de fugir, não é verdade? Tudo o que eu fizer, será só para fugir, não é isso o que pensa?

— É, sim.

— E se pensasse que, por exemplo, eu fosse para a cama com você por qualquer outra razão. Para me divertir... gostaria, então?

— Posso comprar esse gênero de divertimento em Londres, sempre que me apetecer — respondi, algo agressivo.

Miranda ficou calada durante algum tempo. Recomeçou a desenhar.

Poucos minutos depois, disse:

— Não me tem aqui por me considerar sexualmente atraente.

— Acho-a imensamente atraente — redargüi. — A mais atraente de todas.

— Você é como uma caixa de surpresas chinesas — acrescentou, voltando ao desenho.

Não parecia interessada em continuar a conversa. Tentei fazê-la falar, porém ela disse que eu estava estragando a pose.

Já sei que muita gente diria que o meu comportamento era realmente estranho. Sei perfeitamente que a maioria dos homens só teria pensado em aproveitar-se da situação; as oportunidades não faltavam. Eu poderia ter-me servido do clorofórmio e feito o que quisesse, mas não sou desse gênero, definitivamente, não desse gênero. Miranda queria sempre que tudo acontecesse muito depressa, e eu sabia que essa precipitação acabaria por estragar tudo. Hoje em dia, as pessoas só pensam em obter logo o que desejam, entretanto, eu sou diferente, antiquado, gosto de falar do futuro e permitir que as coisas aconteçam gradualmente. É preciso ter calma. como dizia o Tio Dick sempre que pescava um peixe dos grandes.

O que Miranda não compreendia é que, comigo, era suficiente possuir.

Tê-la a meu lado, isso bastava. Não era preciso fazer outra coisa. Só queria tê-la comigo, segura para sempre.

Passaram dois ou três dias. Miranda falava pouco, mas um dia, depois do almoço, disse: Ri — Ficarei prisioneira o resto da vida, não é verdade?

Percebi que ela falara só por falar e não lhe respondi.

— Não seria melhor que nos tomássemos amigos outra vez?

— Estou de acordo — respondi.

— Quero tomar um banho, esta noite.

— Está bem.

— E depois poderemos ficar algum tempo na sala de estar? Este quarto me enlouquece.

— Logo veremos.

Na realidade, acendi a lareira e preparei tudo na sala de estar.

Certifiquei-me de que não havia objeto algum com que ela me pudesse atacar. Não valia a pena fingir que confiava nela, como o fizera antigamente.

Bem, Miranda foi tomar o seu banho, e tudo se passou como habitualmente. Quando ela saiu, amarrei lhe as mãos, mas não lhe pus a mordça. Descemos as escada e fomos para a sala. Notei que se perfumara muito com aquele perfume francês que eu lhe oferecera, que arranjara o cabelo como daquela outra vez e que envergava um roupão vermelho e branco que eu também lhe comprara. Pediu-me que lhe desse um cálice de xerez (ainda havia meia garrafa, que ficara da outra vez), e Miranda saboreou-o lentamente, encostada à chaminé, olhando a tenha que crepitava alegremente. Estava descalça e aquecia os pés ao calor da lareira.

Ficamos ali muito quietos e catados, bebendo calmamente. Ela olhou-me uma ou duas vezes de maneira estranha, como se soubesse alguma coisa que eu não sabia, e isso tornou-me nervoso.

Pediu-me outro cálice e bebeu todo o seu conteúdo num ápice, exigindo-me logo outro.

— Sente-se — disse-me ela.

Sentei-me no sofá, e Miranda ficou olhando-me durante um momento.

Depois aproximou-se lentamente, com uma expressão que eu não lhe conhecia no olhar. De súbito, inesperadamente, sentou-se ao meu colo.

Fiquei surpreendido e assustado. Abraçou-me e, quando dei conta do que se passava, estava-me beijando na boca. Depois, muito serena, encostou a cabeça ao meu ombro.

— Não seja tão formal — pediu me ela.

Eu estava boquiaberto. Esperava tudo menos aquilo.

— Abrace-me — disse depois. — Ponha o braço em volta dos meus ombros. Isso mesmo. Não é agradável? Serei muito pesada?

Encostou-se bem a mim. Estava muito quente e perfumada. Tive de lhe dizer que o seu roupão se achava aberto e que eu lhe estava vendo os seios e os joelhos, contudo ela não pareceu importar-se, estendendo as pernas em cima do sofá.

— Que quer de mim? — perguntei-lhe.

— Você parece tão preocupado! Não fique assim empertigado. Não precisa ter medo.

Tentei portar-me com mais naturalidade; Miranda estava muito quieta, mas eu sabia que a situação era algo difícil.

— Não quer beijar-me?

Percebi que se passava algo de muito estranho. Não sabia o que havia de fazer: beijei-a de leve na testa.

— Não era assim que eu queria dizer.

— Não quero — disse eu.

Ainda sentada sobre os meus joelhos, ela olhou para mim.

— Não quer?

Desviei o olhar. Aquilo era muito difícil: Miranda com as mãos amarradas, abraçando me assim. Não sabia o que havia de fazer para a deter.

— E por que não?

Ela parecia troçar de mim.

— Tenho medo de ir demasiado longe — redargüi, embaraçado.

— Eu também poderei ir muito longe.

Pensei de novo que ela estava troçando.

— Sei muito bem o que sou.

— E que é você?

— Não sou o seu gênero de homem.

— Não sabe que há momentos em que todos os homens são muito atraentes? Não sabe?...

Sacudiu a cabeça, como se eu fosse estúpido por não o saber.



— Não sabia, não.

— Mas é verdade.

— Mas isto pode levar-nos demasiado longe...

— Não me importo... Você é muito lento!

E, de repente, pôs-se a beijar-me de novo. Cheguei mesmo a sentir a sua língua na minha boca.

— Não gosta?

Claro, tive de dizer que sim, que gostava. Eu não sabia o que ela queria, na realidade, e isso tornava-me ainda mais nervoso, como se não bastassem já os seus beijos e tudo mais.

— Então? Beije-me.

Puxou-me mais para junto dela, e tive de a beijar. A sua boca era muito agradável, muito suave.

Sei muito bem que fui fraco. Devia ter-lhe dito para não ser tão nojenta. Sentia-me muito fraco. Era como se fosse obrigado a fazer uma coisa que não queria.

Miranda moveu a cabeça e deixei de lhe ver o rosto.

— Sou a primeira moça a quem você beijou?

— Não seja estúpida.

— Acalme-se. Não fique nervoso, não tenha vergonha.

Depois, voltou a beijar-me, com os olhos fechados. Claro, bebera três cálices de xerez. O que aconteceu então foi muito embaraçoso. Sentia-me muito excitado e sempre achei (pelo que ouvira dizer no Exército) que um cavalheiro deve dominar-se até ao momento propício e, assim, não sabia o que havia de fazer. Pensei que Miranda se ofenderia e, por isso, tentei endireitar-me logo que ela acabou de me beijar.

— Que aconteceu? Estarei a magoá-lo?

— Está, sim.

Ela afastou-se ligeiramente sentando-se no sofá, em vez de sobre os meus joelhos, mas continuou encostada a mim.

— Não me poderia desamarrar as mãos?

Levantei-me, envergonhado. Tive de ir até à janela e fingir que fazia qualquer coisa com a cortina. Miranda observava-me atentamente, agora ajoelhada sobre o sofá.

— Ferdinand, que se passa?

— Nada de especial — respondi-lhe eu.

— Não tem razão para se assustar. Ferdinand.

— Não estou assustado.

— Volte para aqui. então. Apague a luz. A luz da chaminé é-nos mais do que suficiente.

Fiz o que pedira, apaguei as luzes, porém continuei junto da janela.

— Venha para cá — tornou ela, insistente.

— Isto não está certo — argumentei. — Você só está fingindo.

— Acha que sim?

— Sabe muito bem que sim.

— Por que não vem para aqui, para ver?

Não saí de onde estava, sabendo que aquilo tudo fora um erro, e grave.

Logo a seguir, sem que eu me tivesse movido de junto da janela, Miranda levantou-se e ficou de pé, encostada à lareira. Já não me sentia tão excitado, sentia-me todo frio por dentro. Fora a surpresa.

— Venha para junto de mim.

— Estou bem aqui — respondi-lhe.

Pois bem, Miranda aproximou-se de mim e, dando-me a mão, puxou-me para perto da chaminé. Não resisti. Depois, com um olhar muito estranho, estendeu as mãos e eu desamarrei-as. Encostou-se muito a mim e tornou a beijar-me. Quase teve de se pôr na ponta dos pés.

Em seguida, fez uma coisa verdadeiramente terrível.

Eu mal podia acreditar nos meus olhos. Deu um passo atrás e abriu o roupão. Não tinha uma única peça de vestuário em cima do corpo. Ficara completamente nua. Eu desviei logo o olhar; ela, porém, ficara imóvel, sorrindo e como que aguardando, era evidente, que eu fizesse qualquer coisa. Levantou os braços e começou a soltar o cabelo. Estava-me provocando deliberadamente, ali nua, meio iluminada pelas labaredas da chaminé. Eu não acreditava no que via, ou antes, tinha de acreditar, mas não podia acreditar que estava vendo tal e qual o que eu julgava estar vendo!

Era terrível! Sentia-me agoniado e trêmulo. Desejaria ter-me encontrado de súbito do outro lado do mundo. Aquilo ainda era pior do que com a prostituta; essa, eu não respeitara, mas com Miranda eu sabia que não poderia agüentar a vergonha.

Ficamos assim, um em frente do outro, com Miranda soltando o cabelo, e eu cada vez mais envergonhado. A seguir, ela se aproximou e começou a despir-me o paletó. depois, a gravata; desabotoou os botões da minha camisa, um a um, lentamente. Eu era como massa nas suas mãos.

Despiu-me a camisa!

Eu pensava que devia pôr fim àquilo tudo, que devia detê-la, mas sentia-me tão fraco! Quando dei por mim, segundos depois, estava tão nu como ela. Miranda abraçou-me, e eu fiquei muito tenso, como se fosse um eu diferente, e ela uma Miranda também diferente. Compreendi então que eu não era normal, por não fazer o que devia ter feito; ela fez-me coisas que não contarei, exceto que nunca a teria julgado capaz de as fazer.

Deitou-se a meu lado, no sofá, e todo o resto, mas eu estava demasiado confuso e angustiado.

Fez-me parecer um verdadeiro imbecil. Imaginei o que estava pensando: pensava, com certeza, que era por isto que eu lhe mostrara sempre tanto respeito. Eu queria fazê-lo, queria mostrar-lhe que o podia fazer, para lhe provar que era, de fato, respeitoso. Queria que ela visse que eu o podia fazer, para lhe dizer depois que não o faria, que era uma vergonha tanto para ela como para mim.

Bem, ficamos deitados durante algum tempo, muito quietos, e senti que ela me desprezava, que me considerava anormal.

Finalmente, Miranda levantou-se do sofá e ajoelhou-se a meu lado, passando-me a mão pela cabeça.

— Não tem importância, isso acontece a muitos homens.

Até parecia que tinha uma grande experiência de homens!

Voltou para junto da chaminé e vestiu o roupão, sentando-se a observar-me. Vesti-me. Disse-lhe saber que nunca o poderia fazer, inventei uma grande história para que ela tivesse pena de mim. Tudo mentiras...

nem sei se ela me acreditou. Expliquei-lhe que sentia o amor, mas que nunca o poderia fazer. Acrescentei que era por isso que a tinha de guardar a meu lado.

— Mas você não gosta de me tocar? Julguei que gostava de me beijar.

Respondi-lhe que só depois dos beijos é que eu sentia aquela espécie de repugnância.

— Eu não lhe devia ter dado um tal choque.

— A culpa não é sua — redargüi. — Não sou como os outros homens.

Ninguém compreende.

— Eu compreendo.

— Sonho com isso. mas nunca o posso fazer na realidade.

— Como Tântalo — disse Miranda, explicando quem ele era. Ficou calada durante muito tempo. Cheguei a pensar em aplicar-lhe o clorofórmio e em levá-la para o seu quarto. Queria estar só, queria ver-me livre daquela impressão horrível.

— Que espécie de médico é que lhe disse que você nunca o poderia fazer?

— Um médico qualquer. (Era tudo mentira. Nunca consultei médico algum, claro.)

— Um psiquiatra?

— No Exército — respondi. — Sim, um psiquiatra.

— Que espécie de sonhos teve a meu respeito?

— Sonhos de todos os gêneros.

— Sexuais?

Miranda tinha aquela mania de fazer perguntas, de nunca desistir de uma coisa.

— Nos sonhos... eu costumava abraçá-la... nada mais. Dormíamos um ao lado do outro, com o vento e a chuva lá fora... ou qualquer coisa assim.

— Gostaria de fazer isso, agora?

— Não nos ajudaria em nada.

— Eu gostaria de lhe dar esse prazer.

— Não quero — respondi. — Era melhor que você não tivesse começado tudo isto.

Miranda ficou calada durante o que pareceu uma eternidade.

— Por que razão julga que eu procedi daquela maneira? Só para fugir?

— Não foi amor — retruquei.

— Quer que eu lhe diga?

Miranda levantou-se:

91

— Tem de compreender que eu sacrifiquei todos os meus princípios, esta noite. Oh, sim... foi para fugir! Pensei nisso, mas queria ajudá-lo. Tem de me acreditar. Quis mostrar-lhe que o sexo... que o sexo é apenas uma atividade, como qualquer outra coisa. Não é sujo. Não passa de duas pessoas gozando com o corpo uma da outra. É um pouco como dançar, como um jogo.

Ela parecia pensar que eu devia ter dito alguma coisa, mas limitei-me a ouvi-la:

— Estou fazendo uma coisa para você que nunca fiz para mais nenhum homem. E, bem, creio que você me deve qualquer coisa.

Vi onde ela queria chegar, claro está. Era sempre muito habilidosa em misturar uma quantidade de palavras para conseguir o que queria.

Procurava fazer com que eu me considerasse o seu devedor, como se não tivesse sido ela quem começou tudo.

— Diga alguma coisa, por favor.

— Que lhe posso eu dizer?

— Que, pelo menos, compreendeu o que lhe acabo de dizer.

— Compreendo perfeitamente.

— Só isso?

— Não tenho vontade de falar — disse eu.

— Você podia-me ter avisado. Podia-me ter dito logo de início.

— Tentei fazê-lo...

Miranda ajoelhou-se em frente da chaminé.

— É fantástico! Estamos cada vez mais longe um do outro.

— Você odiava-me — comentei, algo triste — e suponho que, depois disto, também me despreza.

— Tenho pena de você, tenho pena do que você é, e tenho pena de que você não veja o que eu sou.

— Eu sei muito bem o que você é — respondi. — Julga que não sei?

Eu falara um pouco abruptamente. Já estava muito cansado e farto.

Miranda mergulhou a cabeça entre as mãos. Penso que estava fingindo que chorava. Enfim, depois, num tom de voz muito melancólico, pediu-me que a levasse para o seu quarto.

Descemos para o porão e, quando eu lhe dei boa-noite, ela disse:

— Estivemos nus um em frente do outro. Nunca poderemos estar mais distantes um do outro do que estivemos hoje.

Senti-me como louco, quando, por fim, me encontrei só. Não dormi durante toda a noite. Não podia pensar em outra coisa: via-me nu diante dela, deitado a seu lado, ela de pé e depois deitada, pensava no meu comportamento e no que ela devia pensar de mim! Tive a impressão de que troçara de mim, que estava troçando de mim. lá embaixo, no seu quarto.

Quanto mais eu pensava, mais embaraçado me sentia, como se todo o meu corpo se ruborizasse. Não queria que a noite terminasse. Queria que tudo ficasse escuro para sempre.

Não consegui dormir. Passei pelo quarto, por toda a casa, e, por fim, meti-me no carro e fui até ao mar, dirigindo muito depressa, sem qualquer precaução, como se não me importasse com o que pudesse

sucedem.

Poderia ter feito o que quer que fosse, poderia ter assassinado Miranda. Tudo o que fiz mais tarde, foi por causa dessa noite.

Era quase como se ela fosse estúpida, completamente estúpida. Não o era. claro; era apenas porque não sabia amar-me da maneira como eu queria ser amado. Miranda poderia ter encontrado tantas outras formas de me agradar!

Mas era como todas as outras mulheres. Só pensava naquilo.

Nunca mais voltei a respeitá-la. Fiquei zangado durante dias sem conta.

Porque, afinal, eu podia fazê-lo.

As fotografias (as que fizera no dia em que a despira), eu costumava olhá-las de vez em quando. Com as fotografias, eu podia demorar o tempo que quisesse. Nunca me apressavam.

Foi isso que Miranda nunca chegou a saber.

Pois bem, no dia seguinte, fui levar-lhe o desjejum, de manhã, e ambos nos portamos como se nada tivesse acontecido. Nenhum de nós falou a respeito da noite anterior. Miranda disse-me que não precisava de coisa alguma de Lewes, saiu para o porão para desentorpecer as pernas e, depois, voltei a fechá-la. Estava com sono e fui dormir.

À noite, foi tudo muito diferente.

— Quero falar com você.

— Fale, então.

— Já tentei tudo. Só me resta uma coisa. Vou fazer a greve da fome até você me deixar ir embora. Não comerei nem uma migalha.

— Obrigado por me ter avisado — disse eu.

— A não ser que...

— Ah, há então um “a não ser que...”?

— A não ser que cheguemos a um acordo.

Miranda pareceu aguardar.

— Diga lá... — pedi-lhe, não muito interessado.

— Estou disposta a aceitar que não me deixe partir já, mas não quero ficar aqui embaixo por mais tempo. Se tiver de ficar prisioneira, então quero ir lá para cima. Preciso de luz do dia e de ar fresco.

— Só isso?

— Só.

— E gostaria de ir lá para cima já esta noite?

— Quanto mais depressa, melhor será.

— Suponho que deseja mesmo que eu faça obras, que mande vir um carpinteiro, decoradores, etc.

Miranda soltou um suspiro. Compreendera que eu não a poderia ter lá em cima sem construir um quarto de onde ela não pudesse fugir.

Já não valia a pena. Miranda matara todo o romance; tomara-se igual às outras mulheres, eu já deixara de a respeitar. Nada me faria respeitá-la de novo. Não poderia voltar a acreditar na sua palavra. Fugiria, logo que tivesse uma oportunidade.

Todavia, não era meu desejo que ela fizesse a tal greve da fome, e resolvi ganhar tempo.

— Quanto tempo poderá esperar? — perguntei-lhe.

— Você poderia meter-me num daqueles quartos e barrar as janelas, trancar a porta. Não me importaria de ficar fechada, desde que pudesse ver a luz do dia e respirar o ar fresco. Só lhe peço isso.

— Só isso?! — exclamei eu. — Que pensariam as pessoas que passassem por aqui, quando visse uma janela toda barrada com tábuas?

— Prefiro morrer de fome a ficar mais tempo aqui embaixo. Poderá acorrentar-me, mas lá em cima, por favor. Só quero ver a luz do dia.

— Vou pensar nisso.

— Não! Pense agora!

— Você está se esquecendo de que quem manda sou eu.

— Agora.

— Não posso responder-lhe agora, preciso de pensar bem no caso.

— Está bem. Amanhã de manhã, então. Ou me diz que poderei ir lá para cima, ou não tocarei na comida. E isso será um verdadeiro assassinio.

Miranda falara feroz e desagradavelmente. Voltei-lhe as costas e saí do quarto.

Pensei bem no assunto durante toda essa noite. Sabia que precisava de ganhar mais tempo. Decidi que tinha de fingir aceitar, fazer de conta que concordava.

A outra coisa em que pensei foi no que eu poderia fazer quando fosse necessário.

Na manhã seguinte, ao descer, disse-lhe que pensara bem e que a compreendia, porém teria de fazer certos preparativos que levariam pelo menos uma semana. Pensei que ela iria amuar-se, mas não. Aceitou o que eu lhe disse sem se exaltar.

— No entanto, fique sabendo, se me diz isso só para ganhar tempo, não lucrará muito, pois eu farei a greve da fome. Entende, não é verdade?

— Começarei amanhã, mas terei de comprar madeira e barras especiais. Não poderei fazer tudo a correr.

Miranda olhou-me, desconfiada, contudo eu não disse nem mais uma palavra.

Depois disso, as coisas correram bem, mas fui obrigado a fingir todo o tempo. Não falamos muito, se bem que Miranda parecesse resignada a esperar mais alguns dias. Certa noite, disse que queria um banho e ver as obras que eu estava fazendo. Bem, eu sabia que isso teria de acontecer e pusera uma grande quantidade de madeira e ferramentas num dos quartos dos fundos. Pedira-me que comprasse uma daquelas velhas cadeiras ao estilo *windsor* (era como antigamente, ao pedir qualquer coisa), e eu comprara-lhe, mas quando lhe fora mostrar, não a quisera lá em baixo, dizendo-me que a guardasse no seu futuro quarto. Foi tudo muito fácil. Ao ver as supostas obras que eu estava realizando, convenceu-se de que, na realidade, eu seria tão estúpido a ponto de deixá-la viver cá em cima.

O que combináramos era que eu, nesse dia, fosse buscar para jantar comigo e que, depois de dormir lá em cima, veria a luz do sol na manhã seguinte.

Miranda tomara-se muito alegre e fazia-me rir, por vezes. Bem, eu ria, mas devo dizer que, quando o dia chegou me senti imensamente nervoso.

A primeira coisa que ela disse, quando a fui buscar às seis horas, foi que apanhara o meu resfriado, pois eu me resfriara ao voltar do barbeiro, em Lewes.

Miranda estava muito bem disposta e senhora de si, rindo com o seu ar superior. Mas seria eu quem viria a rir mais.

— Estas são as roupas de que preciso esta noite. Amanhã, você pode trazer o resto. Está tudo pronto?

Já fizera a mesma pergunta à hora do almoço, e eu respondera-lhe que sim.

— Tudo pronto, sim — disse-lhe eu.

— Vamos, então. Precisa de me amarrar?

— Há uma condição.

— Uma condição?

Miranda tomou-se muito séria. Soube logo que eu a enganara.

— Tenho estado a pensar.

— Sim? — perguntou, muito vermelha, muito tensa.



— Gostaria de lhe fazer algumas fotografias.

— Quer fotografar-me? Mas já fez tantas fotos de mim.

— Fotografias diferentes.

— Não entendo.

Mas eu via que ela compreendia, e muito bem.

— Quero fotografá-la como você estava naquela noite.

Miranda sentou-se sobre a cama.

— E que mais?

— E você terá de parecer que gosta muito de posar — expliquei-lhe.

— Terá que tomar as atitudes que eu lhe disser.

Ela ficou imóvel, não dizendo uma única palavra. Eu pensava que, pelo menos, se zangaria. Ficou quieta, limpando o nariz com um lenço.

— E se eu o fizer?

— Mantereí a minha palavra — respondi-lhe. — Tenho de me proteger. Quero ter algumas fotos suas de que você teria vergonha, se fossem vistas.

— Quer então dizer que terei de posar para fotografias obscenas para que, se eu fugir, não me atreva a falar de você à polícia?

— Isso mesmo. Não precisam ser obscenas. Basta que sejam fotos que você não gostasse de ver publicadas. Fotografias artísticas.

— Não.

— Estou apenas pedindo o que você fez no outro dia sem eu lhe pedir.

— Não, não e não!

— Já a conheço melhor.

— O que fiz naquela noite foi um erro. Só o fiz por desespero, porque entre nós só há desconfiança, mesquinhez e ódio. Isto agora é diferente. É

vil!

— Não vejo a diferença.

Miranda levantou-se e foi para o outro canto do quarto.

— Você já o fez uma vez — disse eu — pode muito bem tomar a fazê-lo.

— Meu Deus! Isto é como se eu estivesse num asilo de lunáticos.

Olhou em volta do quarto como se eu não estivesse presente, como se houvesse qualquer outra pessoa ouvindo-nos, ou como se fosse deitar abaixo as paredes.

— Ou aceita fazer o que digo, ou então não a deixarei passear, não tomará mais banho... nada!

— Você enganou-se, de início — continuei. — Mas, afinal, só pensa numa coisa. Fugir. Quer troçar de mim e lançar a polícia no meu rastro.

Você não é melhor do que uma mulher das ruas. Eu costumava respeitá-la porque pensava que estava acima daquilo que fez. Nunca pensei que fosse como as outras. Mas é igual... igualzinha! Está disposta a fazer as piores coisas para obter o que deseja.

— Cale-se, cale-se! — gritou ela.

— Eu, se quisesse, poderia encontrar em Londres uma mulher muito mais experiente do que você e fazer com ela o que me apetecesse. A qualquer hora... quando isso me conviesse.

— Bastardo imundo e nojento... Seu canalha!

— Continue — disse eu, muito calmo — essa é a sua linguagem preferida.

— Você violou todas as leis humanas, tudo o que é decente, todas as relações mais belas, tudo o que há de mais respeitável entre o seu sexo e o meu.

— Olhem quem fala! Você é que se despiu, você é que provocou tudo isso. Agora tem de pagar.

— Saia já daqui !Vá-se embora!

Miranda gritara com quantas forças tinha.

— Sim ou não? — perguntei.

Atirou-me com um frasco de tinta à cabeça.

E pronto. Saí do quarto e tranquei a porta. Não lhe levei o jantar.

Queria que ela se acalmasse. Joguei fora a galinha e o resto de champanha que havia para o jantar.

Sentia-me muito feliz. Não sei bem explicar porque, mas antes sentira-me demasiado fraco e, agora, vingava-me de todas as coisas que ela dissera e pensara a meu respeito. Passeei nervosamente pela casa. Fui ver o quarto dela. Ri com gosto ao pensar que estava fechada ali embaixo. Ia lá ficar, lá embaixo, em todos os sentidos, e, mesmo se isso não fora o que merecera de início, agira de forma a merecê-lo, agora. Eu tinha razões de sobra para ensinar lhe como era.

Bem, só consegui dormir ao fim de muito tempo, depois de ter olhado várias fotografias e livros e de ter

ficado com algumas idéias. Um dos livros chamava-se *Sapatos* e tinha fotos muito interessantes de moças, na maioria, das suas pernas, calçando tipos diferentes de sapatos, algumas apenas sapatos e cintos, enfim, fotografias pouco vulgares, verdadeiramente artísticas.

Todavia, quando desci de manhã, bati à porta e esperei alguns minutos, como de costume, porém, ao entrar, fiquei muito surpreso por vê-la ainda deitada. Era evidente que dormira vestida, sobre as roupas da cama e, durante um momento, não pareceu saber onde estava e quem eu era. Fiquei imóvel, esperando que ela me insultasse ou me lançasse qualquer coisa ao rosto, entretanto, limitou-se a sentar-se, metendo a cabeça nas mãos, como se tudo aquilo fosse um pesadelo, como se não pudesse suportar a idéia de acordar.

Tossiu. Pareceu-me ser uma tosse funda, doentia. Estava com um aspecto terrível.

Decidi não lhe dizer o que pensara e fui-lhe buscar o desjejum. Bebeu o café logo que lhe dei e comeu o cereal, parecia que abandonara a idéia da greve da fome, e depois voltou à mesma posição, com a cabeça entre as mãos. Eu percebi logo que ela só queria fazer com que eu tivesse pena dela. Estava com mau aspecto, não havia dúvida, mas era certo que a sua única intenção era fazer-me cair de joelhos à sua frente e pedir-lhe desculpa, ou algum outro disparate desse gênero.

— Quer que lhe traga Coldrex? — perguntei-lhe, sabendo que estava realmente resfriada.

Miranda assentiu, com a cabeça ainda entre as mãos, e, quando voltei com o medicamento, encontrei-a exatamente na mesma posição. Tive a certeza de que estava representando. Amuada, era isso que ela estava. Bem, então pensei que o melhor era deixá-la ficar amuada quanto tempo desejasse. Eu não tinha pressa. Perguntei-lhe se queria alguma coisa.

Sacudiu a cabeça, e deixei-a só.

À hora de almoço, quando desci, Miranda estava deitada na cama.

Olhou-me distraidamente e disse-me que queria um pouco de sopa e de chá, o que lhe fui preparar. Depois de servir o que ela pedira, voltei a deixá-la sozinha. As coisas passaram-se mais ou menos da mesma forma à hora do jantar. Pediu-me aspirinas. Quase não comeu. Mas eu já estava habituado, era tudo um truque. Não falamos vinte palavras em todo o dia.

No dia seguinte, passou-se tudo na mesma. Miranda achava-se na cama, quando cheguei. Estava acordada, olhando me fixamente.

— Então? — perguntei-lhe.

Não me respondeu, continuando deitada, imóvel.

— Se julga que me comovo com esse truque de ficar deitada — disselhe eu — está muito enganada.

Isso levou-a a falar.

— Você não é um ser humano. Não passa de um verme que só pensa em masturbar-se.

Fiz de conta que não a ouvira. Fui-lhe buscar o desjejum. Quando lhe quis servir, ela gritou:

— Não se aproxime de mim !

Dissera aquelas palavras com verdadeiro veneno na voz.

— E se eu a deixasse aqui fechada e nunca mais pensasse em você?

Que faria, então?

— Se tivesse forças para o matar, não hesitaria em fazê-lo. Matá-lo-ia como a um escorpião. Tentarei fazê-lo, quando estiver melhor. Nunca recorreria à polícia. A prisão é demasiado confortável para você. Matá-lo-ia com grande prazer.

Eu sabia que ela estava zangada porque não me conseguira enganar.

Eu tivera o mesmo resfriado e não fora grave.

— Você fala demasiado — observei. — Esquece-se de que sou eu quem manda. Poderia esquecer-me da sua existência. Ninguém saberia.

Miranda fechou os olhos.

Saí do quarto e fui a Lewes comprar mantimentos. À hora de almoço, quando eu lhe disse para comer, Miranda parecia estar dormindo, e voltei a sair.

À noite, continuava de cama. mas estava sentada e lia um livro de Shakespeare que eu comprara.

Perguntei-lhe se estava melhor. Ironicamente, claro está.

Continuou lendo. Não me respondeu. Quase lhe tirei o livro das mãos para lhe ensinar, porém consegui dominar-me. Meia hora mais tarde, depois de eu próprio ter jantado, voltei ao seu quarto e vi que ainda não comera. Quando comentei o fato, ela disse:

— Sinto-me doente. Creio que tenho um resfriado muito forte.

Todavia, foi muito estúpida ao perguntar:

— Que faria você se eu precisasse de um médico?

— Espere e verá — respondi.

— Dói-me muito, quando tenho de tossir.

—

Não

passa

de

um

resfriado.

I

— É grave... tenho a certeza de que é pior do que um simples resfriado.

— Acalme-se, não pode ser muito sério... — disse-lhe eu. — E não represente tanto. Já lhe conheço os truques.

— Não estou fingindo.

— Não, claro que não. Você seria incapaz de fingir. Nunca o fez em toda a sua vida!

— Oh, meu Deus! Você não é um homem... se, ao menos, fosse um homem!

— Diga isso outra vez! — ameacei, irado. Bebera o resto do champanha ao jantar e sentia-me bastante excitado.

— Disse e torno a dizer que você não é um homem.

— Está bem — disse eu, então. — Saia da cama. Vamos... levante-se! A partir de agora, sou eu que darei todas as ordens.

Eu já estava farto, a maioria dos homens não teria tido tanta paciência.

Puxei para trás as roupas da cama e tentei obrigá-la a levantar-se. Miranda começou a espernear e lutar, arranhando-me a cara.

— Ah, é assim! — exclamei. — Pois vou ensinar-lhe uma lição!

Tinha as cordas no bolso e, depois de uma breve luta, amarrei-a e amordacei-a. A culpa foi inteiramente dela, se fui obrigado a dar os nós com demasiada força. Fui então buscar a câmara e as lâmpadas de magnésio. Miranda voltou a lutar, a sacudir a cabeça, parecendo querer fuzilar-me com o olhar, mas eu não cedi. Arranquei-lhe as vestes, e, de início, não quis fazer o que eu lhe disse, contudo, mais tarde, já esgotada, obedeceu-me em tudo (eu disse-lhe que demoraria mais, se ela não cooperasse). Foi assim que obtive as fotografias. Fotografei-a até não ter mais lâmpadas.

A culpa não foi minha. Como poderia eu ter adivinhado que ela estava mais doente do que parecia? Eu pensava que ela tinha apenas um resfriado.

Revelei as fotografias nessa mesma noite. As melhores foram aquelas em que a sua cabeça não aparecia. Claro, com a mordança na boca, não estava muito bonita. A melhor de todas foi uma tirada de costas, com ela na ponta dos pés e de sapatos de salto alto. As mãos amarradas à cama com uma corda de um metro constituíam aquilo a que se chama um motivo interessante. Devo dizer que fiquei bastante satisfeito com as fotos.

Na manhã seguinte, encontrei-a já de pé, de roupão, como se me estivesse esperando. O que ela fez

surpreendeu-me: Deu um passo em frente e ajoelhou-se diante de mim, como se estivesse embriagada. Estava muito vermelha, congestionada. Olhou para mim, e vi que chorava. Parecia encontrar-se num estado verdadeiramente terrível.

— Estou muito doente. Tenho uma pneumonia, ou talvez pleurisia.

Você terá de chamar um médico.

— Volte para a cama — respondi-lhe, indo buscar-lhe uma xícara de café.

Quando voltei, disse lhe:

— Você sabe muito bem que não está doente. Se tivesse uma pneumonia, nem sequer poderia levantar se.

— Não posso respirar bem ... tenho uma dor aqui. Só me sinto melhor quando me deito sobre o lado esquerdo. Veja a minha temperatura. Veja.

Fiz-lhe a vontade e vi que estava com quarenta e um graus de febre, mas, claro, sei que há muitas maneiras de falsificar a temperatura.

— Este quarto é tão abafado.

— Tem ar de sobra — respondi.

A culpa foi toda dela. por já se ter valido do truque da doença uma vez antes.

De todas as formas, por precaução, fui a Lewes e pedi a um farmacêutico que me desse um remédio contra a congestão e a gripe.

Enfim, tudo o que fosse preciso para curar um resfriado dos fortes.

Miranda tentou comer alguma coisa à hora do jantar, mas vomitou tudo. O

seu aspecto, devo confessar, era algo assustador. Comecei a pensar que ela talvez estivesse mesmo doente. Tinha o rosto muito vermelho e transpirava abundantemente. Todavia, aquilo podia ser tudo fingido.

Limpei o vômito, dei-lhe os medicamentos e já me ia embora, quando ela me pediu que me sentasse na cama. para que não tivesse de falar alto.

— Pensa que eu lhe falaria, depois do que você me fez, se não estivesse terrivelmente doente?

— A culpa foi sua.

— Já deve ter compreendido que estou doente de verdade.

— É um resfriado — expliquei lhe. — Há uma epidemia em Lewes.

— Não é resfriado. Tenho uma pneumonia. É horrível, não posso respirar.

— Não tardará a ficar boa. Esses remédios que lhe trouxe são ótimos.

O farmacêutico disse que eram os melhores.

— Não chamar um médico é o mesmo que assassinar-me. Você vai matar-me.

— Já lhe disse que vai ficar boa. A febre passará — disse eu, tendo ficado desconfiado logo que ela mencionou a palavra médico.

— Importa-se de me limpar o rosto com uma toalha?

É estranho, fiz o que ela me pediu e, pela primeira vez em muitos dias, senti pena dela. Era um trabalho de mulher, na verdade. Quero dizer que há momentos em que as mulheres precisam de outras mulheres. Miranda agradeceu-me.

— Tenho de sair, agora — informei-a.

— Não vá ainda, sinto que vou morrer.

Tentou segurar-me pelo braço.

— Não seja ridícula.

— Fique... fique aqui — e de súbito começou de novo a chorar; vi-lhe os olhos encherem-se de lágrimas e a cabeça agitar-se de um lado para o outro, sobre a almofada, como se não agüentasse estar imóvel. Senti pena dela, como já disse, e sentei-me de novo a seu lado, dizendo-lhe que iria buscar um médico, se ela estivesse realmente muito doente. Cheguei mesmo a dizer-lhe que ainda a amava e que me arrependera do que fizera, etc. Mas Miranda continuava chorando, não parecendo sequer ouvir-me.

Nem mesmo quando lhe disse que estava com melhor aspecto do que na véspera, o que não era estritamente verdade.

Por fim, acalmou-se, ficando com os olhos fechados e, depois, quando eu me movi ligeiramente, disse-me:

— Faz-me um favor?

— O quê? perguntei.

— Fique aqui comigo e deixe a porta aberta, para eu poder respirar algum ar fresco.

Concordei e apaguei as luzes do seu quarto, deixando as portas abertas e o ventilador ligado. Fiquei sentado a seu lado durante um longo momento. Miranda começou a respirar de maneira muito estranha, como se tivesse subido umas escadas a correr, e, de vez em quando, dizia palavras sem nexos. Uma vez disse: — “Não, não faça isso!” e, de outra, creio que murmurou o meu nome, mas não a ouvi direito. Bem, pensei que ela dormia e, depois de a chamar e ela não responder, levantei-me muito silenciosamente e sai do quarto, fechando as portas. Regulei o despertador para me acordar de manhã, muito cedo. Como poderia eu saber que ela estava tão mal, depois de ter adormecido assim tão facilmente? Pensei que fizera melhor em deixá-la só e que os medicamentos fariam o seu efeito, que,

enfim, estaria melhor no dia seguinte. Até pensei que fora boa coisa ela estar doente, pois que, se não tivesse adoecido, talvez tivéssemos sofrido outros dissabores como os anteriores.

O que estou tentando dizer é que tudo aconteceu muito inesperadamente. Sei bem que aquilo que fiz depois foi um erro, mas até esse dia, devo dizer, sempre pensei que estava agindo conforme era melhor para ambos e segundo os meus direitos.



# SEGUNDA PARTE

**14 de outubro**

É a sétima noite. Continuo pensando na mesma coisa. Se ao menos soubessem onde estou. Se ao menos soubessem.

É preciso que alguém saiba o que sinto.

Decidi, por conseguinte, escrever tudo neste caderno que ele me comprou esta manhã. A sua generosidade.

Calmamente.

Bem no fundo, estou cada vez mais assustada. A calma é apenas superficial.

Nada de horrível, nada de manias sexuais. Mas tem loucura nos olhos.

São cinzentos, com uma luz perdida dentro deles. Para começar, olhei o fixamente durante todo o tempo. Pensava que seria apenas sexo. Tive todos os cuidados para que não me atacasse pelas costas. Sempre que ele entrava no quarto, e que eu tinha de lhe voltar as costas, escutava... escutava... para saber exatamente onde ele estava.

Poder. Tornou-se tão real.

Já sei que a bomba de hidrogênio é uma coisa errada, mas ser fraco, fraca como sou agora, também me parece errado.

Gostaria de saber judô. Poderia então obrigá-lo a pedir-me misericórdia.

Este quarto é tão abafado, as paredes me comprimem. Estou à espera dele, enquanto escrevo estas linhas. Os pensamentos que tenho são como maus desenhos. Devem ser rasgados imediatamente.

Tentar, tentar, tentar fugir.

Só penso nisso.

Uma coisa estranha. Ele fascina-me. Sinto o maior desprezo e ódio por ele. Não o posso suportar aqui no quarto. Todos os meus devem estar preocupadíssimos. Loucos de preocupação, posso senti-lo.

Como é possível que ele me ame? Como é que se pode amar uma pessoa que não se conhece?

Procura desesperadamente agradar-me. Mas todos os loucos devem ser assim. Não são loucos na maior parte do tempo; com certeza que de certo modo. ficam tão surpreendidos como as outras pessoas, quando, finalmente, fazem algo de terrível.

Só nestes dois últimos dias é que posso falar dele assim. A viagem para aqui, fechada nas traseiras do

carro, foi um pesadelo. Queria vomitar e tinha medo de ser asfixiada pela mordança. Pensava que ele se ia deter num bosque e que eu seria assassinada, depois de violada. Pensei que tal ia suceder quando o carro finalmente parou. Foi por isso que vomitei creio...

Não foi aquele horrível clorofórmio, não. (Recordei naquela altura a história que me contou Penny Lester sobre a sua mãe que fora violada pelos japoneses e que sobrevivera. Disse várias vezes a mim mesma que não resistisse, que não resistisse. E lembrei-me depois de que alguém me dissera que são precisos dois homens para violar uma mulher. As mulheres que se deixam violar por um só homem é porque querem ser violadas.) Sei agora que ele nunca teria feito isso. Voltaria a empregar o clorofórmio, ou qualquer coisa no gênero. Mas naquela primeira noite, eu só me dizia:

“Não resistas, não resistas!”

Fiquei grata por estar viva. Sou terrivelmente medrosa. Não quero morrer, amo a vida com paixão, só agora sei quanto amo a vida! Se eu escapar disto, nunca mais voltarei a ser a mesma.

Não me importo com o que ele me fizer, desde que me deixe viver.

Só penso nas coisas abjetas que ele poderia fazer-me.

Procurei por toda a parte uma arma com que o pudesse atacar, mas nada... não encontro coisa alguma, qualquer coisa de que me pudesse servir, mesmo que tivesse a força e a habilidade para me defender. Encosto uma cadeira à porta, todas as noites, para que, ao menos, possa saber, se ele resolver entrar no meio da noite.

Tenho aqui no quarto um pequeno banheiro, apenas o essencial, tudo muito primitivo, mas não banheira.

Aquela enorme porta. Não tem buraco de fechadura. Nada.

O silêncio! Já me habituei um pouco mais. Mas é terrível! Nunca se ouve o menor som. Faz-me sentir como se aguardasse alguma coisa.

Viva. Estou viva tal como a morte é viva.

A coleção de livros de arte. Quase cinqüenta libras de livros. Naquela primeira noite, ainda estonteada, percebi que estavam ali para mim. Afinal, eu não fora uma vítima escolhida ao acaso.

As gavetas estão cheias de roupas: blusas, saias, vestidos, meias de cor, uma extraordinária seleção de *lingerie*, camisolas de dormir. Vi logo que eram da minha medida, ou quase. Um pouco grandes, mas ele disse-me que me tem visto usar aquelas cores.

Tudo na minha vida ia correndo otimamente. Havia o meu amigo G.

P., claro. Mas mesmo isso era estranho. Excitante. Excitante.

E agora, isto.

Dormi um pouco, com a luz acesa. Teria gostado imenso de uma bebida, mas recearia que contivesse narcótico. Ainda tenho medo de que ele ponha alguma coisa na comida.

Passaram sete dias. Até parecem sete semanas.

Tinha um aspecto tão inocente e preocupado, quando me falou na rua.

Disse que atropelara um cão. Pensei que fosse o nosso Misty. Exatamente o tipo de homem de quem eu nunca teria suspeitado. Não tem o menor ar de conquistador.

Foi como se caísse pelo mundo abaixo. Como se houvesse de súbito um grande precipício.

Faço todas as noites o que já não fazia há muitos anos. Deito-me e rezo. Não me ajoelho. pois sei que Deus despreza os que se ajoelham.

Deito-me e peço-lhe que reconforte mamãe, papai e Minny, e Caroline, que deve estar tão preocupada, e todos os outros, mesmo aqueles a quem faria bem sofrer um pouco por mim (ou por qualquer outra pessoa). Como Piers e Antoinette. Peço-lhe também que ajude este desgraçado que me tem sob o seu poder. Rogo-lhe que me ajude. Que não permita que eu seja maltratada, violada e assassinada. Peço-lhe luz.

Literalmente: a luz do dia.

Não posso suportar esta escuridão. Ele comprou-me abajures. Deixo um deles aceso toda a noite. Antes disso, deixava acesa a luz do teto.

Acordar de manhã é o pior. Acordo e, nos primeiros momentos, julgo que estou em casa de meus pais. ou então em casa de Caroline. Depois, lembro-me subitamente.

Não sei se acredito em Deus. Rezei furiosamente naquele primeiro dia, fechada no carro, quando pensei que ia morrer (isso é uma prova contra, quase posso ouvir G. P. dizer). Mas rezar torna tudo mais fácil.

Tudo fragmentos. Não me posso concentrar. Tenho pensado tantas coisas e agora não me lembro do que quer que seja.

Entretanto, sinto-me mais calma. É uma ilusão, afinal de contas. É

como se contasse quanto dinheiro gastei, e quanto me resta.

15 de outubro

Nunca teve pais, foi educado por uma tia. Quase a posso ver. Uma mulher magra com o rosto muito pálido e uma boca desagradável, com olhos mesquinhos e a mania do chá das cinco. Com a mania das limpezas, também, como se a sujidade e a poeira fossem os únicos males que a preocupassem.

Eu disse-lhe que ele estava procurando a mãe que nunca teve, mas naturalmente, não me deu ouvidos.

Não acredita em Deus, o que me faz querer acreditar.

Falei-lhe de mim, também de mamãe e papai, num tom de voz muito natural, como se nada me preocupasse. Ele já sabia tudo sobre mamãe.

A minha teoria é que tenho de o desmartirizar.

O tempo parece não ter fim, na prisão.

Na primeira manhã, bateu à porta e esperou dez minutos (como sempre o tem feito). Não foram dez minutos muito agradáveis. Tudo o que eu pensara durante a noite voltou-me logo ao espírito. Senti-me tão só!

Levantei-me e disse-me de novo: “Se ele te quiser violar, não resistas, não resistas!” Eu estava disposta a dizer-lhe para fazer o que entendesse, desde que não me matasse. Poderia fazer o que quisesse e voltar a fazê-lo, mas que não me matasse. Como se eu fosse capaz de resistir a tudo, ilimitavelmente.

No entanto, foi tudo muito diferente. Quando entrou no quarto e ficou parado à porta, ao vê-lo sem o chapéu na cabeça, reconheci-o logo.

Suponho que tenho boa memória para me lembrar de fisionomias. Fiquei sabendo que era aquele funcionário do Anexo da Câmara Municipal que ganhou uma fortuna fabulosa nas apostas de futebol. Vi o retrato dele no jornal. Lembro-me de que todos nós o víamos, uma ou outra vez lá no bairro.

Tentou negá-lo, porém tornou-se muito vermelho. Ruboriza-se sempre.

É tão fácil pô-lo na defensiva! A sua cara tem uma espécie sofrimento natural. Parece o rosto de uma ovelha. Não, talvez mais de girafa. Como uma enorme girafa embaraçada. Fiz-lhe várias perguntas, mas ele não me quis responder. Olhava-me como se eu não tivesse o direito de fazer perguntas. Como se as coisas não se estivessem passando como ele imaginara.

Nunca teve relações com moças. Pelo menos com moças como eu.

Tem algo de efeminado.

Quase dois metros de altura. Bem mais alto do que eu, claro. Muito magro, parecendo ainda mais alto do que é. Gânglios. Tem as mãos demasiado grandes. O pomo de Adão demasiado grande, os pulsos demasiado grandes. Tem a pele branca e rósea. As mãos quase não são mãos de homem. Adenóides. Tem uma voz estranha, sem educação, mas tentando ser educada. Uma voz que lhe está sempre falhando. Tem o rosto muito longo. Cabelo preto, sem vida. Encrespado, duro, sempre muito bem penteado. Veste sempre um paletó esportivo, calça de flanela e gravata alfinetada. Nunca se esquece dos botões de punho.

É aquilo a que se chama *um rapaz agradável*.

Absolutamente sem sexo (parece).

Costuma deixar cair as mãos ao longo do corpo, ou pô-las atrás das costas, como se não soubesse o que fazer com elas. Aguarda respeitosamente que eu lhe dê as minhas ordens.

Tem olhos de peixe. Observam. Nada mais. Não têm expressão.

Faz sentir-me caprichosa. Como se eu fosse uma cliente rica pouco satisfeita (ele é o vendedor da loja).

É a sua maneira de ser. Expressão humilde, adúladora. Sempre pedindo desculpa.

Sento-me, como as refeições, leio um livro, sempre com ele observando-me. Se lhe digo para ir embora, obedece.

Há dois anos que me espiava secretamente. Diz que está apaixonado por mim, loucamente apaixonado. Que estava muito só, que sabia que eu estaria sempre *acima* dele. Foi horrível. Explica-se tão mal, nunca diz diretamente o que quer que seja. Procura sempre uma maneira de se justificar. Ouvi-o, sentada, imóvel, sem poder olhar para ele.

Foi como uma confissão. Ficamos sentados, imóveis, quando ele acabou de falar. Eu disse lhe que compreendia tudo muito bem e que, se me deixasse ir embora, nada diria, mas ele não se comoveu. Tentei parecer muito compreensiva, simpática, contudo, dir-se-ia que isso o assustou.

Tentei de novo, na manhã seguinte. Descubri o nome dele. Fui muito razoável. Apelei para o seu bom coração, porém, uma vez mais, parece que o assustei.

À hora do almoço, disse-lhe que podia ver que ele já estava arrependido pelo que fizera e que não era demasiado tarde para corrigir tudo. Estranho! Consigo tocar lhe a consciência, e esta cede um pouco, mas isso não o faz sofrer. Diz-me que está envergonhado, que me deveria deixar ir para casa, mas fica por aí. Observei lhe que ele não tinha cara de ser má pessoa, e respondeu me que esta era a primeira coisa menos própria que fizera em toda a sua vida.

É provável que seja. Mas, desta vez, não estive com meias medidas, como se tivesse acumulado tudo durante anos.

Por vezes, chego a julgar que ele é muito inteligente: tenta granjear a minha simpatia, fingindo que está nas mãos de uma terceira coisa.

Nessa noite, para estudar as suas reações, tentei não ser decente para com ele, falando-lhe dura e incisivamente. Ficou com uma expressão ainda mais magoada do que habitualmente. Representa o papel de magoado com verdadeiro talento.

Envolve-me com os seus tentáculos de pessoa ressentida e humilhada.

Por exemplo, a questão de não pertencer à minha classe.

Sei muito bem o que sou para ele: uma borboleta que nunca conseguiu capturar. Recordo que G. P. (na primeira vez que o vi) me disse que os colecionadores são os piores animais da criação. Referia-se aos colecionadores de arte, naturalmente. Não o compreendi bem, nessa altura; pensava que ele estava apenas tentando chocar-nos, a Caroline e a mim.

Mas, claro, tinha razão. São seres antívida. antiarte, antitudo.

Estou escrevendo no meio deste silêncio sepulcral como se me sentisse normal. Mas não me sinto. Estou tão só, tão assustada, tão preocupada ! A solidão é insuportável. De cada vez que a porta se abre, só penso em correr para ela e fugir. Mas sei perfeitamente que tenho de economizar as minhas tentativas de fuga. Tenho de me mostrar mais astuta do que ele. Tenho de planejar.

De sobreviver.

16 de outubro

Esta tarde eu deveria ter comparecido à aula prática. Continuará o mundo vivendo como antes? Brilhará o sol como antigamente? Ontem à noite, pensei que estava morta. Isto é a morte. Isto é o inferno. Não encontraria outras pessoas no inferno. Ou talvez uma única, como ele. O

diabo não seria diabólico e bastante atraente, mas seria, sim como ele.

Desenhei-o, esta manhã. Queria fazer o seu retrato, para ilustrar isto.

Mas não prestava, e ele queria comprar o desenho. Disse que pagaria duzentas fibras. Está louco!

Sou eu. Eu sou a sua loucura.

Há muitos anos que ele procurava algo para libertar a sua loucura. E

encontrou-me.

Não posso escrever num vácuo como este. Não posso escrever a quem quer que seja. Quando desenho, tenho sempre a impressão de que há alguém a espreitar-me pelas costas, alguém como G. P.

Todos os pais deviam ser como os nossos, e só então é que as irmãs seriam verdadeiramente irmãs. Teriam de ser uma para outra como Minny e eu somos. Querida Minny.

Estou aqui há mais de uma semana e sinto imenso a sua falta, sinto também a falta do ar fresco, os rostos frescos de todas aquelas pessoas que eu via no metrô, e as coisas frescas que aconteciam todas as horas de todos os dias, e que eu não via — refiro-me à sua frescura, claro. O que me falta mais é a luz do sol. Não posso viver sem luz. A lua artificial, com todas as suas sombras e falsidade, quase me faz desejar a escuridão.

Ainda não lhe contei como tentei fugir. Pensei no caso toda a noite, não consegui sequer dormir, o ar estava tão abafado, e tenho andado tão indisposta (ele faz o possível por cozinhar decentemente, mas em vão).

Fingi que a cama estava partida e que precisava de ser consertada. Quando ele se aproximou, corri, para fora do quarto. Precipitei-me e estava tão nervosa, que ele me capturou antes de eu poder sair para o jardim, contudo cheguei a ver a luz do sol, pelo buraco da fechadura.

Ele pensa em tudo. Compreendeu imediatamente qual era o meu plano e reagiu no mesmo instante. Uma olhadela para a luz do sol, pelo buraco da fechadura, nada mais, em sete dias!

Depois, como que amuada, não lhe falei e voltei-lhe as costas durante três dias. Não comi. Dormi muito. Quando estava certa de que ele não apareceria, levantava-me e dançava um pouco, lia os livros de arte e bebia água. Mas não toquei na comida que ele preparou.

Consegui fazer com que ele aceitasse as minhas condições.

Primeiramente, ele queria seis semanas. Há uma semana, seis horas teria sido demasiado. Chorei. Convenci-o a aceitar quatro semanas. Não estou menos assustada, quando o tenho junto de mim. Já

conheço demasiado bem todos os recantos, todos os centímetros, deste horrível buraco. É como se já fizesse parte de mim, como se eu estivesse incrustada aqui, para sempre. Entretanto, quatro semanas não parece ser coisa muito grave.

Estou sem energias, sem vontade; doente da barriga, também. Minny, fui com ele lá em cima, ontem. Primeiro, o ar fresco, depois de ter estado fechada numa cova com menos de quatro metros quadrados (medi bem o quarto), ficar sob as estrelas e respirar maravilhosamente, ainda que o tempo estivesse úmido e o céu coberto de nuvens, foi uma beleza.

Pensei que talvez pudesse fugir, correndo para a estrada. Mas eu estava amarrada e amordaçada, e ele segurou-me com força pelo braço.

Estava tão escuro! Parecia tudo tão solitário. Não vi luzes. Tudo noite.

Nem sequer teria sabido para que lado fugir...

A casa é muito antiga. Creio que o exterior é de madeira, pois vi muitas vigas no interior. Os tetos são muito baixos. É uma velha casa encantadora, na realidade, decorada com um gosto horrível, péssimo, como naquelas revistas femininas para o grande público. Contrastes de cor verdadeiramente chocantes, mistura de estilos de móveis, tudo muito suburbano, antiguidades falsas, ornamentos de bronze, de um mau gosto incrível. E os quadros! Você não me acreditaria se eu lhe descrevesse esses quadros! Ele disse-me que entregou a decoração da casa a uma empresa.

Devem ter empregado todas as porcarias que encontraram em estoque e que não podiam vender.

O banho foi delicioso. Eu sabia que ele poderia entrar de repente, visto que a porta nem sequer fecho tem, mas, não sei bem por que, tive a impressão de que não faria uma coisa dessas. De resto, fiquei tão contente por ver uma banheira cheia de água quente e um banheiro verdadeiro, que nem pensei muito nisso. Demorei-me horas, sabendo que ele me aguardava, à porta. Não se queixou. Foi muito *agradável*.

Nada o parece preocupar.

Descobri uma maneira de enviar uma mensagem. Poderia meter um papel dentro de um frasco, um frasco muito pequeno, e pendurá-lo com um cordel na janela do banheiro. É possível que alguém o visse um dia. Vou tentar fazê-lo, da próxima vez.

Tentei escutar o tráfego na estrada, porém não ouvi um único carro.

Só um mocho. E um avião.

Se, ao menos, o piloto soubesse que estava voando por cima de mim!

A janela do banheiro achava-se tapada com tábuas. Pregos enormes.

Procurei uma arma por toda a parte. Debaixo da banheira, detrás dos canos.

Mesmo se encontrasse qualquer coisa, não saberia como o atacar. Estou sempre observando-o, e ele a mim. Nunca estamos desprevenidos, nem um, nem outro. Não parece ser muito forte, mas é bem mais forte do que eu.

Teria de atacá-lo de surpresa, pois...

O porão está sempre fechado a sete chaves. Tem mesmo um sistema de alarma na porta.

Ele pensa em tudo. Tive a idéia de pôr uma mensagem na roupa suja.

Mas ele não a manda para a lavanderia. Quando lhe falei dos lençóis, disse-me que os comprava de cada vez e perguntou-me quando é que eu queria outros lavados.

A única possibilidade é lá embaixo!

Minny, eu não estou escrevendo a você, estou falando comigo mesma.

Quando saí, vestindo a menos horrível das blusas que ele me comprou, encontrei-o de pé, à minha espera (estivera sentado numa cadeira em frente à porta do banheiro, durante todo aquele tempo). Senti-me como a-moça-no-baile-descendo-a-grande-escadaria. Ficou muito surpreendido, fascinado. Suponho que foi o fato de me ver com a blusa que me comprara.

E com o cabelo caído pelos ombros.

Ou talvez fosse apenas o choque de me ver sem a mordação. De qualquer forma, sorri-lhe, e ele deixou-me ficar sem a mordação, assentindo em mostrar-me o resto da casa. Não se separou de mim um só momento.

Eu sabia perfeitamente que, ao menor movimento em falso, ele se lançaria sobre mim.

No andar superior, quartos de dormir, quartos encantadores, mas horrivelmente decorados e cheirando a bafio, como se estivessem fechados há muito tempo. Toda a casa tem um ar morto... No andar de baixo, aquilo a que ele chama o salão (como não poderia deixar de ser) é, na realidade, uma sala muito simpática, maior do que os outros quartos, quadrada, com uma enorme viga de madeira atravessando-a de ponta a ponta, apoiada sobre três montantes. Enfim, a sala é deliciosa, com ângulos e recantos que um arquiteto dos nossos dias nunca seria capaz de imaginar. Entretanto, os móveis massacram tudo, claro. Um verdadeiro assassinio. Patos de porcelana, ou cerâmica, sei lá!, na parede por cima de uma chaminé muito antiga, maravilhosa. Não pude suportar aquilo; pedi-lhe que me desamarrasse as mãos e, depois, parti em mil pedaços aqueles monstros!

Isso quase o magoou tanto como quando o esbofetei por não me ter deixado fugir.

Ele quase me faz mudar a minha natureza, faz-me querer dançar à sua volta, estonteá-lo, surpreendê-lo, troçar dele. É tão lento, tem tão pouca imaginação e é tão sem vida! Como o zinco branco... Vejo que exerce sobre mim uma espécie de tirania. Força-me a ser volúvel, a mudar constantemente, a agir. Para o martirizar, claro. A tirania odiosa dos homens fracos. G. P. falou nisso uma vez.

O homem ordinário é a praga da civilização.

Mas ele é tão ordinário que chega a ser extraordinário!

Dedica-se à fotografia. Quer retratar me.

Vi as suas borboletas, que são bastante bonitas, suponho. Sim, são bonitas e foram muito bem armadas,



todas com as asas abertas no mesmo ângulo. Tive pena delas, pobres criaturas, minhas companheiras de cativeiro, vítimas como eu. Aquelas de que ele mais se orgulha são chamadas aberrações!

Já lá embaixo, deixou-me vê-lo fazer o chá (no porão exterior), e uma coisa ridícula que ele disse fez-me rir, ou antes, fez-me querer rir. Terrível!

De súbito, compreendi que também estou enlouquecendo, que ele é assustadoramente astuto. Claro, não se preocupa com o que lhe digo. Não se importa, por exemplo, que eu lhe quebre os seus miseráveis patos de porcelana, porque me tem aqui, prisioneira (é incrível, ele raptou-me) e porque me fez querer rir, porque lhe servi o chá, como se fosse o meu melhor amigo.

Praguejei. Chamei-lhe um nome horrível. Fui a filha de minha mãe.

Uma verdadeira cadela.

E pronto, Minny. Desejaria que você estivesse aqui, para me falar na escuridão. Se, ao menos, eu pudesse falar com alguém durante uns escassos cinco minutos. Alguém de quem eu goste verdadeiramente. Isto é tão, tão pior do que posso descrever.

Vou chorar de novo.

É tão injusto.

17 de outubro

Odeio a maneira como mudei. Tenho-me resignado demais. Aceito demasiado. De início, pensei que seria melhor agir como se nada tivesse acontecido, para não permitir que este anormal domine a situação. Mas é possível que ele tenha planejado tudo assim. Tem conseguido que eu faça exatamente o que deseja.

Isto não é apenas uma situação fantástica; é uma variação fantástica de uma situação fantástica. A verdade é que, agora, que me tem à sua mercê, não vai fazer o que seria de esperar. Assim, torna-me falsamente grata.

Estou tão só. Ele deve sabê-lo. Faz-me depender dele.

Estou muito nervosa, estou bem menos calma do que pareço (quando leio o que escrevi).

Tenho tanto tempo para desperdiçar. Tanto, tanto tempo!

O que escrevo não é natural. É como duas pessoas tentando conversar.

É exatamente o oposto de desenhar. Traço uma linha e sei logo se ficou bem ou não. Mas escrevo uma linha e julgo ter escrito a verdade e depois tenho de voltar a lê-la, mais tarde.

Ontem à noite, quis fotografar-me. Deixei-o fazer quantas fotografias desejou. Pensei que talvez se descuidasse e que alguém visse uma fotografia minha em qualquer lugar. Mas, creio que vive sozinho. Não podia deixar de ser. Deve ter passado a noite a revelar as fotografias e a tirar cópias (não acredito que entregasse o trabalho a uma loja!).

Fotografou-me com lâmpadas de magnésio e agora está pondo-me em papel brilhante. Não gosto de magnésio. Fere-me os olhos.

Hoje nada aconteceu de especial, a não ser termos chegado a uma espécie de acordo com respeito a eu fazer um pouco de exercício. Ainda não me deixa ver a luz do dia, mas poderei passear no porão exterior.

Senti-me amuada e, por isso, amuei. Pedi-lhe que me deixasse só. depois do almoço e voltei a pedir-lhe depois do jantar; ele fez-me a vontade ambas as vezes. Faz tudo o que lhe digo!

Comprou-me uma vitrola, discos e todo o resto que escrevi na lista que lhe dei. Gosta de comprar coisas para mim. Posso pedir o que me apetecer. Exceto liberdade.

Deu-me um relógio suíço, muito caro. Avisei-o de que o usaria *enquanto aqui estivesse* e que depois o devolveria. Disse-lhe que já não podia suportar olhar para o tapete cor de laranja, horroroso, e ele comprou-me alguns turcos e indianos. O turco, sépia e carmesim com uma borla branca, é muito belo (disse-me que era o único que “eles” tinham, e por isso não lhe posso creditar o bom gosto).

O quarto, ou antes, a cela, está mais habitável, com os tapetes, sobretudo porque quebrei todos os detestáveis cinzeiros e os ornamentos suburbanos que aqui estavam quando cheguei. As coisas feias não merecem existir.

Sou tão superior a ele! Já sei que isto parece pura vaidade. Mas *sou mesmo*. *Noblesse oblige*, e sinto que tenho de lhe mostrar como vivem e se comportam os seres humanos decentes.

Ele representa tudo o que é feio. Mas não posso quebrar a fealdade humana.

O que se passou há três noites parece tão distante, tão estranho. Eu estava tão excitada por sair um pouco deste buraco! Sentia-me tão dominada por ele. E subitamente tudo parece ser uma grande aventura que um dia, breve, contarei a todo mundo. É como se isto fosse uma espécie de jogo de xadrez com a morte, que estou prestes, inesperadamente, a ganhar.

Um sentimento de que *tive* de correr um terrível risco e que, agora, tudo vai acabar bem. Penso até que ele me libertará.

Loucura!

Tenho de lhe dar um nome. Vou chamar-lhe Calibã.

Piero. Passei o dia todo com Piero, li tudo sobre a sua vida, estudei todas as pinturas do livro, vivi com elas. Como poderei eu vir a ser uma grande pintora, quando sei tão pouco de geometria e matemática? Vou-me dedicar à geometria. Vou pedir a Calibã que me compre mais livros.

Dúvidas fragmentadas sobre a arte moderna. Pensei em Piero diante de uma tela de Jackson Pottock, não, mesmo de um Picasso ou de um Matisse.

Os seus olhos. Estou vendo os seus olhos.

Tudo o que Piero diz ao pintar a mão de uma figura humana, uma prega de uma manga. Eu já sabia tudo isso, aprendi tudo o que se pode aprender sobre a sua arte. Tenho dito e redito as mesmas coisas. Mas só

hoje é que o senti verdadeiramente. Percebi que toda a nossa época é uma burla, uma vigarice. A maneira como as pessoas falam do surrealismo e do cubismo, deste e daquele ismo, as longas palavras que empregam —

grandes confusões de palavras e frases. Tudo isso para esconder o fato de um pintor saber ou não pintar.

Quero pintar como Berthe Morisot, não quero dizer com as suas cores ou formas, porém, com a sua simplicidade e luz. Não quero ser cerebral ou grande ou *significante* ou ser alvo de toda aquela análise masculina. Quero pintar a luz do sol no rosto das crianças, nas flores, numa rua depois de um chuvisco de abril.

As essências. Não as próprias coisas.

Inundações de luz sobre as mais pequenas coisas.

Ou estarei sendo sentimental?

Deprimida.

Estou tão longe de tudo. Da normalidade, da luz, daquilo que desejo ser.

18 de outubro

G. P.: “É preciso pintar com todo o ser. Aprenda isso, antes de qualquer outra coisa. O resto é uma questão de sorte”.

Uma boa resolução: não me devo deixar enlouquecer.

Esta manhã, desenhei toda uma série de taças com frutas dentro.

Como Calibã gosta de dar, não me preocupo com o papel que gasto.

Pendurei todos os desenhos e perguntei-lhe qual era o melhor. Claro, escolheu aqueles que se pareciam mais com a maldita taça. Elogiei um dos desenhos (aquele que me satisfez mais). Calibã irritou-me. Não entendeu uma palavra e, com a sua atitude de aceitar tudo o que lhe digo, mostrou também que não se interessava grandemente. Para ele, eu não passava de uma criança divertindo-se com uns desenhos insignificantes.

Cego, cego, pertence a um outro mundo.

A culpa é minha. Quis mostrar a minha arte. Como poderia ele ver a magia e a importância da arte (não da minha arte, da *arte*), quando fui tão vaidosa.

Tivemos uma discussão logo a seguir ao almoço. Calibã pergunta-me sempre se pode ficar comigo. Por vezes, sinto-me tão só, tão farta dos meus próprios pensamentos, que o deixo ficar. Quero mesmo que ele fique.

Isto é o que a prisão nos faz. E pensamos em fugir, fugir, fugir.

A discussão foi sobre o desarmamento nuclear. Tive certas dúvidas, no outro dia. Mas já as perdi.

Diálogo entre Miranda e Calibã:

M. - (Eu estava sentada na minha cama, fumando. Calibã achava-se na sua cadeira de costume, perto da porta, o ventilador fazia-se ouvir, no porão exterior). Que pensa você da bomba de hidrogênio?

C. - Não penso grande coisa.

M. - Já deve ter pensado nela.

C. - Só espero que não caia em cima de você. Ou de mim.

M. - Estou vendo que nunca viveu com pessoas que pensam e discutem assuntos sérios... (*Calibã fez a expressão magoada*). Tentemos de novo. Que pensa você da bomba de hidrogênio?

C. - Se eu dissesse qualquer coisa de sério, você não me levaria a sério. (Olhei fixamente para ele até forçá-lo a prosseguir). É óbvio. Nada poderemos fazer para a evitar. Está conosco para sempre.

M. - Não se preocupa, então, com o que possa acontecer ao mundo?

C. - Que importância tem o que eu penso?

M. - Oh, meu Deus!

C. - A nossa opinião não serve para nada, nessas coisas.

M. - Escute, se houver um número suficiente de pessoas que acreditem que a bomba é uma coisa diabólica e que uma nação decente nem devia pensar em tê-la, sejam quais forem as circunstâncias, então o Governo terá de fazer alguma coisa. Não lhe parece?

C. - Que esperança!

M. - Como pensa que começou o cristianismo? Ou qualquer outra coisa? Com um pequeno grupo de pessoas que não perdiam as esperanças.

C. - Que aconteceria se viessem os russos, hem? (*Um argumento muito perspicaz, pensa ele*).

M. - Se tivéssemos de escolher entre lançar as bombas sobre a Rússia, ou ter os russos aqui. como conquistadores — preferia a segunda alternativa, claro.

C. - Isso é pacifismo.

M. - Claro que é, idiota. Sabe que fiz a pé todo o percurso de Londres a Aldermaston? Sabe que dei horas e horas da minha vida para distribuir panfletos e escrever envelopes e discutir com pessoas mesquinhas como você, que não acreditam em coisa alguma?! Essas pessoas é que merecem a bomba.

C. - Isso não prova o que quer que seja.

M. - É o desespero pela falta de (*estou falsificando, eu não disse todas estas coisas — mas vou escrever tanto que quis dizer como que disse mesmo*) sentimentos, de amor, de razão. É o desespero, causado pela idéia de que alguém possa servir-se da bomba, ou dar ordem para que seja lançada sobre um país. É o desespero por haver tão poucos que se preocupem. É o desespero por haver tanta brutalidade e dureza no mundo.

É o desespero por ser possível que certos jovens se tornem viciosos e maus quando ganham muito dinheiro. E por ser possível que façam o que você me fez.

C. - Já pensava que se ia referir a isso.

M. - Pois bem, você é parte de tudo. Tudo o que é livre e decente neste mundo está sendo encerrado em minúsculas celas por verdadeiras bestas que não se preocupam.

C. - Conheço muito bem a sua gente. Julgo que o mundo foi feito para que tudo seja ao seu gosto.

M. - Não seja ridículo.

C. - Eu fui soldado raso no Exército. Não me fale em tudo isso. A minha gente faz sempre o que lhe dizem (*Calibã estava muito irritado, para ele*) e já sabe o que lhe acontece se não obedecer.

M. - Você ainda não se habituou. Esquece-se de que é rico, agora. Já não tem razão para se queixar.

C. - O dinheiro não é tudo.

M. - Já não lhe podem dar ordens.

C. - Você não me compreende.

M. - Compreendo, sim. Sei muito bem que você não é um ursinho.

Mas, lá bem no fundo, pensa que é. Odeia ser inferior, detesta não se saber explicar adequadamente. As pessoas quebram as suas coisas, e você limita-se a sentar-se e a amuar. Diz que não quer ajudar o mundo. Diz que não fará o menor esforço pela humanidade. Só pensa em si próprio, e a humanidade que se arranje. (*Era como se eu esbofeteasse alguém contínua e insistentemente*). Para que julga que serve o dinheiro senão para ser usado? Entende o que estou dizendo?

C. - Entendo.

M. - E então?

C. - Oh... você tem razão. Como sempre.

M. - Está sendo sarcástico, ou o quê?

C. - Você é como a Tia Annie. Ela também está sempre dizendo que as pessoas, hoje em dia, não se preocupam com os outros.

M. - Você parece pensar que é direito proceder mal.

C. - Quer uma xícara de chá?

M. - (Com um esforço sobre-humano.) Escute, ora vejamos, por exemplo, que você, por mais que tentasse na sociedade, nunca se sentisse bem nela. Isso é ridículo. mas não faz mal. Você continuaria tendo-se a si mesmo. Eu não creio que a Campanha Pelo Desarmamento Nuclear possa vir a influenciar o Governo. Isso é uma das primeiras coisas que temos de encarar. Mas o fato não impede que façamos essa campanha, para mantermos a nossa dignidade e respeito próprio, para mostrarmos a nós mesmos que nos preocupamos. E para mostrar aos outros, os sem esperança, que existe alguém que se preocupa. Estamos tentando que vocês se envergonhem, que pensem nisso, que façam alguma coisa. ( *Silêncio — gritei.*) Responda-me!

C. - Eu sei que a bomba é uma coisa má.

M. - Faça alguma coisa, então! ( *Calibã olhou para mim como se eu lhe tivesse dito para atravessar o atlântico a nado.*) Escute. Um amigo meu foi num comício, ou antes, numa marcha de protesto, até uma base aérea americana em Essex. Sabe o que aconteceu? Foram detidos no portão, claro, e, depois de algum tempo, o sargento da guarda veio argumentar com eles, e a discussão tornou-se muito acesa porque esse sargento pensava que os americanos eram como cavaleiros andantes que tinham vindo salvar uma donzela em perigo. Pensava que as bombas de hidrogênio eram absolutamente necessárias, etc. Gradualmente, à medida que a discussão progredia, os meus amigos começaram a simpatizar com o americano, porque viram que ele defendia a sua opinião com força e sinceridade. Todos concordaram em que o sargento era sincero e estava convencido do que dizia. A única coisa que importa na vida é sentir e viver aquilo em que se acredita, desde que seja algo mais do que a crença no nosso próprio conforto. O meu amigo disse que se sentia mais próximo desse americano do que todos aqueles idiotas sorridentes que os haviam visto passar pelas estradas inglesas. É como no futebol. Dois times desejam vencer o outro, até pode ser que se detestem, como equipes de um jogo, mas se alguém lhes viesse dizer que o futebol é um desporto estúpido e ridículo, depressa se juntariam para defenderem o seu jogo. Sentiriam todos o mesmo, e o que mais importa na vida são os sentimentos. Não entende?

C. - Eu pensava que estávamos falando da bomba de hidrogênio.

M. - Vá-se embora. Você esgota-me. É como um mar de algodão.

C. - ( *Que se levantara imediatamente.*) Gosto muito de a ouvir falar.

Entendi tudo o que me disse.

M. - Não, não entendeu. O que lhe digo desaparece para sempre no seu espírito.

C. - Se eu quisesse mandar um cheque para... essa gente... qual é o endereço?

M. - Para comprar a minha estima?

C. - E que mal tem isso?

M. - Precisamos de dinheiro. Mas precisamos ainda mais de sentimento. Não creio que você tenha sentimentos para dar. Não é uma coisa que se adquira a apostar nos resultados do futebol.

C. - (Houve um silêncio embaraçoso.) Até logo, então.

(Calibã saiu. Esmurrei com tanta força a minha almofada que ela me tem olhado com certa má vontade desde então.)

Nessa noite — como eu já sabia que aconteceria — provoquei-o ainda mais e consegui fazer com que ele assinasse um cheque de cem libras para a Campanha, que ele prometeu enviar amanhã. Eu sei que se trata de uma causa justa. Há um ano, eu talvez tivesse mantido o ponto de vista estritamente moral como o Major Bárbara. Mas o essencial é obter dinheiro. Já não interessa muito saber de onde veio o dinheiro e por que foi enviado.

19 de outubro

Estive lá fora.

Passei toda a tarde copiando (Piero) e encontrava-me naquele estado de espírito que geralmente me faria ir a um cinema ou a um café-bar, enfim, a qualquer lugar, desde que saísse.

Convenci-o a deixar-me sair, comportando-me como uma verdadeira escrava. “Amarre-me”, disse-lhe eu, “mas leve-me lá fora.” Calibã amarrou-me e amordaçou-me, segurou-me pelo braço, e demos uma volta pelo jardim. Ficamos lá durante bastante tempo. Estava muito escuro, e eu só podia distinguir vagamente a alameda e algumas árvores.

Este lugar é, na realidade, muito isolado. Está perdido no meio dos campos, não sei onde.

Então, de súbito, na escuridão, senti que se passava algo de estranho com Calibã. Não o via bem, mas fiquei muito assustada, parecendo-me que ele queria me beijar, ou ainda pior. Tentou dizer-me qualquer coisa sobre estar muito feliz, falou roucamente, embaraçado. Disse que eu não acreditava que ele tivesse sentimentos profundos, mas que os tinha. É

terrível não se poder dizer o que se quer. De modo geral, defendo-me com palavras, com conversa. Com a minha língua e o meu olhar. Houve um breve silêncio, porém, eu sabia que ele estava muito tenso.

Entretanto, de todos os modos, eu estava respirando o maravilhoso ar fresco do jardim. Era tão agradável, tão agradável, que nem posso descrever o que senti. Era a vida, o aroma das plantas e do campo, as mil misteriosas fragrâncias da umidade da noite.

Ouvi passar um carro. Isso prova que há uma estrada em frente da casa. Calibã apertou-me o braço com força, logo que ouviu o carro. Rezei a Deus para que ele parasse, mas vi os seus faróis continuarem iluminando o céu, para além da casa.

Felizmente, eu pensara bem no caso. Se eu tentar fugir, e falhar, ele nunca mais me deixará sair. Não posso, pois, precipitar-me à primeira oportunidade. E fiquei sabendo, ali no jardim, que Calibã me teria assassinado de preferência a deixar-me fugir. Não tenho dúvidas de que o faria, se eu tivesse tentado escapar-lhe. (Não o poderia ter feito, afinal de contas, visto que ele me segurava o braço com toda a sua força.) Foi terrível. Perceber que havia outras pessoas tão perto... e que nada sabiam de mim.

Perguntou-me se queria dar outra volta pelo jardim. Respondi que não.

Sentia-me tão assustada.

De regresso ao quarto, disse-lhe que tínhamos de esclarecer esta questão sexual de uma vez para sempre.

Disse-lhe que, se ele sentisse, subitamente, o desejo de me violar, eu não resistiria, deixá-lo-ia fazer o que quisesse, mas nunca mais lhe voltaria a falar. Expliquei-lhe que, se o fizesse, ele mesmo, mais tarde, se envergonharia pelo que fizera. Que criatura tão miserável! Já se sentia envergonhado... e disse-me que, lá fora no jardim, sentira “apenas um momento de fraqueza”. Estendi-lhe a mão para que ele a apertasse, como se tivéssemos chegado a um acordo, todavia estou certa de que Calibã soltou um suspiro de alívio quando se encontrou só de novo.

Ninguém acreditaria nesta situação. Estou absolutamente prisioneira.

Mas, em todo o resto, sou eu quem manda. Vejo perfeitamente que é ele próprio quem estimula este estado de coisas, é uma forma de me reduzir um pouco o descontentamento.

Lembro-me de que o mesmo sucedeu quando eu saía com Donald, na primavera passada. Comecei a sentir que ele era meu, que eu sabia tudo a seu respeito. E fiquei muito irritada quando ele partiu para a Itália sem me dizer. Não por eu estar seriamente apaixonada por ele, mas porque ele era vagamente meu e porque não me pediu autorização para viajar.

A solidão em que ele me mantém! Não me deixa ler jornais, nada de rádio ou televisão! Sinto imensamente a falta de notícias. Nunca antes sentira grande necessidade delas, mas agora é como se o mundo tivesse deixado de existir.

Peço-lhe todos os dias que me compre um jornal, porém isso é uma das coisas em que ele não cede. Sem razão. Curioso... sei que nem vale a pena pedir-lhe. É como pedir-lhe que me leve à estação mais próxima.

Contudo, mesmo assim, continuarei a pedir-lhe todos os dias.

Jura a pés firmes que enviou o cheque para a Campanha de Desarmamento Nuclear, mas não sei se será verdade. Pedir-lhe-ei que me mostre o recibo.

Incidente. Hoje ao almoço, desejei molho inglês. Calibã quase nunca se esquece de me trazer tudo aquilo que posso desejar. Mas, desta vez, esqueceu-se do molho inglês. Levantou-se, saiu do quarto. Abriu o cadeado, voltou a fechar a porta, o cadeado, foi buscar o molho inglês no porão exterior, abriu a porta, fechou-a de novo, cadeado, e voltou para junto de mim. Ficou muito surpreendido quando comecei a rir.

Calibã nunca se esquece da rotina do cadeado. Mesmo quando saio para o porão exterior com as mãos desamarradas, que poderia eu fazer?

Não o posso fechar lá dentro, não posso sair. A minha única possibilidade é quando ele entra com uma bandeja nas mãos. Então, e só então, é que ele não dá volta ao cadeado. Assim, se eu conseguisse passar por ele, tudo muito depressa, poderia talvez fechá-lo dentro do meu quarto. Mas ele nunca passa da porta, a não ser que eu esteja suficientemente afastada. De um modo gerai, aproximo-me dele para receber a bandeja.

No outro dia, não o fiz. Fiquei encostada à parede junto da porta.



Calibã pediu que eu me afastasse. Olhei para ele, fixamente. Estendeu a bandeja. Ignorei-o. Ficou parado, indeciso. Depois, muito cuidadosamente, observando-me com toda a atenção, curvou-se e colocou a bandeja no chão, voltando logo a sair para o porão exterior. Eu estava com fome.

Calibã ganhou.

Terrível. Não posso dormir.

Foi um dia estranho! Estranho mesmo para esta vida.

Esta manhã, Calibã voltou a fotografar-me. Gosta verdadeiramente de o fazer. Gosta de me ver sorrir para a câmara, e, por isso, em duas das poses, fiz-lhe caretas assustadoras. Não ficou muito satisfeito. Depois, levantei o cabelo com uma das mãos e fingi que era um manequim.

— Você devia ter sido manequim — disse ele, muito sério.

Não compreendeu que eu estivera troçando dele.

Já sei que tem razão Calibã para gostar de me fazer fotografias. Julga que me faz pensar que ele é artista. E, claro, não tem a menor idéia do que está fazendo. Limita-se a focar-me e a carregar o gatilho. Não tem imaginação.

É esquisito, aterrorizador. Mas há uma espécie de relação entre nós dois. Troço dele, ataco-o todo o tempo, porém ele sabe muito bem quando estou branda. Sente quando pode atacar-me também, sem me fazer zangar.

Assim, por vezes discutimos e troçamos um do outro de uma forma quase amigável. Isso sucede em parte porque estou muito só e, em parte, é deliberado (quero que ele se descuide, tanto para o seu próprio bem como para eu ter uma possibilidade de fugir), e, assim, é em parte uma fraqueza e em parte astúcia, com uma pequena parte de caridade à mistura. Mas existe uma misteriosa quarta parte que não sei definir. Não pode ser amizade, visto que o odeio.

Talvez se trate apenas de conhecimento. Talvez seja pelo fato de eu o conhecer tanto. E conhecer bem alguém, leva-nos automaticamente a sentir algo por esse alguém. Até mesmo quando desejaríamos estar num outro planeta.

Nos primeiros dias, eu nada podia fazer quando ele estava no quarto.

Fingia que estava tendo, mas não me podia concentrar. Contudo, agora, por vezes, chego a esquecer que ele está presente. Calibã fica sentado à porta, e eu leio na minha poltrona ou sentada sobre a cama, como se fôssemos casados há muitos anos.

Não é que eu tenha esquecido como são as outras pessoas Mas o resto do mundo parece ter perdido realidade. A única pessoa no meu mundo é Calibã.

Trata-se de uma coisa que não pode ser compreendida, mas é assim.

20 de outubro

São onze horas da manhã.

Tentei fugir, há pouco.

Esperiei que ele abrisse a porta, que dá para fora, e planejei empurrá-la com toda a minha força, logo que se abrisse um pouco. Como é muito pesada, pensei que o choque lançaria Calibã por terra, se eu agisse no momento propício.

Assim, mal a porta se moveu ligeiramente, dei-lhe o maior empurrão de que fui capaz. Calibã caiu, e eu saí para o porão exterior, mas, claro está, o meu plano dependia de que ele ficasse estonteado. Mas não. Deve ter sofrido o impacto todo num ombro e não ficou muito abalado.

De todos os modos, conseguiu segurar-me por um braço. Durante um segundo, vi aquele seu outro lado que sinto constantemente: a violência, o ódio, a determinação absoluta de não me deixar partir. Desisti, pois, e voltei para dentro do quarto.

Calibã disse-me que eu teria podido magoá-lo de verdade, visto que a porta é muito pesada.

Respondi-lhe que ele me magoava muito mais a cada segundo que me tinha ali prisioneira.

Algo irônico, Calibã comentou que os pacifistas não deviam tentar fazer mal aos outros.

Encolhi os ombros e acendi um cigarro. A minha mão tremia.

Calibã prosseguiu com o resto da rotina matinal sem mais qualquer comentário. A certa altura, esfregou o ombro de uma maneira muito óbvia.

E o incidente foi esquecido.

Vou procurar bem para ver se descobro algumas pedras soltas na parede. A idéia do túnel. Claro, já procurei, mas não com muita atenção, literalmente pedra por pedra, desde o teto até ao chão, em cada uma das paredes.

Já é noite. Calibã acabou de sair. Trouxe-me o jantar. Estava muito calado. Como se me quisesse repreender. Ri muito alto, quando, mais tarde, ele veio buscar os restos do jantar. Está-se comportando exatamente como se eu devesse ter vergonha.

Nunca mais poderei servir-me daquele truque da porta. Não encontrei pedras soltas. Está tudo bem cimentado. Suponho que pensou nisso, tal como pensou em todo o resto.

Passei grande parte do dia a pensar. Sobre mim mesma. Que me vai suceder? Nunca senti o mistério do futuro tanto como agora. Que vai suceder? Que vai suceder?

Não me refiro só a agora, a esta situação. Que sucederá quando sair daqui? Que farei? Quero casar. Quero ter filhos. Quero provar a mim mesma que nem todos os casamentos são como o dos meus pais. Sei exatamente com que espécie de pessoa quero casar, alguém com um espírito igual ao de G. P., porém mais da minha idade, com um aspecto físico que me agrada mais. E sem a sua horrível fraqueza. Quero usar os meus sentimentos para com a vida. Não quero empregar os meus talentos vaidosamente, só por si. Quero *fazer* beleza. O casamento e ser mãe aterrorizam-me por essa razão. Receio ser absorvida

completamente pelo lar, pelos trabalhos da casa, pelo mundo das crianças, pelo mundo da cozinha e pelo mundo das compras. Tenho a impressão de que uma preguiçosa como eu se modificaria imenso, entregando-se de todo à casa e esquecendo tudo o que quisera ser. Tornar-me-ia, receio, numa Grande Couve Feminina. Ou, sei lá?, talvez me entregasse ao trabalho de fazer ilustrações miseráveis, mesmo arte comercial, para ajudar nas despesas da família! Poderia até vir a ser como mamãe, uma perfeita cadela (não, eu nunca poderia ser como ela). Mas o pior de tudo seria tornar-me numa Caroline, correndo pateticamente atrás da arte moderna e das idéias avançadas sem nunca as poder alcançar, porque, bem no fundo, ela é muito diferente e não as entende.

Penso e penso, aqui embaixo. Compreendo coisas em que nunca antes pensara verdadeiramente.

Duas coisas. Nunca antes pensara em mamãe objetivamente, como sendo uma pessoa. Foi sempre minha mãe, sempre a detestei e me envergonhei dela. Mas a verdade é que nunca a tratei com suficiente simpatia. Estes últimos seis meses nunca lhe dei metade da consideração (desde que saí de casa) do que dei a este monstro durante a última semana.

Sinto que, neste momento, eu poderia amar mamãe. Há já muitos anos que não sentia tanta pena dela como agora. Tenho procurado desculpar-me —

tenho dito que sou generosa e tolerante para com todas as pessoas e que ela é a única com quem não o tenho podido ser, que ela é, afinal, a exceção que confirma a regra.

Tanto Minny como eu, que somos muito parecidas, temos por vezes, desprezado papai por suportar mamãe e tudo o que ela faz. Deveríamos, ambas, pedir-lhe desculpas de joelhos.

A outra coisa em que penso muito é em G. P.

Quando o conheci, disse a todos os meus amigos que ele era maravilhoso. Tive uma reação, mais tarde, receando admirá-lo tanto, simplesmente por ser muito nova e talvez por considerá-lo um pouco como um herói, e depois aquela outra coisa começou a acontecer. Foi tudo demasiado emotivo.

G. P. mudou-me mais do que qualquer outra coisa ou pessoa. Mais do que Londres, mais do que a Escola de Slade.

Não é só por ele ter visto muito mais vida, por ter mais experiência artística, ou por ser famoso. É, sim, porque diz exatamente o que pensa e porque me faz pensar, isso é o mais importante. Obriga-me a formular perguntas a mim mesma. Quantas vezes duvidei do que ele diz? Quantas vezes discuti com ele? E, depois, uma semana mais tarde, encontrei-me discutindo com outra pessoa, argumentando tal e qual como ele teria argumentado. A questão é julgar as pessoas segundo os seus níveis.

G. P. eliminou a minha (enfim, uma boa parte) estupidez, as minhas ridículas idéias e concepções sobre a vida e a arte, em especial sobre a arte moderna. Matou a minha morte interior. Nunca mais fui a mesma desde que ele me disse que odiava as mulheres intensas por fora e mortas por dentro. Até mesmo essa expressão eu aprendi com ele...

Lista dos aspectos em que ele me alterou, seja diretamente ou confirmando alterações em progresso:

1) O verdadeiro artista entrega se totalmente à sua arte. Menos do que isso e não se é um artista. Não se é

aquilo a que G. P. chama um *criador*.

2) Não se deve ser afetado. Não devemos ter idéias preconcebidas ou atitudes definidas para impressionar os outros.

3) É preciso ser-se das esquerdas, politicamente, porque os socialistas são as únicas pessoas que se preocupam com os outros, apesar dos seus muitos erros. Sentem, querem melhorar o mundo.

4) É preciso criar continuamente. É preciso agir, se acreditamos em alguma coisa. Falar em agir é como falar de telas que vamos pintar. Falar sem agir é uma coisa terrível.

5) Quando sentimos profundamente alguma coisa, nunca nos deveríamos envergonhar de mostrar os nossos sentimentos.

6) Aceitamos que somos ingleses. Não devemos fingir que preteríamos ser franceses, italianos ou qualquer outra coisa. (Piers está sempre falando da sua avó americana.)

7) Mas não devemos vergar-nos ante o nosso ambiente. Devemos eliminar tudo o que se opõe ao nosso lado criador. Se somos suburbanos (como mamãe e papai o são — quando troçam dos subúrbios, estão apenas fingindo), temos de jogar fora (cauterizar) os subúrbios. Se pertencemos à classe trabalhadora, temos de cauterizar a classe trabalhadora que há em nós. E deveremos fazer sempre o mesmo, seja qual for a classe a que pertencermos, visto que as classes são conceitos primitivos e estúpidos.

(Não sou apenas eu. Recordemos aquela vez em que o namorado de Louise — o filho de um mineiro do País de Gates — conheceu G. P. e em que todos discutimos o próprio G. P., porque ele desdenhava tanto a classe trabalhadora e a vida da classe trabalhadora. Chamou-lhes animais, não seres humanos. E David Evans, muito pálido, e indeciso, só lhe pedia que não dissesse que o pai dele era um animal, ou então teria de o esmurrar. G.

P. limitou-se a responder que nunca fizera mal a um animal e que os seres humanos animais mereciam toda a sua simpatia. Enfim, recordo que o próprio David Evans veio ter comigo o mês passado e me confessou que aquela discussão também o mudara muito.)

8) E preciso detestar esse negócio político da nacionalidade. É preciso detestar tudo, em política, arte ou qualquer outra coisa, que não seja genuíno, profundo e necessário. Não temos tempo para coisas estúpidas e triviais. É preciso viver seriamente. Não vale a pena ir ver filmes estúpidos e ridículos, mesmo que o desejemos fazer; não devemos ter jornais populares e escandalosos; não devemos perder tempo com programas de rádio e de televisão que não sejam de primeira ordem; não devemos desperdiçar o nosso tempo a falar de nada. Devemos, sim, *usar* a nossa vida.

Tenho a impressão de que sempre acreditei nestas coisas; acreditava nelas de maneira vaga. antes de conhecer G. P., mas ele levou-me a acreditar realmente em tudo isso; é por pensar em G. P. que me sinto culpada, por vezes, ao violar uma dessas regras.

Se ele me forçou a acreditar nos seus conceitos, então é porque criou uma grande parte do meu novo eu.

Se eu conhecesse uma fada, pedir-lhe-ia: “Por favor, faça G. P. vinte anos mais novo. E, por favor, por favor, faça-o fisicamente atraente para mim”.

Como ele teria desprezado tal pedido!

É estranho (e acho-me um pouco culpada), mas hoje senti-me mais feliz do que em qualquer outro dia desde que aqui estou. Sinto que tudo acabará bem. Em parte, porque fiz alguma coisa esta manhã. Tentei fugir.

Depois, Calibã aceitou o fato. O que pretendo dizer é que se ele me fosse atacar, tê-lo-ia por certo feito num momento em que tinha uma razão para estar zangado, tal como se sentia esta manhã. Calibã tem um tremendo domínio sobre si próprio, em certos aspectos.

Sei que também me sinto feliz porque não estive aqui a maior parte do dia. Tenho estado pensando em G. P., no seu mundo, não neste em que estou vivendo. Recordei tanta coisa. Teria gostado de escrever tudo o que senti. Banquetei-me em memórias. Este mundo faz com que esse outro mundo seja tão real, tão vivo, tão belo. Até mesmo as partes sórdidas que contém.

Em parte, também, foi como se lisonjeasse a minha vaidade sobre mim mesma. Recordei o que G. P. e outras pessoas disseram sobre a minha pequena pessoa. Recordei que sou uma moça bastante especial, que sou inteligente, que estou começando a compreender a vida muito melhor do que as outras pessoas da minha idade. Sei também que nunca serei tão estúpida para ter vaidade da minha inteligência, que estou terrivelmente contente e grata (especialmente depois disto) por estar viva, por ser quem sou — Miranda, e única.

Nunca permitirei que alguém leia estas tinhas. Mesmo que seja verdade, deve soar a vaidade.

Pela mesma razão, nunca permiti que outras moças percebessem que sei que sou bonita; ninguém percebeu jamais que me impus não lucrar com essa vantagem injusta. Tenho desdenhado todos os olhos masculinos, mesmo os mais gentis e bonitos.

Minny: uma vez, eu elogiava o vestido dela, antes de sairmos para uma festa. Minha irmã disse, então: “Acabe com isso! Você é tão bonita, que nem precisa tentar vestir-se bem”.

G. P. costumava dizer: “Você tem todas as espécies de caras”.

Malicioso.

21 de outubro

Estou tentando fazer com que ele cozinhe melhor. Proibi a comida congelada. Quero frutas, legumes verdes, carne fresca, salmão. Ontem, pedi-lhe que comprasse caviar. Irrito-me ao pensar que não me posso lembrar de comidas raras que nunca provei e que gostaria de experimentar.

Glutona.

O caviar é delicioso!

Tomei outro banho. Calibã não se atreveu a recusar. Pensa que as

“senhoras” têm um ataque quando não podem tomar um banho sempre que lhes apetece.

Deitei uma mensagem no esgoto. Um papel escrito às pressas, um tubo plástico com uma longa fita vermelha enrolada em volta. Espero que a fita se desenrole e alguém a veja. Alguém, algures, em qualquer momento.

A casa não deve ser muito difícil de encontrar. Calibã cometeu um erro ao falar-me da data por cima da porta. Tive de terminar a mensagem com as seguintes palavras: ISTO NÃO É UMA PARTIDA DE CARNAVAL, Muito difícil de dar um tom sério à mensagem. Escrevi que quem telefonasse a papai e lhe transmitisse a mensagem, ganharia vinte e cinco libras. Vou lançar um tubo ao mar (!) de cada vez que tomar um banho.

Calibã retirou das paredes todos os ornamentos que eu criticara, incluindo os horríveis quadros das aldeias de pescadores da Ilha de Maiorca. A pobre casa respirou fundo, aliviada, com certeza.

Gosto de estar lá em cima. Fico mais perto da liberdade. Calibã mantém tudo fechado. As janelas da frente têm persianas por dentro. As outras estão fechadas a cadeado. (Esta noite, ouvi passar dois carros, mas deve ser uma estrada muito secundária).

Comecei a educar Calibã. Esta noite, na sala de estar (com as mãos amarradas, claro), estudamos juntos um livro de arte. Calibã não tem espírito próprio. Não creio que ouça metade do que lhe digo. Só pensa em estar sentado a meu lado e em se aproximar o mais possível sem me tocar.

Não sei se é sexo ou medo de que eu tente fugir de novo.

Quando pensa nas pinturas que lhe mostro, aceita tudo o que lhe afirmo. Se eu dissesse que David, de Miguel Ângelo era uma frigideira, Calibã diria: “Ah! sim?”

Que gente! Cruzei com uma infinidade de pessoas semelhantes, no metrô ou na rua, e ouvi-as falar muitas vezes. Sabia por isso que existem.

Sabia, mas, apesar disso, nunca acreditara verdadeiramente na sua existência. São totalmente cegas. Nem parece possível...

Diálogo. Calibã estava sentado, olhando ainda para o livro com a expressão A Arte-É-Uma-Coisa-Maravilhosa (para meu benefício claro, não por ele pensar isso).

M. - Sabe o que é verdadeiramente estranho nesta casa? Não tem livros, exceto os que você me comprou.

C. - Tenho alguns lá em cima.

M. - Sobre borboletas.

C. - Outros também.

M. - Uns poucos romances policiais, detestáveis e insignificantes.

Você nunca te livros decentes — livros a sério? ( *Silêncio*). Livros sobre coisas importantes, escritos por pessoas que, na realidade, sentem e conhecem a vida. Não me refiro a livros de bolso, para matar o tempo no metrô. Livros, entende?

C. - Dedico-me mais aos romances ligeiros. (Calibã é como um daqueles pugilistas que queremos ver batidos, por terra, K.O).

M. - Vou obrigá-lo a ler *The Catcher In The Rye*. Já quase o acabei.

Sabe que já o li duas vezes e tenho menos cinco anos do que você?

C. - Prometo lê-lo.

M. - Não fale com essa voz, como se fosse um castigo.

C. - Folhee antes de o trazer para baixo.

M. - E não lhe agradou.

C. - Tentarei tê-lo.

M. - Você enjoa-me.

Houve um breve silêncio. Senti-me irreal, como se se tratasse de uma peça, e eu não soubesse que papel eu estava representando.

Antes, nesse mesmo dia, perguntara-lhe por que razão ele colecionava borboletas.

C. - Faz-me bem, sinto-me como se fosse de uma classe melhor.

M. - Não coleciona só por causa disso, com certeza?!

C. - Foi um professor que eu tive, quando era garoto. Mostrou-me como é que se coleciona. Não sabia grande coisa. Armava as peças à maneira antiga. (*referia-se à colocação e ao ângulo das asas. A maneira moderna exige que sejam colocadas em ângulo reto*). E o meu tio.

também, interessava-se pelas coisas da natureza. Ajudava-me muito.

M. - Deve ter sido boa pessoa.

C. - As pessoas que se interessam pela natureza são sempre boas.

Tome como exemplo a Seção Entomológica da Sociedade de História Nacional. Sempre me trataram pelo que sou. Não me falam com ares superiores. Nem de longe...

M. - Nem sempre são pessoas agradáveis. (*Mas ele não me entendeu*).

C. - Também temos alguns esnobes, claro, porém são muito poucos.

Os meus conhecidos dessa Sociedade são mais gentis do que nós... dos que eu conheço... de maneira geral.

M. - E os seus amigos? Não costumavam troçar das suas coleções?

Não costumavam dizer que você é efeminado?

C. - Nunca tive amigos. Apenas alguns colegas de trabalho. (Passado algum tempo, Calibã disse que sim, que por vezes troçavam dele).

M. - Que diziam eles?

C. - Nada de especial. Troçavam ...

Não prosseguiu. Tenho, por vezes, um desejo irresistível de chegar bem ao fundo de Calibã, de arrancar coisas a seu respeito de que ele não quer falar. Mas isso é mau. É como se eu me preocupasse com ele e com a sua miserável, úmida e mesquinha vida.

As palavras não chegam para explicar tudo. Tantas falhas... A maneira como Calibã se senta, numa atitude ao mesmo tempo empertigada e servil!

Por quê? Sentir-se-á embaraçado? Talvez seja para se lançar sobre mim, se eu decidir fugir de repente. Posso desenhá-lo. Posso desenhar o seu rosto e as suas expressões, mas as palavras já estão tão gastas, têm sido usadas a respeito de tantas outras coisas e tantas outras pessoas. Escrevo “Calibã sorriu”. Que significa isso? Não mais do que uma pintura infantil de uma melancia com uma boca muito sorridente. Todavia, quando desenho o sorriso...

As palavras são tão rudimentares, tão terrivelmente primitivas, quando comparadas com o desenho, a pintura, a escultura. “Eu estava sentada na minha cama, e ele numa cadeira perto da porta; tentei persuadi-lo a gastar algum dinheiro para se educar, e ele disse que o faria, mas não me convenceu”. Palavras como um esboço ou uma mancha sem cor nem vida.

É como tentar desenhar com um pedaço de lápis mal afiado.

Estou escrevendo conforme vou pensando. Tudo isto foi pensado por mim mesma.

Preciso ver G. P., para que ele me indique os nomes de dez livros onde tudo isso foi dito muito melhor.

Como eu odeio a ignorância! A ignorância de Calibã, a minha ignorância, a ignorância do mundo! Oh, eu gostaria de aprender, aprender e aprender! Gostaria de poder chorar. Quero tanto aprender...

Amordaçada e amarrada.

Vou pôr estes papéis na cama onde vivem, debaixo do meu colchão.

Depois quando me deitar, rezarei a Deus para que me permita aprender.

22 de outubro

Faz hoje quinze dias. Marquei os dias no biombo, como Robinson Crusóé.

Sinto-me deprimida. Tenho, tenho, tenho de fugir.

Estou muito pálida. Sinto-me doente, fraca, todo o tempo.



Este terrível silêncio!

Calibã é tão frio, tão destituído de misericórdia. Tão incompreensível... Que desejará ele? Que vai acontecer?

Já deve ter percebido que estou adoecendo, enfraquecendo.

Disse-lhe esta noite que tenho de ver a luz do sol. Obriguei-o a olhar para mim, para que visse quão pálida estou.

Amanhã, amanhã. Ele nunca diz *não* logo de início.

Estive pensando, hoje, que ele me poderia fechar aqui para sempre.

Não seria por muito tempo, porque eu morreria depressa. É absurdo, é diabólico — mas não há fuga possível. Tentei de novo encontrar alguma pedra solta nas paredes. Poderia então escavar um túnel que me levasse à liberdade, que fosse daqui até o jardim. Mas deveria ter, pelo menos, uns seis a sete metros de comprimento. Tanta terra! O medo de ficar sepultada a meio caminho... Não o poderia fazer, já sei. Prefiro morrer a ser enterrada viva. Não, o que terei de fazer é tentar abrir um buraco na parede que me permita escapar para o porão exterior. Contudo, para isso, preciso de tempo.

Preciso de o afastar durante, pelo menos, seis horas. Três para fazer o buraco na parede, duas para arrombar a porta do porão exterior. Sinto que essa é a melhor solução. Não posso desperdiçá-la, estragá-la por falta de preparação.

Não posso dormir.

Tenho de fazer alguma coisa.

Vou escrever a respeito da primeira vez que conheci G. P.

Caroline disse: “Oh, apresento-lhe Miranda, minha sobrinha”. E, dito isto, começou a falar de mim (um sábado de manhã, em Hampstead), e eu não sabia para onde olhar, embora já há muito o desejasse conhecer.

Caroline falara-me dele muitas vezes.

Gostei logo da maneira como ele me tratou, friamente, sem tentar esconder que estava aborrecido, não cedendo ante a tia Caroline, como todo mundo costuma fazer. Caroline falou-me dele durante todo o caminho para casa. Eu sabia que G. P. a chocava, embora ela não o confessasse. Os dois casamentos falhados e o fato óbvio de ele não lhe dar grande importância. Assim, já nem sei por que, resolvi defendê-lo logo, desde o início.

Encontrei-o depois, uma vez, passeando no parque de Hampstead.

Senti certa vergonha, apesar de ter desejado tanto voltar a vê-lo.

A maneira como ele passeava. Muito seguro de si, não ao acaso.

Levava um casaco de piloto tão agradável! Quase não nos falou.

Compreendi que não gostou muito de se encontrar conosco (comigo e Caroline), mas ia na mesma direção e não nos conseguiu evitar; depois, contudo, continuou passeando a nosso lado durante toda a tarde, até Kenwood, do outro lado do parque. Creio que foi por causa de um olhar cúmplice que lhe lancei, quando Caroline começou a falar das suas idéias de mulher supostamente avançada — entreolhamo-nos rapidamente. Eu sabia que ele estava irritado, e eu, por minha parte, estava envergonhada.

Caroline disse tanto disparate!

Caroline disse, a certa altura, quando falávamos sobre a pintura de Rembrandt no pequeno Museu de Kenwood: “Não acham que, a meio, ele se fartou um pouco do que estava pintando? O que quero dizer é que nunca sinto o que sinto que devia sentir, entendem?” E Caroline riu, daquela sua maneira muito especial, como se quisesse que as pessoas soubessem como ela ri.

Eu estava olhando para G. P. e vi o seu rosto contrair-se, como se tivesse sido apanhado desprevenido. Não o fizera para eu ver, fora apenas uma ligeira contração, uma brusca mudança de expressão. Limitou-se a olhá-la, quase como se estivesse divertido, mas a sua voz provava o contrário. G. P. falou num tom gelado.

— Tenho de me ir embora, agora — disse ele. Adeus A despedida fora para mim, algo desdenhosamente, como se me perguntasse como é que eu podia suportar aquela tia. Enfim, parecia querer dar-me uma lição, parecia querer dizer-me que eu teria de escolher entre a mentalidade de Caroline e a sua.

Foi-se embora rapidamente, sem sequer nos dar tempo para lhe responder, e Caroline ficou muito admirada, encolhendo os ombros e fazendo comentários desagradáveis.

Olhei-o, afastando-se com as mãos nos bolsos. Caroline ficara muito vermelha, ruborizada. Estava furiosa, tentando escapar àquela espécie de condenação. (“Ele é sempre assim, fá-lo deliberadamente”) Criticou a sua pintura durante todo o caminho até a casa (“Um Paul Nasch de segunda categoria”, comentário verdadeiramente injusto) Sentia-me muito zangada, mas ao mesmo tempo, tive pena dela. Não consegui articular palavra. Não consegui dizer-lhe que G. P. tinha razão.

Entre as duas, Caroline e mamãe têm todos os defeitos que detesto nas mulheres. Fiquei como que desesperada durante dias e dias, sabendo que tinha em mim uma grande dose do seu pretensioso sangue. Claro, há momentos em que gosto muito de Caroline. Gosto da sua energia, do seu entusiasmo, da sua generosidade. E mesmo a sua pretensão que é tão horrível — em comparação com os espíritos verdadeiramente avançados

— é melhor do que nada. Eu costumava pensar maravilhas dela e adorava passar as férias com ela. Foi Caroline quem me apoiou, quando houve a grande batalha familiar sobre o meu futuro. Respeitava-a e gostava muito dela até ir viver na sua casa, em Londres, até a conhecer melhor. Cresci e fiquei menos cega. (Agora, estou sendo a Moça Dura e Fria).

Depois, uma semana mais tarde, encontrei-o no elevador do metrô.

Cumprimentei-o, com demasiada efusão. Ruborizei-me de novo. G. P.

limitou-se a acenar com a cabeça, como se não quisesse falar, e, em seguida, do fundo do coração (foi pura vaidade, por não querer que ele me equiparasse a Caroline) disse-lhe: “Lamento muito que a minha tia tenha dito aquilo, quando passeávamos em Hampstead”.

“A sua tia irrita-me sempre”, respondeu-me G. P.; compreendi que a conversa não o interessava. Quando já estávamos na plataforma dos trens, disse-lhe: “Ela tem medo de parecer antiquada”.

“E você?” — perguntou ele, sorrindo friamente. Pensei que ele não achara muito bonito eu atacar minha tia sem que ela estivesse presente.

Passamos por um cartaz de um filme, e G. P. disse: “Esse filme é muito bom. Já o viu? Não? Então, veja-o”.

Depois, à despedida, falou de novo: “Venha visitar-me um dia, mas não traga esta sua maldita tia”. Sorriu-me. Foi um sorriso malicioso, algo infantil. Não um sorriso da sua idade. Afastou-se de mim, em seguida, ficando muito só consigo mesmo, muito indiferente.

Fui visitá-lo, certo sábado de manhã. G. P. ficou surpreso. Tive de ficar sentada em silêncio durante vinte minutos com ele e com uma estranha música indiana. G. P. pôs o disco na vitrola e deitou-se no sofá com os olhos fechados, como se eu não fosse bem recebida, como se ele não gostasse que eu o interrompesse. Eu sentia também que não devia ter vindo (especialmente sem dizer a Caroline), e pensei que G. P. estava abusando, que aquela sua indiferença devia ser uma pose. Não me sentia à vontade. Mais tarde, depois da música, G. P. interrogou-me sobre a minha vida fria e curtamente, como se eu fosse muito cacete. Eu, estupidamente, tentei impressioná-lo. Procedi exatamente como não devia. Gabei-me disto e daquilo. Quis mostrar-lhe o que eu valia, mas, no fundo, dizia a mim mesma todo o tempo que ele não tivera a menor intenção de me tornar a ver, quando me dissera para o visitar.

De súbito G. P. interrompeu-me e levou-me para o seu ateliê, mostrando-me uma infinidade de coisas.

O seu ateliê. Tão maravilhoso! Sinto-me sempre tão bem quando lá vou! Tudo em harmonia. Tudo exprimindo a personalidade de G. P. (não é deliberado, ele detesta a “decoração de interiores”, os truques da decoração e o *Vogue*). Mas tudo naquele ateliê é ele. Toinette, com suas ridículas idéias femininas de bom gosto austero, ao estilo da revista *House and Garden*, disse que o ateliê estava demasiado cheio. Que estupidez! A sensação de que alguém vive toda a sua vida ali dentro, de que trabalha ali, de que pensa ali, de que esse alguém é o próprio ateliê...

Foi então que descongelamos. Eu abandonei a minha pose de moça inteligente e talentosa.

G. P. mostrou-me como conseguia aquele seu efeito de *névoa*. Guache de Tonksing, que ele próprio prepara.

Um casal seu amigo apareceu pouco mais tarde: Barber e Frances Cruikshank. G. P. apresentou-me, dizendo o meu nome e afirmando logo aos outros que não gostava da minha tia. Os outros riram. Eram velhos amigos. Quis ir embora. Mas eles iam passear e insistiram para que eu fosse, Barber Cruikshank foi o que insistiu mais: parecia interessado em mim.

“E se titia nos vir?” perguntou-me G. P. rindo. “Barber tem a pior reputação de toda a Cornualha.”

“É apenas minha tia”, respondi-lhe, “não minha dona.” Fomos então ao bar do Vale da Saúde, em Hampstead, e depois, ate Kenwood. Frances falou-me da sua vida na Cornualha e, pela primeira vez na minha vida, senti que me encontrava entre pessoas de uma geração mais velha que eu compreendia, pessoas autênticas Mas ao mesmo tempo, não podia deixar de ver que Barber era um perfeito sem-vergonha. Todas aquelas histórias maliciosas que ele contou! G P. era contudo, o que orientava todas as conversas sérias que tínhamos. Não quero dizer que ele não fosse alegre e bem disposto Mas verifiquei que ele tinha um talento muito especial para ir até ao fundo das coisas, para falar das coisas que realmente interessam. A certa altura, quando G. P. nos foi buscar novas bebidas, no bar, claro está, Barber perguntou-me há quanto tempo eu conhecia G. P acrescentando logo que o seu maior desejo teria sido conhecer alguém como G. P. quando ainda era estudante. E a pequena e tão calada Frances disse, por sua vez, que G. P. era o homem mais maravilhoso que eles conheciam. Disse que era um dos poucos, não explicou de que poucos, mas percebi logo o que ela quisera dizer.

Uma vez em Kenwood, G. P. propôs que nos separássemos, levando-me logo a ver de novo a pintura de Rembrandt e falando-me longamente sobre ela, sem baixar a voz, e tive a pequenez de me sentir embaraçada, porque as outras pessoas presentes nos olharam, muito admiradas. Pensei que devíamos ter o ar de pai e filha. G. P. explicou-me todo o ambiente do quadro, o que Rembrandt deve ter sentido ao pintá-lo, o que ele estava tentando dizer, como ele o disse. Falou-me como se eu nada soubesse de arte. Como se tentasse libertar-me de uma série de idéias falsas que eu pudesse ter sobre a pintura.

Saímos do pequeno museu e fomos esperar pelos outros. G. P. disse que aquela pintura o emocionava muito. E olhou-me. como se esperasse que eu risse dele. Foi um daqueles relâmpagos de timidez que ele tem de vez em quando.

Eu respondi-lhe que a pintura, agora, também me emocionava. Mas G.

P. sorriu e disse que não era possível, que eu levaria anos antes de a sentir inteiramente.

“Como sabe você isso?”, perguntei-lhe.

G. P. explicou-me: “Suponho que há pessoas que se emocionam verdadeiramente com a grande arte. porém nunca conheci um pintor a quem isso acontecesse. Comigo, é muito raro. Tudo o que vejo numa pintura é o supremo talento e domínio que passei toda a vida a tentar alcançar. E que não conseguirei... Nunca! Você é muito jovem.

Compreende... mas ainda não pode sentir”.

Eu respondi-lhe que não, que estava certa de que sentia. “Isso é mau”, respondeu ele. “Na sua idade, não se sente a perfeição. Não tente ser da nossa idade”, acrescentou G. P., “ou então eu talvez tenha de a desprezar.” Disse ainda: “Você é como uma criança tentando subir a uma parede de dois metros de altura”.

Essa foi a primeira vez. Ele odiava o fato de se sentir atraído por mim.

Suponho que foi o seu lado Professor Higgins.

Mais tarde, quando os Cruikshanks tornaram a encontrar-se conosco.

G. P. advertiu-me: “Barber tem a mania das mulheres. Recuse, se ele a convidar a sair”.

Olhei-o, surpreendida. G. P. explicou: “Não é por sua causa, não, é só porque não posso suportar a dor que Francês sente”.

De volta a Hampstead, deixei-os e voltei para casa. Durante todo o percurso, de Kenwood a Hampstead, verifiquei que G. P. fazia todo o possível para que Barber e eu não ficássemos sozinhos. Pediu-me (Barber) que os fosse visitar, se alguma vez me encontrasse na Cornualha.

G. P. despediu-se, dizendo que me voltaria a ver um dia destes, como se, na realidade, lhe fosse indiferente tornar a ver-me.

Contei a Caroline que o encontrara por acaso e que ele pedira desculpa pela sua atitude naquele dia (mentira) e que, se ela preferisse que eu não lhe falasse, eu nunca mais o faria. Disse também a verdade, que o achara muito estimulante, cheio de idéias, e que eu precisava conhecer pessoas assim. Eu sabia que, falando-lhe desse modo, Caroline nunca ousaria proibir-me de vê-lo. Como eu esperava, disse logo que eu era dona da minha vida, etc.

Acrescentou, mais tarde: “Minha querida, você já sabe que eu sou a última pessoa para fazer intrigas, mas a reputação de G. P., a sua fama no que respeita às mulheres... deve haver fogo, com certeza... há tanto fumo!” Eu respondi-lhe que já ouvira falar nisso, mas que sabia tomar conta de mim mesma.

A culpa foi sempre dela. Insistiu em que eu lhe chamasse Caroline e em que a tratasse como uma moça da minha idade. Não posso respeitá-la como tia. Como minha protetora e conselheira...

Tudo muda. Estou sempre pensando em G. P.: nas coisas que ele disse e nas que eu respondi. A verdade é que nunca nos compreendemos. Não...

creio que ele me compreendia. É tão mais rápido do que eu, quanto a medir conseqüências e a calcular o futuro. E eu estou crescendo tão rapidamente, aqui embaixo. Como um cogumelo... Ou será porque perdi o meu senso do equilíbrio? Talvez seja tudo um sonho. Espeto-me com a ponta de um lápis, mas é possível que isso também seja um sonho.

Se G. P. surgisse agora ali à porta, eu correr-lhe-ia para os braços.

Desejaria que ele segurasse a minha mão durante semanas. Creio que, desta vez, eu o poderia amar de outra maneira, à sua maneira, agora.

23 de outubro

Tenho a impressão de que uma maldição pesa sobre mim. Tenho sido uma verdadeira cadela para com Calibã. Nenhuma misericórdia. é a falta de intimidade, além de tudo o mais. Esta manhã obriguei-o a deixar-me passear pelo porão exterior. Pensei ter ouvido passar um trator. E pardais.

Luz do sol, pardais. Um avião. Chorei.

As minhas emoções estão todas confusas, como macacos assustados numa jaula. Pensei que enlouquecia, ontem à noite, e foi por isso que escrevi, escrevi e escrevi até me convencer de que estava num outro mundo. Para escapar em espírito, se não de fato. Para provar que esse outro mundo ainda existe.

Estou fazendo esboços para um quadro que quero pintar quando sair daqui. Um jardim visto através de uma porta. Parece uma idéia ridícula, assim em palavras. Mas vejo o quadro como algo de muito especial, todo negro, escuro, com formas misteriosas angulares na sombra, conduzindo ao quadrado esbranquiçado de uma porta iluminada. Uma espécie de raio de luz horizontal.

Mandei-o embora logo depois do jantar e acabei de ler *Emma*. Eu sou Emma Woodhouse. Sinto-a, sinto-a e sinto-a em mim. É verdade que tenho um esnobismo diferente, mas compreendo o esnobismo dela. A sua presunção... admiro-a. Sei muito bem que ela procede mal, que procura organizar a vida das outras pessoas, que não consegue ver que o Sr.

Knightley é um homem maravilhoso, único. Emma está temporariamente estupidificada, mas, ao mesmo tempo, sabemos que ela é inteligente, viva, criadora, determinada a obter os mais altos níveis. É, enfim, um verdadeiro ser humano. As suas falhas são as minhas falhas: as suas virtudes tenho de *fazê-las* minhas.

Tenho pensado durante todo o dia — logo, mais tarde, escreverei mais coisas sobre G. P.

Lembro-me daquela vez em que lhe levei alguns dos meus trabalhos para ele ver. Só levei o que pensava poder agradar-lhe (não apenas os desenhos habilidosos com a perspectiva de Lady Mont). G.P. não disse uma única palavra enquanto os examinava. Não fez qualquer comentário, mesmo quando viu os que eu considerava serem os meus melhores (como Carmen em Ivinghoe) ou que, na época, eu julgava serem os melhores. Por fim, disse: “Não são grande coisa, na minha opinião, mas, devo dizer, são melhores do que eu pensara”. Foi como se ele me tivesse esbofetado, e não consegui escondê-lo. G. P. prosseguiu: “Lisonjeá-la não serviria para coisa alguma. Posso ver que você sabe desenhar e que tem algum sentido das cores e das formas, que é sensitiva. Tudo isso... mas, claro, não estaria na Escola de Arte de Slade, se não tivesse quaisquer qualidades”.

Quis que ele se calasse, porém G. P. continuou. “É óbvio que tem visto muito boa pintura. Não tentou plagiar demasiado. Todavia, este retrato de sua irmã está todo errado”. Viu que eu estava muito vermelha e perguntou-me se estava desiludida e que era isso mesmo que ele desejava.

Os seus comentários quase me mataram. Eu sabia que ele tinha razão; teria sido ridículo se ele não tivesse dito exatamente o que pensava. Teria sido detestável se ele me elogiasse sem razão. Mas fiquei bastante magoada. Foi como uma série de bofetadas repentinas e inesperadas. Eu cuidara que ele ia gostar de alguns dos meus trabalhos. O pior de tudo foi a sua frieza. Falara com uma expressão tão séria e clínica! Nada de ternura, humor, ou mesmo ironia. Subitamente, percebi que era demasiado, demasiado velho para mim.

G. P. acrescentou ainda: “É preciso aprender que pintar bem — no sentido acadêmico e técnico — é o menos importante de tudo. O que digo é que você tem essa habilidade, o que sucede a muitos milhares de pessoas.

Mas aquilo que me interessa não está aqui no seu trabalho. Não o vejo aqui... Já sei que isso a magoa. Na realidade quero dizer-lhe, quase lhe pedi que não me trouxesse as suas coisas. Mas depois pensei... você tem uma espécie de ansiedade, de insistência... sobreviverá”.

“Já sabia então que não prestavam?” , perguntei-lhe.

“Esperava mais ou menos isto mesmo. O melhor é esquecer que os vi...” Mas G. P. sabia que estava apenas provocando-me, incitando-me a fazer melhor.

“Explique-me em pormenor o que há de errado neste desenho”, pedi-lhe entregando-lhe uma cena de rua.

“Bem”, respondeu ele, “é bastante gráfico, a composição não é má, não lhe posso apontar este ou aquele pormenor, mas não se trata de arte viva. Não é parte de você. Não creio que, na sua idade, possa compreender o que quero dizer. Não é uma coisa que se possa ensinar. Talvez o sinta mais tarde, ou não. Sei lá! Na Escola de Slade ensinam-lhe a exprimir a personalidade — a personalidade em geral. Contudo, por mais habilidosa que você seja em traduzir a personalidade para o traço ou para as tintas, isso de nada servirá, se a personalidade não valer a pena ser traduzida. É tudo uma questão de sorte. Uma questão puramente de acaso...” As suas palavras fragmentadas, interrompidas freqüentemente, eram seguidas por longos silêncios. Perguntei-lhe: “Devo rasgar isto tudo?”, e ele respondeu que eu estava sendo histérica.

“Tenho tanto que aprender...”, comentei.

G. P. levantou-se e disse: “Tenho a impressão de que você possui algum talento lá dentro. Não sei bem. Isso é raro nas mulheres. O que quero dizer é que as mulheres procuram sempre ser perfeitas no que fazem, sobretudo na técnica, no bom gosto, na habilidade. Mas nunca podem compreender que se o nosso desejo é ir até aos máximos limites de nós mesmos, então a verdadeira forma que a nossa arte adquire deixa de ser muito importante para nós, seja nas palavras, nos sons ou na pintura, enfim, seja no que for”.

Pedi-lhe que continuasse.

“É um pouco como a sua voz”, disse ele. “Você fala com a sua voz e suporta-a por não ter outro remédio. Mas o que conta é o que você diz, não a voz. É isso mesmo que diferencia toda a verdadeira arte da outra espécie.

Os artistas tecnicamente perfeitos abundam em todos os períodos e, em especial, nesta grande época de educação universal.” G. P. estava sentado no sofá, falando sem me olhar. Eu tivera de me voltar para a janela.

Pensava que ia chorar.

“Os críticos elogiam essa perfeição técnica que, no fundo, nada significa. A arte é uma coisa cruel. Quem escreve, pode fazer o que lhe apetece com as palavras. Mas uma pintura é como uma janela que se abre para o fundo do nosso coração. Tudo o que você fez nestas pinturas e desenhos foi abrir uma série de pequenas janelas para um coração cheio de pinturas de outros pintores em voga.” G. P. aproximou-se de mim, então, e mostrou-me um dos abstratos que eu fizera em casa. “Você aqui está dizendo alguma coisa sobre Nicholson ou Pasmore. Não sobre si própria.

Está usando uma câmara. Tal como um *trompe l’oeil* é fotografia mal canalizada, o mesmo sucede quando pintamos no estilo de outra pessoa.

Você, nesta tentativa, está fotografando. Nada mais.”

“Nunca aprenderei”, disse eu.

“O que você tem de fazer é desaprender”, explicou G. P., “agora que já acabou de aprender. O resto é sorte. Não, um pouco mais do que sorte.

Coragem, paciência.”

Falamos durante horas e horas. G. P. falava, e eu ouvia.

Foi como o vento e a luz do sol. Destruíu todas as teias de aranha que eu tinha em mim. Fez-me brilhar por dentro. Agora, que escrevo as coisas que ele disse, tudo parece tão óbvio! Mas a maneira como ele fala também conta. É a *única* pessoa que conheço que parece exprimir tudo o que diz, quando fala de arte. Se um dia eu viesse a saber que ele dissera uma coisa que não pensava, seria como uma blasfêmia.

E, claro, não me posso esquecer do fato de que ele é um grande pintor e de que será famoso, um dia, e de que isso me influencia mais do que seria natural. Não só o que ele é, mas também o que será.

Lembro-me daquilo que mais tarde G. P. disse (de novo ao estilo do Professor Higgins), que eu não tinha qualquer possibilidade de vir a ser uma grande pintora. “Você é demasiado bonita. A arte do amor é a sua especialidade: não o amor da arte”.

“Vou me afogar no lago do parque”, respondi-lhe.

“Se fosse você, não me casava. Teria uma aventura trágica. Suicidar-me-ia depois”, e G. P. olhou-me de lado, maliciosamente, como fazia por vezes. Senti-me algo assustada. Era como se ele tivesse dito aquilo para ver como eu reagia. E, de súbito, pareceu-me que ele era muito mais novo do que eu própria.

G. P. parece ser, de vez em quando, um verdadeiro jovem, de uma forma que não sei explicar. Talvez seja porque ele me fez olhar para dentro e ver tudo o que eu tinha em mim que era velho e empoeirado. Fez-me ver aquelas pessoas antiquadas que nos ensinam velhas idéias, velhos conceitos, velhas maneiras. É como cobrir plantas com várias camadas de terra velha; não admira que as infelizes raramente surjam frescas e verdes.

Mas G. P. é fresco e verde. Durante muito tempo, devo dizer, não o vi como um rebento verdejante e viçoso. Contudo, agora, é assim que o vejo.

Mais um dia terrível. Fiz todo o possível para que também fosse terrível para Calibã. Por vezes, irrita-me tanto que tenho ímpetos de gritar.

Não é só o seu aspecto, embora isso já seja suficientemente irritante. Está sempre tão respeitável, com as calças sempre bem engomadas, as camisas sempre lavadas. Creio até que se sentiria mais feliz se usasse colarinhos engomados. É um pouco como se não estivesse vivo. Fica de pé, olhando-me. Nunca conheci outra pessoa que ficasse tanto tempo de pé, imóvel, tremendamente imóvel. Tem sempre no rosto aquela expressão *desculpe-me*, que começo a compreender, não passa, *na realidade*, de contentamento. É a alegria de me ter sob o seu poder, de me olhar todo o dia e todos os dias. Não se preocupa com o que digo ou sinto — os meus sentimentos não têm o menor significado para ele — só pensa no fato de me conservar aqui, ao seu dispor.

Eu poderia insultá-lo durante o dia; Calibã não se importaria. Só quer o meu exterior, ver-me. Não quer as minhas emoções, o meu espírito, a minha alma, ou mesmo o meu corpo. Não quer coisa alguma de



*humano.*

É um colecionador. Isso é aquela enorme coisa morta que há nele.

O que me irrita mais é a sua maneira de falar. Só fala por frases feitas, antiquadas e empoeiradas, como se tivesse passado a vida com pessoas de mais de cinqüenta anos. Hoje, à hora do almoço, disse-me, por exemplo:

“Fui à loja com referência àqueles discos que a empresa encomendou para nós”. Respondi-lhe logo: “Por que não diz você: Fui ver se os discos já chegaram?”

Calibã respondeu, por sua vez: “Já sei que o meu inglês não é muito correto, mas faço o possível por melhorá-lo”. Não discuti. Isso mostra bem como ele é. Tem de ser correto, tem de fazer o que é certo, o que era bem, ainda antes de qualquer um de nós ter nascido.

Sei perfeitamente que isso é patético, sei que ele foi vítima de um mundo suburbano não conformista, de uma classe social abjeta, de uma horrível e tímida classe intermédia. Eu costumava pensar que a classe dos meus pais era a pior. Golfe, uísque, e *bridge*, automóveis e o sotaque adequado, afetado, muito dinheiro, ter freqüentado a escola mais em moda, detestar as artes (sendo o teatro uma pantomima de Natal e as peças mais sérias uma brincadeira do grupo teatral local — Picasso e Bartok não passando de palavras sujas, a não ser que fosse para troçar). Enfim, isso é tudo horroroso. Mas a Inglaterra de Calibã é ainda pior.

Tudo isso me enjoa: a cegueira, o marasmo, o atraso, os preconceitos e, sim, a pura malícia ciumenta da grande maioria da Inglaterra.

G. P. fala muitas vezes de fugir para Paris. Não é capaz de continuar encarando a Inglaterra. Compreendo-o tão bem. O sentimento de que a Inglaterra esmaga e destrói tudo o que é fresco, verde e original. E é isso que causa fracassos trágicos como os do Matthew Smith e Augustus John

— fugiram para Paris e viveram desde então à sombra de Gauguin, Matisse ou quem quer que seja — tal como G. P. diz que viveu em tempos à sombra de Braque e, subitamente, acordou uma manhã compreendendo que tudo o que fizera nos últimos cinco anos era uma mentira, porque fora baseado nos olhos e na sensibilidade de Braque, e não em si mesmo.

Fotografia.

É por haver tão pouca esperança na Inglaterra que os artistas têm de se voltar para Paris, ou qualquer outro lugar. Mas temos de nos forçar a aceitar a verdade — que Paris é sempre uma fuga *para baixo* (como disse G. P.) — nada dizendo contra Paris, claro, porém, o essencial é encarar a Inglaterra e a apatia do ambiente (ainda segundo as palavras de G. P.) e lutar contra o peso morto do Calibanismo inglês.

E os verdadeiros santos são os artistas como Moore e Sutherland que combatem para serem artistas ingleses na Inglaterra. Como Constable, Palmer e Blake.

Esqueci-me de escrever o pesadelo que tive a noite passada. Tenho cada vez mais pesadelos, especialmente de madrugada; deve ser porque este quarto é tão abafado, e os pesadelos surgem, de um

modo geral, sempre que não saio na noite anterior. (Que alívio. quando ele abre a porta de manhã e põe o ventilador exterior a funcionar. Peco-lhe sempre que me deixe sair para o porão exterior para respirar o ar fresco, mas ele diz-me todos os dias que espere até depois do desjejum. Como receio que ele não me permita tornar a sair de novo na mesma manhã, se me deixasse sair logo que me levanto, não insisto).

O pesadelo foi assim: Eu acabara de pintar um quadro. Não me lembro bem de que se tratava, mas sei que me agradara bastante. Estava em minha casa. Saí à rua e, enquanto estive fora, senti subitamente que se passava algo de mal. Tive de regressar a casa, correndo e correndo.

Quando entrei no meu quarto, vi mamãe sentada em cinta da mesa (Minny estava de pé, encostada à parede — com uma expressão muito assustada: creio que G. P. também se achava presente, bem como outras pessoas, por qualquer estranha razão), e a tela estava toda rasgada, feita em pedaços.

Mamãe espetava uma faca no tampo da mesa com gestos irritados e bruscos, vi logo que se encontrava branca de raiva. Eu também fiquei enraivecida. Senti um ódio intenso.

Acordei nesse momento. Nunca senti tanto ódio por mamãe — ainda mais do que naquela vez em que ela estava embriagada e me esbofeteou em frente desse desprezível moço Peter Catesby. Lembro-me perfeitamente do incidente. Senti-me envergonhada, ultrajada, chocada, tudo... mas não tive pena dela. Fui-me sentar na sua cama e segurei-lhe a mão, perdoando-lhe e defendendo-a das recriminações de papai e de Minny. Mas este sonho de agora pareceu-me tão real, tão terrivelmente natural.

Já aceitei o fato de que ela tentou evitar que eu me dedicasse à pintura.

Os pais nunca compreendeu os filhos (eu espero vir a compreender os meus, quando os tiver), e eu sabia que esperavam de mim ser o filho e cirurgião que papai nunca conseguiu ser. Carmen terá de o ser, agora. O

que quero dizer é que lhes perdoei terem lutado contra as minhas ambições para satisfazer as deles. Ganhei, e por isso, tenho de lhes perdoar.

Entretanto, aquele ódio no meu pesadelo! Foi tão real'

Não sei como o afastar. Eu poderia pedir a G. P. que me ajudasse. Mas como? Tenho apenas o meu lápis e este caderno...

Ninguém, que não tenha vivido numa cela, poderá saber quão absoluto é o silêncio aqui embaixo. Não há o menor som, a não ser os sons produzidos por mim mesma. Sinto-me perto da morte. Enterrada. Não há ruídos exteriores que me ajudem a viver. Ouço os discos, não para os ouvir, mas sim para ouvir *qualquer coisa*.

Tenho, com freqüência, uma estranha ilusão: julgo que me tomei surda. Cuido então de fazer um ruído para saber que não é verdade. Tenho de tossir, por exemplo, para verificar que ouço normalmente. É como a mocinha japonesa que encontraram nas ruínas de Hiroxima. Estava tudo morto, e ela cantava para a sua boneca.

25 de outubro

Tenho de fugir, fugir, fugir.

Passei horas e horas a pensar no que havia de fazer, idéias fantásticas.

Calibã é tão astuto, tão incrível. À prova de tudo.

Deve parecer que nunca tento fugir, mas não o posso tentar todos os dias, esse é o problema. Tenho de espaçar as tentativas. E cada dia aqui é como uma semana lá fora.

A violência não serve. Tem de ser por meio de astúcia.

Face a face, não posso ser violenta. A idéia faz sentir-me fraca dos joelhos. Lembro-me de uma vez que saí com Donald e fomos até ao *East End* depois de termos estado em Whitechapel. Vimos um grupo de *teddy boys*<sup>2</sup> que maltratavam dois indianos de meia-idade. Atravessamos para o outro lado da rua e senti-me mal. Os *teddies* gritavam e empurravam os dois infelizes para o meio da rua. Donald disse que nada poderíamos fazer, e não tivemos outro remédio senão fingir que o incidente não nos preocupava. Afastamo-nos, pois. Mas aquela violência e o nosso medo à violência foram terríveis. Se Calibã se aproximasse de mim, agora, e me desse um pau, eu não poderia atacá-lo.

Não posso. Estou tentando dormir há mais de meia hora e não posso.

Escrever, aqui embaixo, é uma espécie de droga. É a única coisa que tenho.

Esta tarde li o que escrevi sobre G. P. antes de ontem. Pareceu-me tudo muito vívido. Sei que parece vívido porque a minha imaginação preenche todas as lacunas que uma outra pessoa não teria compreendido. Trata-se de vaidade, é o que quero dizer. Mas é também uma espécie de magia: o fato de poder recordar o meu passado. E a verdade é que não posso viver apenas neste presente. Enlouqueceria se tivesse de o fazer.

Lembrei-me hoje daquela vez em que levei Piers e Antoinette a visitá-

lo. O pior lado de G. P.; fui estúpida, estúpida. Tinham vindo a Hampstead para tomar café comigo e decidimos ir ao *Eyeryman*, um cinema de arte, mas a fila era demasiado longa. Não sei bem como, porém, deixei-me convencer a levá-los ao ateliê de G. P., já que pareciam desejá-lo tanto.

Foi pura vaidade da minha parte. Eu falara demasiado a seu respeito.

Piers e Antoinette insinuaram que eu não podia ser tão amiga dele, se hesitava em levá-los a sua casa. E eu fui nessa conversa...

<sup>2</sup> Designação dos marginais adolescentes na Inglaterra. (N. do E.) Vi logo à porta que ele não gostou da idéia, contudo, disse-nos para entrar. E foi terrível! Terrível! Piers estava num dos seus momentos baratos e elegantes, enquanto que Antoinette parecia um paradoxo de si mesma, parecia ser uma maníaca sexual. Tentei desculpá-los a todos, uns em face dos outros... G. P. estava tão estranho! Eu sabia que ele nem sempre era o mesmo, mas desta vez fez todo o possível para ser malcriado.

Devia ter compreendido que Piers estava apenas tentando esconder o seu sentimento de inferioridade.

Piers e Antoinette tentaram convencê-lo a discutir as suas pinturas, mas G. P. não estava disposto a isso. Começou a tornar-se ofensivo. Disse palavrões e fez vários comentários cínicos sobre Slade e outros

artistas —

opiniões que sei não serem as suas. Não há dúvida de que conseguiu chocar-nos, especialmente a Piers e a mim, todavia Antoinette foi um pouco mais longe. Tomou-se muito terna para com ele e disse palavras ainda piores. G. P. resolveu então mudar de tática. Interrompeu-nos de cada vez que um de nós queria falar (a mim também).

E então fiz uma coisa ainda mais estúpida do que ter decidido ir visitá-

lo. Houve uma pausa, e G. P. pensava obviamente que nós iríamos embora.

Mas eu, uma idiota, pensei que Piers e Antoinette estavam divertindo-se bastante e tinha a certeza de que era porque julgavam que eu não o conhecia tão bem como lhes dissera. Tive, pois, de tentar provar-lhes que podia fazer dele o que desejasse.

“E se ouvíssemos um disco?”, propus.

Durante um momento, G. P. pareceu ir recusar, mas depois disse: E

por que não? Ouçamos alguém dizer alguma coisa que preste, para variar .

G. P. não nos deixou escolher, dirigiu se para a vitrola e escolheu ele próprio.

Deitou-se no sofá, com os olhos fechados, como de costume, e tanto Piers como Antoinette pensaram, naturalmente, que se tratava de uma *pose*.

Ouvimos então um estranho ruído muito débil e tremido, e senti que a atmosfera se tomara ainda mais tensa; a música parecera ter aumentado aquela sensação de mal-estar. Piers começou a fazer caretas e, Antoinette quase teve um ataque de riso. Eu também sorri. Tenho de confessá-lo. Piers limpou um ouvido com a ponta do dedo e depois encostou-se a um cotovelo com os dedos da mão espetados na testa — sacudindo a cabeça de cada vez que o instrumento (eu não sabia o que era, nessa altura) vibrava.

Antoinette engasgou se, tentando conter o riso. Foi horrível. Eu sabia que G. P. a ouviria.

E ouviu. Viu Piers limpar o ouvido de novo. E Piers viu que fora visto e sorriu, como que para dizer a G. P. que não se importasse com ele. Mas G. P. desligou a vitrola e falou-lhe: “Não gosta?”, e Piers redargüiu:

“Tenho de gostar?”

“Isso não teve graça”, disse eu a Piers.

“Não fiz barulho, não é?”, exclamou Piers. “Não sou obrigado a gostar, espero...”

G. P. gritou: “Ponham se daqui para fora!”

Depois, Antoinette disse, por sua vez: “Penso sempre em Beecham, sabem? Os dois esqueletos copulando em cima de um telhado de zinco...”

“Em primeiro lugar, estou deliciado por ouvi-la dizer que admira a música de Beecham”, redarguiu G. P. (assustador, com aquele seu olhar diabólico). “Não passa de um insignificante e pomposo maestro de banda que lutou contra tudo o que havia de criador na arte do seu tempo. Em segundo lugar, se vocês não sabem diferenciar o que ouviram de um cravo, que Deus os ajude. Terceiro (falando desta vez com Piers), acho que você é o ser mais desprezível e ignorante que tenho conhecido nestes últimos anos e, quanto a você (eu)... que amigos tem!”

Fiquei imóvel, não sabendo o que havia de dizer. G. P. enfurecera-me, todos eles me haviam enfurecido, mas, de todas as formas, estava dez vezes mais embaraçada do que furiosa.

Piers encolheu os ombros, Antoinette parecia muito surpreendida, mas vagamente divertida, e eu, como de costume, muito vermelha. Voltei a ruborizar-me, agora, quando penso no que ele disse (e no que aconteceu depois — como foi ele capaz?).

“Acalme-se”, disse Piers. “Não passa de um disco...” Suponho que Piers estava zangado, pois deve ter sabido que acabara de dizer uma estupidez.

“Pensa então que não passa de um disco?!”, exclamou G. P. fora de si “Só isso? Um disco, como outro qualquer? Vai ver que você pensa o mesmo que a idiota tia desta parva... pensará também que Rembrandt se aborreceu a meio da pintura de Kenwood?! Acha que Bach também fez caretas e riu quando compôs esta peça? Acha?”

Piers ficara desconcertado, quase assustado. “Então, ACHA?” gritou G.P.

Foi terrível, por qualquer lado que se considere a sua reação. Terrível, porque começara tudo aquilo e estava disposto a levar o caso até ao fim. E

maravilhosamente terrível, porque a paixão é uma coisa que se vê muito poucas vezes. Cresci entre pessoas que sempre tentaram esconder as suas paixões. G. P. foi cru. Nu. Tremia de raiva.

“Somos muito mais novos do que você”, disse Piers, patética e fracamente — o que revelou como ele era na verdade.

“Meu Deus!” disse G. P, ainda transtornado. “Estudantes de Arte!

Estudantes de ARTE!”

Não posso escrever o que ele disse em seguida. Até Antoinette ficou chocada.

Resolvemos então sair. A porta do ateliê bateu com força atrás de nós, quando já íamos nas escadas. Soltei um palavrão a Piers e despedi-me deles, fazendo menção de voltar a subir as escadas. “Querida, ele vai matá-

la”, disse Antoinette. Fechei a porta e aguardei alguns segundos. Passado um momento, ouvi de novo a música. Subi as escadas e, muito lentamente, abri a porta. É possível que ele tenha ouvido, não sei, mas não se moveu, e eu sentei-me num banco perto da porta até que o disco terminou.

“Que quer você, Miranda?”, perguntou ele, inesperadamente.

“Vim pedir-lhe desculpa e quero ouvi-lo dizer que está arrependido.” G. P. levantou-se e foi até a janela.

“Já sei que fui estúpida”, disse eu. “Talvez seja mesquinha, porém não sou uma cabra.”

“Mas tenta sê-lo”, redarguiu ele.

“Podia ter-nos dito que nós fôssemos embora. Teríamos compreendido.”

Seguiu-se um longo silêncio. G. P. voltou-se para mim, do outro lado do ateliê. “Desculpe”. repeti.

“Vá para casa”, disse G. P., então. “Não podemos ir juntos para a cama. Quando me levantei para partir, acrescentou: “Agradeço-lhe ter regressado. Foi muito gentil. Já sabia que voltaria, de resto ...” Desci as escadas, e ele veio atrás de mim: “Não quero ir para a cama com você”, explicou ele. “Estava falando da situação, só por falar. Não me referia a nós. Compreende?”

Eu respondi-lhe que, claro, compreendia perfeitamente.

Acabei de descer as escadas. Muito devagar, muito feminina. Queria fazê-lo sentir que estava magoada, ofendida.

Quando abri a porta da rua, G. P. disse: “Tenho estado no vício...” Vendo que eu não compreendera, explicou: “Estive bebendo toda a tarde”.

“Prometo telefonar-lhe”, acrescentou, por fim, ao despedir-se.

Cumpriu a promessa e levou-me a um concerto, para ouvir uma orquestra russa tocar Shostakovich. E foi muito amável, muito gentil, isso, de resto, é a sua verdadeira maneira de ser, apesar de nunca ter pedido desculpa.

26 de Outubro

Não posso confiar nele. Comprou esta casa. Se me deixar partir, terá de confiar em mim. Ou, então, terá de a vender e de desaparecer antes de eu poder avisar a polícia. De todas as formas, Calibã não é de confiança.

A idéia é demasiado deprimente. Tenho de acreditar em que ele manterá a sua palavra.

Gasta libras e libras comigo. Já deve ir nas duzentas libras. Compre tudo o que lhe peço: livros, discos, roupas. Já sabe quais são as minhas medidas e as minhas preferências. Desenho o que desejo que ele compre e misturo tintas para que as cores obtidas lhe sirvam de guia. Compre mesmo toda a minha roupa interior. Não posso usar as criações pretas e vermelhas que ele me comprara anteriormente e, por isso, disse-lhe que comprasse coisas mais discretas nos Armazéns Marks & Spencer. Calibã perguntou:

“Posso comprar uma quantidade ao mesmo tempo?” Claro, deve ser um verdadeiro martírio, para ele, ter de comprar todas as minhas coisas (que fará e dirá ele na farmácia?), suponho que, portanto, prefere comprar tudo de uma vez. Mas que pensarão dele os vendedores e as vendedoras? Uma dúzia de calcinhas e três combinações, sutiãs, etc... Perguntei-lhe o que lhe dizem quando faz a compra, e ele ruborizou-se muito. “Creio que pensam que sou um pouco estranho”, respondeu. Foi a primeira vez que ri com gosto desde que estou aqui.

De cada vez que ele me compra qualquer coisa, penso que é prova de que não me vai matar, ou fazer qualquer outra coisa desagradável.

Não deveria, mas gosto bastante do momento em que ele volta à hora do almoço, depois das compras. Traz sempre embrulhos. É como se eu tivesse um Natal perpétuo, sem sequer ter de agradecer a Papai Noel. Há certos dias em que me traz coisas que não pedi. Nunca se esquece de trazer flores, e isso é muito gentil da sua parte. Chocolates, também, mas esses, come-os ele mais do que eu. Passa a vida perguntando-me o que desejo que me compre.

Sei muito bem que é o Diabo mostrando-me um mundo que poderia ser meu. Assim, não me vendo. Sei que lhe custo muito dinheiro em coisas pequenas, contudo também sei que ele quer que eu lhe peça alguma coisa de grande. Está morto por me fazer agradecida. Mas não o conseguirá.

Tive hoje um terrível pensamento: a polícia deve ter suspeitado de G.

P.; Caroline deve ter-lhes falado dele. Pobre homem! Será sarcástico, e a polícia não gostará da graça.

Tentei desenhá-lo, mas em vão. É estranho! Não consegui de todo. O

resultado nem sequer se parecia com ele.

Sei que ele é baixo, apenas três ou quatro centímetros mais do que eu.

(Sonhei sempre com homens altos. Ridículo.)

Está quase careca e tem um nariz de judeu, embora não o seja (isso não teria o menor mal, para mim). Tem um rosto demasiado largo. Gasto, marcado; cheio de rugas e sempre como se usasse uma máscara, o que nunca me deixa ver ao certo com que expressão está num momento determinado. Apercebo-me de coisas no seu rosto que imagino virem do interior, entretanto, nunca tenho a certeza. Por vezes, sem qualquer razão, enverga uma expressão dura para me receber. Chego a vê-lo mudar, de um momento para o outro. Não parece falsidade, apesar disso; trata-se apenas de G. P. e de sua maneira de ser. A vida e uma brincadeira, é ridículo tomá-la a sério. Basta que sejamos sérios quanto à arte, mas podemos brincar um pouco com todo o resto. Não quando as bombas de hidrogênio forem lançadas, porém no *grande dia da fritura*. “Quando tiver lugar o grande dia da fritura.” Estou farta, farta. Essa é a sua maneira de ser saudável.

Baixo e forte. Rosto largo e nariz de judeu; até mesmo um pouco turco. Não tem aspecto de inglês, na realidade.

Tenho esta estúpida noção da boa aparência inglesa. Os homens da publicidade.

Os homens da sociedade...

27 de outubro

Fazer um buraco junto à porta é a minha melhor probabilidade. Sinto que tenho de o tentar muito brevemente. Creio ter encontrado uma forma de o afastar durante algum tempo. Tenho estado estudando cuidadosamente esta porta. É de madeira, forrada com ferro deste lado. Terrivelmente sólida. Nunca a poderia arrombar ou forçá-la com uma alavanca. De todos os modos, Calibã não deixou ao meu alcance

qualquer instrumento de que me pudesse servir.

Comecei a colecionar algumas *ferramentas*. Um copo, que posso partir. Isso será alguma coisa de cortante, pelo menos. Um garfo e duas colheres. São de alumínio, mas poderão vir a ser úteis. Preciso de algo de incisivo e aguçado para poder raspar o cimento entre as pedras. Uma vez feito um buraco na parede, não me será difícil passar para o porão exterior.

Este plano faz com que me sinta prática. Enérgica. Todavia, ainda não fiz coisa alguma.

Sinto mais esperanças. Não sei por que, mas sinto.

28 de outubro

G. P. como artista. Aquela idéia de Caroline — de que ele é um Paul Nash de segunda ordem — é horrível, porém tem algo de verídico. Não se trata daquela espécie de plágio a que ele chama *fotografia*. Mas a verdade, não há dúvida, é que G. P. não é absolutamente individual. Penso que é por ter chegado às mesmas conclusões de Nash. E não sei se ele o sabe (que as suas paisagens têm algo de Nash) ou não. De todas as formas, trata-se de uma crítica à sua arte. Uma crítica de que ele é consciente ou não.

Estou sendo objetiva a seu respeito. Os seus defeitos.

O seu ódio à pintura abstrata — mesmo à de artistas como Portock e Nicholson. Por quê? Estou mais do que meio convencida intelectualmente por ele, mas ainda *sinto* que algumas das pinturas que ele desdenha são muito belas. É possível que seja ciumento. Condena demasiado.

Isso não me preocupa muito. Estou tentando ser honesta para com ele e para comigo mesma. Detesta as pessoas que “não vão até o fim das coisas” como ele vai. Demasiado. Mas G. P. tem princípios, exceto no tocante às mulheres. Faz com que aquelas pessoas que supostamente têm princípios pareçam verdadeiras latas vazias.

(Recordo que uma vez G. P. disse a respeito de um Mondrian: “Não se trata de gostar dessa pintura, mas de saber se devemos gostar dela”. A verdade, pois, é que ele detesta a arte abstrata por uma questão de princípio. Ignora o que *sente*. )

Deixei para o fim o seu pior aspecto. Mulheres.

A coisa deve ter acontecido na quarta ou quinta vez em que o fui visitar.

Encontrei aquela tal de Nielsen no seu ateliê. Suponho (agora) que haviam acabado de sair da cama. Eu era tão inocente. Não pareceram importar-se com a minha chegada. Podiam não me ter aberto a porta. E ela foi muito simpática comigo, à sua maneira sofisticada. Deve ter quarenta anos — que poderá ele ver nela? Depois, muito mais tarde, em maio, encontrei-o só e conversamos durante horas sem fim (G. P. falava-me de John Minton) até que ele decidiu pôr um disco indiano. Ficamos muito quietos. Mas, dessa vez, G. P. não fechou os olhos. Observava me, e eu senti-me embaraçada. Quando a *raga* terminou, houve um silêncio algo perturbador, e perguntei-lhe se não era melhor eu ir para casa. G. P. disse que não. Estava na sombra, e eu não podia vê-lo muito bem.

Subitamente, perguntou-me: “Gostaria de ir para a cama comigo?” Respondi lhe que não, que não gostaria. G.P. surpreendera-me, e eu sentia-me bastante embaraçada. Assustada mesmo.



Sem desviar o olhar, disse-me: “Há dez anos, eu teria casado com você. Seria o meu segundo casamento fracassado...” Eu já há muitas semanas que esperava um incidente desta natureza.

G. P. levantou-se e aproximou-se de mim. “Tem certeza?”

“Não venho aqui para isso, asseguro-lhe”, redargüi.

Aquela atitude parecia tão pouco dele. Fora tão cru. Agora contudo, penso, sei que ele estava sendo gentil. Deliberadamente óbvio e cru. Da mesma maneira como, por vezes, me deixava ganhar-lhe ao xadrez.

Foi fazer café turco e disse-me, da porta: “Você é muito enganadora”.

Fui até a porta da cozinha e observei-o manejando o *vriki*. G P olhou-me de novo. “Quase cheguei a jurar que às vezes lhe dá vontade”.

“Que idade tem você?”, perguntei-lhe

“Podia ser seu pai. É a isso que se refere?”

“Odeio a promiscuidade, respondi-lhe. Não era a isso que me estava referindo.”

G. P. estava de costas para mim. Senti-me zangada com ele, parecia tão irresponsável. “De todas as formas, você não me atrai fisicamente”, retorqui.

Ainda de costas voltadas para mim, G. P. perguntou: “Que quis você dizer com promiscuidade?”

“Ir para a cama só pelo prazer”, respondi. “Sexo e nada mais. Sem amor.”

“Então, sou muito promíscuo. Nunca me deito com as mulheres que amo. Isso já aconteceu, em tempos, e passou.”

“Você preveniu-me contra Barber Cruikshank”, disse eu.

“E, agora, estou prevenindo-a contra mim próprio”, retrucou G. P., cuidando do *vriki*. “Os mais famosos professores, especialmente aqueles com nomes da Europa Central, muito compridos e complicados, têm passado a vida tentando averiguar como funciona a nossa mente, qual é a origem do nosso grande segredo interior. Deus sabe o que é isso! Eu não sou professor, nem tenho um nome complicado, e não me preocupo grandemente com esses problemas. Mas sei que você tem esse segredo interior. Você é feita de uma peça só, não se deixará vencer facilmente.” G. P. falara num tom de voz muito natural. Demasiado natural.

“É um acaso, claro”, acrescentou ele. “Os genes.” Retirou o *vriki* do lume, quando o café já fervia, e continuou falando.

“O que mais me surpreende é esse estranho brilho nos seus olhos. O que é?”

Paixão? O contrário?”

G. P. olhou para mim, curioso e perplexo.

“Não é cama”, respondi-lhe.

“Para alguém de especial?...”

“Para ninguém...”

Sentei-me no sofá, e G. P. num banco.

“Choquei-a?”

“Já me tinham avisado.”

“A sua tia?”

“Sim.”

G. P. levantou-se de novo e, muito lenta e cautelosamente, serviu o café turco.

“Tenho precisado sempre de mulheres”, explicou ele. “Têm-me trazido muita infelicidade, uma infelicidade que, em grande parte, me foi causada por aquelas relações que supomos serem puras e nobres. Tenho aí”, G. P. apontou para uma fotografia dos seus dois filhos, “o belo fruto das relações mais nobres que tive.”

Saboreei o café, levantando-me e dando alguns passos pelo ateliê, tendo o cuidado, porém, de não me aproximar demasiado dele.

“Robert só tem menos quatro anos do que você. Não o beba todo ainda. Deixe o pó do café assentar.”

G. P. parecia estar pouco à vontade. Como se sentisse uma enorme necessidade de falar. Era como se quisesse, ao mesmo tempo, desiludir-me e ganhar a minha simpatia.

Disse: “A sensualidade é uma coisa simples. É uma espécie de compreensão ou de incompreensão. Ambos desejam ir para a cama, ou então um dos dois não quer. Mas o amor é diferente. As mulheres que amei disseram-me sempre que sou egoísta. É isso que, de início, faz com que elas me amem e, depois, é também isso que as leva a fartarem-se de mim.

Sabe o que elas julgam ser o egoísmo? Não que eu pinte à minha maneira, que fale e viva à minha maneira — não, isso não as preocupa. Até as excita. O que não podem suportar é que eu as deteste, quando *elas* não se comportam segundo a sua própria natureza”.

Sentia-me como se fosse um homem, um amigo com quem G. P.

estivesse desabafando.

“Certas pessoas, como a sua tia, julgam que eu sou um cínico, um destruidor de lares. Que fraude! Eu nunca seduzi uma mulher em toda a minha vida. Gosto da cama, gosto do corpo feminino, gosto da maneira como até as mulheres menos interessantes se tornam belas quando se despem e pensam que estão

tomando um passo profundamente leviano.

Pensam sempre isso, da primeira vez. Sabe que há uma coisa que já se tornou quase extinta no seu sexo?”

G. P. olhou para mim, e eu sacudi a cabeça, não compreendo a que coisa ele se referia.

“A inocência. A única vez em que a vemos é quando uma mulher se despe e não ousa olhar nos de frente... Apenas esse momento à Botticelli, a primeira vez que ela se despe. Mas isso passa depressa. A velha Eva encarrega-se de eliminar essa inocência. E pronto, a inocência vai-se para sempre.”

Eu estava pensando que não devia deixá-lo falar-me assim, que G. P.

estava lançando a sua rede para ver se me pescava. Enfim, não o pensava, mas *sentia-o*.

“Tenho conhecido dúzias de mulheres e moças como você”, disse ele.

Algumas delas conheci muito bem, outras, apesar dos nossos escrúpulos mútuos, não passaram de aventuras de curta duração, e duas delas casaram comigo.”

G. P. catou se durante um momento e depois perguntou-me se eu lera Jung.

“Não”. respondi-lhe.

“Jung deu um nome ao seu tipo de mulher. Um nome que não ajuda muito. A doença é bem pior do que o nome...”

“Que nome é esse?”, perguntei-lhe.

“Não é costume dizer aos enfermos os nomes das suas doenças.” Seguiu-se um estranho silêncio, como se tivéssemos chegado a uma paragem, como se ele aguardasse uma reação diferente da minha parte.

Talvez esperasse que ficasse chocada ou zangada. Não há dúvida de que me zanguei e fiquei chocada, mas só mais tarde (e de uma maneira muito peculiar). Mas alegre me por não ter fugido. Foi uma daquelas noites em que nos sentimos envelhecer. Compreendi subitamente que teria de me comportar como uma colegial que saíra da escola no mesmo ano, ou então como uma mulher adulta.

“Você é uma moça muito estranha”, disse ele, por fim.

“Antiquada”, respondi.

‘Seria uma moça verdadeiramente cacete, se não fosse tão bonita.’

“Muito obrigada.”

“Eu não esperava, na realidade, que você fosse comigo para a cama.”

“Já o sabia.”

G. P. olhou-me longamente. Depois, de repente, mudou de disposição e foi buscar o xadrez. Jogamos uma

partida, e ele deixou me vencer. Não o confessou, mas tenho a certeza de que perdeu intencionalmente. Quase não falamos, parecíamos até comunicar-nos através das peças do xadrez.

Houve algo de muito simbólico nessa minha vitória. Algo que ele desejava que eu sentisse. Não sei bem o que era. Não sei se G. P. desejava que eu sentisse ter a minha virtude triunfado sobre o seu vício, ou se se tratava de alguma coisa mais sutil, algo como perder, que por vezes significa vencer.

Quando voltei a visitá-lo, G. P. deu me um desenho que fizera, o desenho do *vriki* com as duas xícaras em cima da sua prancheta. Desenho perfeito, absolutamente simples, sem quaisquer truques ou nervosismo, totalmente alheio àquele aspecto bem acabado e habilidoso que os artistas dão com frequência aos desenhos de simples objetos, como eu própria faço.

Apenas as duas xícaras sobre a prancheta, o *vriki* de cobre e a sua mão. Ou, antes, a mão de quem quer que fosse. G. P. escreveu nas costas do desenho *Aprés* e a data, e mais abaixo: *Por une princesse lointaine*. A palavra *une* estava sublinhada a negro.

Gostaria de escrever alguma coisa sobre Antoinette, porém estou demasiado cansada. Quero fumar enquanto escrevo, mas isso torna o ar tão abafado

29 de outubro

(Manhã.) Calibã saiu. A Lewes?

Toinette.

Isto passou-se um mês depois daquele incidente do disco. Eu devia ter adivinhado. Havia já muitos dias que ela me olhava com ares superiores.

Eu pensava que se tratava de alguma coisa que se tivesse passado com Piers. Mas um dia fui visitar G. P. e, como a porta estivesse entreaberta, subi logo as escadas sem mesmo tocar a campainha. Entrei no ateliê e vi Antoinette, sozinha. Estava vestindo-se. Ficamos olhando uma para a outra e, depois, ela fez sinal para que me sentasse. O pior foi que eu fiquei muito vermelha, e ela não. Parecia mesmo ter ficado bastante divertida.

“Não fique tão chocada”, disse-me ela “G. P. já volta, foi à rua buscar...” Mas eu não cheguei a ouvir o que era, porque saí no mesmo instante.

Nunca cheguei a analisar por que razão eu ficara *tão* zangada, *tão* chocada e *tão* magoada. Donald, Piers, David, todo o mundo sabe que Antoinette vive em Londres exatamente como vivia em Estocotmo — foi ela própria quem me disse, assim como os outros. Quanto a G. P., bem, ele também me disse como era.

Não se tratava apenas de ciúmes. Fora mais o fato de uma pessoa como G. P. poder estar tão perto de alguém como ela — uma mulher tão vazia e falsa. Mas a verdade é que ele não tinha a menor razão para pensar nos meus sentimentos. Não tinha a menor razão para se preocupar por minha causa.

G. P. tem mais vinte e um anos do que eu. Só tem menos nove anos do que papai.

Durante dias e dias, não foi com G. P. que eu estive furiosa, e sim comigo mesma. Furiosa com a minha estreiteza de espírito. Forcei-me a ver Antoinette, a ouvi-la. Não se gabou, nem me falou com ares

superiores.

desta vez. Creio que G. P. foi o responsável por essa atitude mais modesta.

Deve ter-lhe ordenado que agisse com simplicidade.

Antoinette fora visitar G. P. no dia seguinte ao do incidente. Disse-lhe que viera para pedir desculpa. E (suas palavras): “Aconteceu sem mais nem menos”.

Senti-me tão ciumenta! Fizeram-me sentir muito mais velha do que eles, que se comportavam como crianças caprichosas: muito felizes com o segredo. Talvez contentes por eu ser frígida. Não tive coragem para ver G.

P., mas por fim, talvez uma semana mais tarde, ele telefonou-me para casa de Caroline. Não parecia sentir-se culpado de coisa alguma. Eu disse-lhe que estava demasiado ocupada para ir vê-lo essa noite. Se ele tivesse insistido, eu teria recusado de todo. Contudo, pareceu resignado e já ia desligar, quando eu lhe disse que o iria visitar no dia seguinte. Queria que ele me visse para perceber que me magoara. Não sei mostrar-me magoada ao telefone.

“Você tem ido muitas vezes à casa de G. P.. tenha cuidado”, disse-me Caroline.

“Não há perigo. Ele está com aquela moça sueca.” Até falamos longamente no caso. Fui justa. Defendi-o. Mas, à noite, na cama, acusei-o amargamente, falando comigo mesma. Durante horas...

A primeira coisa que ele me perguntou no dia seguinte foi (sem disfarçar): “Ela tem se portado mal com você?”

Respondi-lhe que não, que nem pensar nisso, e, em seguida, como se o caso não me dissesse respeito: “Que razão teria Antoinette para me tratar mal?”

G. P. sorriu. Parecia dizer-me que sabia muito bem o que eu estava pensando. Tive ganas de esbofeteá-lo. Não consegui esconder que o caso, na realidade, afetava-me muito — o que tornava tudo pior.

“Os homens são asquerosos”, disse ele, ao fim de alguns segundos.

“O mais asqueroso que eles têm”, redargüi, “é poderem dizer isso com uma expressão toda sorridente.”

“Tem razão”, concordou G. P.; seguiu-se um silêncio. Desejei não ter ido lá, desejaria poder eliminá-lo da minha vida. Olhei para a porta do quarto de dormir. Estava aberta. Vi uma ponta da cama.

“Ainda não consegui colocar a vida em compartimentos”, disse eu. “É

só isso.”

“Escute. Miranda”, falou G. P., “lembre-se de que há vinte anos entre nós dois. Eu conheço a vida melhor do que você, vivi mais, atraíçoei mais e vi mais traições. Na sua idade é natural que esteja cheia de ideais. Você pensa que, por eu ser um artista e saber o que é importante na vida e na arte, devo ser um homem virtuoso. Mas eu não quero ser virtuoso. A atração que lhe provoco (se é que lhe provoco alguma) é devida simplesmente à minha franqueza. E experiência, também. Não à bondade ou à virtude.

Não sou um homem bom. É possível que, moralmente, eu ainda seja mais novo do que você. Entende o que quero dizer?” G. P. estava apenas dizendo o que eu estava sentindo. Eu não me sabia explicar, e ele era muito eloqüente, ágil, jovem. Devia ter sido ao contrário.

A culpa é minha. Mas continuei pensando: “Levou-me a um concerto e depois foi para a cama com Antoinette”. Lembrei-me das vezes em que eu tocara à campainha, e ele não viera abrir. Vejo agora que foi tudo uma questão de ciúmes sexuais, porém, nessa altura, pareceu-me antes uma questão de princípio. (Mas ainda não sei bem; é tudo muito confuso).

Disse-lhe que gostaria de ouvir Ravi Shankar, pois não podia dizer-lhe que o perdoava.

Ficamos então ouvindo a música indiana. Depois, jogamos xadrez. G.

P. venceu-me. Não fizemos mais qualquer referência a Antoinette, exceto à despedida, já na escada, quando ele disse que o caso já terminara.

Não lhe respondi.

“Ela só queria divertir-se”, acrescentou ele.

Entretanto, as coisas nunca voltaram à mesma. Foi uma espécie de trégua. Vi-o algumas vezes mais, porém nunca sozinha. Escrevi-lhe duas cartas, quando estive na Espanha, e ele enviou-me um postal. Vi-o uma vez no início deste mês. Mas escreverei sobre isso numa outra oportunidade. E

escreverei também alguma coisa sobre a conversa que tive com aquela tal de Nielsen.

Algo que Antoinette disse. Que G. P. lhe falara dos seus filhos e que ela tivera pena dele. Que ele lhe dissera que os filhos lhe haviam pedido para não os visitar no luxuoso colégio onde estavam, preferindo encontrar-se com o pai na cidade. Tinham vergonha de que os colegas vissem G. P.; Robert, ao que parecia, falava-lhe sempre num tom condescendente.

G. P. nunca me falou dos filhos. Talvez pense, secretamente, que eu pertenço a esse mesmo mundo, rico e fútil.

Julga, talvez, que não passo de uma irritante colegial da alta burguesia.

(Noite.) Tentei de novo desenhar G. P. de memória. Em vão.

Calibã sentou-se a ler o livro que eu lhe recomendara: *The Catcher in the Rye*. Vi-o olhar muitas vezes, para se certificar de quantas Páginas ainda teria de ler.

Só o está lendo para me mostrar que procura agradar-me.

Esta noite, passei em frente da porta de entrada (depois do banho) e disse: “Bem, boa-noite. Diverti-me muito, adeus... Até logo”. E fiz menção de abrir a porta. Estava fechada, claro. “Parece que não abre, deve estar empenada.” Calibã não riu, não achou graça, ficando a observar-me sem sequer sorrir. Disse-lhe que estava apenas brincando, e ele respondeu que o sabia. É estranho, mas senti-me algo idiota. Foi por causa dele. Por ficar assim tão sério...

Claro, G. P. passava a vida a tentar meter me na cama! Não sei por que, mas agora vejo-o mais nitidamente do que o vi na época. Provocava-me, tentava excitar-me, dizia-me toda a espécie de coisas, porém nunca de uma forma direta ou desagradável. Obliquamente. Nunca tentou forçar-me.

Nunca me tocou. Respeitava-me muito, embora de maneira estranha.

Tenho a impressão de que ele nem sequer se conhecia bem a si mesmo.

Queria chocar me — para me afastar dele, ou para me aproximar, não o sabia bem. Deixava o caso à sorte...

Mais fotografias, hoje. Poucas. Disse-lhe que tinha os olhos demasiado cansados. E não gosto que ele diga o que devo fazer. É

terrivelmente amável, pede-me sempre com toda delicadeza, usando frases descabidas e antiquadas.

“Você devia entrar num concurso de beleza”, disse-me ele, quando preparava a câmara.

“Muito obrigada”, respondi. (A maneira como falamos é uma loucura, mas só o vejo quando escrevo estas frases. Catibã fala sempre como se eu fosse livre para fazer o que me apetece, e eu também).

“Tenho a certeza de que você ficaria maravilhosamente num traje de duas peças.”

Fiquei perplexa, não entendendo. “Uma dessas coisas francesas, para a praia”, explicou Calibã.

“Um biquíni?” perguntei.

Não gosto de que ele me fale assim e olhei-o friamente. “Era a isso que se referia?”

“Só estava pensando nas fotografias”, respondeu ele, ruborizando-se.

E o mais estranho é que sei que ele só estava, de fato, pensando nas malditas fotografias. Não quis ser desagradável não pensara coisa alguma de mal, era sempre o mesmo: não sabia exprimir-se. Queria sempre dizer literalmente o que dizia. Só pensara que seria interessante fotografar-me de biquíni.

Eu costumava pensar que ele era mesmo um maníaco sexual. Que estava muito escondida, mas que existia, essa sua tara.

Contudo, agora já não o penso. Não creio que ele tenha escondido em si o que quer que seja. Nada possui para esconder.

30 de outubro

Um delicioso passeio à noite. O céu estava muito límpido, com uma infinidade de estrelas a brilhar como diamantes, mas a lua estava ausente e, a refrescar a noite, uma maravilhosa aragem — que soprava do oeste. Dei dez ou doze voltas ao jardim. As árvores agitavam-se ao sabor do vento, uma coruja fez-se ouvir nos bosques. O céu estava quase selvagem, muito vasto e livre, vento e ar e espaço e as estrelas...

O vento soprava de longe, de lugares distantes. Esperanças. O mar.

Tenho a certeza de que senti o cheiro do mar. Perguntei-lhe (mais tarde, claro, pois no jardim eu estava amordaçada) se estávamos perto do mar, e ele respondeu que ficava a dez milhas. Eu disse-lhe, então, que seria por certo perto de Lewes. Calibã respondeu que não me podia dizer, como se alguém o tivesse proibido de fazê-lo. (Sinto muitas vezes isso, com ele —

uma horrível boa natureza, porém mesquinha, dominada por um lado maléfico e assustador).

Uma vez lá dentro, voltamos a falar da família de Calibã. Eu bebera bastante. Bebo muito, estes dias, para ver se o embebedo e faço com que ele se descuide, mas ele mal prova o vinho. Não é abstêmio, diz ele. Creio, assim, que isso faz parte das suas precauções. Não se deixa corromper.

M. - Fale-me mais da sua família.

C. - Que posso eu dizer-lhe? Que poderá interessá-la?

M. - Isso não é resposta.

C. - É como lhe digo...

M. - Como lhe disse.

C. - Sempre me disseram que eu era bom em gramática, mas isso foi antes de a conhecer.

M. - Não tem importância.

C. - Suponho que você passou com distinção em todos os exames...

M. - Passei sim.

C. - Eu tive notas razoáveis em matemática e biologia.

M. - Esplêndido.

C. - Ganhei um prêmio nos trabalhos práticos.

M. - Habilidoso... Fale-me do seu pai.

C. - Já lhe disse. Era vendedor. Material de escritório e novidades.

M. - Um caixeiro-viajante?

C. - Agora chamam-lhes vendedores representantes.

M. - Morreu num desastre de automóvel antes da guerra. A sua mãe foi com outro homem.

C. - Mamãe não prestava... como eu. (Olhei-o com frieza. Graças a Deus que o seu humor raramente se manifesta.)

M. - E a sua tia encarregou-se então de você?



C. - Foi... sim.

M. - Como a Sra. Joe e Pip.

C. - Quem?

M. - Nada, nada.

C. - Títia é boa pessoa. Salvou-me de ir para um orfanato.

M. - E a sua prima Mabel? Você nunca falou dela.

C. - É mais velha do que eu. Trinta. Tem um irmão mais velho que foi para a Austrália depois da guerra, para casa do meu Tio Steve. Esse é mesmo australiano. Foi para lá há muitos anos. Nunca o cheguei a conhecer.

M. - E não tem mais família?

C. - Tenho a família do lado do Tio Dick, mas nunca foram muito amigos da Tia Annie.

M. - Ainda não me disse como é a Mabel.

C. - É uma inválida. Paralítica. Muito inteligente. Quer sempre saber tudo.

M. - Não pode andar?

C. - Dá alguns passos, dentro de casa, mas para sair temos de levá-la numa cadeira de rodas.

M. - É possível que eu a tenha visto alguma vez lá na rua.

C. - Não terá perdido muito, se não a viu.

M. - Você não tem pena dela?

C. - O mal é a obrigação de ter sempre pena dela. A culpa é da Tia Annie.

M. - Diga mais...

C. - Mabel como que deforma tudo o que está à sua volta. Não sei explicar bem. É como se as outras pessoas não tivessem o direito de ser normais. Não é que Mabel se queixe da sua sorte. Mas olha-nos de tal maneira que temos de ser muito cautelosos. Suponha, por exemplo, que eu dissesse que certa manhã quase não pegara o ônibus e que tivera de correr como um danado para o alcançar; bem, a Tia Annie diria logo que eu sou muito feliz por poder correr. Mabel nada diria, limitar-se-ia a olhar-me.

M. - Que horrível!

C. - Tinha de ter sempre muito cuidado antes de dizer o que quer que fosse.

M. - Por que não fugiu de casa? Já tinha idade para viver sozinho.

C. - Pensei nisso muitas vezes.

M. - Não o fez, porque não quis abandonar duas mulheres. Não é isso?

Muito cavalheiresco...

C. - Fui um idiota, não há dúvida. (As suas tentativas de fazer o cínico eram sempre patéticas.)

M. - E agora estão na Austrália, tornando infelizes o resto da sua família.

C. - Suponho que sim.

M. Tem recebido cartas delas?

C. - Só de Tia Annie. Mabel nunca escreve.

M. - Gostaria que me lesse uma dessas cartas, um dia...

C. - Para quê?

M. - Interessa-me...

C. - (Com uma grande luta interior.) Recebi uma esta manhã. Tenho-a aqui (muitas hesitações, mas por fim sacou do bolso a carta em questão).

São sempre muito estúpidas.

M. - Não faz mal. Leia-a toda.

Calibã estava sentado junto à porta, e eu tricotava, tricotava, tricotava Não posso recordar a carta palavra por palavra, mas era algo assim:

“Querido Fred (é assim que ela o trata, segundo Calibã me disse, parece que a tia não gosta de chamá-lo Ferdinand). Fiquei muito contente por receber a sua carta e, como já disse, o dinheiro é seu. Deus foi muito generoso com você e não me parece que se deva deixar entusiasmar assim tanto. Creio que teria sido melhor se não tivesse feito essa compra. O seu Tio Steve diz que as propriedades dão mais trabalho do que valem, e só espero que você não se arrependa de ter comprado a casa. Notei que você não me responde à pergunta sobre a mulher da limpeza. Eu sei bem como os homens são, e só quero que você se lembre de que a limpeza é uma coisa indispensável. Não tenho o direito de lhe dizer coisa alguma, e você já foi muito generoso para comigo, mas o Tio Steve, o rapazes e a Gertie não compreendem que não nos venha visitar. Gert disse-me ontem que você devia estar aqui, que o seu lugar é conosco, mas não julgue que estou sendo ingrata. Espero que Deus me perdoe, mas isto tudo tem sido uma experiência deliciosa e você nem reconheceria a Mabel, que está bem queimada do sol. E tudo muito agradável, exceto que não gosto da poeira.

As coisas estão sempre todas sujas, e os australianos não vivem da mesma maneira que nós; falam o inglês mais como americanos (incluindo o Tio Steve). Não desgostarei de voltar para Blackstone Road, embora me preocupe com toda a poeira e umidade que deve haver por lá, com o apartamento assim fechado. Espero que você tenha feito o que lhe pedi: ir lá de vez em quando para abrir as janelas e arejar

bem os quartos e as roupas. Não se esqueça de arrumar uma empregada para a limpeza. Tanto para a sua casa de campa como para o meu apartamento.

“Fred, estou preocupada com todo esse dinheiro e espero que você não perca a cabeça. Há tanta gente desonesta à procura de dinheiro fácil (*a tia refere-se a mulheres, explicou Calibã*), e eu eduquei você da melhor maneira que me foi possível, e se você se comportar mal, é o que mesmo que eu o fizesse. Não mostrarei isto a Mabel, pois ela dirá que eu não devia escrever coisas destas. Já sei que você é maior, mas preocupo-me muito por sua causa, especialmente depois de tudo o que aconteceu (*ela está referindo-se ao fato de eu ser órfão e tudo isso, disse Calibã*).

“Gostamos de Melbourne, que é uma grande cidade. Na próxima semana iremos a Brisbane, para passar alguns dias com Bob e sua mulher.

Ela escreveu-nos uma carta muito simpática. Prometeram ir buscar-nos à estação. O Tio Steve, Gert e as crianças mandam-lhe saudações. Mabel e sua tia muito amiga também.”

A Tia Annie dizia ainda que ele não se preocupasse com questões de dinheiro, pois o que ela levava era perfeitamente suficiente, acrescentando uma vez mais que procurasse uma empregada, mas uma já de certa idade, pois as mais novas nunca querem trabalhar muito.

(Seguiu-se um longo silêncio.)

M. - Gostou dessa carta?

C. - Ela escreve sempre assim.

M. - Causa-me nojo!

C. - A tia Annie nunca recebeu uma boa educação

M. - Não falo da maneira de escrever. Refiro-me ao espírito mesquinho que ela parece ter.

C. - Tomou conta de mim...

M. - Não há menor dúvida disso!... E continua tomando conta de você.

Até conseguiu transformá-lo num idiota.

C. - Muito obrigado.

M. - É triste, mas é verdade!

C. - Você tem razão, claro. Como de costume...

M. - Não diga isso! (Pus de lado o meu tricô e fechei os olhos.) C. - A Tia Annie nunca foi tão autoritária como você tem sido!

M. - Não sou autoritária, apenas tento ensiná-lo C. - Você ensina-me a desprezar a minha tia e apensar como você e, quando se for embora, não terei quem me faça companhia.

M. - Agora, está bancando o mártir.

C. - Você nunca compreende. Você só tem de entrar numa sala, onde encontre pessoas da sua classe, para poder falar com todos, para os poder compreender, mas quando...

M. - Cale-se! Você já é suficientemente feio, mesmo sem ter de começar a lamentar-se.

Fui guardar o tricô. Quando voltei a olhar, Calibã estava de pé, com a boca aberta, tentando encontrar palavras para me responder. Eu sabia que o magoara. Sei que ele merece ser magoado, todavia, apesar disso, senti-me mesquinha por ter-lhe falado assim. Calibã estava com um ar tão triste. E

lembrei-me de que ele me deixara sair ao jardim. Senti-me verdadeiramente mesquinha.

Aproximei-me e disse-lhe que estava arrependida, estendendo-lhe a mão, mas ele não a tomou. Era estranho! Calibã tinha uma espécie de dignidade, estava mesmo magoado, e mostrava-o. Segurei-lhe no braço e obriguei-o a sentar-se, dizendo que lhe ia contar uma história de fadas.

“Era uma vez (disse eu, e Calibã olhou amargamente para o chão) um monstro muito feio que capturou uma princesa e a pôs no porão do seu castelo. Todas as noites, sem falha uma única, o monstro ordenava à princesa que se sentasse a seu lado e lhe dissesse: ‘O meu senhor é muito belo.’ Mas a princesa dizia-lhe, também todas as noites: ‘O meu senhor é muito feio.’ E então o monstro ficava muito magoado e triste, olhando para o chão, desiludido. Então, certa noite, a princesa disse: ‘Se você fizer isto e aquilo, o que eu lhe disser, então ainda acabará por ser bonito’. O monstro, porém, dizia sempre que não podia, que não podia. As coisas passavam-se sempre da mesma maneira, todas as noites. O monstro pedia-lhe que ela mentisse, mas a princesa não o podia fazer. Então ela começou a pensar que ele gostava realmente de ser monstro e feio. Depois, uma vez, a princesa viu que ele chorava, após lhe ter dito pela décima quinta vez que ele era muito feio. Tendo pena dela, a princesa disse-lhe que ele seria bonito, se fizesse apenas uma coisa. ‘Está disposto a isso?’, perguntou lhe ela, e o monstro respondeu que sim, que estava disposto a tentar. Então, a princesa pediu-lhe que a libertasse. O monstro libertou-a e, de súbito, deixou de ser feio, transformou-se num príncipe encantado. Saíram juntos do castelo. E viveram ambos muito felizes durante anos e anos.” Eu sabia que fora uma história ridícula, mesmo de mau gosto. Calibã não respondeu, continuando a olhar para o chão.

“Agora é a sua vez de contar uma história”, disse-lhe eu.

Calibã disse apenas: “Gosto tanto de você...”

E não havia dúvida, tinha mais dignidade do que eu, e senti-me pequena, mesquinha. Estava sempre a odiá-lo, a provocá-lo, a troçar dele, e nunca procurei esconder os meus sentimentos. Que estranho! Ficamos sentados um em frente do outro, e senti algo como se estivesse muito próxima dele, algo, de resto, que já sentira antes — não se tratava de amor, atração ou simpatia, isso sabia eu. Algo como uma união de destinos.

Como se estivéssemos os dois abandonados numa ilha deserta, numa jangada — juntos. Não querendo estar juntos, mas juntos...

Sentia também, terrivelmente, a tristeza da sua vida. E a tristeza das vidas da sua miserável tia e da prima, dos parentes da Austrália. O

tremendo peso morto de uma tal família. Lembrei-me daqueles desenhos de Henry Moore das multidões amorfas nas plataformas subterrâneas do metrô durante os bombardeios em Londres. Pessoas que não viam, que não sentiam, que nunca tinham dançado, desenhado, chorado ao som da música, que não sabiam o que era sentir o mundo, o vento do oeste.

Pessoas que, no verdadeiro sentido, não *existiam*.

Só aquelas palavras, ditas e sentidas: Gosto tanto de você...

Palavras sem esperança, que ele dissera, como poderia ter dito: Tenho um câncer.

O seu conto de fadas.

31 de outubro

Nada. Analisei-o psiquicamente, esta tarde.

Calibã estava sentado a meu lado, tão tenso!

Examinávamos um álbum com desenhos de Goya. Não sei se era por causa dos desenhos, mas Calibã parecia distraído, não olhando verdadeiramente para eles. Só pensava no fato de estar tão encostado a mim.

As suas inibições são um absurdo! Falei-lhe como se ele fosse normal, como se não fosse um maníaco que me tinha aqui prisioneira. Falei-lhe, enfim, como se fosse um rapaz gentil que estivesse conversando com a sua namorada.

Tratei-o assim, claro, por não ter outra pessoa com quem conversar.

Calibã converteu-se na norma. Até já me esqueço de o comparar com os outros rapazes que conheço.

Recordei uma vez em que estava com G. P. pouco depois daquela ducha fria (o que ele disse sobre o meu trabalho). Sentia-me muito irrequieta. Fui visitá-lo por volta das dez horas da noite. G. P. estava de roupão.

“Já ia deitar-me”, disse ele.

“Desejava ouvir um pouco de música”, respondi-lhe. “Vou-me embora, se quiser.” Mas não fui.

“Já é tarde”, tornou G. P.

Disse-lhe que me sentia deprimida. Fora um dia terrível, e Caroline fora muito antipática ao jantar.

G. P. disse-me então que me sentasse no sofá e pôs um disco na vitrola, apagando as luzes. Ficamos iluminados apenas pelo luar, por uma maravilhosa lua prateada que parecia querer entrar pela janela. G. P. foi sentar-se do outro lado do ateliê, numa cadeira de braços, na sombra.

Que música!...

As Variações de Goldberg.

Uma das últimas era muito lenta, muito simples, muito triste, mas tão bela, que não pode ser descrita por palavras ou desenhos, apenas pela própria música, tão bela ao luar!... Música lunar, tão prateada, tão distante, tão nobre.

Nós dois al, naquele quarto. Sem passado, nem futuro. Que intensidade tão profunda. Um sentimento de que tudo tem de acabar: a música, nós próprios, a tua, tudo. A impressão de que se olharmos para o fundo das coisas, encontramos sempre tristeza, sempre e sempre, em toda a parte; mas uma bela tristeza prateada, como um rosto de Cristo.

Aceitar a tristeza. Saber que fingir que tudo é alegria é pura traição.

Uma traição para com todas as pessoas que estavam tristes nesse momento, para com todas as pessoas que estão sempre tristes, traição para com tal música, tal verdade...

Em toda a ansiedade, a confusão, o trabalho e o ritmo de Londres, fazer uma carreira, estudar, aprender, arte, procurando avidamente adquirir experiência da vida, tudo isso e, subitamente, este silencioso quarto prateado pela lua enchendo-se daquela música.

É como se estivesse deitada de costas, como o fiz na Espanha, sob grandes corredores de estrelas, grandes mares e oceanos de estrelas.

Sabendo o que é estar *num* universo.

Chorei; em silêncio.

Quando o disco terminou. G. P. perguntou-me se já se podia ir deitar.

Falara com certa ironia, gentilmente, como se me quisesse devolver à terra.

Fui-me embora. Não creio que voltamos a falar. Não me lembro bem. G. P.

sorria, e vi que ele estava algo emocionado.

O seu perfeito tato.

Eu, nessa noite, teria ido para a cama com ele, se G, P. me tivesse pedido. Se me tivesse beijado.

Não por causa dele, mas sim por me sentir viva.

1º de novembro

Um novo mês e uma nova sorte. A idéia do túnel continua preocupando-me, mas a dificuldade até agora tem sido encontrar algum instrumento com que raspar o cimento. Entretanto, ontem à noite, quando passeava peio porão exterior, vi um prego enorme. Devia ser muito velho, pois estava todo enferrujado a um canto do porão. Deixei cair o lenço, para o examinar melhor. Não me foi possível apanhá-lo, visto que Calibã me observa sempre muito atentamente. E é tão difícil, com as mãos amarradas.

Hoje, contudo, quando passei perto do prego, voltei-me para Calibã e pedi-lhe que me fosse buscar um cigarro. O maço estava em cima da cadeira junto à porta. Ele disse que não, claro. Perguntou-me que manobra era aquela.

Prometi-lhe que ficaria ali, que não me moveria.

“Por que não vai você buscá-lo?”

“Porque, às vezes, gosto de recordar os tempos em que os homens eram gentis comigo. Nada mais...”

Não pensei que o truque desse resultado, mas enganei-me. Calibã decidiu subitamente que eu não poderia fazer coisa alguma de mal e dirigiu-se para o meu quarto. Foi só um segundo, mas curvei-me num ápice e guardei o prego no bolso da saia — que eu vestira especialmente para esse fim — e Calibã, ao regressar passados dois segundos, encontrou-me exatamente na mesma posição. Enfim, eu já tinha o meu instrumento. E, ao mesmo tempo, pensei que ele já começava a confiar em mim. Dois pássaros de uma só vez.

Nada de grandioso. Mas pareceu-me uma vitória tremenda.

Comecei a pôr em execução o meu plano. Já há vários dias que eu dizia a Calibã que não era justo que os meus pais e os meus amigos permanecessem às escuras quanto à minha existência. Disse-lhe que, pelo menos, poderia informá-los de que estou viva e bem de saúde. Disse-lhe também, hoje depois do jantar, que poderia comprar papel de carta numa das lojas maiores, usar luvas, tomar todas as precauções que quisesse.

Calibã tentou escapar mas não encontrou qualquer pretexto para não fazer o que eu lhe pedia. E, por fim, pus-me a pensar que, afinal de contas, ele talvez me fizesse aquele grande favor.

Sugeri-lhe que pusesse a carta numa caixa de correio em Londres, para que a polícia não desconfiasse de onde viera. Disse-lhe ainda que precisava que ele me comprasse muitas coisas na Capital. Planejei tudo para que ele ficasse por lá umas três ou quatro horas. Depois, quando ele partir, vou tentar abrir o meu túnel. O que estou pensando é que as paredes interiores da minha cela, bem como as exteriores, são feitas de pedras —

não de pedra — e que para lá da pedra deve haver terra macia. Se assim for, só terei de passar a camada de pedras e depois escavar a terra (imagino...).

Talvez seja tudo uma loucura. Mas tenho de o tentar.

A tal de Nielsen.

Encontrei a mais duas vezes em casa de G. P., com outras pessoas presentes — uma delas era o seu marido, um dinamarquês, importador, creio. Falava um inglês perfeito, tão perfeito que parecia errado. Afetado.

Vi-a outra vez, quando ela saía do cabeleireiro, e eu ia marcar hora para Caroline. Falou-me naquele tom bem disposto e condescendente que as mulheres adotam para conversar com as moças da minha idade. A atitude a que Minny chama de bem-vinda-à-tribo-das-mulheres. Significa que nos vão tratar como se fossemos pessoas crescidas, mas que, na realidade, não o sentem, tendo mesmo inveja da nossa mocidade.

Levou-me a tomar um café. Fui estúpida, devia ter mentido, inventado um pretexto para não ir. Ela disse uma série de disparates sobre mim, sobre a filha, a arte. Conhece muita gente e tentou impressionar-me com nomes.

Mas eu só respeito o que as pessoas sentem pela arte. Não o que elas sabem ou quem conhecem.

Já sei que ela não pode ser uma lésbica, mas porta-se como tal, agarrando-se avidamente às palavras dos outros. Tem coisas nos olhos que não se atreve a revelar, embora queira que lhe façam perguntas sobre esses mistérios.

Parecia querer dizer que eu não sabia o que havia entre ela e G. P.; parecia provocar-me a perguntar-lhe.

Falou e falou sobre *Charlotte Street* antes da guerra. Falou do Dylan Thomas, de G. P.

“Ele gosta de você”, disse ela, a certa altura.

“Já sabia”, respondi-lhe.

Mas foi um choque. Tanto o fato de ela o saber (teria sido ele quem lhe disse?) como o de querer discutir o assunto. Não havia dúvida de que queria.

“Sempre gostou das moças verdadeiramente bonitas.” Desejava *terrivelmente* discutir o caso.

Depois, falou da sua filha.

“Tem dezesseis anos”, disse-me ela. “porém não a posso compreender. Por vezes, quando falo com ela, sinto-me como se fosse um animal no jardim zoológico. Eu estou detrás das barras e ela observa-me.” Eu fiquei logo sabendo que ela já dissera aquela palavra alguma vez, ou então que a lera em qualquer livro. Essas coisas percebem-se logo.

As mulheres como ela são todas iguais. Não são as suas filhas que são diferentes. Nós não mudamos, somos ainda muito novas. Quem muda são as novas mulheres de meia-idade que ainda desejam sentir-se tão jovens como antes. Tentam desesperadamente compreender-nos, ficar conosco.

Mas não é possível. Não as queremos conosco. Não queremos que elas usem as mesmas roupas que nós, a mesma linguagem, que tenham os mesmos interesses. Imitam-nos tão mal que já nem as podemos respeitar.



No entanto, esse encontro com ela fez-me sentir que G. P. gostava de mim (que me queria), na realidade. Fez-me perceber que havia um forte elo entre nós — a sua maneira de gostar de mim, o fato de eu o amar intensamente (embora não sob o ponto de vista sexual), à minha maneira

— um sentimento de que caminhávamos para um compromisso, para um meio termo. Uma espécie de nevoeiro de desejo misterioso e de tristeza entre nós. Algo que as outras pessoas (como essa Nielsen) nunca poderiam compreender.

Duas pessoas num deserto, tentando encontrar-se, bem como um oásis onde pudessem viver juntas.

A cada dia que passa, penso mais e mais desta forma — o destino foi terrivelmente cruel ao pôr estes vinte anos entre nós! Por que não poderá ele ter a minha idade, ou eu a dele? Assim, a questão da idade já não é um fator tão importante, que ponha o amor de lado, mas sim uma espécie de parede cruel que foi construída entre nós dois. Já nem penso; a parede está entre nós, creio que essa parede nos manterá sempre afastados um do outro.

2 de novembro

Calibã deu-me uma folha de papel, depois do jantar, e ditou-me uma carta absurda.

Foi então que começaram as complicações. Eu preparara uma pequena mensagem, escrita num papel minúsculo, que meti dentro do envelope, quando Calibã não estava olhando. Era uma mensagem muito pequena e, segundo as melhores histórias de espionagem, nunca devia ter sido descoberta.

Entretanto Calibã descobriu-a.

Isso perturbou-o muito. Levou-o a ver a situação à luz fria da realidade. Ficou genuinamente chocado ao saber que eu estava assustada.

Não pode sequer imaginar-se matando-me ou violando-me, o que já é algum consolo.

Deixei-o desabafar, mas, afinal, resolvi ser agradável (para conseguir que ele envie a carta). Foi muito difícil. Nunca o vira assim.

Perguntei-lhe se não estava disposto a pôr fim àquilo tudo e a deixar-me ir para casa.

Não.

Que desejaria ele fazer, então? Ir para a cama comigo?

Olhou-me de tal maneira, quando lhe fiz as perguntas, que parecia mesmo ter ficado enojado.

Tive, então, uma verdadeira inspiração. Representei uma pequena comédia. Fiz de conta que era a sua escrava oriental. Calibã só acha graça às coisas mais estúpidas que faço. Até já se habituou a imitar-me, acompanhando-me nas minhas pequenas comédias (não que eu seja muito brilhante) como uma girafa.

Convenci-o então a deixar-me escrever outra carta. Tornou a olhar para dentro do envelope.

Voltei a sugerir-lhe que fosse a Londres, conforme o meu plano exigia, e dei-lhe uma enorme lista de

coisas para comprar (não preciso da maioria delas, mas queria mantê-lo ocupado durante várias horas).

Afirmei-lhe que era impossível encontrar a pista de uma carta metida numa caixa de correio em Londres. E, assim, Calibã acabou por concordar. Gosta de me ouvir implorar, o antipático!

Um dos meus pedidos — não, eu não lhe peço que compre coisas, ordeno-lhe — foi que tentasse comprar um George Paston. Dei lhe uma lista de galerias onde talvez pudesse encontrar telas de G. P.: tentei até convencê-lo a ir ao ateliê .

Mas logo que ouviu dizer que era em Hampstead, Calibã começou a desconfiar. Quis saber se eu conhecia esse tal George Paston. Eu disse-lhe que não, que só lhe conhecia a fama. Calibã não ficou muito convencido; e eu receei que ele não encontrasse uma tela de G. P.; acabei por confessar que o conhecia vagamente, que era um homem já de certa idade, que era um grande pintor, que estava precisando de dinheiro e que eu gostaria muito de ter uma ou duas telas suas. Disse ainda que se ele fosse ao seu ateliê, não teria de pagar a comissão das galerias e, portanto, as telas sairiam mais baratas.

Calibã quis saber se G. P. era um daqueles pintores de paredes...

Olhei-o friamente.

C. - Estava brincando, claro.

M. - Não brinque com coisas sérias, então.

Passado algum tempo, ele ponderou que esse tal pintor era muito capaz de lhe fazer perguntas, de querer saber de onde viera, etc.

Eu tive de lhe explicar exatamente o que ele teria de dizer, e Calibã disse-me que ia pensar bem no assunto, o que na linguagem calibanesa quer dizer *não*. Seria esperar demasiado, de resto; e, além disso, o mais natural era que nenhuma das galerias tivesse, no momento, quadros de G.

P.

E não me preocupo muito, de todas as maneiras, porque amanhã, a esta hora, já não estarei aqui. Vou fugir.

Calibã sairá amanhã logo após o desjejum. Deixar-me-á o almoço já preparado. Assim, terei quatro ou cinco horas (a não ser que ele me atraíçoe e não compre tudo o que lhe pedi, mas seria a primeira vez que me falharia).

Sinto certa pena de Calibã. Vai sofrer, com certeza, quando verificar que eu fugi. Ficaré só, sem nada. Ficaré só com a sua neurose sexual, com a sua neurose de classe e com o seu vazio. A culpa é toda dele. Não tenho grande pena, na realidade. Mas devo dizer que também não sinto o contrário de pena...

4 de novembro

Ontem não pude escrever, estava demasiado aborrecida.

Fui tão estúpida. Consegui que Calibã saísse o dia todo. Tive horas e horas para fugir. Contudo, nunca

pensara verdadeiramente no problema. O

prego não serviu para o que quer que fosse, nem sequer para arrancar o cimento. Eu pensava que se desfaria logo. Foi terrivelmente duro. Levei horas para soltar uma pedra. Não tinha terra por detrás, e sim outra pedra, muito maior, da qual nem sequer descobri a aresta. Tirei da parede outra pedra pequena, porém isso não ajudou. Encontrei a mesma pedra, imensa, por detrás dela. Comecei a ficar desesperada. Percebi que a idéia do túnel não prestava. Tentei forçar a porta com o auxílio do prego, mas só consegui ferir a mão. Nada mais, ao fim de tantas horas, tinha apenas as mãos feridas e as unhas partidas... Só isso!

Não sou suficientemente forte, sem ferramentas. E mesmo com elas...

Acabei por ter de colocar as pedras no buraco e tentar disfarçar o que fizera. Como eu fora ridícula em pensar que podia fazer aquilo num só dia!

Perdi imenso tempo tentando camuflar a brecha na parede, mas de pouco serviu. As pedras pareciam soltas, nada as fazia adquirir o aspecto de antes. E eu que escolhera o lugar mais óbvio, perto da porta, o que Calibã veria imediatamente.

Por fim, desisti. Verifiquei, subitamente, que aquilo era muito estúpido, mesquinho e inútil. Era como um mau desenho. Impossível de o melhorar.

Quando Calibã chegou, mais tarde, viu logo o que eu fizera. Tentou averiguar até que ponto eu fora. Sentei-me na cama, observando-o, e, irritada, atirei-lhe com o prego.

Calibã voltou a cimentar as pedras. Disse-me que o interior do muro era de pedra sólida.

Não lhe falei durante toda a noite. Não olhei sequer para as coisas que ele comprara, embora pudesse ver que trouxera uma tela numa moldura.

Tomei um remédio para dormir e deitei-me logo a seguir ao jantar.

Depois, esta manhã, antes de ele aparecer (eu acordara muito cedo), decidi considerar o incidente como sendo de pouca importância. Ser normal...

Sem ceder, contudo.

Desembrulhei todas as coisas que ele comprara. Vi, primeiro, uma tela de G. P.; tratava-se do retrato de uma moça, um nu, muito diferente do resto das coisas que eu lhe conhecia, com certeza pintado há muito tempo.

Não há dúvida de que é dele. Tem a sua simplicidade de traço, o ódio ao bem acabadinho. A moça, de lado, pendurando um vestido num prego na parede, tem um rosto bastante bonito. Será mesmo? É difícil de dizer.

Assemelha-se mais a um dos corpos pesados de Maillol. Não é tão bom como as outras coisas que ele tem pintado ultimamente.

Mas é real.

Beijei a tela, quando a desembrulhei. Tenho estado a olhar para os traços, não como traços, porém como coisas que ele tocou. Toda a manhã...

Agora.

Não é amor. É humanidade.

Calibã ficou muito surpreendido ao ver-me tão bem disposta quando ele chegou. Agradei-lhe tudo o que me trouxera. Disse-lhe que todos os prisioneiros tentam fugir e que não valia a pena falar mais no caso.

Calibã informou-me de que telefonara a todas as galerias que eu lhe mencionara e que só encontrara aquela tela.

“Muito obrigada”, disse-lhe eu. “Posso pendurá-la aqui na parede? E

quando me for embora, ofereço-lhe”. (Não o farei, não... e de todos os modos ele disse que preferia ficar com um desenho meu.) Perguntei-lhe se pusera a carta no correio. Respondeu-me que sim, mas vi-o ruborizar-se. Disse-lhe que acreditava e que seria tão mesquinho não a ter enviado que até me pareceria mal duvidar.

Tenho quase certeza de que não a mandou, tal como aquele cheque.

Isso é mesmo coisa dele. Mas nada que eu diga o fará enviá-la. Decidi, pois, fingir que o acreditava.

Meia-noite. Tive de parar de escrever. Calibã desceu.

Estivemos tocando os novos discos que ele trouxe.

Música para Percussão e Celeste de Bartók.

O mais belo.

Fez-me pensar em Collioure, no verão passado. O dia em que lá fomos, éramos quatro, mais alguns estudantes franceses; tivemos de passar por todo um bosque de azinheiros antes de chegarmos à torre. Os azinheiros! Uma cor absolutamente nova, sangrenta como as castanhas. A beleza era tal que todos nós, exceto Minny, ficamos estonteados. Senti desejos de pintar tudo aquilo, toda aquela fantástica beleza, mas, logo em seguida, pensei que não valia a pena pintar, que seria em vão, que a experiência sentida era mais importante do que todo o resto.

O tão belo e puro sol brilhava nos ramos vermelhos, cor de sangue.

No regresso, tive uma grande conversa com um rapaz francês, muito tímido e simpático, Jean-Louis. Ele falava mau inglês, e eu ainda pior francês, mas mesmo assim conseguíamos conversar, entender o que o outro dizia. O francezinho era verdadeiramente tímido. Tinha medo de Piers, invejava-o. Tinha ciúmes quando Piers me dava o braço, como se eu sentisse alguma coisa por um brutamontes como Piers. Mais tarde, vim a saber que Jean-Louis estava estudando para padre.

Piers foi tão desagradável, quando o soubemos. Não podia compreender que, apesar de Jean-Louis se sentir atraído por mim, tinha essa outra coisa dentro de si, essa timidez que, na realidade, era motivada

pela sua determinação de tentar vir a ser padre e de, ao mesmo tempo, viver no mundo. O esforço colossal de alguém tentando chegar a termos consigo próprio. O mesmo que se um pintor destruísse tudo o que fez até então, para voltar a começar. Apenas que Jean-Louis tinha de fazer esse esforço todos os dias. De cada vez que via uma moça que lhe agradava... E

tudo o que Piers encontrou para dizer foi: “Aposto como está sonhando com você... sonhos sujos!”

Essa arrogância e falta de sensibilidade dos rapazes como Piers são tão detestáveis! Piers tem sempre a impressão de que o fato de odiar qualquer coisa impede que ele seja afetado por ela. Quando há uma coisa que ele não compreende, fico logo sabendo. Torna-se cínico, diz qualquer coisa de chocante.

Quando contei o caso a G. P., muito mais tarde, ele limitou-se a dizer-me: “Pobre rapaz, deve ter passado muito tempo de joelhos rezando para esquecer você...”

Certa vez, observamos Piers lançando pedras ao mar — onde foi isso?

— perto de Valença, creio. Tão esbelto, como um jovem deus, todo bronzeado, com o cabelo muito escuro e de calções de banho. Minny (que estava deitada a meu lado) disse: “Seria maravilhoso se Piers fosse mudo!” E mais tarde, perguntou-me: “Você poderia ir para a cama com ele?”

“Não”, respondi. E depois: “Não sei”.

Piers veio ter conosco logo a seguir e quis saber que razão tinha Minny para sorrir assim.

“Nada acabou de me dizer um segredo, a respeito de você, disse ela.

Piers falou qualquer coisa em voz baixa e foi com Peter buscar o almoço no carro.

“Que segredo é esse?”, perguntei eu.

“Os corpos vencem o espírito”, disse minha irmã.

“A inteligente Carmen Grey sabe sempre o que diz.”

“Eu já sabia que você ia dizer isso.” Minny desenhava círculos na areia com os dedos, e eu estava deitada de barriga para baixo, observando-a. “O que eu queria dizer é que ele é tão atraente, tão esbelto. que até chegamos a esquecer que é estúpido. Até, por vezes, sinto que seria bom casar com ele para o ensinar. Entende-me? Mas, ao mesmo tempo, sei que isso seria impossível. O perigo seria ir para a cama com ele, só como distração, e, certo dia, descobrir que estava apaixonada pelo seu corpo, sabendo que nunca mais me poderia libertar dele e que teria de ficar vivendo com aquele horrível espírito durante todo o resto da vida!”

“Não é assustador?”, perguntou ela, passados alguns minutos.

“Não mais do que muitas outras coisas.”

“Estou falando a sério. Se você casar com ele, nunca mais lhe falo.” E eu sabia que Minny falara a verdade. Tinha aquele brilho muito especial que os seus olhos adquirem quando fala a verdade. Levantei-me e dei-lhe um beijo antes de ir ao encontro dos rapazes. Minny ficou imóvel, continuando a olhar para

a areia.

Somos ambas muito perspicazes. A culpa não é nossa. Somos mesmo assim. Mas Minny diz sempre: “Eu acredito nisto, eu agirei assim”. Enfim, o que interessa mais que tudo é o espírito. O corpo vem em segundo lugar.

E a verdade é que sempre pensei, secretamente, que Carmen (ou Minny, como gosto mais de lhe chamar) ficará sempre solteira. Isto é muito complicado, especialmente uma associação de idéias assim.

Agora, porém, estou pensando em G. P. e comparo-o com Piers. Este último não leva a menor vantagem, seja no que for. Não passa de um corpo bronzeado lançando pedrinhas à-toa no mar.

5 de novembro

Hoje tornei-lhe a vida num inferno.

Comecei a jogar coisas ao chão e em cima dele, na sala de estar.

Primeiro almofadões e, depois, pratos e jarros. Coisas que eu já há muito tempo queria quebrar.

Mas a verdade é que fui horrível. Caprichosa. Calibã sofreu tudo em silêncio. É tão fraco. Devia ter-me esbofeteado.

Segurou-me com força, para impedir que eu lhe partisse mais porcarias. Toca-me tão poucas vezes! Detestei o seu contacto. Foi como água gelada.

Falei lhe muito, mais tarde. Falei-lhe dele próprio e do que devia fazer na vida. Entretanto, ele não me deu ouvidos. Gosta de me ouvir falar a seu respeito, mas o que eu digo não importa.

Não escreverei mais. Estou lendo *Sentido e Sensibilidade* e tenho de descobrir o que vai acontecer a Marianne. Marianne sou eu, Eleonor é o que eu devia ser.

Que aconteceria, se ele tivesse um acidente? Um ataque? Qualquer coisa?

Morreria, aqui fechada.

Não poderia sair. Isso ficou bem provado depois de tudo o que fiz anteontem.

6 de novembro

Não almocei.

Outra tentativa de fuga. Quase com êxito. Mas nada! Calibã é diabólico.

Tentei o truque da apendicite. Já pensara nisso há muitas semanas, porém, guardara a idéia como último recurso. Era algo que eu não queria estragar por falta de preparação. Não escrevi aqui antes, não fosse ele encontrar este caderno!

Esfreguei o rosto com talco. Depois quando ele bateu à porta, esta manhã, engoli uma quantidade de sal

economizado durante dias e dias, e correu tudo perfeitamente. Vomitei no mesmo instante em que ele entrou no quarto. Representei esplendidamente o meu papel. Muito pálida, vomitando, ainda de pijama, queixava-me pouco, como se fosse muito valente. Calibã ficou imóvel, perguntando: “Que se passa? Que se passa?” Tivemos uma conversa fragmentada, ele tentando fugir a levar-me para o hospital, e eu insistindo em que tinha que ir mesmo. E, depois, de súbito, pareceu ceder. Murmurou algumas palavras sobre aquilo ser “o fim” e saiu do quarto, quase correndo.

Ouvi a porta do porão exterior fechar-se (eu continuei fingindo que sofria muito), e seguiu-se um silêncio. Era estranho. O silêncio fora súbito, tão completo! Calcei meias e sapatos e corri logo para fora do quarto. Abri a porta muito devagar, receando fosse uma armadilha. Chamei-o pelo nome, também em voz muito baixa. Eu tinha agora a certeza de que fora tudo demasiadamente simples, de que, afinal, ele não fora buscar o médico.

Não ouvira o motor do carro. Mas também era possível que, dali, não o pudesse ouvir. Esperei alguns minutos mais. Eu devia ter sabido, porém, não pude agüentar a tensão. Saí para o jardim e, ali, à luz do sol, vi Calibã.

Esperava-me.

Não pude fingir que estava doente. Calçara-me. Calibã tinha uma coisa qualquer na mão (um martelo?), olhava-me com os olhos muito abertos. Tive a certeza de que me ia atacar. Ficamos ambos imóveis durante alguns momentos, nenhum de nós sabendo o que devia fazer.

Depois, não sei por que, dei meia-volta e corri para dentro do quarto. Não parei sequer para pensar. Calibã veio atrás de mim, mas deteve-se quando me ouviu entrar no quarto (como eu sabia instintivamente que ele faria —

o único lugar onde eu estaria a salvo seria no meu quarto). Ouvi-o aproximar-se e fechar bem a porta.

Sei que agi da única maneira possível. Salvei a vida. Se eu tivesse gritado ou tentado fugir, Calibã ter-me-ia assassinado, tenho a certeza. Há momentos em que ele parece possesso, descontrolado.

E que truque o seu, de me aguardar no jardim!

(Meia-noite) Calibã trouxe-me alguma coisa para comer. Não disse uma palavra. Eu passara a tarde a fazer uma série de desenhos a seu respeito. Uma historiazinha a que chamei O Conto Horrível de um Rapa Inofensivo. Absurdo. Mas tenho de tentar afastar a realidade e o horror. Na minha história, Calibã começa por ser um pequeno funcionário bastante simpático e acaba como um daqueles horrorosos monstros que se vêem nos filmes.

Quando ele já saía do quarto, mostrei-lhe os desenhos. Não riu, limitou-se, muito simplesmente, a estudá-los com toda a atenção.

“É natural”, foi tudo o que observou. Queria dizer que era natural que eu troçasse assim dele.

Eu pertença à sua coleção de espécimes. Calibã só me odeia quando tento fugir, esvoaçando. Quer que eu seja como morta, imóvel, sempre a mesma, sempre bela. Sabe que parte da minha beleza é por estar viva, porém, no fundo, gostaria de me ter morta. Quer ver-me viva-mas-morta.

Senti isso terrivelmente, hoje. Senti que ele detestava ver-me mudar de disposição, ver-me bem viva, com um espírito próprio.

Calibã é sólido. Tem uma vontade de ferro. Nada o pode mover. Um dia mostrou-me aquilo a que chama a sua garrafa da morte, com a qual captura insetos. Eu também estou presa nessa garrafa. Estou esvoaçando contra o vidro. Como posso ver através dele, ainda penso, por vezes, que posso fugir. Tenho esperança. Mas é tudo uma ilusão.

É como se fosse uma espessa parede de vidro.

7 de novembro

Como os dias se arrastam ! Hoje. Intoleravelmente longo.

O meu único consolo é a tela de G. P.: começo a habituar-me a ela.

Aqui nada tenho de mais vivo, nada de tão único, tão criado. É a primeira coisa para que olho quando acordo, de manhã, e a última que vejo, à noite, ao adormecer. Fico em frente da tela, olhando-a, olhando-a. A composição tem algo de vagamente desequilibrado, como se lhe faltasse uma parte.

Mas tem vida.

Depois do jantar (voltou tudo ao normal) Calibã entregou-me o livro *The Catcher in the Rye* e disse-me que o lera. Percebi logo pelo seu tom que não gostara muito dele.

Não tenho sono: reproduzirei o diálogo:

M. - Então?

C. - Não o achei muito interessante.

M Não sabe que é um dos mais brilhantes estudos que se conhece sobre a adolescência?

C. - Pareceu-me tudo muito confuso.

M. - Claro que é confuso. Mas o personagem, ele próprio, sabe que é confuso, tenta exprimir-se, é um ser humano, apesar de todos os seus defeitos. Não teve pena dele?

C. - Não gostei da sua maneira de falar.

M. - E eu não gosto da maneira como você fala. Contudo, isso não quer dizer que eu não o considere digno da minha simpatia ou consideração.

C. - Suponho que é muito inteligente... escrever assim, e todo o resto.

M. - Recomendei-lhe esse livro porque pensei que você se identificasse com ele. Você é igual a Holden Caulfield. Nenhum de vocês se pode adaptar a uma vida normal.

C. - Não admira, da maneira como procede. Ele não tenta adaptar-se.



M. - Tentou construir algo de realidade na sua vida, algo de decência.

C. - Isso não é ser realista. Numa escola de luxo, e os pais com tanto dinheiro! Não procederia assim, com certeza... na minha opinião.

M. - Já sei quem você é: o Velho do Mar.

C. - Quem é esse?

M. - Aquele horrível velho que Simbad teve de levar às costas. Você é isso mesmo. Sobe para as costas de tudo o que é vital, de tudo o que é honesto e livre, e destrói tudo!

Não continuarei. Discutimos — não, não costumamos discutir. Eu digo coisas, e ele tenta encontrar uma forma de escapar e de me responder.

É verdade. Calibã é o Velho do Mar. Não posso suportar pessoas estúpidas como ele, com todo esse peso morto de egoísmo e de pequenez doentia. E os privilegiados, os poucos, têm de agüentar tudo. Os médicos e os professores e os artistas — não que esses não tenham tido os seus traidores, mas a pouca esperança que existe, está com eles — conosco.

Porque eu pertença a esse grupo.

Pertença ao grupo. sim. Sinto-o e tenho tentado prová-lo. Senti-o no meu último dia de escola. Poucos foram, entre nós, os que sentiram alguma coisa. Nunca mais voltarei a essa escola. Não poderia suportar aquela atmosfera asfixiante de fazer tudo como deve ser, com *classe*, como fazem as pessoas *bem*. De me comportar como uma menina de boa família, enfim.

Por que razão devemos nós tolerar tão horrível calibanismo? Para que terão de ser martirizadas todas as pessoas criadoras e vitais, as verdadeiras boas pessoas, pelo grande fantoche universal? Eu sou uma boa representante dessa situação. Mártir. Estou fechada; não me posso desenvolver, crescer. Estou à mercê deste ressentimento, desta odiosa inveja dos Calibãs do mundo. Porque todos eles nos odeiam, odeiam-nos por sermos diferentes, por não sermos eles, por eles próprios não serem como nós. Perseguem-nos, abafam-nos, afastam-se de nós, troçam de nós, tentam não nos ver nem nos ouvir. Fazem todo o possível para evitar respeitar-nos e mesmo reconhecer a nossa existência. Admiram e até adoram os nossos maiores, depois de eles morrerem. Pagam milhares e milhares pelos Van Goghs e pelos Modiglianis que teriam desdenhado, quando eles ainda viviam. Nesses tempos, troçavam deles, chegavam a difamá-los. Odeio-os.

Odeio as pessoas sem educação e os ignorantes. Odeio as pessoas pomposas e falsas. Odeio os invejosos e os ressentidos. Odeio os mesquinhos, os avaros e os insignificantes. Odeio todas as criaturas pequenas que não têm vergonha de ser tão pequenas e inúteis. Odeio aquilo que G. P. classificou de Nova Gente, a nova classe média com seus automóveis, o seu dinheiro, as suas televisões, as suas estúpidas vulgaridades e a sua ridícula imitação da burguesia.

Amo a honestidade, a liberdade e a generosidade. Amo criar, amo fazer, amo viver uma vida cheia, amo tudo o que não está imóvel, que não está morto, que não copia.

G. P. riu se de mim um dia porque eu lhe disse que era do Partido Trabalhista (isso foi no começo).

Lembro-me de que ele me disse que estava apoiando o partido que dera vida à Nova Gente — perguntou-me se eu compreendia que isso era verdade.

Eu respondi-lhe que era melhor termos a Nova Gente do que gente pobre (recordo também que fiquei chocada, pois pensava, por outras coisas que ele dissera, que era trabalhista, embora soubesse que, há tempos, fora comunista).

“A Nova Gente continua sendo gente pobre”, disse-me ele. “Tem uma nova forma de pobreza. Os outros pobres não tinham dinheiro, e estes não têm alma.”

Depois, de súbito, perguntou-me se eu lera o livro Major Bárbara.

Disse-me como essa obra provava que as pessoas tinham de ser salvas financeiramente, antes de se lhes poder salvar as almas.

“Esqueceram-se, porém, de uma coisa”, acrescentou G. P., “criaram o Bem Estar Social, mas esqueceram-se da própria Bárbara. Afluência, afluência, e nem uma alma à vista.”

Eu sei que ele deve estar um pouco enganado (deve ter exagerado bastante). Não há dúvida de que temos de nos voltar para as esquerdas.

Todas as pessoas decentes que conheço são anticonservadoras. Mas, claro, entendo o que ele quer dizer, sinto mais e mais este terrível peso morto da insignificante Nova Gente sobre tudo e todos. Estão corrompendo tudo, não há dúvida. Vulgarizam tudo. Chegam a matar as paisagens, como papai costumava dizer nos seus momentos mais rurais. A produção em massa... Tudo em massa.

Eu sei perfeitamente que devíamos fazer face ao rebanho, tentar controlar a correria — como num filme de *cowboys*. Deveríamos trabalhar para eles e tolerá-los. Nunca me suicidarei, porque isso é a coisa mais desprezível que existe, só para fugir a uma vida que não me agrada. Mas, por vezes, confesso, a coisa é assustadora: pensar na luta pela vida é verdadeiramente odioso, se pensarmos a sério no assunto.

Tudo isto é conversa. É muito provável que venha a conhecer um homem por quem me apaixone, que me case, que tenha filhos e que tudo mude tanto que nunca mais me preocuparei com estas coisas. Passarei a ser uma Mulher Pequena. Irei para o campo inimigo.

No entanto, isto é o que penso atualmente. Pertencço a um grupo de pessoas que tem de lutar contra todo o resto. Não sei ao certo quem compõe o grupo — homens famosos, vivos ou mortos, que lutaram pelas causas justas, que criaram e pintaram com arte e carinho, e as pessoas não famosas que não mentem, que tentam não ser preguiçosas, que procuram ser humanas e inteligentes. Sim, pessoas como G. P., apesar de todos os seus defeitos. O seu defeito.

Não precisam de ser boas pessoas. Todas elas têm momentos de fraqueza. Momentos de sexo e de álcool. Momentos covardes e momentos de ambição financeira. Alguns pensam mesmo em matar-se. Mas uma parte, uma boa parte do grupo, está de corpo e alma com o movimento.

Os Poucos.

9 de novembro

Em vão. Não sou um deles. *Quero* ser, sim, mas isso não é a mesma coisa.

Claro, Calibã não é típico da Nova Gente. É antiquado (diz que a vitrola é um gramofone). E não tem confiança em si próprio, ao passo que os verdadeiros representantes da Nova Gente não se envergonham do que são. Lembro-me de papai dizer que se sentem iguais a todo o mundo logo que têm um automóvel e uma televisão. Mas, bem no fundo, Calibã é um deles — tem o mesmo ódio a tudo o que é fora do normal, desejando profundamente que toda a gente seja igual. E o desperdício de dinheiro!

Para que serve o dinheiro, se as pessoas não sabem como o usar?!

Fico furiosa cada vez que penso em todo o dinheiro que Calibã ganhou; e em todas as pessoas como ele que ganham tanto dinheiro.

São tão egoístas, tão mesquinhas!

G. P. disse uma vez que as pessoas honestas são aquelas que não têm dinheiro. A pobreza força-as a terem boas qualidades e orgulho, em substituição do dinheiro. Depois, quando têm dinheiro, não sabem o que fazer com ele. Esquecem todas as antigas virtudes, as quais, na realidade, não eram verdadeiras virtudes. Pensam que a única virtude é ganhar mais dinheiro e gastá-lo. Não podem sequer imaginar que há pessoas para quem o dinheiro nada significa, que as mais belas coisas da vida nada têm que ver com o dinheiro.

Não estou sendo sincera. Eu gosto de ter dinheiro. Mas sei que isso é errado. Sei que G. P. — nem sequer tenho de o acreditar quando ele o diz, pois posso perfeitamente ver que é verdade — quase não pensa em dinheiro. Só quer o suficiente para comprar os seus materiais de trabalho, para viver, para ter umas férias todos os anos. E conheço muitos outros assim — Peter, Bill McDonald, Stefan. Esses não vivem no mundo do dinheiro. Quando o têm, não hesitam em gastá-lo logo. Quando não o têm,

nem pensam nisso.

As pessoas como Calibã não têm cabeça para o dinheiro. Recebem um pouco e, como a Nova Gente, tornam-se logo horríveis. Recordo ainda toda aquela terrível gente que me recusava dinheiro, quando eu andava recebendo para a Campanha. Via logo, pelas suas caras, que pertenciam à Nova Gente. Os burgueses acabam sempre por dar. As pessoas inteligentes também dão ou, então, olham-nos honestamente e dizem que não. Não se envergonham de não dar. Mas a Nova Gente é demasiadamente avara para dar e mesquinha para o confessar. Tal como aquele homem em Hampstead, pertencente a esse grupo, que disse: “Dar-lhe-ei alguma coisa, se me provar que o dinheiro não vai parar no bolso de alguém”. Pensava que fora muito engraçado...

Voltei-lhe as costas, o que foi um erro, porque o meu orgulho era menos importante do que as crianças para quem eu pedia. Por isso, mais tarde, pus dois xelins e meio no saco por conta desse tal.

Mas ainda o detesto.

Com Calibã, é como se alguém o tivesse obrigado a beber uma garrafa inteira de uísque. Não tem estômago para tanto. A única coisa que o conservou decente antes de ganhar todo aquele dinheiro foi o fato de ser pobre. Ter de viver num apartamento e de ir trabalhar todos os dias.

É o mesmo que meter um cego num carro de corridas e dizer-lhe que vá a toda a velocidade para onde lhe aprouver.

Um pensamento agradável para terminar o dia. O disco de Bach chegou hoje. Já o ouvi duas vezes. Calibã disse que gostava, mas que não era “musical”. Todavia, ficou sentado, ouvindo-o com uma expressão bastante compenetrada. Vou tocá-lo de novo. Vou-me deitar e, na escuridão, vou ouvir a música e pensar que estou com G. P., com ele ali deitado num canto, imóvel, de olhos fechados, como se estivesse no seu próprio túmulo. Só que G. P. nada tem de morto em si.

Esta tarde, Calibã chegou meia hora depois do costume.

“Onde esteve você?”, perguntei-lhe, friamente. Pareceu ficar surpreendido, não respondendo. “Já é muito tarde”, disse eu.

Ridículo! Eu aguardara-o com impaciência. Aguardo-o muitas vezes.

Estou tão só...

10 de novembro

Tivemos uma discussão sobre o dinheiro dele. Eu disse que devia dar a maior parte para obras de caridade. Tentei fazer com que, pelo menos, desse uma pequena parte. Mas Calibã não confia em ninguém. Esse é o seu pior mal. É igual àquele tal homem de Hampstead, não confia nas pessoas que recebem o dinheiro e julga que o vão gastar consigo próprias. Pensa que todo o mundo é corrupto, que todo o mundo só pensa em receber o dinheiro e em ficar com ele.

Não basta eu dizer que sei que o dinheiro será usado para o objetivo em vista. Ele pergunta-me então como é que eu sei. E, claro, não lhe posso dizer. Só posso afirmar que tenho a certeza — o dinheiro tem de ir para os necessitados. Calibã sorri então, como se eu fosse muito inocente, como se não soubesse o que digo.

Acusei-o (não muito amargamente) de não ter enviado o cheque para a Campanha. Pedi-lhe que me mostrasse o recibo. Respondeu-me que a oferta fora anônima, que não enviara o seu endereço. Quase lhe disse que tencionava averiguar a verdade, logo que ele me libertasse. Mas isso seria mais uma razão para ele não me deixar partir. Tenho a certeza de que mentia, tal como mentira em relação à carta para mamãe e papai.

Não se trata tanto de falta de generosidade como de verdadeira desconfiança. Enfim (esquecendo o absurdo da situação), Calibã é muito generoso para comigo. Gasta centenas de libras. Compra-me tudo o que desejo: chocolates, cigarros, comida, flores. Disse-lhe no outro dia que gostaria de ter um frasquinho de perfume e pedi-lhe que me trouxesse algumas amostras para eu escolher. Pois bem, em vez de trazer as amostras, comprou-me quatorze frascos de perfume, todos diferentes. Uma loucura! Deve ter andado por todas as farmácias da cidade. É como se eu estivesse vivendo na Arábia e fosse a favorita do harém. Mas o único perfume que eu desejo mesmo é o perfume da liberdade.

Se eu pudesse colocar um garoto faminto em frente de Calibã, saberia que ele lhe daria tudo para o vestir e alimentar, desde que o visse com os seus próprios olhos. Mas, além disso, quando não vê os resultados, desconfia sempre de tudo. Não acredita em nenhum outro mundo que não seja aquele em que vive. Afinal,

Calibã é que está preso; encerrado no seu odioso e mesquinho mundo.

12 de novembro

Hoje é o penúltimo dia. Nem me atrevo a pensar nisso. Recordei-lhe muitas vezes o prometido. Contudo, agora, sinto que lhe devia ter mencionado de repente, inesperadamente. Decidi, esta noite, que amanhã organizarei uma pequena festa de despedida. Direi que já o vejo com outros olhos e que, mais tarde, em Londres, desejarei ser sua amiga e vê-lo tantas vezes quanto ele o desejar.

Não será uma mentira total, sinto uma responsabilidade, com relação a Calibã, que não sei explicar bem, que não compreendo. Odeio-o tantas vezes que penso ter de odiá-lo para sempre. Mas há dias em que penso diferentemente. Dias em que a minha piedade vence e em que decido ajudá-lo conforme me for possível. Tento pensar em pessoas a quem o poderia apresentar. Poderia, por exemplo, levá-lo àquele psiquiatra que é amigo de Caroline. Procederia como Emma e tentaria arranjar-lhe um casamento, com resultados mais felizes. Alguma pequena Harriet Smith, com quem ele pudesse ser amável, são e feliz.

Sei que tenho de me imunizar contra a possibilidade de ele não me libertar. Digo a mim mesma, para me habituar, que Calibã não vai cumprir a promessa.

Mas terá de o fazer... não poderá faltar à sua palavra!

G.P.

Eu já não o via há dois meses, mesmo mais de dois meses, devido a ter estado na França, na Espanha e depois em casa de meus pais. (Tentei vê-lo duas vezes, mas ele esteve fora durante todo o mês de setembro.) Recebi um postal em resposta às minhas cartas. Nada mais.

Telefonei-lhe, logo que voltei para a casa de Caroline, e perguntei-lhe se o podia ir visitar. G. P. disse-me que era melhor ir no dia seguinte, pois estava ocupado nessa noite.

Pareceu contente por me ver. Eu tentei parecer algo indiferente, como se não tivesse procurado arranjar-me e pôr-me bonita para lhe agradecer, como fizera...

Falei-lhe da minha viagem à França e à Espanha, dos Goyas e de todo o resto. De Piers, também. G. P. ouviu-me atentamente. Não me falou das suas férias, porém, mais tarde, mostrou-me alguns dos desenhos que fizera durante aquele mês. Senti-me envergonhada, porque nenhum de nós fizera grande coisa. Passamos todo o tempo na praia (na preguiça), ou então a visitar os museus, e não tivemos tempo para desenhar ou pintar.

“Estou falando demais”, disse-lhe eu, depois de ter falado durante, pelo menos, uma hora.

“Até gosto”, respondeu-me ele.

G. P. estava limpando com ácido a ferrugem de uma velha roda de ferro. Vira-a numa loja de antiguidades em Edimburgo e trouxera-a para Londres. Era uma roda bastante estranha, com dentes obtusos, e G. P. disse que devia ser de um relógio de igreja muito antigo. Não havia dúvida de que era bela.

Estivemos calados durante algum tempo e, depois, G. P. disse: “Senti muito a sua falta.”

“Não é possível...”

“Você preocupa-me... tenho-a sempre no pensamento”.

“Tem visto Antoinette?”, perguntei-lhe, tentando mudar o rumo à conversa.

“Não”, respondeu G. P., “já lhe disse uma vez que isso terminou há muito tempo.” Olhou-me de soslaio e perguntou-me se eu ainda estava chocada. Disse-lhe que não.

“Perdoou-me?”

“Não tinha o que perdoá-lo.”

“Pensei muito em você, durante as férias”, continuou G. P., “e gostaria que tivesse estado comigo para lhe mostrar tudo o que descobri.”

“E eu teria gostado de o ter comigo na Espanha.” G. P. estava muito ocupado com a roda, não olhando para mim. Disse:

“É muito antiga, olhe para isto.” Depois, no mesmo tom meio distraído e indiferente, acrescentou: “Decidi que queria casar com você.” Não lhe respondi e desviei o olhar.

“Pedi-lhe que me viesse ver hoje, porque queria pensar bem no assunto”, disse ele. “Tenho o dobro da sua idade e já devia ter juízo. Deus sabe que não é a primeira vez que isto me acontece. Não, deixe-me terminar. Decidi primeiramente que teria de deixar de a ver. Ia dizer-lhe isso mesmo quando você entrou, há pouco. Não posso passar a vida a pensar cm você. E será isso o que vai acontecer, se me continuar a visitar.

Não julgue que quero convencê-la a casar comigo. Antes pelo contrário.

Você sabe muito bem o que sou, sabe também que sou suficientemente velho para ser seu pai e que não sou uma pessoa de confiança. De todas as maneiras, você não está apaixonada por mim...”

“Não sei explicar o que sinto”, respondi. “Não encontro palavras...”

“Claro está” comentou G. P., continuando muito interessado pela roda. Falava num tom de voz verdadeiramente clínico e indiferente. “Terei então de lhe pedir que não volte a visitar-me para eu encontrar de novo a minha paz de espírito”.

Olhei para as mãos dele. Sentia-me algo chocada. “Em alguns aspectos”, prosseguiu G. P., “você é mais velha do que eu Nunca estive apaixonada. Talvez nunca o venha a estar. O amor é uma coisa que nos acontece periodicamente. Pelo menos, aos homens! Voltamos aos vinte anos, sofremos como os rapazes de vinte anos Readquirimos todos os estúpidos conceitos da juventude. Eu estou sendo razoável, de momento, mas asseguro-lhe que não me sinto assim por dentro. Quando você telefonou, quase tive um ataque com o nervosismo. Sou um velho, apaixonado. . Um personagem de comédia! Já muito visto. Nem sequer engraçado...”

“Por que razão julga que nunca me apaixonarei?”, perguntei-lhe. G. P.

começou a limpar as mãos e tardou algum tempo a responder-me.

“Eu disse, talvez.”

“Só tenho vinte anos.”

“Uma árvore de um metro de altura é tão árvore como uma de quatro metros. Mas lembre-se de que eu disse, talvez.”

“E você não é velho. As minhas dúvidas nada têm que ver com a nossa diferença de idade!”

G. P. olhou-me, um pouco magoado, sorriu e disse: “Tem de me deixar um pretexto...”

Fomos fazer café naquela detestável e minúscula cozinha, pensando que, de todas as maneiras, eu nunca poderia viver ali — só pensar no esforço doméstico! Uma vil onda irrelevante de covardia burguesa.

G. P. voltou a falar, de costas para mim: “Até você ir de férias, eu pensava que se tratava apenas de um capricho, o costume. Ou, pelo menos, tentei pensar que assim fosse. Foi por isso que fiz aquilo com a sua amiga sueca. Para ver se você me desprezava. Mas voltou, aqui no ateliê e ao meu espírito. Não deixei de pensar em você durante todas as férias. Lá no norte, costumava sair para o jardim no meio da noite e olhar para o sul.

Entende?”

“Sim”, respondi.

“Era em você que eu pensava, só em você. Não sei bem o que é, mas há qualquer coisa na sua expressão, no seu aspecto...”

“O quê?”

“A mulher que você virá a ser”, disse ele.

“Uma mulher agradável?”

“Muito mais que agradável.”

Não sei descrever a maneira como ele disse essas palavras.

Tristemente, quase desejando evitá-las. Doces, mas algo amargas. E, sobretudo, palavras honestas. Não me estava provocando, nem sendo formal. Essas palavras vieram lhe bem do fundo da alma. Eu olhara para o chão durante toda aquela troca de palavras, porém G. P. fez-me olhar para ele, e sei que algo passou por entre nós. Algo que senti perfeitamente.

Quase um contacto físico. Algo que nos queria mudar. Ele haver dito uma coisa que tinha no coração, e eu senti-lo tão completamente...

G. P. ficou olhando para mim, e eu fiquei embaraçada. Continuou observando-me fixamente. Tive de lhe pedir para desviar o olhar.

Aproximou-se de mim e deu-me a mão, levando-me gentilmente para a sala. Disse-me então que eu era realmente bela. “Bela, sensitiva, entusiasta, tenta ser honesta, consegue ser da sua idade, natural sem quaisquer pretensões e, ao mesmo tempo, um pouco antiquada, o que lhe dá um encanto muito especial. Até sabe jogar xadrez bastante bem. Você é como a filha que eu gostaria de ter tido. É talvez por isso que a quero tanto...”

G. P. fez-me passar à frente, para que não lhe visse o rosto.

‘ Não lhe posso falar assim sem você voltar a cabeça. E peço-lhe, pois, que não a volte; vá-se embora, agora... deixe-me só.’ Senti-lhe fazer uma ligeira pressão sobre os meus ombros. Beijou-me a cabeça, Empurrou-me. Comecei a descer as escadas. Parei e voltei-me para trás. G. P. sorriu, mas era um sorriso triste.

“Deus queira que isso lhe passe depressa”, disse eu.

G. P. sacudiu a cabeça. Não sei se ele queria dizer não, ou se, pelo contrário, me queria indicar que *aquilo* nunca lhe passaria. Talvez ele próprio não o soubesse. Mas estava triste. Estava totalmente triste...

Eu também, claro. Parecia-o, pelo menos, porém devo dizer que não me sentia *muito* triste. Não era uma tristeza que me magoasse. Fazia-me certo bem. Horrível, mas quase senti certo prazer. Fui para casa a cantarolar. O romance, o mistério do amor. A vida.

Pensei saber que não o amava. Pensava que tinha ganho aquele jogo.

E que aconteceu desde então?

Nos dois primeiros dias, julguei que ele me telefonaria, que tudo aquilo fora uma espécie de capricho. Depois, desconsolada, comecei a pensar que nunca mais o voltaria a ver, durante meses e anos. Ridículo!

Desnecessário. Uma estupidez! Odiei o que parecia ser uma fraqueza da *sua* parte. Pensei: — “Se ele é assim, que vá para o diabo!” Essa fase não durou muito. Decidi que era melhor assim. G. P. tinha razão. Era melhor interromper de vez as nossas relações. Eu concentrar-me-ia no meu trabalho. Seria prática, eficiente e tudo o mais que na realidade não faz parte da minha natureza.

A verdade é que não sabia bem se o amava ou não. Mas, obviamente, se eu tinha tal dúvida, é porque não o amava.

E agora tenho de escrever o que sinto. Mudei de novo. Sei-o. Sinto-o.

Bom aspecto; já sei que é errado ter noções preconcebidas sobre o aspecto das pessoas. É errado também ficar excitada quando Piers me beija. Ter de o observar por vezes (não quando ele está olhando, para não o tornar ainda mais vaidoso) e sentir a atração do seu corpo. É como um belo desenho de algo feio. Chegamos a esquecer que o modelo tem alguma coisa de feio. Eu sei que Piers é moral e psicologicamente feio — pouco interessante e aborrecido, falso.

Mas até nisso mudei.

Penso em G.P. abraçando-me e acariciando-me.



Tenho em mim uma espécie de curiosidade pervertida — o que quero dizer é que penso com freqüência, em todas as mulheres que ele teve e em todas as coisas que ele deve saber sobre estar na cama.

Posso imaginá-lo a fazer o amor comigo e não me enjojo. Sei que ele é muito hábil e gentil. Agradável. Toda a espécie de coisas, mas não o mais importante. Falta qualquer coisa e muito importante, se for para sempre...

Penso também na sua fraqueza. Tenho a impressão de que ele acabaria por me ser infiel. Pensei sempre no amor como uma espécie de aventura jovem e fresca: duas pessoas da mesma idade lançando-se juntas à aventura, à descoberta, crescendo juntas, enfim. Mas eu nada teria para dizer a G. P., nada para lhe mostrar, nada de novo. Toda a experiência estaria do seu lado.

Tenho visto tão pouco do mundo. Sei perfeitamente que, em muitos aspectos, G. P. representa agora uma espécie de ideal; o seu sentido do que tem importância, a sua independência, a sua recusa de fazer aquilo que os outros fazem. O fato de ele ter um lugar à parte. Tenho de casar com alguém que tenha essas qualidades. E, até agora, ainda não conheci quem as tenha mais do que ele. Alguns dos rapazes na Escola de Slade parecem tê-

las — mas são tão jovens. É muito fácil ser sincero e desdenhar as convenções, quando se tem a nossa idade...

Cheguei a pensar, uma ou duas vezes, que tudo aquilo não passava de uma armadilha. Como aquele sacrifício no jogo de xadrez. Suponhamos que eu lhe dissesse que fizesse o que desejasse comigo, desde que não me mandasse embora?

Não, não creio que G. P. fosse capaz disso.

É tudo uma questão de tempo. Há dois anos eu nem sequer teria podido pensar que talvez estivesse apaixonada por um homem mais velho.

Na escola, eu era sempre a primeira a defender as idades iguais no amor.

Recordo perfeitamente que fiquei bastante escandalizada quando Susan Grillet se casou com um horrível baronete que tinha quase três vezes a sua idade. Minny e eu dizíamos sempre que nunca casaríamos com um homem mais velho do que nós, mas agora penso que preciso de um que seja um pouco mais velho, porque a verdade é que nunca encontro o menor interesse nos rapazes da minha idade. Por outro lado, devo também dizer que nunca penso em G. P. como sendo verdadeiramente muito mais velho.

Não o considero como um pai-marido...

Isto não serve para coisa alguma. Eu poderia passar a noite inteira a escrever argumentos contra e a favor do meu casamento com ele.

*Emma.* Todo o caso de se encontrar numa fase entre moça inexperiente e mulher experiente e o terrível problema do homem ! Calibã é o Sr. Elton. Piers é Frank Churchill. Mas G. P., será ele o Sr. Knightley?

Claro, G. P. viveu toda uma vida e tem opiniões que fariam com que o pobre Sr. Knightley desse um salto na sepultura. Mas o Sr. Knightley nunca teria sido um homem falso. Detestava a pretensão, o egoísmo e o esnobismo.

E ambos têm o nome de homem que mais detesto: George. Talvez haja uma moral nesse fato.

18 de novembro

Há cinco dias que não como o que quer que seja. Bebi alguma água.

Calibã traz-me comida, mas não lhe toco; não como nem uma migalha.

Amanhã recomeçarei a comer.

Ainda não faz meia hora, levantei-me e senti-me tonta. Tive de tornar a sentar. Ainda não me sinto doente, por enquanto. Mas tenho dores de barriga e estou muito fraca. Porém agora é diferente.

Não quero morrer por causa dele.

Não tenho precisado de comida. Tenho estado tão cheia de ódio por ele e pela sua bestialidade. A sua vil covardia. O seu egoísmo. O seu calibanismo.

Não quis escrever durante todos aqueles dias. Houve momentos em que desejei fazê-lo. Depois, isso pareceu-me prova de fraqueza, como se aceitasse as coisas como elas estão. Sabia que, no momento em que escrevesse, em que desabafasse, me acalmaria logo. Mas agora creio que preciso de escrever de novo. Para registrar tudo isto. O que ele me fez.

Um verdadeiro ultraje.

A pouca amizade, a humanidade, a boa disposição — tudo o que havia entre nós desapareceu totalmente.

A partir de agora, somos verdadeiros inimigos. De ambos os lados.

Calibã disse-me coisas que provam que ele também me odeia.

Está ressentido pela minha existência. É isso mesmo.

Ainda não o compreendeu, porque, por ora, está ainda tentando ser gentil para comigo. Mas já está muito mais perto do ódio do que estava.

Um dia, dentro em breve, vai acordar de manhã e dizer a si próprio: odeio-a.

Será muito desagradável.

Quando voltei a mim, depois do clorofórmio, encontrei-me na cama.

Calibã despira-me.

Fiquei furiosa. Louca de nojo. Só pensava nas suas mãos bestiais tocando me. Puxando-me as meias para baixo. Horrível!

Depois, mais calma, pensei no que ele poderia ter feito, e que não fizera. Decidi não lhe mostrar a minha raiva.

Silêncio, em vez disso.

Gritar enraivecida a alguém significa que ainda há um interesse qualquer.

Desde então, pensei duas coisas:

Primeiro: Calibã é suficientemente estranho para me ter despido sem pensar, segundo uma louca noção do que era adequado fazer. Talvez tivesse pensado que eu não podia ficar deitada vestida.

Segundo: por outro lado, talvez fosse uma espécie de advertência.

Recordava-me, é possível, tudo o que poderia ter feito e que não fez. O seu cavalheirismo. E aceito o fato. Tive muita sorte.

Mas até chego a considerar assustador que ele não me tenha feito o menor mal). Que é ele, afinal?

Existe um grande abismo entre nós, agora maior que nunca. Nunca o poderemos estreitar.

Disse-me que me libertará dentro de outras quatro semanas. Não passa de conversa. Não o acredito. Adverti-o, pois, de que vou tentar matá-lo.

Não tenho dúvida de que seria capaz de o fazer. Não pensaria duas vezes, se tivesse uma oportunidade.

Vejo agora como estava enganada. Quão cega estava...

Prostituí-me com Calibã. Quero dizer, deixei-o gastar todo aquele dinheiro comigo e, embora me dissesse que isso era justo, não o era, na realidade. Fui simpática para com ele, de certo modo, só por me sentir agradecida. Tratei-o sempre com muita simpatia, mesmo quando o provocava ou troçava dele. Até quebrar aqueles seus horrores foi um gesto simpático. Foi, até certo ponto, uma prova de consideração. A minha atitude deveria ter sido a que tomarei a partir de agora: gelo.

Vou gelá-lo.

Calibã é absolutamente inferior a mim, em tudo. A sua única superioridade é a habilidade para me conservar aqui. Esse é o único poder que ele tem. Não pode comportar-se, falar, pensar ou fazer qualquer outra coisa melhor do que eu e, assim, será o Velho do Mar até que eu consiga libertar-me dele, seja como for.

Terá de ser pela força.

Tenho estado aqui sentada, pensando em Deus. Não creio que continue acreditando em Deus. Não se trata apenas de mim. Penso que todos os milhões de pessoas que estiveram prisioneiras durante a guerra devem ter sentido o mesmo. Todas as Anne Franks. E durante toda a História. O que penso *saber* agora é que Deus não intervém. Deixa-nos sofrer. Quem reza pela liberdade, pode sentir certo alívio só pelo fato de rezar, ou porque acontece qualquer outra coisa que lhe traz a liberdade, que a traria de todas as maneiras. Mas Deus não nos pode ouvir. Nada tem de humano, como seja, ouvir, ver, ajudar ou ter piedade. É possível que Deus tenha criado o mundo, bem como as leis fundamentais da matéria e da evolução. Planejou-o de forma a que certos indivíduos sejam felizes, outros tristes, alguns com sorte, outros não. Não sabe quem é triste e quem não o é, não sabe e não se preocupa. Assim, na realidade, não

existe.

Estes últimos dias tenho-me sentido sem Deus. Senti-me também mais lúcida, menos cega, mais sã. Continuo acreditando num Deus.

Mas é tão remoto, tão frio, tão matemático. Compreendi que temos de viver como se Deus não existisse. Rezas, missas e hinos religiosos — tudo tão estúpido e inútil.

Estou tentando explicar porque decidi esquecer os meus princípios (sobre nunca cometer violências). Ainda acredito nesse princípio, porém vejo que, por vezes, é preciso violá-lo para sobreviver. Não vale a pena confiar vagamente em que a sorte, a Providência ou Deus sejam bons para conosco. Temos de agir e lutar para nos defendermos...

O céu está completamente vazio. Maravilhosamente puro e vazio.

Como se os arquitetos e os construtores pudessem viver em todas as casas que construíram! Ou pudessem viver nelas todas! É tudo tão óbvio.

Deve haver um deus, mas *não pode* saber tudo a nosso respeito.

(Mesma noite.) Fui muito desagradável com ele durante todo o dia.

Tentou falar-me várias vezes, contudo, mandei-o calar-se. Perguntou-me se eu queria alguma coisa da cidade. Respondi-lhe que não. Disse-lhe que era sua prisioneira e que, se ele trouxesse comida, eu me limitaria a comer para não morrer. As nossas relações são, a partir de agora, estritamente as relações de um prisioneiro e de um carcereiro. Pedi-lhe que me deixasse só.

Felizmente, tenho muitos livros para ler. Calibã continuara trazendo-me cigarros (se não trouxer, então terei de lhe pedir) e comida. Não quero mais coisa alguma.

Calibã não é humano; é um espaço vazio disfarçado de humano.

20 de novembro

Estou tentando fazer com que ele deseje nunca me ter visto. Trouxe-me um prato de feijão para o almoço. Levantei-me, fiz menção de sair do quarto. Calibã deu um passo atrás, e eu lancei-lhe o prato à cara. Já devia saber que não gosto de feijão em lata. Eu não estava zangada, apenas fingi estar. Calibã ficou imóvel, todo sujo, aguardando não sei o quê. Gritei-lhe que não queria comer e voltei-lhe as costas.

Comi chocolates toda a tarde. Calibã só voltou à hora do jantar.

Trouxe caviar, salmão defumado e gatinha fria (compra-as já assadas, não sei onde) — tudo coisas que sabe serem do meu agrado — só para me ver mais contente. Que astuto ele julga ser! E, na realidade, eu não posso evitar sentir-me agradecida ( não lhe disse o que sentia, claro, mas fui mais agradável). Oferece-me estas coisas com tal humildade!

Com um ar de quem não quer que eu agradeça, como se eu merecesse tudo!... Quando ele começou a arrumar as coisas em cima da mesa senti um desejo louco de rir. Horrível! Tive ganas de rir e rir até não poder mais. Calibã estava-se comportando exatamente como ele próprio !

E eu estou tão farta, tão farta...

Aqui embaixo, as minhas disposições mudam muito depressa. Decido fazer uma coisa, proceder de uma maneira, e, na hora seguinte, mudo completamente.

Não vale a pena. Não sei odiar. É como se, em mim houvesse uma pequena fábrica de boa vontade e generosidade produzindo todos os dias e tenho de expulsar uma boa dose do produto cá para fora. Se conservasse tudo dentro de mim, então explodiria, com certeza!

Não fui gentil com ele, não quero ser gentil com ele, não serei gentil com ele. Mas tive de fazer um grande esforço para não lhe agradecer aquele opíparo jantar, para não lhe dizer quão agradável fora. Enfim, consegui ficar calada, sem nada lhe agradecer. Disse-lhe que fosse embora e voltei-lhe as costas. Calibã teria sofrido um choque, se visse a minha expressão. Eu estava sorrindo e, quando ele fechou a porta, fartei-me de rir.

Não o pude evitar. Histerismo.

Há uma coisa que tenho feito muitas vezes ultimamente: olhar-me ao espelho. Em certos dias, chego a não me considerar real, tenho a impressão de que não é a minha imagem que está ali a meio metro de distância.

Tenho de desviar o olhar. Volto a olhar para o meu rosto, para os meus olhos. Tento ver o que os meus olhos dizem. O que sou. Que razão me trouxe aqui...

Sinto-me tão só. Tenho de olhar para um rosto inteligente. Qualquer pessoa que tenha estado encerrada assim, compreenderá o que quero dizer.

Tornei-me muito real, de maneira muito estranha. Real como jamais o fui.

Nós, de costume, gastamos tanto com as outras pessoas, com a vida...

Observo o meu rosto e vejo-o como se fosse o rosto de outra pessoa. Olho-me durante horas...

Sento-me a meu lado.

Por vezes, é como uma espécie de magia, e tenho de pôr a língua de fora e fazer uma careta para a quebrar.

Fico aqui sentada num silêncio absoluto com a minha imagem, numa espécie de estado de mistério.

Num transe.

21 de novembro

Estou no meio da noite... não posso dormir.

Odeio-me.

Quase me tornei uma assassina, esta noite.

Nunca mais voltarei a ser a mesma...

Tenho grande dificuldade em escrever. Estou de mãos amarradas, mas sem a mordada.

Começou tudo à hora do almoço. Compreendi que tinha de lutar muito para ser gentil com ele. Sentia que tinha de conversar com alguém. Até mesmo com ele. Não tenho outra pessoa com quem falar. Quando ele saiu do quarto, depois do almoço, deu-me vontade de chamá-lo dizer-lhe que ficasse. O que senti era muito diferente do que eu decidira sentir há dois dias. Tomei, pois, nova decisão. Aqui embaixo, depois de procurar muito, não encontrei instrumento algum com que o atacar. De resto, Calibã nunca me volta as costas. Nenhuma arma... Pensei, assim, que teria de ir ao andar de cima para tentar encontrar qualquer coisa, um meio qualquer de me libertar. Tive várias idéias...

Tenho a certeza de que, se continuasse vivendo assim, acabaria por ter pena dele e por tratá-lo com toda a minha simpatia.

Resolvi ser um pouco mais amável, depois do jantar, e disse-lhe que queria tomar um banho (que tomei). Calibã veio buscar-me pouco depois e fomos lá para cima. E vi então o que me pareceu ser um sinal divino, especialmente para mim: um pequeno machado. Estava encostado à parede da cozinha, perto da porta. Calibã deve ter estado a cortar lenha lá fora e esqueceu-se de esconder o machado.

Entramos em casa demasiado depressa para que eu pudesse fazer o que quer que fosse naquele momento.

Mas, durante o banho, pensei muito. Decidi que teria de agir. Teria de me apoderar do machado e desfechar um golpe na cabeça de Calibã, com o outro lado do gume. Só queria que ele perdesse a consciência, deitá-lo por terra para eu ter tempo de fugir, porém não sabia qual era o melhor lugar para lhe dar a pancada, ou com quanta força teria de lhe dar.

Pedi-lhe que me levasse para baixo logo a seguir ao banho. Ao alcançar a porta da cozinha, fingi escorregar nos degraus e deixei cair tudo o que trazia comigo: o sabonete, o talco, a água de colônia, etc. Fiquei indecisa como se procurasse onde haviam caído as coisas. Calibã fez exatamente o que eu esperava, curvando-se para as apanhar. Não me senti nervosa. Empunhei o machado, num ápice, mas depois... foi como se tivesse um pesadelo. Tinha de desfechar o golpe e não podia fazer, contudo sabia que tinha de o fazer!

Calibã começou a endireitar-se (tudo isto aconteceu muito depressa), e eu consegui, por fim, desfechar a pancada. Mas ele estava meio inclinado e não lhe acertei em cheio. Ou talvez não com a força suficiente. Eu dera a pancada quase em pânico, no último minuto. Calibã caiu de lado, entretanto eu percebi que não perdera a consciência, continuava segurando-me pelo braço, que nunca largara; senti subitamente que tinha de o matar ou, então, ele me mataria. Desfechei novo golpe, mas ele protegeu-se com o braço e, ao mesmo tempo, deu-me um empurrão e fez-me cair.

Foi horrível! Lutamos e arquejamos como animais. De repente — não sei bem como dizê-lo, senti-me indigna daquilo. Como uma estátua caída por terra. Como uma mulher gorda tentando levantar-se da relva.

Levantei-me. Calibã imitou-me e empurrou-me para a porta, segurando-me com todas as suas forças. Mais nada... Senti que ele tivera a mesma sensação: falta de dignidade.

Pensei que talvez tivéssemos sido ouvidos por alguém, embora eu não pudesse ter gritado, por estar amordaçada. Mas havia muito vento. Chovia e fazia frio. Não era natural que houvesse alguém na estrada com um tempo daqueles.

Fiquei deitada na cama, imóvel e angustiada. Logo parei de chorar.

Estou aqui há horas e horas, na escuridão, pensando.

22 de novembro

Estou envergonhada. Sinto-me mal comigo mesma.

Tomei uma série de decisões. Pensamentos.

A violência e a força são coisas erradas. Se eu me servir da violência, descerei ao nível dele. Significaria que não acredito verdadeiramente no poder da razão, da simpatia e da humanidade. Que eu sou gentil para com as outras pessoas só porque isso me lisonjeia, não por elas precisarem da minha gentileza ou simpatia. Tenho pensado muito na minha antiga escola e nas pessoas com quem fui tão amável nesse tempo. Sally Margison. Fui gentil com ela só para mostrar que eu era mais inteligente do que as outras e que conseguia obter dela o que pessoa alguma obtinha. Donald e Piers, embora sejam ambos rapazes muito esbeltos. Tenho a certeza de que muitas outras centenas de pessoas teriam precisado mais da minha simpatia do que eles. E, de todos os modos, a maioria das moças teria feito tudo para poder ser gentil com eles.

Desisti demasiado depressa no que respeita a Calibã. Tenho de adotar uma nova atitude para com ele. A idéia das relações prisioneiro-carcereiro foi ridícula. Não o voltarei a desprezar. Não direi mais grosserias. Ficarei calada quando ele me irritar. Falar-lhe-ei como se fosse um homem que precisa de toda a minha simpatia e compreensão. Tentarei ensinar-lhe mais coisas sobre a arte. Outras coisas.

Só há uma maneira de proceder. A maneira adequada. Não o que era considerado adequado e direito na minha antiga escola. Mas o que sentimos ser justo. A minha maneira adequada.

Sou uma pessoa moral. Não me envergonho de ser moral. Não permitirei que Calibã me tome imoral; embora mereça todo o meu ódio, amargura e uma machadada na cabeça.

(Mais tarde). Fui gentil para com ele. Isto é, não fui tão desagradável como nestes últimos dias. Logo que entrou no meu quarto, pedi-lhe que me mostrasse a cabeça e limpei o golpe com um pouco de Dettol. Calibã estava nervoso. Sobressaltei-o, justamente o que eu não queria fazer.

É tudo muito difícil. Quando sou desagradável, ele fica com uma expressão tão triste, que começo a detestar-me. Mas logo que principio a ser amável, Calibã parece adquirir uma espécie de satisfação e de confiança (muito discretamente; tem sido a humildade em pessoa, não me repreendendo pelo que aconteceu ontem, claro) e dá-me vontade de voltar de novo a tratá-lo mal.

Uma verdadeira corda bamba...

Mas a minha atitude desanuviou um pouco a atmosfera.

(Noite). Tentei ensinar-lhe o que se deve procurar na arte abstrata.

Impossível! Calibã tem na sua pobre e estúpida cabeça a idéia de que arte é tentar imitar fotograficamente o natural e que os desenhos livres (como os de Ben Nicholson) são vagamente imorais. “Vejo que o resultado é bastante agradável”, diz ele, mas não admite que isso seja arte. Tem uma grande dificuldade em servir-se das palavras. Tudo o que é arte o embaraça (e suponho que o fascina). É *tudo* um pouco imoral. Sabe que a grande arte é mesmo grande, se bem que *grande* para ele só signifique o que está fechado nos museus e aquilo de que falamos para mostrar os nossos conhecimentos. A arte viva, a arte moderna, chocam terrivelmente o pobre Calibã. Não posso sequer mencionar a palavra arte sem que isso inicie uma série de idéias conflituosas e culpáveis na sua mente.

Gostaria muito de saber se há mais pessoas como ele. Claro, a vasta maioria — especialmente a Nova Gente — não se preocupa com as artes.

Mas será isso por serem iguais a Calibã? Ou será apenas por que não pensam no assunto? Será que a arte os aborrece (de forma a não precisarem dela nas suas vidas), ou será que os choca secretamente, levando-os a fingirem que não se preocupam com tais coisas?

23 de novembro

Acabei de ler o livro *Sábado à Noite e Domingo de Manhã*. Fiquei chocada, tanto pelo seu conteúdo como por estar aqui fechada.

Chocou-me exatamente como me chocara *O Quarto de Cima*, no ano passado, quando o ti. Já sei que são obras muito talentosas e interessantes.

Seria maravilhoso se eu soubesse escrever como Alan Sillitoe. Verdadeiro, sincero. Diz o que sente. Seria extraordinário, se fosse pintor (seria como John Bratby, mas muito melhor); poderia então pintar Nottingham melhor do que ninguém. Se soubesse pintar e pintasse como escreve, seria verdadeiramente admirado. Contudo, escrever bem não basta (refiro-me a escrever as palavras adequadas, etc.) para ser bom escritor. Acho que o livro *Sábado à Noite e Domingo de Manhã* é nojento. E parece-me que o personagem, Arthur Seaton, é nojento. E parece-me que o pior de tudo é que o autor não se mostra enojado pelo seu personagem. Creio que Alan Sillitoe gosta bastante do carácter desse seu personagem.

Detestei a maneira como Arthur Seaton só pensa no seu pequeno mundo. É mesquinho, estreito de idéias, egoísta, brutal. Como é muito impertinente, detesta trabalhar e tem êxito com as mulheres, julga-se uma pessoa importante, mesmo vital.

A única coisa que me agradou nele foi aquele sentimento de que tinha algo que poderia ser usado para fins melhores se encontrasse uma forma de o fazer.

O que me preocupa mais é a obscuridade dessas pessoas. O fato de não se preocuparem com o que quer que seja fora do seu mundo, da sua vida.

O fato de estarem fechados numa espécie de caixa...

É possível que Alan Sillitoe desejasse atacar a sociedade que produz essas pessoas, mas, se é isso, não o conseguiu fazer claramente. Já sei o que lhe aconteceu: apaixonou-se por aquilo que estava pintando. Começou a pintar toda aquela fealdade e foi conquistado por ela, procurando depois enganar-nos. Fazer as coisas um pouco mais bonitas do que no início...



Também fiquei chocada por causa de Calibã. Compreendi que há nele algo de Arthur Seaton, apenas que ele não está tão confuso. Quero dizer que odeia as coisas e as pessoas que estão fora do seu mundo. Tem o mesmo egoísmo — nem sequer é um egoísmo honesto, porque culpa a vida e depois diverte-se em ser egoísta com a consciência em paz e sossego. É

também muito obstinado.

Isso chocou-me porque penso, agora, que toda a gente, exceto *nós* (e nós já estamos contaminados) tem esse egoísmo e brutalidade, mesmo que esses horríveis defeitos estejam escondidos. A religião é como se já tivesse morrido. Não há coisa alguma que possa deter a Nova Gente — crescerá e crescerá e acabará por nos afogar.

Não, não conseguirão fazer-nos isso. Por causa de David. Por causa de pessoas como Alan Sillitoe (na orelha do livro está escrito que ele é filho de um trabalhador). Isto é, os elementos inteligentes da Nova Gente virão para o nosso lado, revoltando-se contra os seus. A Nova Gente terá de se destruir, porque são todos muito estúpidos. Nunca poderão conservar no seu seio os verdadeiramente inteligentes. Sobretudo, os mais novos...

Queremos algo mais do que o dinheiro e manter as aparências.

Mas é uma verdadeira batalha. É como se estivéssemos numa cidade cercada, em estado de sítio. A Nova Gente rodeia-nos... e nós teremos de resistir.

É uma batalha entre Calibã e eu mesma. Ele pertence à Nova Gente e eu aos Poucos.

Tenho de combater com as minhas próprias armas. Não com as dele.

Não com o egoísmo, a brutalidade, a vergonha e o ressentimento.

Calibã é bem pior que Arthur Seaton.

Arthur Seaton, se visse uma estátua de que não gostasse, faria o possível por quebrá-la em mil pedaços. Calibã procuraria escondê-la com uma cerca, para que não fosse vista. Não sei o que é pior. Mas creio que Calibã é pior.

24 de novembro

Estou-me tomando desesperada. Quero fugir. Já não tenho sequer prazer ou consolo em desenhar, ouvir discos ou ter. A minha mais ardente necessidade (todos os prisioneiros a devem ter) é a companhia de outras pessoas. Calibã, mesmo na melhor das hipóteses, não passa de meia pessoa. Quero ver dúzias e dúzias de caras desconhecidas. Como se estivesse cheia de sede e bebesse copos de água, uns atrás dos outros.

Exatamente isso. Li uma vez que ninguém pode agüentar mais de dez anos na prisão ou um ano de isolamento completo.

Olhando de fora, ninguém, mas ninguém, pode sequer imaginar o que é estar numa prisão. Há pessoas que pensam que, com tanto tempo para ler e pensar, as coisas não podem ser assim muito más. Mas é terrível. A lentidão do tempo... Eu até juraria que todos os relógios do mundo se atrasaram séculos desde que vim

para aqui.

Eu não me deveria queixar. Estou numa prisão de luxo.

E Calibã foi diabolicamente astuto ao negar-me a leitura de jornais e o rádio. Nunca li muito os jornais, nunca ouvi os noticiários do rádio, mas, agora, é muito diferente. Estou completamente isolada do resto do mundo.

É tão estranho! Sinto que perdi todo o meu sentido de orientação.

Passo horas deitada na cama, pensando em maneiras de fugir.

Horas sem fim.

25 de novembro

(Depois do almoço). Esta manhã, tive uma grande conversa com ele.

Convenci-o a servir-me de modelo. Perguntei-lhe depois o que desejava verdadeiramente de mim. Quereria ele que eu fosse sua amante? Mas isso chocou-o. Ruborizou-se e disse que podia comprar isso em Londres.

Disse-lhe que ele era uma caixa chinesa. E é!

O mistério do interior da caixa seria que o amasse; de todas as formas: com o meu corpo, com o meu espírito. Que eu o respeitasse e o acarinhasse. É tão completamente impossível — mesmo que eu conseguisse vencer o nojo físico... como é que poderia olhar para ele sem o desdenhar?

Calibã nada obterá com a sua teimosia.

Não quero morrer. Sinto-me cheia de resistência. Desejarei *sempre* sobreviver. Sobreviverei.

26 de novembro

A sua faceta mais anormal é amar-me. A Nova Gente não poderia amar como ele ama. Cegamente. Absolutamente. Como Dante a Beatriz.

Calibã gosta de estar loucamente apaixonado por mim. Creio que Dante também terá sido assim. Divagando como um louco perdido, sabendo que nada obteria, e adquirindo tanto material criador da sua experiência.

Calibã, entretanto, não adquire o que quer que seja além do seu miserável prazer.

Detesto as pessoas que não *fazem* coisa alguma. Detesto-as.

Quanto medo tinha eu de morrer naqueles primeiros dias! Não quero morrer, porque estou sempre pensando no futuro. Sinto-me desesperadamente curiosa quanto ao que o futuro me trará. Que me acontecerá? Como me desenvolverei? Que serei eu dentro de cinco anos?

De dez? De trinta anos? Gostaria de saber quem será o meu marido, em que lugar viverei, que países virei a conhecer. Filhos... Não se trata apenas de uma curiosidade egoísta. Esta é a pior época possível para se morrer.

Viagens espaciais, a ciência, o mundo despertando e ampliando-se. É o começo de uma nova era. Sei que é perigosa. Mas é maravilhoso estar-se vivo dentro dela.

Amo, adoro a *minha* era.

Não paro de pensar, hoje... Um dos meus pensamentos foi: os homens que nada criam, quando têm a possibilidade de criar, podem ser considerados homens maus.

O próximo pensamento foi: matá-lo seria como destruir tudo aquilo em que acredito. Muitas pessoas diriam que eu fizera bem, que o fato de ter ido contra os meus princípios não tinha grande importância. Mas todo o mal do mundo é feito por ações e atitudes que, de início, pouca importância tiveram. É ridículo falar da falta de importância de certas ações. As pequenas ações e o oceano são coisas iguais.

Tenho pensado muito (não pela primeira vez) no que seria viver com G. P.; tenho a certeza de que me enganaria, de que me deixaria, de que seria brutal e cínico comigo. Estou desesperada. Sonho acordada e, nesses sonhos, não há sexo, apenas a vida em conjunto, numa atmosfera bastante romântica. Paisagens do norte, de mar e de ilhas. Casinhas brancas. Por vezes, até o Mediterrâneo. Vejo-nos juntos, muito juntos em espírito. Um conto meloso e romântico, na verdade, sobretudo nos pormenores.

Contudo, o mais importante é a perfeita harmonia dos nossos espíritos. Isso é muito real. E as situações que imagino (quando ele me abandona) são também reais. Fico louca ao pensar nelas...

Há dias em que estou perto do desespero absoluto. Já ninguém sabe que ainda estou viva. Já me deram como morta, com certeza. Aceitam-me como morta. Essa é uma situação bem real. Penso ainda nas situações futuras; penso e penso, aqui sentada... Penso no meu amor total por algum homem. Sei que não posso fazer o que quer que seja pela metade, especialmente o amor. Sei que tenho o amor em mim, Que quando ele vier à superfície, pois virá, por certo, me entregarei de corpo e alma a um cretino como G. P., que, por sua vez, me traiçoeirá. Sinto-o. No início dos meus sonhos com ele, começo sempre por me sentir muito terna, racional,, mas sei que não o seria, na realidade. Seria toda paixão e violência.

Ciúmes. Desespero. Amargura. Algo morreria em mim. Ele também seria ferido.

Se ele me amasse verdadeiramente, não me poderia deixar partir.

Se ele me amasse verdadeiramente, já me teria deixado partir.

27 de novembro

Meia-noite.

Nunca conseguirei fugir. Estou enlouquecendo. Tenho, tenho, tenho de fazer alguma coisa. Sinto que estou no fundo da terra. Tenho todo o peso da terra fazendo pressão sobre esta pequena cela, que é cada vez mais pequena, pequena, pequena. Posso senti-la contrair-se.

Quero gritar. Até ficar rouca. Até morrer.

Não posso escrevê-lo. Não encontro palavras.

Um desespero absoluto.

Tenho estado assim todo o dia. Uma espécie de pânico interminável avançando lentamente.

Que poderia ele ter pensado, quando me trouxe para aqui?

Os seus planos falharam. Não me tenho portado como a moça dos seus sonhos, que eu era. Não estive à altura dos seus planos.

Será por isso que insiste em conservar-me aqui? Esperando que a Miranda dos seus sonhos apareça?

Talvez fosse melhor que eu me dedicasse a ser a moça dos seus sonhos. Talvez fosse melhor que eu o abraçasse e beijasse. Que o elogiasse e lhe fizesse carícias. Que o beijasse.

Não tenciono proceder assim. Mas isso tudo fez-me pensar.

Sim, talvez eu o devesse beijar. Mais do que beijá-lo. Amá-lo. Torná-

lo no Príncipe Encantado.

Estou pensando horas e horas entre cada frase que escrevo.

Tenho de o fazer sentir que, finalmente, fui tocada pela sua amabilidade, pela sua generosidade, etc, etc...

Isto é tão extraordinário!

Calibã teria de agir, então.

Tenho a certeza de que o poderei fazer. Pelo menos, ele é escrupulosamente limpo. Nunca cheira a outra coisa que não seja sabonete.

Vou dormir, para pensar melhor.

28 de novembro

Cheguei hoje a uma decisão tremenda.

Imaginei estar na cama com ele.

Limitar-me a beijá-lo não servirá para coisa alguma. Terei de lhe dar um choque tão tremendo, que o faça libertar-me. Não vejo como é que Calibã poderia conservar prisioneira uma mulher que se lhe ofereceu.

Ficarei sob o seu poder. Não poderia sequer ir à polícia; só pensaria em abafar o caso.

É tão óbvio.

É como um sacrifício num jogo de xadrez.

Como desenhar. Não podemos hesitar a meio de um traço. A ousadia é o traço.

Já pensei bem em todos os aspectos sexuais da questão. Gostaria de saber um pouco mais sobre os homens. Desejaria estar absolutamente segura de tudo o que tenho ouvido, lido e compreendido. Mas vou deixá-lo fazer o que Piers queria fazer na Espanha — aquilo a que chamam o amor escocês. Levar-me para a cama, se o quiser fazer. Fazer-me gozar, se quiser isso. Tudo menos a coisa final. Vou-lhe dizer que é perigoso nesta época do mês, se ele tencionar ir demasiado longe. Creio, porém, que ele ficará tão chocado, que poderei fazer com que ele faça apenas o que eu deseje. Isto é, eu é que o seduzirei. Sei que seria um risco terrível com noventa e nove homens de cada cem, mas creio que ele é o centésimo.

Calibã terá de parar quando eu lhe disser.

Mesmo se a coisa se tornasse necessária, se ele não parasse, creio que estaria disposta a correr o risco.

Penso em duas coisas. A primeira é a necessidade de fazer com que ele me deixe partir. A outra... sou eu. Escrevi aqui, a 7 de novembro, que amo uma vida cheia, tudo o que não está imóvel, que não está morto...

todavia eu não estou vivendo uma vida cheia. Estou imóvel, morta. Não apenas no que se refere a esta situação. O mesmo sucede no tocante a G. P.

Toda esta fantasia de me conservar virgem para o homem que amo!

Que disparate! Sempre desprezei essa teoria, mas, apesar disso, tenho recuado, conservando a minha virgindade.

Sou avara com o meu corpo.

Tenho de afastar esta mesquinhez muito para longe de mim.

Mergulhei numa espécie de desespero. Digo a mim mesma, sempre, que algo vai acontecer, porém nada acontece. Nada que eu não provoque.

Tenho de agir.

Escrevi também que tenho de lutar com as minhas próprias armas, não com as dele. Não com o egoísmo, a brutalidade, a vergonha e o ressentimento.

Lutarei, pois, com generosidade (dar-me-ei), com gentileza (beijarei a besta) e, sem vergonha (farei o que fizer de livre vontade), com perdão (a culpa não será dele).

Até mesmo uma criança. O filho dele. Seja o que for. Pela liberdade.

Quanto mais penso nisto, mais sinto que não há outro jeito.

Calibã tem um segredo qualquer. Deve querer-me fisicamente.

Talvez seja impotente.

Seja ele o que for, vou descobri-lo.

Saberemos, então, o que devemos fazer.

Não tenho escrito muito sobre G. P. nestes últimos dias. Mas penso muito nele. A primeira e a última coisa que vejo todos os dias é a sua tela.

Já comecei a odiar aquela moça desconhecida que lhe serviu de modelo.

Deve ter ido para a cama com ela. Talvez fosse mesmo a sua primeira esposa. Perguntar-lhe-ei, quando sair daqui.

A primeira coisa que farei, a primeira coisa positiva depois de ir ver a minha família, será visitar G. P.; dir-lhe-ei que esteve sempre nos meus pensamentos, que ele é a pessoa mais importante que conheci até hoje. A mais real. Dir-lhe-ei também que tenho ciúmes de todas as mulheres que foram para a cama com ele. Ainda não lhe posso dizer que o amo. Não sei bem o que é o amor. Sou Emma, com as suas pequenas e ridículas teorias sobre o amor e o casamento, porém o amor é algo que veste trajes diferentes, que tem sempre uma face diferente e reações sempre inesperadas. O amor deve levar muito tempo a ser aceito, para poder ganhar verdadeiramente o nome de amor.

É possível que G. P. me tratasse seca e friamente, quando chegasse o momento. É possível que dissesse que sou demasiado jovem, que ele não me falara aquelas coisas a sério e — mil outras coisas. Mas não tenho medo. Estou disposta a arriscar tudo.

É também muito possível que ele esteja a meio de uma aventura com outra mulher.

Eu dir-lhe-ia que viera procurá-lo por já não ter a certeza de não estar apaixonada por ele.

Dir-lhe-ia que estive nua com um homem que odeio. Que descí a um nível muito baixo.

Dar-me ia a G. P., então.

No entanto, apesar, de tudo, eu não poderia suportar vê-lo partir com outra mulher: reduzir tudo a sexo. Morreria por dentro, se ele me fizesse tal coisa.

Já sei que isso não é muito avançado de minha parte.

Mas é o que sinto.

O sexo não importa. O amor é tudo.

Esta tarde, pedi a Calibã que pusesse no correio uma carta minha para G. P.: uma loucura! Claro, Calibã negou se a fazê-lo. Deve ter ficado com ciúme. Preciso tanto de ir visitá-lo naquele seu ateliê, abrir a porta de mansinho e vê-lo curvado sobre um desenho, voltando a cabeça para me olhar, como se na realidade lhe fosse totalmente indiferente saber quem acabara de entrar. Vejo-o, ali, a olhar para mim, sorrindo vagamente com uns olhos que compreendem tudo tão depressa.

Isto é tudo inútil. Estou pensando no prêmio antes de pintar a tela.

Amanhã. Preciso de agir, sem falta!

Já comecei hoje, para ser franca. Tratei-o por Ferdinand (não por Calibã) três vezes, e elogiei uma gravata horrorosa que ele comprou. Sorri-lhe. Tentei dar a entender que algo nele me agrada. Calibã não deu o menor sinal de o ter notado. Mas, amanhã, nem saberá o que lhe está acontecendo.

Não posso dormir. Levantei-me de novo e toquei o disco de G. P., o solo de clavicórdio. Pode ser que ele também o esteja ouvindo, e pensando em mim. A Invenção de que mais gosto é a que vem após aquela de que ele gosta mais — G. P. adora a quinta, e eu a sexta. Assim, estamos deitados lado a lado, com Bach. Eu costumava aborrecer-me com a música de Bach.

Agora, contudo, domina-me por completo: é tão humano, tão cheio de temperamento, gentileza, de sons simples e, ao mesmo tempo, tão profundos, que ouço as suas músicas inúmeras vezes, repetida e incessantemente, tal como antigamente costumava copiar os desenhos de que gostava.

Penso que talvez me baste abraçá-lo e beijá-lo. Nada mais. Contudo, o pior é que ele gostaria disso e se habituaria. A coisa arrastar-se-ia. Não, terá de ser um autêntico choque.

Tudo isto está relacionado com a minha atitude autoritária em face da vida. Sempre soube para onde ia, o que queria fazer. E tudo acontecia sempre conforme eu desejava, e eu tomei como certo que assim era só porque eu sabia o que queria. Mas a verdade é que tive sorte em muitas coisas.

Sempre tentei acontecer à vida; agora, porém, já é tempo de a vida me acontecer, a mim...

30 de novembro

Oh, meu Deus!

Fiz uma coisa terrível.

Tenho de a descrever. De a ler com os meus próprios olhos.

É tão surpreendente! Que eu o tenha feito. Que tivesse acontecido...

Que ele seja o que é. Que eu seja o que sou. E o estado em que nos encontramos agora.

Pior do que antes.

Decidi fazê-lo, esta manhã. Eu sabia que tinha de fazer algo de extraordinário. Precisava, tanto como ele, de um choque.

Pedi-lhe para ir tomar banho. Fui muito simpática durante todo o dia.

Fiz-me muito bonita, depois do banho. Oceanos de perfume *Mitsouko*.

Fiquei de pé diante da chaminé, descalça, para seu benefício. Sentia-me nervosa. Não sabia se podia ir avante com os meus planos, ainda por cima com as mãos amarradas. Bebi três cálices de xerez muito depressa.

Fechei os olhos e resolvi dar início à comédia.

Disse-lhe que se sentasse no sofá e depois sentei-me ao seu colo.

Calibã estava muito empertigado, estarrecido. Mas eu já não podia parar.

Se ele me tivesse segurado com força, então, talvez me houvesse detido.

Abri o roupão, porém Calibã ficou imóvel. Exatamente como se não nos conhecêssemos e estivéssemos brincando um jogo qualquer numa festa.

Dois desconhecidos numa festa, que não gostavam muito um do outro...

Senti-me algo excitada, contudo de um modo desagradável e perverso.

Senti uma mulher em mim procurando o homem nele. Não sei explicar, mas havia também a sensação de que ele não sabia o que fazer. De que Calibã era virgem. Lembrei-me daquela velha senhora que levou um jovem padre a passeio...

Devo ter bebido demais.

Tive de o forçar a beijar-me. Calibã fingiu recuar e ir longe demais. Eu disse-lhe que não importava se isso acontecesse e beijei-o de novo. Beijou-me dessa vez, como se quisesse fazer entrar a sua boca para dentro de mim. Tinha a boca doce. Cheirava a limpeza e fechei os olhos. Aquilo não era tão difícil e desagradável como eu imaginara.

Mas, de súbito, Calibã afastou-se de mim e foi para junto da janela.

Não quis voltar para o sofá. Queria fugir, embora não pudesse. Ficou imóvel, enquanto eu, meio despida, me ajoelhava em frente da chaminé e soltava os cabelos, só para tornar tudo ainda mais óbvio. Enfim, passados alguns minutos, tive de ir buscá-lo e de o trazer para o sofá. Disse-lhe que me desamarrasse as mãos, e ele obedeceu-me. Estava como num transe e, em seguida, despi-o e acabei de me despir.

Disse-lhe que não ficasse nervoso, que eu queria aquilo. Pedi-lhe que se portasse com naturalidade. Entretanto, ele não conseguia, não conseguia o que quer que fosse. Fiz *tudo* o que me foi possível.

Mas nada aconteceu. Calibã não se descongelava. Segurou-me uma vez nos seus braços, num abraço que não foi natural. Apenas uma imitação desesperada do que ele pensava ser o natural. Pateticamente artificial.

Calibã não o pode fazer.

Não existe homem dentro dele.

Levantei-me; estávamos então deitados no sofá. Ajoelhei-me a seu lado. Disse-lhe que não se preocupasse. Falei-lhe como se fosse sua mãe.

Voltamos a vestir-nos.

Gradualmente, comecei a compreender a verdade sobre Calibã. E, mais tarde, conheci a sua verdadeira personalidade.



Um psiquiatra disse-lhe que ele nunca poderia fazer o amor.

Calibã contou-me que costumava imaginar-nos deitados na mesma cama. Só deitados, nada mais. Ofereci-me para fazer isso, mas ele não aceitou. Bem no fundo do seu ser, lado a lado com a bestialidade e o ressentimento, há uma tremenda inocência, uma inocência que o governa e que ele procura proteger.

Disse-me que, mesmo assim, continuava amando-me.

Eu respondi-lhe: “O que você ama é o seu próprio amor. Não é amor, é egoísmo. Você não pensa em mim, mas sim no que sente por mim.”

“Não sei o que é”, respondeu ele.

E então cometi um erro. Pensei que fora tudo um sacrifício em vão.

Pensei que devia fazê-lo compreender o que eu fizera, que deveria deixar-me partir — enfim, tentei dizer-lhe tudo. Foi então que a sua verdadeira personalidade veio à superfície.

Tomou-se quase animal. Nem sequer me respondeu.

Estávamos mais longe um do outro do que antes. Confessei-lhe que tinha pena dele, e ele enfureceu-se. Foi terrível. Chorei.

Aquela terrível frieza... a sua desumanidade.

O fato de ser sua prisioneira. De ser obrigada a ficar...

E compreendendo, por fim, que ele era assim.

Mas compreendendo o quê? O que é ele? Que deseja ele? Para que estou eu aqui, se ele não me pode seduzir?

Foi como se eu tivesse acendido uma fogueira na escuridão para nos tentarmos aquecer. E tudo o que consegui foi ver como ele é na realidade, à luz da fogueira que eu própria acendi.

A última coisa que lhe disse é que não podíamos estar mais longe um do outro. Estivéramos nus, frente a frente.

Mas a verdade é que, neste momento, ainda estamos mais longe do que o estivemos antes.

Sinto-me melhor, agora.

Alegro-me por não se ter passado algo de pior. Fui louca ao assumir aquele risco.

Dou-me por contente por haver sobrevivido.

1º de dezembro

Calibã desceu ao meu quarto, estive passeando pelo porão exterior, e a atmosfera é terrível, dolorosa.

Ele está verdadeiramente zangado. Nunca o vira assim. Não se trata de uma birra. É uma ira contida, autêntica.

Estou furiosa. Ninguém compreenderá jamais o sacrifício que fiz ontem. O esforço de me dar, de me arriscar, de compreender. De conter todos os meus instintos naturais.

A culpa é dele e da sua natureza, da sua anormalidade. Agora, já não sou uma moça *bem*. Os homens amam-se, quando não nos damos a eles e odeiam-nos quando nos damos. Os homens inteligentes chegam a desprezar-se por serem assim, pela sua falta de lógica. Homens angustiados e mulheres magoadas. Claro, descobri o seu segredo. E ele odeia me por isso. Pensei e pensei sobre o assunto.

Calibã deve ter sabido sempre que não podia fazer coisa alguma comigo. Todavia, nunca deixou de falar desse seu grande amor por mim.

Isso deve significar alguma coisa.

O que penso é o seguinte: não deve poder sentir o menor prazer físico normal. O seu prazer é manter-me prisioneira. Pensar em todos os outros homens que o invejariam, se soubessem... Enfim, ter-me aqui.

Assim, eu ser boa com ele é totalmente ridículo. Terei de ser tão desagradável, que ele perca o prazer de me ter fechada. Vou fazer a greve da fome, uma vez mais. Não lhe falarei, não terei as menores relações com ele.

Idéias estranhas.

O fato de ter feito pela primeira vez na minha vida algo de verdadeiramente original. Fiz uma coisa que poucas outras mulheres como eu poderiam ter feito. Dominei-me, quando estávamos nus. Aprendi o que significa dominar os nossos instintos.

Vi o fim da antiga colegial. Essa inocente morreu.

Recordo ter dirigido o automóvel de Piers, algures, perto de Carcassone. Disseram-me que fosse mais devagar, mas eu queria atingir os cento e quarenta e conservei o pé no acelerador até o conseguir. Os outros ficaram assustados. Eu também.

Mas provei que o podia fazer.

(Antes do jantar.) Voltei a ler *A Tempestade* de novo. Já não é o mesmo, agora que isto aconteceu. Sinto pelo meu Calibã (sob uma camada de ódio e de nojo) a mesma piedade que Shakespeare sentiu pelo seu Calibã.

Meias criaturas...

“Não honrado com uma forma humana”

“Calibã, meu escravo, que nunca nos concede uma resposta amável.”

“A quem o chicote pode comover, não a gentileza.” PRÓSPERO — ... e dei-vos guarida

Na minha própria cela, até que tentastes violar

A honra da minha filha.

CALIBÃ — O ho. O ho! — Se o tivesse feito!

Vós me impedistes: de outra forma, teria povoado Esta ilha com Calibãs...

O desprezo que Próspero sentiu por ele, e o fato de saber que ser gentil era inútil!...

Stephano e Trínculo são as apostas do futebol. O seu vinho é o dinheiro que o meu Calibã ganhou.

“Saberei melhor na próxima vez.”

“Oh, valente novo mundo!”

“Oh, doente novo mundo!”

Calibã acabou de sair do quarto. Eu disse-lhe que não comeria coisa alguma, se ele não me deixasse ir lá para cima, se não me deixasse respirar o ar fresco e ver a luz do sol todos os dias. Calibã riu. Foi horrível.

Sarcástico. Chegou mesmo a dizer que eu me estava esquecendo de quem é que mandava.

Mudou muito. Assusta-me, agora.

Dei-lhe até amanhã de manhã para se decidir.

2 de dezembro

Vou lá para cima. Calibã irá reformar um dos quartos. Disse que levaria uma semana. Concordei, mas se me está enganando... Logo veremos.

Ontem à noite, deitada, pensei muito em G. P., imaginando-me na cama com ele. Desejei tanto tê-lo a meu lado. Queria a sua maravilhosa e fantástica presença.

A sua promiscuidade é criadora. Vital. Apesar de magoar muito. G. P.

cria amor e vida e excitação à sua volta. Vive, e as pessoas que ele ama lembram-se dele para sempre.

Por vezes, sinto o mesmo. Promiscuidade. Qualquer pessoa que via, até mesmo um rapaz no metrô, um homem qualquer, pensava sempre o que seria, se fosse para a cama com ele. Olho sempre para as bocas e as mãos dos homens, ponho-me muito séria, muito pudica, e penso em ir para a cama com eles.

Cheguei mesmo a imaginar Antoinette, na cama com algum homem.

Eu costumava pensar que isso era uma porcaria. Mas o amor é belo, seja qual for o amor. Até o sexo, puro e simples. A única coisa que é verdadeiramente feia é esta vida sem vida, gelada, esta absoluta falta de amor entre Calibã e mim.

Esta manhã, imaginei que fugira e que Calibã estava no tribunal. Eu falava em sua defesa. Dizia que o seu caso era trágico, que ele precisava de simpatia e de tratamento de um psiquiatra. Disse até que o perdoava.

Eu não estava sendo nobre. Desprezo-o demasiado para o odiar. É

estranho! O mais natural é que eu, na realidade, o defendesse. Sei muito bem que nunca mais poderia voltar a falar-lhe.

Nunca o poderia curar, visto que eu sou a sua doença.

3 de dezembro

Decidi sair daqui e ter uma aventura com G. P.

Casarei com ele, se me pedir.

Quero a aventura e o risco de casar com ele.

Estou farta de ser virgem. Inexperiente.

De. ser inteligente e compreensiva sem viver.

Quero as suas crianças em mim.

O meu corpo já não conta. Se ele só quiser isso, que seja assim. Nunca poderei ser como Antoinette. Uma colecionadora de homens.

Estou farta de ser mais inteligente (como pensava) do que a maioria dos homens e mais do que todas as moças que conheço. Sempre pensei que sabia mais, que sentia mais, que compreendia mais.

Mas nem sequer sei o suficiente para manobrar Calibã.

Estou cheia de conceitos que me ficaram dos tempos de colégio. Dos tempos em que eu era a gentil filha de um médico da classe burguesa.

Quando estava no colégio convenci-me de que desenhava muito bem, mas depois, quando cheguei a Londres, descobri que isso não era verdade.

Encontrei-me rodeada por inúmeras pessoas que eram tão habilidosas como eu. Mais ainda. Tenho de confessar que ainda não sei manobrar a minha vida — ou a de quem quer que seja.

Afinal, sou eu quem precisa de ser acarinhada e consolada.

É como no dia em que nos apercebemos de que as bonecas são bonecas. Olho para a minha antiga personalidade e vejo quão ridícula ela era. Não passa de uma boneca com quem já brinquei demasiado. É um pouco triste como um fantoche no fundo de um armário.

Inocente, estropiado, orgulhoso e ridículo.

G.P.

Serei magoada, sentir-me-ei perdida, sofrerei. Entretanto, tudo isso será como um banho de luz. depois deste negro buraco.

É só isso. G. P. tem nele o segredo da vida. Algo de primaveril, mas não imoral.

Imagino-o como se apenas o tivesse visto no crepúsculo e, agora, de repente, estivesse diante dele ao nascer do sol. G. P. é o mesmo, mas todo o resto é diferente.

Vi-me no espelho e vi o novo brilho nos meus olhos. Têm um aspecto muito mais velho e, ao mesmo tempo, mais jovem. Parece-me impossível descrever por meio de palavras o que sinto. Mas é exatamente isso. Estou mais velha e mais jovem. Mais velha porque aprendi, mais nova porque grande parte de mim estava repleta de coisas ensinadas por pessoas mais velhas. Todas essas idéias antiquadas que me perseguiram...

Sou uma nova mulher.

O poder das mulheres! Nunca antes me sentira tão cheia desse misterioso poder. Os homens são bonecos.

Somos tão fracas, fisicamente, tão incapazes, em tantos aspectos!

Mas, mesmo assim, apesar de tudo, ainda sou mais forte do que os homens.

Sabemos suportar a sua crueldade. Eles não podem suportar a nossa.

Creio que me darei a G. P., para sempre. Poderá ficar comigo. E faça ele o que me fizer, continuarei sempre tendo o meu eu feminino que ele nunca conseguirá tocar.

Tudo isto é conversa fiada. Mas senti-me cheia de desejos de uma nova independência.

Não estou pensando no presente. Hoje. Sei que vou fugir. Sinto-o.

Não posso explicar como. Calibã nunca poderá vencer-me.

Penso nas telas que pintarei.

Ontem de noite, quando não conseguia dormir, pensei numa pintura que farei. Um campo amarelo (cor de manteiga) erguendo-se para o céu branco muito luminoso, e o sol a nascer. Um sol róseo, estranho, sabia exatamente como ele deveria ser, muito calmo, o começo de tudo, um canto de cotovias, sem cotovias.

Dois estranhos sonhos contraditórios.

O primeiro foi muito simples. Eu estava passeando pelos campos, não sei com quem, mas era um homem de quem eu gostava muito, um homem.

Talvez o próprio G. P.; o sol brilhava sobre as espigas de milho e, de súbito, vimos um bando de andorinhas passar rente a elas. Vi brilhar os seus corpos como se fossem feitos de seda azul escura. Voavam muito baixo, à nossa volta, seguindo todas na mesma direção, felizes e contentes.

Senti-me repleta de felicidade e disse: “Que extraordinário! Olhem aquelas andorinhas!” Era tudo muito simples: as inesperadas andorinhas, o sol, as tenras espigas de milho. Senti-me toda felicidade. A *mais pura* sensação da primavera. Foi nesse instante que despertei.

Mais tarde, ao meio da noite, tive outro sonho. Estava à janela, no primeiro andar de uma casa muito grande (seria o meu antigo colégio?) e vi um cavalo negro lá embaixo. Estava raivoso, dando coices, mas senti-me segura, porque ele se achava lá embaixo, a boa distância. Mas, subitamente, voltou-se para a casa, galopando loucamente e, com grande horror meu, deu um pulo gigantesco e veio na minha direção de boca aberta, com os dentes ameaçando-me. Alcançou a janela, estilhaçando-a completamente. Pensei, mesmo nesse momento, que ele ia cair e matar-se.

Que eu estava bem segura. Mas o cavalo entrou no quarto, começando a descrever círculos à minha volta e, de repente, compreendi que me ia atacar. Não tinha para onde fugir. Acordei, então, e tive de acender a luz.

Um sinal de violência. Tudo o que eu odeio e que temo.

4 de dezembro

Nunca mais terei um diário, quando sair daqui. Não é uma coisa saudável. É-me benéfico, aqui, pois me dá alguém com quem conversar.

Mas é uma vaidade. Só escrevemos o que queremos ouvir.

É curioso. Não procedemos assim quando fazemos um auto-retrato.

Não sentimos a tentação de nos falsearmos.

É doentio, doentio, doentio, pensar tanto em mim. Mórbido.

Sinto desejos de pintar e pintar *outras* coisas. Campos, casas, paisagens, panoramas amplos à luz ampla do dia.

Hoje, tenho pintado isso mesmo. Manchas de luz que me ficaram na memória desde a viagem à Espanha. Paredes acres esbranquiçadas pela luz do sol. As paredes de Ávila. Os pátios de Córdoba. Não tento reproduzir os locais, mas sim a sua luz.

Fiat lux.

Tenho estado ouvindo os discos do *Modern Jazz Quartet*. A sua música não tem noite, não tem o fumo dos antros de *jazz*. Explosões e faíscas de luz, de luar, uma luz tremenda em toda a música, como candelabros de diamantes brilhando no céu.

5 de dezembro

G.P.

A Violação da inteligência. Pelas massas endinheiradas, a Nova Gente.

Coisas, dizia ele. Coisas que nos chocam, mas que recordamos sempre. Pegam-se à nossa memória. Coisas duras, para resistir a tudo.

Tenho feito paisagens todo o dia. Limito-me a traçar uma linha na margem inferior do papel. É a terra. Depois, só penso no céu. O céu de junho, de dezembro, de agosto, o céu da chuva, da trovoada, do crepúsculo, da madrugada. Desenhei dúzias de céus. O céu puro, nada mais. Só a linha da terra e o céu lá em cima.

Um pensamento estranho: eu não desejaria que isto não tivesse acontecido. Porque, se fugir, serei uma pessoa completamente diferente e, creio, muito melhor. E, se não conseguir fugir, se acontecer alguma coisa de horrível, saberei do mesmo modo que pessoa que eu era e que teria continuado a ser, se isto não tivesse sucedido, não seria realmente a pessoa que agora desejo ser.

É como cozer no forno uma peça de cerâmica. Temos de nos arriscar às rachas e à perda da obra.

Calibã tem andado muito calado. Uma espécie de trégua. Amanhã vou-lhe pedir para ir lá em cima. Quero ver se, na realidade, está reformando o quarto.

Pedi-lhe, hoje, que me amarrasse, amordaçasse e me deixasse sentar nos degraus do jardim, para ver o céu. Um céu cinzento pálido. Vi pássaros voarem por cima das árvores. Pombos, creio. Ouvi ruídos exteriores. Já há dois meses que não via a luz do dia. A luz vivia. Fez-me chorar.

6 de dezembro

Fui lá em cima para tomar banho e vi o quarto que passarei a ocupar.

Calibã fez algumas obras. Vai tentar encontrar-me uma cadeira Windsor.

Desenhei-a, para ele saber o que é.

Senti-me mais feliz.

Estou inquieta. Não posso escrever mais. Já me sinto meio livre.

Aquilo que me fez sentir que ele estava mais normal foi o seguinte diálogo:

M. - (*Estávamos de pé no quarto do andar de cima.*) Por que não me deixa vir já para aqui e viver como uma hóspede? Dar-lhe ia a minha palavra de honra de que não fugiria.

C. - Se cinquenta pessoas, todas elas honestas e respeitáveis, me viessem jurar que você não fugiria, eu não teria a menor confiança nelas.

Não confiaria em todo o mundo junto...

M. - Você não pode passar o resto da vida sem confiar numa só pessoa.

C. - Você não faz a menor idéia do que é estar só.

M. - Que julga que estive fazendo, estes dois últimos meses?

C. - Tenho a certeza de que há uma porção de gente pensando em você. Sentem a sua falta. Eu poderia morrer, e ninguém se preocuparia.

M. - A sua tia.

C. - Oh, essa!

(Seguiu-se um silêncio.)

C. - (*Explodindo subitamente*) Você não sabe o que é! Você é tudo.

Eu nada terei, se você se for...

(Novo e profundo silêncio.)

7 de dezembro

Calibã comprou a cadeira. Trouxe-a aqui para baixo. Eu disse-lhe que só queria lá em cima. É muito bonita, mas não quero levar uma única coisa daqui lá para cima. Quero uma mudança radical.

Amanhã, mudo-me para lá. Pedi-lhe, ontem à noite. Calibã concordou.

Não terei de esperar toda a semana.

Foi a Lewes buscar mais coisas para o quarto. Vamos ter um jantar de celebração.

Tem sido muito mais simpático, estes dois últimos dias.

Não vou perder a cabeça e tentar fugir à primeira oportunidade. Calibã estará de atalaia, já sei. Nem posso imaginar o que ele fará. Tapará a janela com tábuas e fechará a porta a chave. Mas poderei ver a luz do sol. Mais tarde ou mais cedo, terei uma oportunidade (se ele não me deixar partir antes disso) para fugir.

Sei, porém, que só poderei tentar uma vez. Se me surpreender, voltarei lá para baixo, com certeza.

Hei de aproveitar-me bem dessa oportunidade. Terá de ser muito boa.

Digo a mim mesma que tenho de me preparar para o pior. Mas algo nele faz-me sentir que, desta vez, ele fará o que prometeu.

Calibã passou-me o resfriado que tinha. Não importa.

Oh, meu Deus, meu Deus! Tenho desejos de me suicidar.

Calibã vai matar-me de desespero.

Continuo aqui embaixo. Ele nunca teve a menor intenção de me mudar para o quarto lá de cima.

Quer fotografar-me. Esse é o seu segredo. Quer despir-me e... Oh, meu Deus! Eu só agora sei o que é o ódio e o nojo!



Disse-me coisas horríveis. Que eu era uma mulher das ruas, que a culpa era minha, se ele sugerira aquilo.

Perdi a cabeça, enfureci-me. Atirei-me com um frasco de tinta à cabeça.

Disse-me que se não fizesse o que ele queria, nunca mais me deixaria tomar banhos e ir ao porão exterior. Ficaria aqui fechada todo o tempo.

O ódio entre nós dois. Explodiu!

Tenho um resfriado muito forte. Maldito! Foi ele quem me passou.

Não posso pensar direito.

Não me posso suicidar, estou demasiado furiosa com ele.

Calibã tem abusado de mim desde o início. Aquela história do cachorro. Tem-se servido do meu coração. E, depois, pisa-o cruelmente.

Odeia-me, quer inferiorizar-me e destruir-me. Quer que eu me despreze tanto que acabe por me destruir.

A mesquinhez final. Disse que não me traria jantar, além de todo o resto. Ainda é muito capaz de dizer que estou gorda. Talvez me queira matar à fome. É muito capaz disso.

Já me recompus do choque. Calibã não me vencerá. Não cederei. Não serei vencida por ele.

Estou com febre. Sinto-me agoniada.

Está tudo contra mim, mas não cederei.

Tenho estado deitada na cama, olhando para a tela de G. P., que é como um crucifixo.

Resistirei. Fugirei. Não cederei.

Não cederei.

Odeio Deus. Odeio o que quer que fosse que criou este mundo, odeio o que quer que fosse que criou a raça humana, que tornou possíveis os homens como Calibã e situações como esta.

Se Deus existe, então deve ser uma aranha horrenda na escuridão.

Não pode ser bom.

Esta dor, esta terrível dor que tenho em mim, não era necessária. Dor e dor, que nada compra. Estou dando à luz... nada.

Tudo em vão. Um desperdício...

Quanto mais velho o mundo se torna, mais óbvio é. A bomba, as torturas na Argélia e as crianças famintas no Congo. O mundo está cada vez maior e mais escuro.

Mais e mais sofrendo por mais e mais. E mais e mais em vão.

É como se todas as luzes se tivessem fundido. Estou aqui na negra verdade.

Deus é impotente. Não nos pode amar. Odeia-nos, porque não nos pode amar.

Toda a mesquinhez, o egoísmo e as mentiras!

As pessoas não o querem confessar, estão demasiado ocupadas em ganhar dinheiro para se aperceberem de que as luzes se fundiram. Não podem ver a escuridão, o gigantesco rosto de aranha e a grande teia que é o mundo. Não entendem que só há isso, quando olhamos sob a camada superficial de felicidade e bondade.

A escuridão, a escuridão e a escuridão.

Não só nunca me senti assim, mas também nunca imaginei que isso fosse possível. Mais do que ódio, mais do que desespero. Não podemos odiar aquilo em que não podemos tocar. Isto é bem pior do que o desespero. É como se eu já nem sequer pudesse sentir. Vejo, mas não sinto.

Oh, Deus!, se é que há um Deus.

Odeio para lá do ódio.

Calibã desceu há pouco. Eu estava na cama dormindo. Febre.

O ar está tão abafado. Devo estar com um resfriado bem forte.

Senti-me tão mal, que nem lhe falei. Não tenho energias para externar o meu ódio.

A cama está úmida. O peito dói-me muito.

Não lhe disse uma única palavra. Isto já pára além das palavras. Eu desejaria ser uma Goya. Poderia então desenhar o ódio que sinto por Calibã.

Estou tão assustada. Não sei o que acontecerá, se estiver doente de verdade. Não sei por que me dói o peito. Como se tivesse sofrido de bronquite durante dias e dias.

Calibã teria de ir buscar um médico. Seria capaz de me matar, mas não poderia deixar-me morrer assim.

Oh, Deus, isto é terrível!

(Mais tarde.) Calibã trouxe-me um termómetro. Tive quarenta graus à hora de almoço e agora já tenho quarenta e meio. Estou muito doente.

Passei o dia todo na cama.

Calibã não é humano.

Oh, Deus! Estou tão só, tão completamente só! Já nem posso escrever mais.

(Manhã.) Que valente resfriado! Estou a tremer.

Não dormi bem. Sonhos horríveis. Estranhos, muito vívidos. G. P.

apareceu num deles. Fez-me chorar. Sinto-me tão assustada.

Não posso comer. Tenho uma dor no pulmão quando respiro e comecei a recear uma pneumonia. Mas não... não pode ser.

Não morrerei. Não morrerei. Não por causa de Calibã...

Sonho. Extraordinário.

Estava passeando em *Ash Grove*, em Londres. Olhei por entre as árvores. Vi um avião no céu azul. Soube que ia cair. Mais tarde, vi os seus destroços. Tenho medo de continuar. Uma moça avança para mim. Minny?

Não vejo bem. Está vestida estranhamente, com uma túnica grega. Branca.

Ao sol, por entre as árvores. Parece conhecer-me, mas eu não sei quem ela é (não era Minny). Não posso aproximar-me mais. Quero aproximar-me dela. Despertei.

Se eu morrer, nunca o saberão.

Isso provoca-me mais febre. Não posso escrever.

(Noite.) Não há piedade. Não há Deus.

Gritei com Calibã, e ele zangou-se. Eu estava demasiado fraca para o deter. Amarrou-me e amordaçou-me. Fotografou-me sem roupas.

A dor não me preocupou. A humilhação...

Fiz o que ele me disse. Para acabar depressa.

Já não me preocupo com coisa alguma.

Mas, oh Deus!, o horror de tudo isto.

Choro, choro, e não posso escrever.

Não cederei.

Não cederei.

Dezembro

Não posso dormir. Estou quase louca. Tenho de deixar as luzes acesas.

Sonhos fantásticos. Penso que tenho o quarto cheio de gente. Papai.

Minnie.

É pneumonia.

Calibã terá de chamar um médico.

Um assassinio.

Não posso descrever o que sinto. As palavras não bastam.

(Calibã veio ver me.) Não me dá ouvidos. Roguei-lhe. Disse-lhe que era um crime. Estou tão fraca. Temperatura, quase quarenta e dois.

Vomitei.

Nada acerca de ontem à noite. Nenhum de nós se referiu ao caso.

Terá acontecido? Febre. Estou delirando.

Se ao menos eu soubesse o que fiz.

Inútil, inútil, inútil.

Não morrerei, não morrerei.

Querido G. P., isto...

Oh, meu Deus! Não me deixe morrer.

Deus, não me deixe morrer.

Não me deixe morrer.

## TERCEIRA PARTE

O que estou tentando dizer é que aconteceu tudo muito inesperadamente.

Começou mal porque, quando desci ao porão, às sete e meia, encontrei-a deitada no chão, perto do biombo, que ela deitara abaixo ao cair. Ajoelhei-me a seu lado. Tinha as mãos muito frias. Respirava, mas com dificuldade e aos soluços. Voltou a si, quando a levei para a cama.

Deve ter desmaiado no meio da noite, a caminho do pequeno banheiro detrás do biombo. Estava muito fria, gelada, tremendo horrorosamente.

Pouco depois começou a transpirar. Delirou. Não parava de dizer: “O

médico... o médico... por favor, traga o médico...” Por vezes, dizia também G. P., G. P., G. P., como se fosse uma charada. Não falava na sua voz normal, fazendo-o mais como se estivesse cantarolando. Parecia não poder olhar para mim. Ficou calada durante um momento e depois cantou *Yankee Doodle Dandy*, logo se calando de novo, a meio de um verso. Chamou duas vezes: “Minny! Minny!” como se ela estivesse no quarto ao lado (a sua irmã), repetindo em seguida vários nomes e fragmentos de frases, tudo misturado, sem nexos. Quis levantar-se, e tive de a impedir. Lutou com muita força. Eu falava-lhe baixinho para a acalmar e conseguia-o por um momento, mas logo que me afastava, para ir buscar uma xícara de chá ou qualquer outra coisa, Miranda recomeçava como anteriormente. Ajudei-a a sentar-se na cama para que bebesse o chá, contudo isso só lhe provocou um ataque de tosse. Virou a cabeça para o outro lado, indicando que não queria bebê-lo. Esqueci-me de dizer que ela tinha umas borbulhas amarelas nos cantos da boca. E não cheirava tão bem como habitualmente.

Consegui, por fim, fazê-la tomar aquele medicamento com que eu curara o meu resfriado. Dei-lhe uma dose dupla, embora na receita recomendassem não passar dessa dose, mas ouvi dizer, uma vez, que eles dizem sempre metade do que é possível, por terem medo de que as pessoas abusem e também por razões legais.

Devo ter descido quatro ou cinco vezes essa manhã, de tal maneira estava preocupado. Miranda, agora acordada, deu-me a entender que não desejava coisa alguma. Estava perfeitamente consciente, ou assim o parecia, pois sacudiu a cabeça. Ao almoço, bebeu um pouco de chá e, em seguida, adormeceu profundamente. Fiquei sentado no porão exterior, aguardando. Por volta das cinco horas, voltei a entrar no quarto e acendi a luz. Miranda estava de novo acordada. Parecia muito fraca, congestionada também, mas sabia onde se encontrava e quem eu era. Seguiu-me, normalmente, com o olhar, e pensei que o pior já passara, a crise, como lhe chamam.

Miranda bebeu mais chá, nessa altura, e pediu-me que a ajudasse a ir ao banheiro, o pequeno cubículo por detrás do biombo. Deixei-a só durante alguns minutos e voltei para a auxiliar a regressar para a cama. Ficou deitada com os olhos muito abertos, olhando para o teto e tendo certa dificuldade em respirar. Eu já me preparava para sair do quarto, quando ela me deteve.

Começou a falar muito roucamente, embora o fizesse com toda a lucidez:

— Tenho uma pneumonia. Você tem de chamar o médico.

Eu disse-lhe que ela já estava muito melhor, que já passara a crise.

— Tenho de tomar penicilina, ou qualquer coisa dessas.

Miranda principiou então a tossir. Custava-lhe muito respirar e transpirava abundantemente.

Perguntou-me depois o que acontecera durante a noite e a manhã, e eu disse-lhe o que sabia.

— Tive pesadelos terríveis — disse ela.

Enfim, resolvi dizer-lhe que ficaria ao seu lado toda a noite, e ela perguntou-me se era verdade que estava com melhor aspecto. Respondi-lhe que sim, que era verdade. A verdade é que eu desejava tanto que ela estivesse de fato melhor que disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

Prometi-lhe que, se no dia seguinte não estivesse mesmo melhor, levá-

la-ia para um quarto do andar de cima e chamaria um médico. Pediu-me então que a levasse no mesmo instante e quis saber as horas; quando lhe respondi, sem pensar no que dizia, Miranda fez-me ver que já era quase noite e que, no escuro, ninguém a veria subir. Mas eu disse-lhe que os quartos estavam todos muito abafados, pois não eram arejados há bastante tempo.

Depois, mudou de conversa:

— Tenho tanto medo! Vou morrer.

Falara devagar, com pausas, como se lhe custasse muito falar.

Continuou:

— Tentei ajudá-lo. Você agora tem de tentar ajudar-me.

Respondi-lhe que o faria, sem a menor dúvida, ao mesmo tempo que lhe limpava o suor da testa. Pensei que ia adormecer de novo, que era o que eu desejava, mas ela voltou a falar.

Disse num tom de voz muito alto:

— Papai! Papai!

— Durma — disse-lhe eu. — Amanhã já estará melhor.

Recomeçou a chorar. Não chorava como habitualmente. Estava imóvel, com lágrimas a correrem-lhe dos olhos como se não soubesse que estava chorando. Então, perguntou-me subitamente:

— Que fará, se eu morrer?

— Você não vai morrer — respondi-lhe. — Não seja ridícula.

— Dirá a alguém?

— Não vou falar disso.

— Não quero morrer — murmurou ela, repetindo: — Não quero morrer.

E mais uma terceira vez. Eu disse-lhe, de cada vez, que não pensasse nisso, contudo parecia não me ouvir.

— Você ir-se-ia embora, se eu morresse?

— Não diga disparates.

— Que fará você com o seu dinheiro?

Pedi-lhe que falasse noutra coisa, porém ela insistiu, falando agora mais normalmente, embora de vez em quando se interrompesse e repetisse algo que acabara de dizer.

Enfim, respondi-lhe que não sabia, que não pensara bem nisso. Eu falara só para que ela se acalmasse.

— Deixe o dinheiro para as crianças — disse Miranda.

— Que crianças? — perguntei, e ela respondeu-me que o deixasse àquelas crianças para quem havia feito uma campanha o ano passado, crianças que nada tinham para comer. Pouco depois, acrescentou: —

Somos todos uns miseráveis, merecemos morrer — e pensei que o mais provável é que o tivesse dito porque haviam ficado com o dinheiro destinado às crianças. A seguir, dormiu durante uns dez minutos. Fiquei imóvel, mas depois, como se nunca tivesse adormecido ou parado de falar, perguntou de súbito:

— Então, vai fazer isso?

Como eu não lhe respondesse, indagou:

— Você está aí?

Tentou levantar-se para me ver. Acalmei-a, claro, mas não voltou a dormir, continuando a falar sobre a tal campanha que fizera.

Desisti de lhe dizer que aquilo era tudo um disparate, que ela não ia morrer e que eu deixaria o dinheiro às crianças.

— Promete?

— Prometo.

Miranda disse então num tom desdenhoso:

— Promessas...

Passado mais algum tempo, disse:

— Não têm de que se alimentar...

Repetiu isso duas ou três vezes. Tentei acalmá-la, entretanto, ela parecia mesmo perturbada.

A última coisa que ela disse foi que me perdoava por tudo. Delirava, claro, mas eu confessei-lhe que estava arrependido. Pode dizer-se que as coisas mudaram totalmente a partir daquele momento. Perdoei-lhe tudo o que ela fizera e até senti muita pena de a ver assim. Arrependi-me de verdade do que lhe fizera naquela outra noite, porém não sabia que ela estava verdadeiramente doente. Fora um erro e já não o podia remediar. O

melhor era tentar esquecê-lo.

É estranho que, no momento em que eu pensava estar absolutamente farto dela, todos os antigos sentimentos me tenham voltado a dominar.

Comecei a pensar em coisas agradáveis, naqueles momentos em que nos déramos bem e em que havíamos conversado tanto, nos tempos antigos, quando eu a admirava e a via passar na rua sem ainda ter sequer a possibilidade de a conhecer. Pensei em todos os momentos anteriores àquela noite em que ela se despira e em que eu deixara de a respeitar, noite que já me parecia irreal, como se ambos tivéssemos perdido a cabeça.

Quero dizer que o fato de ela estar doente e de eu ter de a tratar parecia-me uma coisa muito mais real.

Fiquei no porão exterior, como na noite anterior. Miranda ficou calada durante cerca de meia hora, começando depois a falar sozinha. Perguntei-lhe se estava bem, e ela calou-se, contudo, mais tarde, recomeçou a falar, ou antes, a murmurar palavras sem nexos. Passado algum tempo, já não sei a que horas, chamou o meu nome em voz alta, quase gritando. Disse que mal podia respirar e, logo a seguir, expeliu uma quantidade de expectoração. Era muito escura, e não gostei do seu aspecto, mas pensei que tivesse qualquer relação com o medicamento que eu lhe dera. Voltou a adormecer, porém, de repente, pôs-se a gritar. Quando corri para ela, já quase saíra da cama. Não sei o que tentava fazer, mas pareceu não me reconhecer e lutou como um tigre, apesar de estar tão fraca. Tive de empregar toda a minha força para a obrigar a deitar-se de novo.

Estava toda molhada de suor e tinha o pijama encharcado. Tentei despir-lhe a parte de cima para vestir-lhe um pijama seco, todavia começou de novo a contorcer-se e a espernear como se estivesse louca e transpirando ainda mais. Nunca tive uma noite tão terrível como essa, tão terrível que nem a posso descrever. Miranda não conseguia dormir. Dei-lhe um soporífero, mas parecia não lhe fazer o menor efeito. Dormitava durante alguns momentos e, depois, voltava ao mesmo estado de antes, tentando sair da cama (conseguiu-o uma vez, antes de eu a poder impedir) e caiu no chão. Delirava a maior parte do tempo, chamando por um tal G.

P. e falando a pessoas suas conhecidas, suponho. Isso não me preocupava muito, desde que ficasse quieta. Pus-lhe o termômetro e vi que tinha quase quarenta e três graus de febre. Soube então que estava muito doente, verdadeiramente doente.

Enfim, por volta das cinco horas da manhã, resolvi sair durante um momento para respirar um pouco de ar fresco, e foi como se tivesse chegado a um outro mundo. Decidi então que a levaria para o andar de cima e que chamaria um médico. Não podia adiar isso por mais tempo.

Fiquei ali à porta cerca de dez minutos e depois ouvia chamar de novo.

Vomitara um pouco mais daquele muco vermelho escuro, e tive de a levantar da cama durante alguns



minutos enquanto mudava os lençóis.

Ficou encolhida na poltrona, quase inconsciente. Respirava cada vez pior, arquejando e tossindo com o esforço.

Nessa mesma manhã (parecia um pouco mais calma), Miranda foi capaz de ouvir o que eu lhe disse, informei-a de que ia chamar um médico, e ela assentiu; julgo que entendeu bem, embora não falasse. Era evidente que aquela noite lhe roubara todo o resto das suas forças. Estava fraquíssima e permanecia imóvel.

Sei perfeitamente que podia ter ido à aldeia e telefonado de lá para um médico, mas por razões óbvias nunca tivera relações com aquela gente.

De todas as formas, eu estava tão cansado, tão cheio de sono, que nem sabia bem como proceder. Estava só, como de costume. Não tinha quem quer que fosse para me ajudar.

Pois bem, fui a Lewes, entrei na primeira farmácia que vi aberta (eram quase nove horas da manhã) e pedi que me dessem o endereço de um médico. A moça da farmácia escolheu um nome de uma lista que tinha e disse-me onde ele morava. Tratava-se de uma casa numa rua que eu não conhecia. Vi na porta que as consultas começavam às 8,30 horas e devia ter adivinhado que o consultório estava cheio de gente. Entrei e devo ter parecido ridículo, com aquelas pessoas a olharem para mim. As cadeiras estavam todas ocupadas e havia um outro rapaz de pé, como eu. Como me estavam olhando assim, não tive coragem para seguir adiante e ir bater à porta do consultório, ficando na sala, encostado a uma parede. Se, ao menos, tivesse entrado logo, de repente, sem pensar mais, teria feito o que devia, e tudo acabaria bem. A culpa foi daquela gente toda. Havia já muito tempo que eu não tivera de estar fechado numa sala com tanta gente, só nas lojas, com pessoas a entrar e sair, sempre diferentes, mas aquilo era outra coisa. Senti-me perturbado, especialmente devido a uma velha que não tirava os olhos de mim, como se eu fosse um animal estranho. Comecei a ler uma revista, mas, claro está, não consegui entender uma única linha.

Enfim, pus-me a pensar no que sucederia. Tudo correria bem durante um ou dois dias. O mais natural seria que Miranda e o médico nada dissessem, mas depois... sabia que ele diria que ela precisava ir para o hospital, porque eu não a poderia cuidar eficientemente. Pensei mesmo em contratar uma enfermeira, mas esta não tardaria a saber o que se passara —

a Tia Annie disse sempre que as enfermeiras são umas grandes alcoviteiras e intrigantes, que não é possível confiar nelas. O médico veio à sala nesse momento para chamar o paciente seguinte, que era um homem muito alto, de bigode, e disse: “O próximo!”, num tom de voz que parecia indicar que estava farto daquela gente toda. Isto é, parecia mesmo irritado, não creio que se tratasse da minha imaginação. Vi uma mulher fazer uma careta à outra que estava sentada a seu lado, assim que ele voltou para dentro do consultório.

Saiu de novo para a sala, e percebi logo que tinha o tipo de oficial do Exército, um tipo de homem que não tem a menor simpatia ou bondade, que só sabe dar ordens e que trata todos os pacientes como se fossem porcaria.

Além do mais, aquela velha começou a olhar-me de novo e embaraçou-me. Eu não dormira a noite inteira e devia estar com um aspecto terrível, suponho. Enfim, não pude agüentar mais. Saí da sala e fui sentar-me no carro.

Tudo foi por causa daquela gente. Fez-me ver que Miranda era a única pessoa no mundo com quem eu podia viver. Fiquei enjoado de todas aquelas mulheres...

Resolvi então ir a uma farmácia e dizer que queria um remédio para um resfriado muito forte. Tratava-se de uma farmácia onde eu ainda nunca fora e, portanto, foi-me possível inventar uma grande história. Disse ao farmacêutico que tinha um amigo que era uma pessoa muito estranha, que não acreditava em médicos, e que estava muito doente com uma gripe, talvez até pneumonia, e que era necessário dar-lhe um remédio bem forte, mas secretamente. Bem, o farmacêutico deu-me o mesmo medicamento que eu já comprara para mim, e eu disse-lhe que queria penicilina ou qualquer coisa parecida, mas ele advertiu-me de que isso só seria possível com receita médica. Disse-me que eu devia chamar imediatamente um médico e explicar-lhe o caso. Eu retorqui que pagaria o que quer que fosse, entretanto ele sacudiu a cabeça e ponderou que isso era ilegal. Quis saber se o meu amigo vivia na cidade, e tive de sair antes de que me fizesse mais perguntas. Tentei duas outras farmácias, mas recebi as mesmas respostas e, com medo de que me interrogassem de novo, aceitei o medicamento que me deram, uma droga diferente da primeira.

Voltei para casa. Mal podia dirigir. Estava tão cansado...

Desci ao porão logo que cheguei e encontrei-a deitada, respirando como antes, como se não tivesse forças para o fazer. Quando me viu, começou a falar, parecendo julgar que eu era outra pessoa, pois perguntou-me se eu tinha visto Louise (nome que eu antes nunca a ouvira mencionar) mas, felizmente, não esperou pela resposta, falando então de um pintor moderno e, depois, disse que tinha sede. As suas palavras não faziam sentido, pareciam resultar de idéias que lhe passavam rapidamente pela cabeça e logo desapareciam. Dei-lhe de beber, e ela ficou imóvel e calada durante algum tempo. Subitamente, pareceu-me que se tornara mais normal (em espírito, claro) visto que me perguntou onde eu fora e quando viria o seu pai.

Menti-lhe e disse-lhe que não tardaria. Pediu-me então que lhe lavasse o rosto e, quando o fiz, disse-me que teria de lhe mostrar o que ela vomitara. Murmurara essas palavras num sussurro que mal consegui entender.

Ao fim de mais alguns minutos, disse que desejava poder dormir.

— É a febre — expliquei-lhe, e ela assentiu, parecendo então compreender tudo o que eu lhe dizia. Ninguém acreditará, mas decidi nesse instante voltar a Lewes, para ir chamar um médico. Ajudei-a a ir de novo ao banheiro. Estava tão fraca, que não poderia sequer pensar em fugir, e resolvi ir dormir durante umas duas horas. Depois, quando estivesse mais descansado, levá-la-ia para o andar de cima e iria a Lewes buscar o médico.

Não sei o que aconteceu, pois de costume acordo sempre que o despertador toca; creio que o devo ter desligado meio adormecido, sem dar pelo que fazia, pois não me recordo de ter acordado. De qualquer forma, eram quatro horas, e não meio dia e trinta, quando me levantei. Claro, corri logo para o porão para ver o que acontecera. Miranda atirara todas as roupas da cama no chão, mas, felizmente, fazia bastante calor. De resto, tenho a impressão de que isso já não interessava grandemente nessa altura.

Estava com muita febre e, quando a levei lá para cima nos meus braços, tentou de início gritar e lutar, contudo se achava tão fraca, que mal se podia mover. Tossia tanto que nem podia gritar. Pareceu compreender o que eu estava fazendo. Tive grande dificuldade em levá-la para o andar de cima, mas

consegui finalmente acabar de subir as escadas e deitá-la na cama do quarto de hóspedes (eu já aquecera bem a cama), onde se sentiu um pouco melhor, creio. Não disse uma só palavra. O ar frio fizera-a tossir mais e vomitar. Tinha o rosto muito vermelho, um vermelho escuro, estranho.

Disse-lhe que o médico já vinha a caminho, e ela pareceu compreender-me.

Fiquei algum tempo com ela para ver se estava mais calma e se adormecia. Devo dizer que receava que ela ainda tivesse forças para ir até à janela e chamar alguém que passasse. Sabia, na realidade, que isso seria impossível, mas eu continuava procurando razões para não ir buscar o médico. Saí e entrei várias vezes, para a olhar, ali estendida na escuridão.

Podia ouvir a sua respiração entrecortada e um murmúrio contínuo de palavras sem nexos. Chamou-me, a certa altura, e eu corri logo, para ela, porém tudo o que me disse foi a palavra médico, repetindo-a várias vezes sucessivamente. Disse-lhe que não se preocupasse que ele já vinha, e limpei-lhe o rosto. Miranda não cessava de transpirar. Não sei por que não fui naquele momento, sinceramente, não sei. Não podia encarar a idéia de não saber como ela estava, de não a poder ver sempre que o desejasse.

Estava de novo apaixonado por ela. Costumava também pensar que ela levaria muito tempo a convalescer, quando se curasse, e que eu, nessa fase, desejaria muito estar a seu lado. Convenci-me de que Miranda precisaria de mim logo que se sentisse melhor...

Não sei porquê, mas também pensei que o novo quarto a ajudaria a melhorar. Seria uma mudança, o que é sempre benéfico.

Era como quando eu tinha de levar Mabel à rua na sua cadeira de rodas. Encontrava sempre uma dúzia de razões para não ir. A Tia Annie costumava então dizer que eu tinha muita sorte em ter pernas para a empurrar (sabiam muito bem que eu não gostava de ser visto empurrando uma cadeira de rodas). No entanto, isso faz parte do meu carácter, sou assim e não posso modificar-me.

O tempo passava muito lentamente, mas já devia ser meia-noite ou mais, e fui ver como ela se encontrava. Perguntei-lhe se queria uma xícara de chá, porém, não me respondeu. Estava respirando ainda mais depressa do que antes e arquejava de maneira aterrorizadora, era como se o ar não lhe bastasse. Abanei-a um pouco, mas era como se estivesse adormecida, apesar de ter os olhos muito abertos. Estava muito pálida, agora, e parecia olhar para qualquer coisa no teto. Senti-me verdadeiramente assustado e decidi que, se ela não melhorasse dentro de meia hora, teria mesmo de ir buscar o médico. Fiquei sentado a seu lado. Miranda estava pior, era evidente. Transpirava cada vez mais e tinha uma expressão horrível no rosto. Os cantos da boca e os lábios achavam-se cobertos de pequenas borbulhas.

Bem, depois de fechar cuidadosamente a porta do quarto, por via das dúvidas, parti de novo para Lewes. Lembro-me de que cheguei à cidade por volta de uma e trinta da manhã. Estava tudo fechado, claro. Fui direto àquela rua onde morava o médico e parei o carro a alguma distância da sua porta. Já me preparava para sair do carro e ir tocar a campainha do médico, quando ouvi uma pequena pancada no vidro da janela. Era um polícia.

Sofri um choque bastante desagradável. Abri a janela.

O polícia perguntou-me o que estava eu fazendo ali.

Eu perguntei-lhe, por minha vez, se era proibido parar naquela rua.

— Depende do que você está fazendo — disse ele.

Pedi-me a licença, examinou-a e escreveu o número num livro, tudo muito lenta e deliberadamente. Era um velho e não devia ser grande coisa como polícia, pois de outra forma não continuaria no serviço de rondas.

— O senhor vive aqui na cidade?

— Não — respondi-lhe.

— Já sabia — tornou o polícia — e era por isso que queria saber o que está fazendo aqui.

— Não fiz coisa alguma de mal — respondi, pensando rapidamente numa história para lhe contar: — Não conseguia dormir e resolvi ir dar um passeio. Perdi-me e vim ter aqui. Parei para ver onde estava, num mapa que aqui tenho, e nada mais...

O polícia não pareceu acreditar-me e disse-me que o melhor seria que me fosse deitar.

Enfim, o resultado foi ter de ir-me embora. Não poderia ter ficado e ir bater à porta do médico, com ele ali a espiar-me. Teria logo desconfiado de algo, com certeza. Pensei então em ir para casa e, caso Miranda estivesse pior, levá-la-ia a um hospital, dando um nome falso, e depois ir-me-ia embora, saindo do país ou qualquer coisa — não podia pensar senão no que seria ficar sem ela.

Pois bem. Miranda estava de novo no chão. Saíra da cama, suponho que para ir ao banheiro ou para fugir. Meti-a outra vez na cama e vi que estava numa espécie de coma. Disse algumas palavras, mas não as entendi, e ela não entendeu nada do que eu lhe disse.

Fiquei a seu lado quase toda a noite, embora tivesse dormitado uma ou duas vezes. Tentou levantar-se mais duas vezes, porém, não o conseguiu.

Já não tinha forças para tanto. Repeti-lhe o que já antes dissera, que o médico vinha a caminho, etc, e isso pareceu acalmá-la. A certa altura, num murmúrio, perguntou que dia era, e eu menti-lhe. Respondi-lhe que era segunda-feira (era quarta-feira), mas Miranda nem me ouviu. Era como se também já tivesse o cérebro transtornado.

Soube então que Miranda estava morrendo, soube-o durante toda a noite. Não havia a menor dúvida.

Fiquei ali, sempre a seu lado, ouvindo-a respirar e murmurar palavras incompreensíveis (parecia nunca poder dormir mais de dez minutos) e pensando em tudo o que acontecera. Pensando na minha infeliz vida, na vida de Miranda, e em todo o resto.

Qualquer pessoa que nos tivesse visto naquele momento teria logo compreendido o que se passava. Eu estava verdadeira e sinceramente desesperado, embora seja eu quem o diz. Não podia fazer o que quer que fosse, embora desejasse tanto que ela vivesse. Não me poderia arriscar a ir procurar ajuda. Estava vencido, absolutamente vencido. Sabia que nunca mais poderia amar outra pessoa como amara Miranda. Só haveria uma Miranda, uma única para sempre e sempre. Eu já o sabia...

Outra coisa importante: Miranda era a única pessoa que sabia que eu a amava. Sabia perfeitamente como eu era. Nenhuma outra pessoa teria acreditado no que eu dissesse. Ninguém me teria compreendido.

Enfim, a madrugada chegou e, com ela, o último dia. É estranho, mas foi um dia muito bonito; não havia uma nuvem no céu. Foi um daqueles dias de inverno em que não há vento e em que o céu está muito, muito azul. Parecia um dia arranjado especialmente para ela, muito apropriado, visto que morreu tão calmamente. As últimas palavras que disse, por volta das dez horas, foram: “A luz do sol...” (que entrava pela janela). Tentou sentar-se, mas não o conseguiu.

Não disse mais qualquer palavra que eu entendesse. Ainda viveu durante todo o dia e morreu com o pôr do sol. A sua respiração tornara-se cada vez mais débil e (para mostrar o meu estado) até pensei que estivesse prestes a adormecer. Não sei exatamente a que horas morreu, mas deve ter sido depois das quatro, pouco antes de eu voltar lá de baixo, onde fora arrumar e varrer a casa, buscando aliviar a preocupação em que me encontrava.

Estava deitada com a cabeça de lado e tinha um aspecto terrível, com a boca aberta e os olhos muito abertos também, como se tivesse tentando olhar uma vez mais para a janela. Toquei-lhe, e estava fria. Fui buscar um espelho. Sabia que era assim que se fazia. Coloquei-o em frente da sua boca, mas não ficou embaciado. Miranda morrerá.

Bem... fechei-lhe a boca e os olhos. Fiquei sem saber o que havia de fazer. Fui fazer uma xícara de chá.

Quando escureceu, levei o cadáver para o quarto do porão. Sei que é costume lavar os mortos, mas não quis fazê-lo, isso não me parecia direito.

Deitei-a sobre a cama e pentei-lhe o cabelo, cortando uma madeixa.

Tentei compor-lhe o rosto para que ficasse com um sorriso, porém não o consegui. De todos os modos, estava com um ar muito calmo. Ajoelhei-me e rezei. A única oração que sei é o Pai-Nosso, e foi essa que tive de rezar, acrescentando depois algumas palavras para pedir a Deus que deixasse repousar em paz a sua alma, não que eu acredite na religião, contudo, pareceu-me que era o melhor a fazer. Voltei para o andar de cima.

Não sei por quê, mas houve uma pequena coisa que me acabou com os nervos; não foi o fato, como seria de esperar, de a levar nos meus braços, morta, lá para baixo; foi, sim, quando voltei ao quarto onde ela morrerá e vi as suas sandálias no chão, percebendo subitamente que nunca mais as tornaria a calçar. Percebi também que nunca mais poderia ir conversar com ela, levar-lhe comida, fechar-lhe a porta (é curioso, eu há pouco fechara bem a porta, pensando talvez que ela fosse fugir), e nada, nada, voltaria a acontecer, nada de bom ou de mau. Compreendi de súbito que Miranda estava morta e que morrer significa desaparecer para sempre, para sempre e para sempre.

Tive muita pena dela naqueles últimos dias (logo que soube que ela não estava fingindo) e perdoei-lhe tudo o que me fizera naquela terrível noite. Recordei toda a espécie de coisas agradáveis. Recordei o início, os dias do Anexo, em que eu a via passar na rua. e não percebia como é que tudo acontecera até a ter lá embaixo, morta.

Fora como uma ratoeira de brinquedo que eu vira uma vez. O rato entrara por um orifício, e um mecanismo qualquer transformara a ratoeira, de modo a que o rato não pudesse voltar a sair, e, assim, de

ratoeira em ratoeira, cada vez mais complicadas, até alcançar o fim.

Pensei no feliz que fora. nos sentimentos que tivera nessas últimas semanas e que nunca mais voltaria a ter.

Quanto mais pensava nisso tudo, pior me parecia.

Já era meia-noite, e eu não podia dormir. Tive de acender todas as luzes. Não acredito nos espíritos, mas pareceu-me melhor manter as luzes acesas.

Não podia deixar de pensar nela, refletindo que talvez a culpa tivesse sido minha, apesar de tudo, se ela se portara tão mal naquela noite e perdera o meu respeito. Depois, pensei de novo que a culpa fora dela e que fora, por fim, castigada. Mais tarde ainda, fiquei sem saber o que pensar. A minha cabeça estourava de dores, senti-me estonteado e percebi que não poderia continuar vivendo em Fosters. Desejei partir dali e nunca mais voltar.

Pensei que o melhor seria vender a casa e partir para a Austrália.

Antes, porém, teria de disfarçar tudo, de destruir todos os indícios... A polícia preocupava-me: cheguei a decidir ir contar-lhes tudo e sofrer as conseqüências. Vesti mesmo o sobretudo para ir a Lewes.

Julguei que ia enlouquecer. Olhei inúmeras vezes para o espelho, a fim de ver se havia algo de diferente no meu rosto. Tive a horrível idéia de que estava louco, de que todo o mundo o poderia perceber pelo meu rosto.

Recordei os olhares estranhos que as pessoas de Lewes me lançavam sempre que eu entrava na loja, ou da vez que entrei no consultório do médico. Todo o mundo sabia que eu estava louco.

Já eram duas horas da manhã. Não sei por quê, mas comecei a pensar que fora tudo um engano, que ela não estava morta, que estava apenas inconsciente, adormecida. Tive de descer ao porão para me certificar. Foi horrível! Comecei a imaginar coisas, logo que descí as escadas. Pensei que ela ia saltar de um canto com um machado nas mãos, ou que não a encontraria no quarto — apesar de a porta estar bem trancada. Tudo como num filme daqueles de horror!

Entretanto, Miranda estava dentro do quarto, sobre a cama. Achava-se deitada, em silêncio. Toquei-lhe. Estava tão gelada que tive um choque. Eu ainda não podia compreender que fosse verdade: que ela estivesse viva nessa manhã, e agora... morta. Pensei nela tendo, desenhando, tricotando. E

agora... isto!

Depois, algo moveu-se na outra extremidade do porão perto da porta.

Deve ter sido o vento. Qualquer coisa dentro de mim. Perdi a cabeça. Corri para o jardim e cheguei mesmo a tropeçar nos degraus do porão, quase caindo. Fechei bem a porta e voltei para dentro de casa, fechando tudo muito bem, portas e janelas, tudo.

Percebi que tremia dos pés à cabeça. Só me acalmei passado algum tempo. Mas só podia pensar em que isto era o fim de tudo. Pensei também que ela tivera sorte, que já não teria mais preocupações, mais ambições, mais dificuldades na vida. Tudo acabara, tudo.

O melhor que eu teria a fazer seria suicidar-me, e os outros, depois, que pensassem o que quisessem. Os outros... as pessoas no consultório do médico, os meus colegas do Anexo, Tia Annie e Mabel, todos eles. Eu estaria para sempre fora de qualquer problema.

Comecei a planejar o que devia fazer. Iria a Lewes de manhã, logo que as lojas abrissem, e compraria uma grande quantidade de aspirinas, bem como flores, muitas flores, crisântemos, que eram as flores que Miranda preferia. Depois tomaria todas as aspirinas e iria deitar-me ao lado dela com as flores em nossa volta. Escreveria uma carta à polícia. Encontrar-nos-iam juntos, lá embaixo?... Juntos no Grande Além.

Seríamos enterrados juntos. Como Romeu e Julieta.

Seria uma verdadeira tragédia. Não uma tragédia sórdida.

Respeitar-me-iam, por certo, se eu procedesse assim. Se eu destruísse as fotografias, bastaria isso, ninguém pensaria mal algum sobre qualquer um de nós dois... seria trágico, verdadeiramente trágico.

Pensei bem em tudo isso e, em seguida, fui buscar as fotografias e os negativos, para queimar tudo logo de manhã.

Era como se eu tivesse de preparar um plano bem definido. Um plano qualquer, desde que fosse definido.

Havia também a questão do dinheiro, contudo, isso não me preocupava grandemente. A Tia Annie e Mabel ficariam com ele. Miranda falara nas crianças pobres, mas já devia estar bastante fora de si. Esses movimentos e campanhas são obras de vigaristas, que ficam sempre com o dinheiro...

Eu quisera aquilo que o dinheiro não pode comprar. Se eu fosse de fato perverso e sádico não teria feito aquilo. Teria encontrado uma mulher com quem pudesse fazer tudo o que me apetecesse. A felicidade não se compra. Tia Annie disse essa frase mil vezes. Ha, ha!, pensava eu sempre.

Tenho de ver isso, antes de acreditar. Sim, eu pensava assim. Mas agora já vi... já experimentei.

Porque tudo o que conta, afinal, é a sorte. É como nas apostas de futebol — pior, porque não há bons times nem maus times, nem empates verossímeis. Nunca se sabe o que vai acontecer, na vida... É sempre A versus B, C versus D, e ninguém sabe como são, na realidade. A, B, C, ou D... É também por isso que nunca acreditei em Deus. Penso que somos apenas insetos. Vivemos um pouco, morremos, e nada mais! Não há misericórdia. Não há sequer um Grande Além. Não há... nada!

Cerca das três da manhã, já meio a dormir, fui-me deitar. Fiquei estendido em cima da cama, imaginando tudo: ir a Lewes logo que acordasse, fazer uma fogueira com as fotos, olhar uma última vez as minhas coleções e depois descer para o porão. Miranda aguardava-me lá embaixo. Eu diria, na carta à polícia, que estiváramos apaixonados. Que aquilo fora um pacto suicida. Seria “O Fim”.

## QUARTA PARTE

Afinal de contas, as coisas passaram-se de maneira muito diferente. Só acordei depois das dez. O dia estava de novo muito bonito. Tomei o desjejum e fui a Lewes. Comprei as aspirinas e as flores. Voltei para casa e pensei descer uma vez mais ao porão. Foi uma sorte. Encontrei o diário de Miranda, que me provou que ela nunca me amara. Pensara todo o tempo em si própria e naquele outro homem.

De resto, logo que acordei, mais descansado, já começara a ter novas idéias sobre a situação. É mesmo coisa minha, essa de ver tudo negro à noite e de acordar com pensamentos diferentes.

Essas novas idéias surgiram enquanto eu tomava o desjejum, mas não deliberadamente, surgiram sem mais nem menos. Pensei então em como seria fácil desembaraçar-me do corpo. Pensei que, se não me suicidasse, poderia fazer isto e aquilo. Tive muitas idéias. Pensei em como gostaria de poder provar que isso era possível. Esconder o corpo, de modo a que nunca o descobrissem ou soubessem o que se passara...

A manhã estava linda. Os arredores de Lewes são maravilhosos.

Pensei também que estava procedendo como se a tivesse assassinado, mas a verdade era que Miranda morrera de doença. A minha opinião é que o médico não a poderia ter salvo... Miranda estava demasiado doente.

Outra coisa: essa manhã, em Lewes, uma verdadeira coincidência, eu dirigia-me para a loja de flores, quando vi uma moça de calças compridas atravessar a rua. Tive um choque pensando que estava vendo um fantasma.

A moça tinha a mesma espécie de cabelo, embora mais curto; enfim, era do mesmo tamanho e andava da mesma maneira. Tal e qual Miranda. Não consegui desviar os olhos dessa moça. Segui-a e vi-a entrar num grande armazém, Woolworths. Fui atrás dela e descobri que trabalha na seção de doces.

Enfim, voltei para casa com as aspirinas e as flores, ainda disposto a agir conforme planejara. Decidi pensar melhor e, entretanto, encontrei o diário.

Os dias passaram. Miranda já morreu há três semanas.

Claro, decidi nunca mais voltar a ter uma hóspede, apesar de que, agora que a Tia Annie e Mabel decidiram ficar na Austrália, isso não seria difícil.

Todavia, só por curiosidade, tenho investigado os problemas que me apresentaria o caso dessa moça. Vive numa aldeia, do outro lado de Lewes, numa casa a um quarto de milha da parada dos ônibus. Tem de atravessar um campo para lá chegar. Como já disse, seria possível (se eu não tivesse aprendido a minha lição). Não é tão bonita como Miranda, naturalmente, não passando, na realidade, de uma dessas moças que se vêem todos os dias nas lojas, mas esse fora o meu erro: desejar demasiado. Eu deveria ter sabido que nunca poderia ter obtido o que queria de uma moça como Miranda, com todas as suas idéias avançadas e inteligência. Deveria ter convidado para minha hóspede alguém que me pudesse respeitar. Uma moça como tantas outras, que eu pudesse educar.



Miranda está num caixão, que eu próprio fiz, enterrada debaixo das macieiras. Levei três dias a fazer a cova. Pensei que enlouquecia no dia em que a meti no caixão. Não creio que haja muita gente que tivesse coragem para tanto. Planejei tudo muito cientificamente. Fiz tudo o que devia, ignorando os meus sentimentos naturais. Não podia sequer pensar em voltar a olhar para ela e, assim, entrei no quarto com um cobertor à minha frente, para não a ver, e, quando cheguei junto da cama, lancei-o por cima do cadáver. Meti tudo no caixão e não tardei a fechar bem a tampa, com parafusos muito fortes. Consegui mesmo eliminar o mau cheiro com a ajuda do ventilador e de perfumes.

O quarto está lavado e limpo, como novo.

Deixarei o diário dela e a madeixa de cabelo que lhe cortei dentro de uma caixa, com o meu testamento, que não será aberto senão depois da minha morte, o que não acontecerá antes de uns quarenta ou cinquenta anos. Ainda não me decidi a respeito de Marian (outra M! Ouvi o supervisor da loja chamá-la por esse nome), mas desta vez não será por amor, será apenas pelo interesse da coisa e para as comparar; também por aquela outra coisa, que gostaria de estudar mais pormenorizadamente, e, de todas as formas, gostaria de a educar. As roupas servir-lhe-iam perfeitamente. Decerto, tornaria bem claro, desde o começo, quem é que manda e o que eu esperaria dela.

Mas isto não passa de uma idéia, por enquanto. Só pus o radiador lá embaixo, há pouco, porque, de qualquer maneira, é necessário secar bem as paredes do quarto.

\* \* \* \* \*